



UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA
MESTRADO EM HISTÓRIA SOCIAL DA CULTURA REGIONAL

ISABELLA KARIM MORAIS FERREIRA DE VASCONCELOS

**UMA PRÁTICA, UM BEM CULTURAL:
UMA HISTÓRIA SOBRE O BORDADO NA CIDADE DE PASSIRA-PE. (1985-2008)**

RECIFE
2016

ISABELLA KARIM MORAIS FERREIRA DE VASCONCELOS

**UMA PRÁTICA, UM BEM CULTURAL:
UMA HISTÓRIA SOBRE O BORDADO NA CIDADE DE PASSIRA-PE. (1985-2008)**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História Social da Cultura Regional da Universidade Federal Rural de Pernambuco, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em História.

Área de Concentração: Cultura, Patrimônio e Memória.

Orientadora: Suely Cristina de Albuquerque de Luna.

Coorientadora: Ana Lúcia do Nascimento Oliveira.

RECIFE
2016

Ficha catalográfica

V331p Vasconcelos, Isabella Karim Morais Ferreira de
Uma prática, um bem cultural: uma história sobre o
bordado na cidade de Passira, PE. (1985-2008) / Isabella
Karim Morais Ferreira de Vasconcelos.
– Recife, 2016.
242 f. : il.

Orientadora: Suely Cristina de Albuquerque de Luna.
Dissertação (Mestrado em História Social da Cultura
Regional) – Universidade Federal Rural de Pernambuco,
Departamento de História , Recife, 2016.
Inclui referências e apêndice(s).

1. Patrimônio cultural 2. Bordado manual 3. Passira (PE)
I. Luna, Suely Cristina de Albuquerque de, orientadora II. Título

CDD 636.089



**MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA
SOCIAL DA CULTURA REGIONAL**

**UMA PRÁTICA, UM BEM CULTURAL:
UMA HISTÓRIA SOBRE O BORDADO NA CIDADE DE PASSIRA-PE.
(1985-2008)**

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO ELABORADA POR

ISABELLA KARIM MORAIS FERREIRA DE VASCONCELOS

APROVADA EM 29 / 02 / 2016

BANCA EXAMINADORA

**Profa. Dra. Suely Cristina Albuquerque de Luna
Orientadora – Programa de Pós-Graduação em História - UFRPE**

**Profa. Dra. Maria Ângela de Faria Grillo
Programa de Pós-Graduação em História - UFRPE**

**Profa. Dra. Thaís Fernanda Salves de Brito
Centro de Cultura, Linguagens e Tecnologias Aplicadas - UFRB**

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiro e principalmente a Deus. Como costumo falar, por meio Dele todas as outras coisas me foram acrescentadas. Neste caso, todas as pessoas me foram apresentadas para que eu pudesse ter as condições necessárias de chegar até aqui.

Merecem meu eterno agradecimento e também minhas desculpas – não foi fácil aguentar minhas ausências e minhas angustias quando a fé fraquejava – minha mãe, meu anjo, Maria Morais; meu pai, com sua doçura infinita, Marcos Gomes; meu marido, companheiro e grande incentivador dessa empreitada, André Vasconcelos; meus irmãos, Iwson e Bento Morais.

Agradeço a minha orientadora, Prof^a Suely Luna pela confiança, pelas orientações, pelo espaço que me proporcionou para que eu pudesse ter a autonomia suficiente para dar andamento à pesquisa. Também a minha coorientadora, Prof^a Ana Lúcia, mesmo tendo pouco contanto, suas pontuações foram extremamente pertinentes ao que eu buscava naqueles momentos. Bem como não posso deixar de agradecer ao meu “coorientador não oficial”, Prof^o Ricardo Pacheco, cujas aulas, conversas diversas e período de estágio foram de muito aprendizado.

Sou grata à atenção, disponibilidade e contribuições das professoras Thaís Brito, Ângela Grillo e Maria Alice Rocha, muito mais que examinadoras e suplente, foram verdadeiras companheiras de trabalho; estendo este agradecimento, pelos mesmos motivos, às professoras Lúcia Falcão, Vicentina Ramires e ao professor Tiago Gomes (*in memoriam*).

Não posso deixar de expressar a minha gratidão e admiração à Rafael Cipriano, nosso secretário, que resolveu todos os nossos problemas burocráticos com muita eficiência, paciência e bom humor. Aos colegas de turma que viraram amigos, Henrique, Bruno e Rosana; aos que mesmo distantes contribuíram com seu conhecimento e cordialidade, Juliana, Sandra, Luanna, Tércio, Davi, Karla, Harlan, Jeffrey, Izabelle, Helisangela e Marcelo: meu muito obrigada!

Devo um agradecimento especial ao Instituto Miguel Arraes, nas pessoas de Sandra e Sheila, por me receberam com tanta boa vontade; da mesma forma agradeço a Bio Antero, chefe de redação da Rede Globo Nordeste, pela receptividade. Também agradeço à Agencia Estadual de Planejamento e Pesquisas de Pernambuco - CONDEPE/FIDEM – outra instituição onde pude contar com a disponibilidade dos funcionários. – Agradeço também a Fernando Roveda

e Gisela Kodja, dois pesquisadores, cujas pesquisas em formato de livro me chegaram, literalmente, em boa hora.

Meus agradecimentos são ainda para Vanessa Gabriel, presidente da Câmara Municipal de Passira, e sua equipe de trabalho – Saulo, Diná, Nayara e Neto – pelo seu empenho em me ajudar na busca por documentação oficial; igualmente agradeço a secretária Letícia Albuquerque, ao assistente Rogério e ao poeta Jeseilson Ferreira, todos que, trabalhando na Prefeitura de Passira, também me ajudaram nessa busca.

Aos passirenses e amigos Suelma Cristina, Hélder Santana, sem esquecer a minha prima, Mirna Moraes: obrigada pela força e pela ponte que representaram para que eu chegasse a outras pessoas na cidade. Aos amigos que fiz também em outras terras, devido a trajetória acadêmica, Amanda Hora e Heitor Cardoso: obrigada! E por falar em amizade e projetos acadêmicos, agradeço e lembro o incentivo de Tamires Lima, Amilcar Bezerra, Paula Valadares, Rosiane Alves, Juliana Emerenciano.

E finalmente, mas não menos importante, minha gratidão às pessoas com quem conversei durante a pesquisa de campo, seja nas entrevistas formais ou em conversas na beira da calçada: D. Ignês, não só uma personagem de destaque da história que me propus a contar, mas uma grande narradora, dona de um conhecimento e de um arquivo físico invejável; D. Lucia e sua filha Marcilia, verdadeiras ativistas em prol do bordado manual; Alda, um poço de simpatia e gentileza; Laudiceia, que me consentiu usar a sua copiadora onde escaneei toda a documentação que encontrei na Secretaria de Educação do Município; Dia, outra figura importante dessa narrativa; D. Ester, cuja maior lição que me deixou foi que tudo nessa vida tem que ser feito com amor; Gigi, que não hesitou um instante se quer para conceder a entrevista; Seu Biu; mais introspectivo dos entrevistados, mas não menos expressivo; D. Nena, uma entrevistada voluntária e muito querida; D. Odete, conhecida por sua dedicação ao bordado, bordando religiosamente todos os dias na calçada da rua onde mora; Aparecida, ou Cida, ex-prefeita da cidade de Passira; D. Iraci, gerente responsável pela COOPARMIL, que nos mostrou pacientemente algumas fotografias e o primeiro livro de registro das atas da cooperativa; D. Cícera, viúva de Edelço Gomes, ex-prefeito de Passira, a quem é atribuído o primeiro e maior incentivo público à atividade do bordado, na década de 1980; Rutt Kelles, pela sua confiança em me enviar sua monografia sobre a paisagem da atividade cultural do bordado em Passira. A todos e todas, e a aqueles que por algum esquecimento não citei aqui, muitíssimo obrigada!

Um agradecimento final e simbólico aos meus pequenos. Primeiro, ao meu sobrinho Joaquim, que me recebia com a leveza e a espontaneidade das crianças algumas vezes que repousei em Limoeiro, quando voltava da pesquisa de campo em Passira. Por fim, a minha pequenina, que ainda em meu ventre me encheu de ânimo para terminar as linhas finais desse texto. Mesmo que biologicamente, nos três primeiros meses da gestação ela tenha absorvido grande parte das minhas energias, é com ela, minha Labelle, que encerro meus agradecimentos.

RESUMO

Essa pesquisa se apresenta como uma narrativa da história da prática do bordado manual em Passira, cidade localizada no agreste pernambucano. Uma tradição, uma arte, um patrimônio, um produto econômico, um saber/fazer que, a partir década de 1980 foi disseminado como símbolo indentitário, fazendo essa cidade ser reconhecida – e se reconhecer – como a “Terra do Bordado Manual”. Primeiro situa-se o leitor sobre a história da cidade, desde a época em que era um povoado, passando por sua fama como a “terra do milho”, até ser conhecida pela forte produção de bordado manual. O objetivo principal é examinar que acontecimentos fizeram com que o bordado manual viesse a ser patrimônio cultural em Passira. A partir de então, o mote passa a ser o bordado, seus significados e algumas de suas abordagens. Fala-se sobre a Feira do Bordado Manual de Passira, evento anual que acontece há mais de 20 anos, um lugar de comercialização e difusão desse bordado. Fala-se sobre o dito espaço feminino e a atuação dessas mulheres que são artesãs, mas também são empresárias, e pontua-se o desempenho de algumas cooperativas e associações junto a essas bordadeiras. Por fim, a questão do bordado manual como patrimônio cultural volta a ser discutida, dessa vez, pela perspectiva da ausência de uma educação patrimonial formalizada. As considerações finais arremata o que foi possível discutir durante a narrativa e assegura que ainda há muito que se estudar a respeito dessa prática e seu percurso histórico.

Palavras-chave: Passira; bordado manual; tradição; patrimônio cultural.

ABSTRACT

This research is presented as a history narrative of manual embroidery practice in Passira, a city located in rural zone from Pernambuco. A tradition, an art, a heritage, an economic product, a knowing / doing that, from the 1980s was widespread as identity symbol, making this city be recognized - and recognize - as the "Land Embroidery Manual". First the reader is located on the city's history, from the time when it was a village, through his fame as the "land of corn," to be known strong production manual embroidery. The main objective is to examine events that caused the manual embroidery were to be cultural heritage Passira. From then on, the tone becomes embroidery, their meanings and some of its approaches. There is talk about the Fair Embroidery Passira Manual, annual event that takes place for more than 20 years, a place of marketing and dissemination of this embroidery. There is talk about the women said space and the performance of those women who are artisans, but they are also entrepreneurs, and the performance of some cooperatives and associations to score together these embroiderers. Finally, the issue of manual embroidery as cultural heritage is again discussed, this time from the perspective of the absence of a formal heritage education. The final considerations concludes what we could discuss during the narrative and ensures that there is still a lot to learn about this practice and its historical background.

Keywords: Passira; Embroidery manual; tradition; cultural heritage.

LISTA DE FOTOGRAFIAS

Fotografia 1 – **Estátua da Bordadeira na Praça da Matriz – Sebastião de Oliveira Pinto, em Passira-PE.** __ Pág. 33

Fotografia 2 - **Placa sinalizando boas vindas à “Terra do Bordado Manual”.** __ Pág. 47

Fotografia 3 – **Os pontos mais recorrentes no bordado produzido em Passira.** __ Pág. 53

Fotografia 4 – **Mostruário de panos de prato. Loja de D. Ester.** __Pág. 55

Fotografia 5 – **Bordado Vagonite. Estande “Gigi Artesanato” na 28ª Feira do Bordado Manual.** __Pág. 57

Fotografia 6 – **Detalhe de uma capa de almofada bordada por D. Ignês.** __Pág. 58

Fotografia 7 – **Borda-se nas calçadas.** __Pág. 59

Fotografia 8 – **“Trabalho em casa” em família.** __Pág. 60

Fotografia 9 – **As principais personagens do bordado em Passira.** __Pág. 64

Fotografia 10 – **Outras personagens do bordado: os bordadores.** __Pág. 65

Fotografia 11 – **Entrada da 1ª Feira Artesanal de Passira.** __Pág. 101

Fotografia 12 - **Estátua representando uma bordadeira na entrada da XV Feira do Bordado Manual de Passira, 2001.** __Pág. 107

Fotografia 13 – **D. Stelina bordando.** __Pág. 111

Fotografia 14 - **Bordadeira na OSSI.** __Pág. 116

Fotografia 15 - **COOPARMIL: Artesanato bordado à mão.** __Pág. 119

Fotografia 16 – **Detalhes bordados de uma das peças da Coleção “Turista Aprendiz”.** __Pág. 127

Fotografia 17 – **Bordadeiras da AMAP em foto para o Projeto Bordados de Passira.** __Pág. 129

Fotografia 18 – **Ponto Doidinho.** __Pág. 130

Fotografia 19 – **Outras terras do bordado.** __Pág. 140

LISTA DE IMAGENS

Imagem 1 – **Localização da cidade de Passira.** __Pág. 35

Imagem 2 – **Brasão do Município de Passira.** __Pág. 45

Imagem 3 – **Da esquerda para a direita: Slogan adotado na gestão de 1993; slogan usado na gestão de 2001.** __Pág. 48

Imagem 4 - **Fotografias usadas para divulgação das Feiras do Bordado Manual. Borda-se sem o bastidor.** __Pág. 61

Imagem 5 - **Placa da Rua dos Bordadores no Centro de Madri, na Espanha.** __Pág. 69

Imagem 6 – **Lembrança de família. Bordado da irmã de D. Ignês, feito em 1954.** __Pág. 72

Imagem 7 – **Uma senhora brasileira em seu lar. Jean Baptiste Debret. Coleção *Voyage Pittoresque et Historique au Brésil* (1834 – 1839).** __Pág. 78

Imagem 8 – **Convite da II Feira Artesanal de Passira. Dezembro de 1986.** __Pág. 98

Imagem 9 - **Croqui pontuando locais de venda de bordado na Rua da Matriz em Passira-PE.** __Pág. 148

LISTA DE QUADRO

Quadro 1 – Etapas metodológicas da ação educativa para o patrimônio do bordado manual. __ Pág. 146

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ACTC: Associação de Assistência à Criança e ao Adolescente Cardíacos e aos Transplantados do Coração.

AD Diper: Agência de Desenvolvimento Econômico de Pernambuco.

AMAP: Associação das Mulheres Artesãs de Passira.

ARTENE: Artesanato do Nordeste.

CEAG: Centro de Desenvolvimento Empresarial de Pernambuco.

CEDUC: Coordenação de Educação Patrimonial.

COMIB: Cooperativa Mista das Bordadeiras de Passira.

CONDEPE: Agência Estadual de Planejamento e Pesquisas de Pernambuco.

COOPARMIL: Cooperativa de Produção Artesanal e Industrial de Limoeiro Ltda.

FENEARTE: Feira Nacional de Negócios do Artesanato.

FUNDARPE: Fundação do Patrimônio Histórico e Artístico de Pernambuco.

IPHAN: Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional.

SEBRAE: Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas.

SECM: Secretaria de Educação, Cultura e Esportes do Município de Passira.

SPFW: São Paulo Fashion Week.

SUDENE: Superintendência de Desenvolvimento do Nordeste.

UNO: União de Assistência à Pequenas Organizações.

SUMÁRIO

Introdução	14
Capítulo 1. Passira e algumas histórias.	33
1.1. Distrito de Limoeiro até 1963.	39
1.2. Terra do Milho	42
1.3. Terra do Bordado Manual.	46
1.4. Qual o bordado dessa Terra?	51
1.4.1. Onde se borda.	58
1.4.2. Como se borda.	61
1.4.3. As personagens desse bordado.	64
Capítulo 2. Bordar, um verbo transitivo.	67
2.1. Uma tradição	76
2.1.1. Por que o bordado manual.	83
2.2. Atividade econômica	86
2.3. Patrimônio cultural	92
2.3.1. Um bem, um monumento.	96
2.4. Feira do Bordado Manual.	97
2.4.1. Seus lugares e suas estruturas.	99
2.4.2. Um movimento político.	103
2.4.3. Outro bem cultural	104
Capítulo 3. Bordadeiras.	106
3.1. Mulheres e artesãs.	109
3.1.1. Um espaço feminino.	112
3.2. Associações/Cooperativas.	114
3.2.1. COOPARMIL	115
3.2.2. COMIB	121
3.2.3. AMAP	124
3.3. Empresárias do bordado.	131
Capítulo 4 – A questão do bordado manual como Patrimônio de Passira.	133
4.1. O patrimônio enquanto política.	134
4.2. O patrimônio enquanto herança cultural.	137
4.3. Educação patrimonial: da informalidade à formalidade.	139
Considerações Finais	150

Referências	153
Apêndices	159

Introdução

O bordado passirense
Tem hoje valores mil
É bastante caprichado
Cem por cento progrediu¹

É, primeiro com o sentimento de curiosidade e, depois, com a sensação de encantamento, que começamos a pesquisa sobre a prática do bordado manual na cidade que se (re) conhece como a “Terra do Bordado Manual”. Não é preciso passar pelo município para tê-lo como referência do bordado, em alguma conversa informal com algum pernambucano, especificamente, se se fala nesse produto artesanal, logo se menciona a cidade que fica na região agreste do Estado de Pernambuco.

Por outro lado, se essa cidade se transforma também em um dos pontos do seu trajeto quase que semanal, cria-se uma relação mais próxima e ao mesmo tempo ainda distante. Então, diante desse distanciamento e conseqüente desconhecimento, é impossível não se perguntar, ainda que sem um propósito definido, quando e por que esse título lhe foi concedido, ou melhor, quando e como se construiu essa imagem, esse símbolo. Essa simples inquietação somada ao desejo de ingresso no mestrado em História Social da Cultura Regional, possibilitou a ideia de um projeto de pesquisa que fosse apropriado ao campo de abrangência dessa área da história enquanto ciência.

Sendo assim, se o bordado manual constitui um objeto cultural, as bordadeiras figuram como “sujeitos” produtores e receptores de cultura, o próprio município de Passira é o meio através dos quais o bordado é produzido e transmitido – são as práticas e os processos – e finalmente, temos como um padrão as questões do bordado como tradição, como patrimônio. De acordo com Barros (2008, p. 61) os objetos de estudo da História Social da Cultura, estão descritos nesses cinco eixos: objetos culturais, sujeitos, práticas, processos e padrões.

Portanto, retomando os versos citados acima, nos indagamos sobre que “valores mil” tem o bordado produzido em Passira? O fato de ser uma produção manual, as matérias-primas, sua apresentação estética? E sobre qual “progresso” o poeta se refere? Que trajetória essa prática percorreu para ter progredido, segundo a poesia e tantos outros relatos a respeito não só de si mesma, mas da própria cidade de Passira? Afinal, em que circunstâncias esse saber/fazer passa a ser considerado também um patrimônio cultural do município? O

¹ Versos da poesia “O bordado manual de Passira”, do poeta popular passirense Tiago Ramos da Silva.

patrimônio cultural como um recurso que acompanha/estimula o crescimento das cidades (DIAS, 2006)? E o que isso representa social, econômica e politicamente falando?

A partir desses questionamentos e seus desdobramentos temos um objetivo principal que é identificar quais acontecimentos fizeram com que a prática do bordado manual na cidade de Passira viesse a ser o seu patrimônio cultural, de modo que fosse (re) conhecida como a “Terra do Bordado Manual”. Acontecimentos mais significativos, ou seja, aqueles relevantes à História, não apenas no “sentido ontológico” que Ricoeur (2010, p. 159) define como “o que efetivamente ocorreu no passado”, mas no seu sentido mais amplo, definido igualmente pelo autor como “o que seres atuantes fazem ocorrer ou sofrem.”. Ou seja, procuramos identificar o que fizeram ou o que sofreram os que constituem Passira para que a cidade ficasse famosa pela sua produção e circulação do bordado manual como um bem cultural.

Para alcançarmos esse objetivo principal, lançamos mão de outros objetivos ou de outras questões que são fundamentais nesse primeiro intento. Reconstruir a história da cidade; situar em que período a atividade do bordado surge na região e ainda quando começa a ser percebida, ou enfatizada como uma prática característica da cidade; descrever as propriedades desse bordado passirense, em seus modos de fazer e suas configurações estéticas; compreender esse exercício em seus mais diferentes significados e abordagens; pontuar o espaço feminino dessa prática em Passira, na figura das bordadeiras, artesãs e/ou empresárias e das associações e/ou cooperativas; por fim, problematizar a questão do bordado manual como patrimônio cultural da cidade.

Historiografia.

A prática do bordado em Passira já foi protagonista de algumas histórias contadas por estudiosos de diversas áreas do conhecimento. Aliás, o bordado, de forma geral, tem sido e é tema central de tantas outras pesquisas, cuja análise historiográfica seria inclusive um mote de investigação tão amplo que poderia ocupar as páginas de outra dissertação completa. Portanto, apresentaremos aqui alguns estudos dos quais tivemos conhecimento no desenvolvimento da nossa pesquisa bibliográfica e no cumprimento do nosso cronograma, frisando que reconhecemos a possível existência de outras pesquisas e o nosso desconhecimento em relação a estas.

Começamos pelas pesquisas realizadas em outros Estados, e até em outros países, considerando que o bordado é um saber/fazer que transcende fronteiras e temporalidades, mencionado inclusive em algumas passagens da bíblia, como o livro de Êxodo 28: 4 e 26: 31-36, Cântico dos Canticos 3: 10, Ezequiel 16: 10. Todos esses versículos estão no Antigo Testamento, ou seja, antecederam o período cristão e exemplificam o quão antigo é o ofício do bordado.

[...] os registros históricos do ponto cruz coincidem com a pré-história. No tempo em que os homens moravam em cavernas, o ponto cruz servia para costurar as vestimentas, feitas de pele de animal. Eles usavam agulha de osso e, no lugar de linhas, tripas de animais ou fibras vegetais. Fragmentos de linho datam de 5000 a.C.; retirados de túmulos egípcios em escavações arqueológicas, revelaram que o ponto cruz era usado para cerzir peças de tecido. Na Antigüidade, os romanos descreviam o bordado como a “pintura de uma agulha”, mas foram os babilônicos que batizaram esta técnica. Existem controvérsias sobre a origem do ponto cruz, da forma como é utilizado hoje. Há quem acredite que ele tenha surgido na China e depois levado para a Europa.²

Assim, iniciamos com o estudo de Alberto Vieira, “*O bordado da Madeira*”, de 1999, onde o autor apresenta a história da Ilha da Madeira, localizada em Portugal, sobre a perspectiva do bordado produzido na região. Trata-se de um trabalho que evidencia, sobretudo, a sucessão de acontecimentos, de ordem econômica, que fizeram com que o bordado se tornasse tão importante quanto o tradicional vinho feito na Ilha. Ainda que seja mais voltado para, digamos a economia do bordado na Ilha, esse estudo é basilar para quem se propõe a pesquisar histórias de bordados. Sobre a antiguidade do bordado, por exemplo, Vieira esclarece que, segundo achados arqueológicos, 30.000 AC. já havia exemplares bordados, o que indica sua prática e seu consumo desde tempos remotos.

Também, de certo modo ainda versando sobre o bordado da Ilha da Madeira, encontramos a pesquisa intitulada “*Bordadeiras do Morro de São Bento. A vida tecida entre o linho e as linhas.*”, de autoria de Gisela Kodja. Um livro publicado em 2008, oriundo da dissertação de mestrado da autora, em Gerontologia. Mais adiante poderemos observar quantas são as perspectivas sobre as quais o bordado pode ser analisado, em termos de áreas distintas do conhecimento. A abordagem dessa pesquisa é bastante específica, sobre um grupo de cinco senhoras idosas imigrantes da já mencionada Ilha, que mantiveram, contra todas as

² Bordados e rendas para cama, mesa e banho. Estudos de mercado SEBRAE/ESPM Relatório completo. SEBRAE – Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas, 2008, p.12.

adversidades, o ofício tradicional de sua terra natal, enquanto moradoras da cidade de Santos, em São Paulo.

Fruto de outra dissertação de mestrado, dessa vez em Educação, é o livro “*Bordado Sonhos*”, de Neusa Maria Roveda Stimamiglio e Fernando Roveda, lançado em 2010. Defendido pelos autores como um projeto de educação patrimonial, a pesquisa versa sobre o bordado praticado na cidade de Antônio Prado, no Rio Grande do Sul, como uma tradição vinda com os imigrantes europeus, especificamente os italianos. E esse talvez seja o ponto crítico da obra, quando se dá a entender que o bordado veio para o Brasil exclusivamente pelas mãos de imigrantes italianos, uma generalização que desconsidera outras correntes de imigração vindas para o país. Os autores enfatizam ainda que o bordado é uma prática feminina, e concluem que “Os bordados e as bordadeiras constituem-se em um rico patrimônio imaterial que merece ser registrado e preservado em Antônio Prado e em toda região.”³

Do sul vamos ao nordeste brasileiro, onde se concentra vários tipos de bordados⁴. Então, temos a tese de doutorado em Antropologia Social, “*Bordados e bordadeiras. Um estudo etnográfico sobre a produção artesanal de bordado em Caicó/RN*”, de 2010, escrita por Thaís Fernanda Salves de Brito. Desenvolvido a partir da etnografia, Brito pode registrar que o bordado em Caicó, município do Estado do Rio Grande do Norte, exercido geralmente na máquina de bordar, é o centro das relações sociais, que permite o acesso às questões econômicas, históricas e culturais da região. Percebemos nessa pesquisa que, mesmo que a autora frise a heterogeneidade das bordadeiras de Caicó, em sua homogeneidade elas são tão constituintes de uma história de produção artesanal na região, quanto são veículos de reprodução de histórias religiosas, experiências, saberes e fazeres individuais e coletivos.

Reconhecendo a expressividade de produção de bordado em outras regiões não só do Nordeste, como do restante do país, admitimos que certamente existam outros estudos com o mesmo mote, com olhares semelhantes e diferenciados ao mesmo tempo. Levantamentos do Ministério da Cultura, do IBGE e do SEBRAE, ou mesmo visitas a sites específicos não nos deixam mentir a esse respeito; são mencionadas cidades como Tobias Barreto, em Sergipe, Ibitinga, em São Paulo, Jundiá do Sul, no Paraná, e ainda Estados como Ceará, Piauí, Pernambuco, Minas Gerais e Santa Catarina. No entanto, em razão de um rigoroso

³ STIMAMIGLIO, 2010, p. 12

⁴ Bordados e rendas para cama, mesa e banho. Estudos de mercado SEBRAE/ESPM Relatório completo. SEBRAE – Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas, 2008, p.12.

cronograma, entre outros percalços do caminho, trouxemos estes, que já foram citados, e que nos parece ser representantes bastante significativos do que tem sido feito ao longo do tempo em termos de pesquisa e histórias de bordados.

Já sobre a “Terra do Bordado Manual” especificamente, a cidade de Passira e o seu bordado, se a princípio pensávamos não ter quase nenhum estudo a respeito, nos surpreendemos ao visitar a biblioteca da Faculdade de Formação de Professores de Nazaré da Mata – Campus da Universidade de Pernambuco na cidade de Nazaré – onde nos deparamos com outras pesquisas sobre o tema.

Porque até então só tínhamos como referência apenas um estudo, cuja finalidade era compreender o bordado como produto artesanal em seu contexto e refletir sobre a experiência de um grupo de bordadeiras com o design de moda em âmbito nacional: a dissertação “*Design e Artesanato: A experiência das bordadeiras de Passira com a Moda Nacional*” de autoria de Ana Júlia Melo Almeida, publicada em 2013⁵. Na ocasião dessa visita pudemos finalmente ampliar nosso debate historiográfico.

Encontramos duas monografias concluídas no curso de Especialização em História do Nordeste. A primeira foi publicada em 2002 com o título “*O papel da ‘Feira Anual do Bordado Manual’, para a economia e sociedade de Passira-PE 1984-2000*” e autoria de Maria Aparecida de Araújo. Trata-se de um trabalho mais descritivo sobre a origem e desenvolvimento da Feira que acontece anualmente em Passira, promovendo seu bordado manual, com repercussão direta no campo econômico e social da cidade. No entanto, diferentemente do que diz o título, o trabalho pouco se aprofunda na história da Feira, fala-se mais no bordado como um todo do que no evento em si.

A segunda monografia é de 2003. Intitulada “*A cultura do Bordado em Passira como base de subsistência*”, escrita por Maria Antonio da Silva Viana, essa pesquisa tem também um cunho descritivo da produção artesanal do bordado na cidade, e se propõe a ser um “registro histórico” que sirva de suporte no trabalho pedagógico nas disciplinas de estudos sociais ofertadas nas escolas do município. Nesse sentido, o estudo parece alcançar o seu objetivo.

⁵ Publicada pelo Programa de Pós-Graduação em Têxtil e Moda na Escola de Artes, Ciências e Humanidades da Universidade de São Paulo.

Ambos os estudos, ainda que sejam muito específicos ou muito generalistas em alguns pontos, nos serviu, sobretudo, na construção do debate historiográfico. Encontrada na mesma ocasião, e indicada por algumas pessoas enquanto estávamos em pesquisa de campo como um “estudo sobre o bordado de Passira”, chama-se “*A tecedura do bordado na literatura brasileira*”, de Marina Soares de Albuquerque Cavalcanti Silva, e foi elaborada no Curso de Especialização em Literaturas de Expressão Portuguesa. A pesquisa relaciona o fazer do bordado manual e a poesia. Mas ainda que o bordado manual seja um dos motes, e que se pontue a obra do poeta passirense Joseilson Ferreira, que trata sobre o bordado da sua cidade natal na poesia “Anatomia do Bordado”, fala-se na arte manual de forma mais abrangente associando-a também ao ofício da escrita de outros autores.

Mas, antes mesmo de descobrirmos esses estudos na biblioteca da Faculdade de Formação de Professores de Nazaré da Mata, já tínhamos conhecimento de outras pesquisas referenciais acerca da prática do bordado na cidade de Passira e seus desdobramentos. “*Extensão rural e artesanato: o bordado manual de agricultoras do Sítio Varjada, Passira-PE*” é o título da dissertação de mestrado em extensão rural e desenvolvimento local, de Eduardo Barbosa de Melo, publicada em 2007. Essa pesquisa analisa o desenvolvimento local da zona rural de Passira, mais especificamente do Sítio Varjada, e constata a dependência de muitas famílias daquela localidade da renda obtida com o bordado. Por outro lado, a falta de assistência especializada por parte de instituições governamentais e privada, como a própria associação que se formou no Sítio, faz com que a produção de bordado não passe de uma atividade de subsistência.

Outra pesquisa contempla o bordado daquela região: “*Preparar os fios para o futuro: um estudo de caso das bordadeiras da Cooperativa de Produção Artesanal e Industrial de Limoeiro – LTDA – COOPARMIL-PE*”. Trata-se de outra dissertação de mestrado – em administração rural e comunicação rural – do ano de 1997, de Gilda Bezerra de Carvalho Ventura. Esse estudo nos pareceu muito apropriado por ter como tema uma das cooperativas que digamos “fundou” o bordado na cidade de Passira. Não só porque Passira foi distrito de Limoeiro até 1963, mas porque de fato muitas bordadeiras passirenses bordaram para essa cooperativa muitos anos após a cidade ter sido emancipada. Inclusive mesmo com a instituição de associações dentro de Passira, algumas bordadeiras mantiveram seu vínculo com a COOPARMIL.

Por fim, nos referenciamos ao trabalho de Maria Regina M. Batista e Silva, “*O universo da bordadeira: estudo etnográfico do bordado em Passira*”, de 1997. Outra dissertação de mestrado, dessa vez, em antropologia, área que dialoga diretamente com a História Social da Cultura. Esse estudo etnográfico foi basilar para o desenvolvimento da nossa pesquisa. Diferentemente das outras referências, encontramos um panorama mais geral sobre o bordado em Passira, e ao mesmo tempo uma visão mais detalhada sobre determinados aspectos como, por exemplo, o fluxo da produção de bordado de um determinado grupo de bordadeiras.

Então, nós que pensávamos não existir nenhum estudo científico voltado ao bordado manual de Passira tivemos a grata surpresa de encontrar bons trabalhos a respeito, com perspectivas distintas que em muito contribuíram para a nossa própria pesquisa. Por outro lado, mesmo os trabalhos concluídos na área de história, apresentavam algumas lacunas em termos históricos, nos instigando a reconstruir essa história sob um novo olhar, com novas problemáticas.

É como se existisse a necessidade de se (re) contar essa história. Afinal por que Passira e não outra cidade é a “Terra do Bordado Manual”? Quais os fatos que se sucedem para que aquela cidade recém-emancipada, num período determinado passe a ser chamada dessa forma? E, posteriormente, se fale em seu bordado manual como patrimônio cultural?

Assim, entendemos que recorrer à história da cidade é primordial para se entender quando se começa o costume de bordar entre as mulheres passirenses, e principalmente em que momento esse hábito se torna um elemento de identidade local. A história desse artesanato se confundiria com a própria história da cidade? Sendo Passira um município de origem controversa, no sentido de se encontrar algumas versões distintas do seu surgimento, talvez fosse válido fazer esse percurso em retrospecto.

Discussão teórico-metodológica.

Nosso primeiro obstáculo: Escassez de fontes documentais. Uma falta sentida inclusive na busca por documentos sobre a prática do bordado manual naquela região. Como surgiu? Por que surgiu e se desenvolveu nessa região? Qual o seu lugar entre as mulheres – as bordadeiras - e entre os seus familiares e qual o seu lugar no contexto político e econômico da cidade? Interrogações similares a que levou Certeau (2008) a pesquisar sobre “as operações

dos usuários, supostamente entregues à passividade e à disciplina.”⁶ Afinal não estávamos pesquisando o bordado – produto – em si, mas sim o percurso histórico de sua prática, de seu exercício.

Esse primeiro obstáculo e essas interrogações nortearam a nossa pesquisa e nos incentivaram a utilizar também a metodologia da história oral temática: “a solução que mais se aproxima das expectativas acadêmicas que confundem história oral com documentação convencional”⁷. Acreditamos que essa “confusão” aconteça mais no sentido de um confronto, de uma conferência entre fontes, afinal “a história oral temática é sempre de caráter social e nela as entrevistas não se sustentam sozinhas ou em versões únicas.”.

Há ainda a possibilidade do presente estudo, ou o seu método, está localizado, em algum momento, entre a história oral temática e a história oral de vida. Se essa última, de acordo com Meihy e Holanda (2013, p. 37) “tem vocação a valorizar o indivíduo em detrimento do exclusivismo da estrutura social”, que é um dos objetivos dessa pesquisa, então poderia existir aqui um híbrido de relato biográfico – característica da história oral de vida – com um relato em torno de um tema previamente definido.

Halbwachs (2003, p. 69) nos fala das lembranças individuais como limite das interferências coletivas: “cada memória individual é um ponto de vista sobre a memória coletiva” e esse ponto de vista “muda conforme o lugar que ali eu ocupo, e que este lugar mesmo muda segundo as relações que mantenho com outros meios” Dessa forma, o método da história oral de vida sozinho não serviria à nossa pesquisa, e optar formalmente pela história oral temática significa também a preferência por uma abordagem sobre o “modo de fazer” a pesquisa, como afirma Barros (2008) e não uma dimensão social, um “modo de ver”.

Assim, fizemos as entrevistas, gravamos e transcrevemos os áudios, transformando essas fontes orais em documentos de “base material escrita”⁸. A escolha das pessoas a serem entrevistadas foi um tanto aleatória, nem por isso menos calculada. Parece que cada entrevistado e entrevistada nos levava a pessoa da entrevista seguinte, nos ajudando a construir uma rede de relações entre as memórias contadas em cada ocasião.

Realizamos dez entrevistas com nove pessoas – as fichas de transcrição das entrevistas, bem como os termos de autorização para o seu uso então no apêndice desse

⁶ CERTEAU, 2008, p. 37.

⁷ MEIHY E HOLANDA, 2013, p. 38.

⁸ MEIHY E HOLANDA, 2013, p. 24.

trabalho – e conversamos bastante informalmente com tantas outras. A informalidade nos acompanhou até mesmo nas entrevistas pontuais, porque era preciso deixar as pessoas confortáveis, deixando fluir o máximo que pudessem suas lembranças e também os seus esquecimentos. “Esquecimento, omissões, os trechos desfiados de narrativa são exemplos significativos de como se deu a incidência do fato histórico no cotidiano das pessoas”⁹.

A essa altura, abrimos um parêntese para a fala de Ricoeur (2007, p. 41) sobre preferência que se dá a memória. Embora o autor faça distinção entre memória e lembrança – “a memória como visada e a lembrança como coisa visada” – na linguagem a segunda aparece como sinônimo da primeira. Sendo assim, quando usamos “lembrança” queremos dizer “memória”. Porém, se prefere, ou deveria se preferir uma memória ‘certa’, aquela que leva “a convicção de não termos outro recurso a respeito da referência ao passado, senão a própria memória”¹⁰. O autor ainda completa:

Para falar sem rodeios, não temos nada melhor que a memória para significar que algo aconteceu, ocorreu, se passou antes que declarássemos nos lembrar dela. Os falsos testemunhos, [...] só podem ser desmascarados por uma instância crítica cujo único recurso é opor aos testemunhos tachados de suspeitos outros testemunhos reputados mais confiáveis. Ora, como será então demonstrado, o testemunho constitui a estrutura fundamental de transição entre memória e a história.¹¹

Halbwachs (2003, p.29) diz que “recorremos a testemunhos para reforçar ou enfraquecer e também para completar o que já sabemos de um evento sobre o qual já temos alguma informação”. Então, nos fundamentando sobre essa tese, é como se quiséssemos defender que por meio da memória dos nossos testemunhos – advindos de nossas entrevistas – pudéssemos construir a história da prática do bordado em Passira, sendo esse o meio mais elementar de transição entre uma e outra – a memória e a história.

Evidentemente documentos escritos também são testemunhos que servem à ciência histórica. Halbwachs (2009, p 31) afirma que “para confirmar ou recordar uma lembrança, não são necessários testemunhos no sentido literal da palavra”, ou seja, pessoas presentes num dado momento histórico. No entanto, admitir os testemunhos provenientes das entrevistas realizadas sob o método da história oral, como o princípio de uma documentação escrita, nos

⁹ BOSI, 2003, p. 18.

¹⁰ RICOEUR, 2007, p. 40.

¹¹ _____. 2007, p. 40 - 41.

aproxima ainda mais do propósito do campo da história social, conforme afirma Thompson (1992, p. 260):

A história oral, [...], torna possível um julgamento muito mais imparcial: as testemunhas podem, agora, ser convocadas também de entre as classes subalternas, os desprivilegiados e os derrotados. Isso propicia uma reconstrução mais realista e mais imparcial do passado, uma contestação ao relato tido como verdadeiro. Ao fazê-lo, a história oral tem um compromisso radical em favor da mensagem social da história como um todo.

Voltando aos nossos procedimentos metodológicos, adotamos o método da “entrevista exploratória”, e fomos “mapeando o campo, colhendo ideias e informações”.¹² Fizemos as entrevistas pontuando eventualmente nossos entrevistados sobre o tema da nossa pesquisa quando percebíamos certa dispersão. Essa é “entrevista com roteiro ou semi-orientada” segundo Queiroz (1991, p.58). Nessa situação, ainda conforme a autora, “o informante fala mais do que o pesquisador, dispõe de certa dose de iniciativa, mas na verdade quem orienta todo o diálogo é o pesquisador”. Sempre íamos até o local da entrevista – normalmente a sua casa ou seu trabalho – portando a Ficha de entrevista, o Termo de utilização de entrevistas e imagens e o nosso aparelho de telefone celular, que era o nosso dispositivo de registro – gravador de áudio e máquina fotográfica.

Chegamos à primeira entrevistada quando, no breve histórico da cidade que tivemos acesso na Biblioteca Pública Municipal João XXIII – Biblioteca Municipal de Passira – encontramos uma referência à sua fundamental participação na iniciativa de organizar a Feira do Bordado Manual de Passira. Em outras ocasiões, mais pessoas eram unânimes em afirmar que aquela pessoa saberia de tudo do bordado de Passira: Sra. Maria Ignês Costa Santana, ex-diretora do Departamento de Cultura de Passira.

Foi tão verdade que D. Ignês – passamos a chamá-la assim – detinha um conhecimento muito profundo a respeito dos fatos que se sucederam para revelar a atividade do bordado em Passira que a entrevistamos duas vezes. E confirmamos o que disse Thompson (1992, p. 25), que “a entrevista propiciará, também, um meio de descobrir documentos escritos e fotografias que, de outro modo, não teriam sido localizados” quando D. Ignês nos mostrou um verdadeiro arquivo com fotografias, recortes de jornais, convites, panfletos, encartes. Um material que até então não tínhamos tido acesso nem mesmo nos órgãos municipais.

¹² THOMPSON, 1992, p. 254

Em contato com alguns conhecidos antigos que moravam em Passira, fomos levados até a segunda entrevistada: Sra. Maria Lúcia Firmino, ou D. Lúcia, bordadeira e presidente da Associação das Mulheres Artesãs de Passira, a AMAP. Já a conhecíamos pela escrita de Ana Júlia Melo Almeida em sua dissertação “*Design e Artesanato: A experiência das bordadeiras de Passira com a Moda Nacional*”. As bordadeiras a que ela se refere são as bordadeiras vinculadas a AMAP, uma associação fundada há pouco tempo se comparada às outras surgidas na década de 1980, quando o bordado em Passira foi impulsionado à comercialização e a elemento de identificação da cidade, mas com muita história para contar.

O ano de instituição da AMAP, 2008, é o que demarca o fim do nosso recorte temporal, justamente por ser um acontecimento recente e significativo do ponto de vista de novas ações voltadas à prática do bordado manual na cidade. Entretanto essa instituição levou a outras ocorrências posteriores, tão relevantes quanto, também comentadas aqui. Da mesma forma, ainda que o ano de 1985 delimite o início desse recorte temporal, que é quando acontece a primeira Feira Artesanal de Passira (futura Feira do Bordado Manual), nossa narrativa começa com fatos anteriores a 1963, por exemplo, quando a cidade de Passira ainda não era emancipada e já havia a atividade do bordado manual.

Enfim, o relato de D. Lúcia foi fundamental para entendermos um pouco as novas motivações para se instituir outra associação de bordadeiras. Motivações que não necessariamente eram “novas”, mas se mantinham quase idênticas as de 22 anos atrás quando se fundou a Cooperativa Mista das Bordadeiras de Passira – COMIB. E foi por meio de D. Lúcia que chegamos à nossa terceira entrevistada, a bordadeira e ex-presidente da COMIB, Sra. Severina Maria de Albuquerque Medeiros, ou simplesmente Dia.

Tentando nos esclarecer sobre os motivos que levaram a COMIB a encerrar suas atividades como cooperativa, Dia nos levou a nossa quarta entrevistada, Sra. Aldegunda Medeiros Duarte, mais conhecida como Alda. Assim como D. Ignês, Alda foi professora antes de participar dos esforços de criação da COMIB. Ela não confirmou ter ficado a frente da presidência da cooperativa, nem explicou o por quê de uma iniciativa tão promissora como a instituição da COMIB ter sido fadada ao insucesso encerrando suas atividades em meados da década de 1990. Por outro lado ela confirmou alguns acontecimentos, revelou outros. E principalmente, ela nos levou até a Secretaria de Educação do Município e nos fez ter acesso a outros tantos documentos aleatórios sobre Passira e o seu bordado.

Seguimos em frente. Visitamos a 28ª Feira do Bordado Manual e, na ocasião, fizemos outras entrevistas. É como se estivéssemos em uma segunda parte do trabalho de campo. Andando pelas ruas do comércio, a poucos metros da entrada da Feira, conhecemos a nossa quinta entrevistada, a produtora de bordado, e também bordadeira, Sra. Josefa Francisca da Cruz, ou D. Éster. Trabalhando a mais de trinta anos com o bordado, D. Éster é daquelas pessoas cuja história de vida é cheia de pequenas outras histórias, que nos renderia vários temas e várias entrevistas. Mas tentamos não fugir à sua história com o bordado manual e percebemos que tínhamos ali, sobretudo uma empresária do bordado, e isso nos renderia um testemunho para um dos tópicos desse trabalho.

Na mesma ocasião, por indicação de uma conhecida de Alda, entrevistamos o Sr. Givaldo França da Silva, que era na verdade a nossa sexta entrevistada, conhecida como Gigi. “Ainda que definidas pelo sexo, as mulheres são algo mais do que uma categoria biológica”¹³ e nesse caso, estávamos diante de uma figura feminina, que se reconhece assim: “trabalhadeira”. Bordadeira e produtora de bordado, Gigi tem um salão de beleza e ainda dá aulas de cabeleireiro. A conhecemos nos corredores da 28ª Feira do Bordado Manual e ali mesmo fizemos a entrevista.

Depois, ainda pelo relato de D.Lúcia, procuramos a ex-prefeita da cidade, nossa sétima entrevistada, Sra. Maria Aparecida Laurentino da Silva, que nos pediu que a chamasse apenas de Cida. Foi na gestão dela, que o bordado manual de Passira foi oficializado como Patrimônio da cidade. D. Lúcia nos contou esse fato e Cida confirmou em seu relato. Porém, não nos mostrou nenhum documento escrito a respeito, mesmo pedindo mais tempo para contatar um antigo assessor que saberia onde estava esse material. Indicou-nos, por outro lado, nosso oitavo entrevistado – o primeiro e único homem que entrevistamos – Sr. Severino Nascimento da Silva, Seu Biu.

Entrevistar Seu Biu foi uma espécie de contraponto a tudo que nós vínhamos fazendo até então. Não que nós não acreditássemos na existência de homens bordando na cidade de Passira, pelo contrário. Mas, no decorrer da nossa pesquisa, ao considerarmos especificamente “o bordar” dentro de todo processo produtivo do bordado, percebemos que as mulheres além de maioria atuante, eram as mais evidenciadas na divulgação do ofício na cidade. Ou seja, tinham todos os requisitos para serem as protagonistas dessa história.

¹³ TILLY, 1994, p. 31

Ainda assim entrevistamos com entusiasmo Seu Bui. Mesmo admitindo como profissão ser agricultor, segundo seu documento de identificação inclusive, ele pinta, borda e vende há vinte anos. Depois de ter se casado com uma bordadeira, vislumbrou nesse ramo um retorno financeiro que há muito a agricultura não dava. Aprendeu com a esposa a pintar e a bordar e com ela abriu uma loja no comércio da cidade, onde revendem roupas de confeccionistas da região. As peças bordadas e pintadas normalmente são vendidas por encomenda. Apesar de bordar já há algum tempo Seu Bui não se reconhece como um bordador, não por preconceito, mas pela própria rotina no geral, uma vez que se dedica a tantas atividades distintas, principalmente ao seu comércio.

Por fim, conhecemos a Sra. Josefa Francisca Pereira da Silva, a D. Nena. Ao saber que pesquisávamos a história da prática do bordado em Passira, ela quis contribuir com o seu relato. Então chegamos a nossa nona e última entrevistada. Professora aposentada, ao responder qual a sua profissão, D. Nena responde que desde sempre é artesã porque começou a bordar quando criança e já conseguia seu sustento advindo dessa atividade. Sua história de vida endossa o bordado como ponto comum nas histórias de muitas famílias de Passira. Consequentemente o bordado se torna característica da trajetória a própria cidade.

Findamos então nestas dez entrevistas e concordamos com Queiroz (1991, p. 66) que a “a quantidade de entrevistas é sem dúvida pequena, diante da complexidade dos objetivos”, mas considerando o nosso próprio aprendizado enquanto pesquisadores, fizemos a coleta de dados que nos foi possível, e chegamos às etapas de análise e síntese, formulando, por fim, as considerações finais. Na verdade “considerações parciais” na medida em que reconhecemos termos levantado outras questões a serem estudadas posteriormente.

Cada entrevista, cada particularidade contada deixou uma relevante contribuição sobre o percurso que a atividade do bordado em Passira percorreu com o passar dos anos. Em outras circunstâncias, onde o espaço de tempo fosse maior para a execução da pesquisa, entrevistariamos outras pessoas: a bordadeira que exerce o ofício e mora no sítio mais longínquo na zona rural do município; a jovem que borda porque aprendeu com a mãe, mas que vislumbra outra carreira no futuro; o artista que homenageia o bordado por meio da sua arte – outra arte – poesia, fotografia, grafite.

Assim fomos seguindo com o “confronto” das fontes orais e escritas, recolhendo uma “peça” aqui, outra acolá, tentando montar esse enorme quebra-cabeças que configura a história do bordado manual em Passira. Visitamos algumas instituições na busca por

documentação escrita, oficial: Agência Estadual de Planejamento e Pesquisa de Pernambuco – CONDEPE/FIDEM; Instituto Miguel Arraes; Assembleia Legislativa do Estado de Pernambuco; Fundação do Patrimônio Histórico e Artístico de Pernambuco – FUNDARPE; Biblioteca Municipal Cícero Barreto Coutinho da Silveira, localizada na cidade de Limoeiro. Podemos dizer que fomos bem sucedidos ao encontrarmos pessoas dispostas em colaborar. Por outro lado, em termos de documentação, pouco encontramos em cada lugar, mas ao todo conseguimos material suficiente para prosseguirmos de alguma forma.

Na cidade de Passira, fomos até a Prefeitura Municipal, à Secretaria de Educação do Município, à Câmara Municipal de Vereadores, a sede da AMAP. De novo, fomos bem servidos de disponibilidade das pessoas que nos atendiam, no entanto, no quesito “documentação” mais uma vez não encontramos quase nada. A única exceção foi a Secretaria de Educação do Município, mas sem a mediação da nossa entrevistada Alda, talvez não tivéssemos tido o mesmo acesso.

Daí, reiteramos que foi devido a soma das entrevistas, mais os documentos escritos, as próprias visitas à Passira, às Instituições onde estivemos que conseguimos reconstituir parte do caminho percorrido pela prática do bordado manual em Passira. No momento da análise, recorremos às teorias sobre memória, tradição e patrimônio. Já discutimos aqui algo sobre a memória. “A memória, à qual a história chega, que por sua vez a alimenta, procura salvar o passado apenas para servir o presente e o futuro”¹⁴, tal qual a tradição, onde “acrescentaram-se as reservas marcantes de um passado que repercute no presente e no futuro”¹⁵; a memória coletiva que “valoriza-se, organiza-se em patrimônio cultural”¹⁶. Memória coletiva que é, por assim dizer, a soma das memórias de D. Ignês, D. Lúcia, Dia, Alda, D. Éster, Gigi, Cida, Seu Bui, D. Nena, e tantas outras pessoas que rememoram o bordado como herança cultural de Passira.

Certos de que o bordado manual se constitui em uma atividade tradicional para a cidade de Passira, buscamos então a discussão mais adequada sobre o conceito de tradição. Em Hobsbawn e Terence (1997) encontramos a “invenção das tradições” e conseguimos identificar a tradição do bordado manual exatamente como eles descrevem essa invenção: como aquele conjunto de práticas formais e simbólicas – onde se borda, como se borda, que bordado é feito – condicionadas por regras implícitas que disseminam valores e

¹⁴ LE GOFF, 2000, p. 59.

¹⁵ QUINTAS, 2007, p. 76.

¹⁶ _____. 200, p. 109.

comportamentos por meio da repetição, dando sequência a algo que começou no passado. Ou seja, conforme os autores, temos sim uma “tradição inventada”.

[...] na medida em que há referência a um passado histórico, as tradições ‘inventadas’ caracterizam por estabelecer com ele uma continuidade bastante artificial [...] são reações a situações novas que ou assumem a forma de referência a situações anteriores, ou estabelecem seu próprio passado através da repetição quase que obrigatória.¹⁷

Em contraponto, Veneziani (2005) em seu *“Elogio da Tradição”* adverte sobre a cautela que se deve ter no uso dessa teoria, afinal nem toda tradição nasce artificialmente, fruto de um plano arquitetado por algum grupo específico. Mas, o autor reconhece que existem sim as “tradições inventadas, no sentido de artificiosas, fingidas” (p. 15), explicando que também há aquelas que são “reinventadas” porque são revigoradas e refeitas inspiradas em outras tradições.

Portanto, encontramos nessa elucidação de Veneziani, a nossa referência teórica mais condizente com o que percebemos em Passira. Pelo seu pouco tempo de vida enquanto cidade, pela prática do bordado advinda de outras regiões e praticadas com certas similaridades a esses outros modos de se bordar, o bordado manual em Passira compõe uma tradição reinventada. E, ultrapassando a “invenção das tradições”, temos uma tradição – o bordado manual – que agrupa pessoas e grupos em torno de uma memória, de um passado em comum. Essa definição, no final das contas, é mais uma demanda científica do que algo primordial. Nesse ponto concordamos com Hobsbawn e Terence (1997). E discutiremos mais o tema no tópico um do capítulo dois.

Apresentando o trabalho.

Nosso trabalho está dividido da seguinte forma: quatro capítulos e alguns tópicos para cada um deles. O primeiro capítulo intitulado “Passira e algumas histórias” tenta refigurar o passado do município de Passira. Emancipada em 1963, com um tempo de vida relativamente curto, pouco se encontra sobre a origem da cidade, seu desenvolvimento e crescimento. Em resumo, podemos dizer que a chamada “Terra do Bordado Manual”, que antigamente era o povoado de Malhada, teve sua trajetória marcada por ter se tornado distrito da cidade de Limoeiro e, já emancipada como município de Passira, por ter feito fama como a “Terra do Milho”, quando era considerada a cidade com maior volume de produção desse cereal no Estado de Pernambuco.

¹⁷ HOBBSAWN E TERENCE, 1997, p. 10.

À medida que o bordado manual se tornava também uma atividade econômica, por vezes mais lucrativa que o cultivo do milho, Passira então passava a ser vista – e ser mostrada – como a “Terra do Bordado Manual”. Esse reconhecimento ultrapassa a materialidade da extensão territorial do município, configurando-se em um geossímbolo¹⁸. Logo, a narrativa desse primeiro capítulo se concentra nas origens da cidade, na sua filiação ao município de Limoeiro, na ascensão e declínio do cultivo do milho e na promoção do fazer manual do bordado. Mas qual bordado manual? Que símbolo de pertencimento e de identidade é esse? Quais as propriedades desse bordado passirense? Tentamos descrevê-lo, de modo que possamos identificar seus modos de fazer e suas configurações estéticas.

Esmiuçar o bordado – ou o bordar – também é outro ponto decisivo, afinal, estamos falando de qual ofício? O que ele representa em suas várias instâncias, para além dos limites territoriais de Passira, e o que a sua prática remete a quem o faz e a quem o recebe. Qual modalidade é mais tradicional, o bordado feito à mão ou à máquina? O bordado como atividade econômica deixa de ser tradição se comparado à atividade em âmbito doméstico - que “passa de mãe pra filha”, sem fins lucrativos, como uma forma de educar as mulheres? Quem legitima a prática do bordado como patrimônio – e que tipo de patrimônio? E qual o significado dessa apropriação? Essas são indagações que tentamos responder ao logo dos tópicos do nosso segundo capítulo: “Bordar, um verbo transitivo.”.

E finalmente, já que falamos sobre o bordado como produto do bordar, chegamos à tradicional Feira do Bordado Manual de Passira, mote do quarto e último tópico do segundo capítulo. E é por meio dessa Feira que vislumbramos a necessidade e oportunidade de se evidenciar o bordado manual produzido na cidade, afinal, o evento surge apenas como “Feira Artesanal de Passira”. No terceiro ano de sua realização seu nome passa a especificar o bordado manual de Passira, mesmo que em seu interior circulem outros produtos artesanais. Trazemos então algumas reflexões acerca dos seus lugares, das suas estruturas, e das estratégias que a tornaram outro bem cultural. Tão tradicional quanto o fazer do bordado manual é o acontecimento anual da Feira do Bordado Manual, tendo sido em 2008 a sua 22ª edição.

Passamos então ao terceiro capítulo, “Bordadeiras”, que, como o nome já sugere, versa sobre as bordadeiras, as mulheres sem as quais a história da prática do bordado em Passira não poderia ser escrita. Porque entendemos que o bordado pode ser executado por qualquer

¹⁸ SILVA, 2014.

gênero ¹⁹, mas partimos da hipótese, que comprovamos no decorrer da pesquisa, que o bordado manual nesse município foi praticado majoritariamente entre as mulheres, especialmente no período de sua ascensão como ofício e produto artesanal de significativo valor econômico e turístico.

Dialogamos em alguma medida com a historiografia da mulher, procurando entender, com a análise de Perrot (2005), o que pode ser considerado um fazer feminino, e, nesse mesmo sentido, quais os limites entre uma atividade doméstica e uma profissional? Assim, falamos das mulheres, mas também das artesãs e das empresárias do bordado. Em contraponto, tentamos situar o papel do homem nesse contexto, sendo essa inclusive uma forma de delinear ainda mais esse universo feminino.

Compreendemos ser imprescindível se voltar ao conceito de cooperativismo. Elegemos três razões principais para isso: a Obra Social que teria difundido a habilidade do bordado manual entre as moças ainda em 1951, em Limoeiro e suas localidades, fez surgir no ano de 1964, a Cooperativa de Produção Artesanal e Industrial de Limoeiro Ltda. – COOPARMIL; mais tarde, à Cooperativa Mista das Bordadeiras de Passira – COMIB – é atribuída a organização e comercialização do bordado de Passira; e finalmente em 2008 é instituído outro grupo de cooperativismo entre as bordadeiras passirenses, a Associação das Mulheres Artesãs de Passira – AMAP, mostrando que mesmo com o passar dos anos, a prática do bordado precisava ainda de uma organização legítima, que fosse reconhecida por sua unidade e sua finalidade.

Para concluir esse terceiro capítulo, nos voltamos à outra parcela das bordadeiras na cidade. Aquelas que não estão vinculadas a nenhuma associação/cooperativa por trabalharem para si mesmas, algumas consideradas como empresárias do bordado por terem empreendido nessa arte o negócio de suas vidas.

Chegamos assim ao quarto e último capítulo: “A questão do bordado manual como Patrimônio de Passira.”. Um capítulo que surge de forma um tanto inesperada em relação ao planejamento dessa pesquisa, mas que se torna imprescindível para explicar e até mesmo concluir a nossa proposta de trabalho. Ora, se estamos indagando em que medida o bordado manual em Passira é patrimônio cultural, por que não nos aprofundarmos nessa questão,

¹⁹ O termo “gênero” é usado aqui como uma “categoria conceitual” que classifica socialmente os indivíduos em “masculino” e “feminino” (Tilly, 1994, p.43), combatendo possíveis determinismos biológicos e admitindo que todos os gêneros são “produtos do meio social” cuja “condição é variável” (Soihet e Pedro, 2007, p. 288).

indicando ao final que se implemente alguma proposta de educação patrimonial – de acordo com a metodologia de Horta (1999) – para essa prática?

Para tanto discutimos a patrimonialização do bordado manual em Passira enquanto estratégia política, especialmente do poder público municipal, e o patrimônio do ponto de vista de uma herança cultural proveniente do passado. Ambas as situações reforçam a necessidade de se conhecer a história dessa prática, de modo que exista o seu conhecimento, sua apropriação e conseqüente valorização – ou seja, todas as etapas da educação patrimonial.

Partimos a essa altura para as considerações finais, acreditando que cumprimos a incumbência principal dessa pesquisa em um primeiro momento, que era “remontar a uma realidade” – como diz Ginzburg (1989, p.152) – passada, intrincada, e justamente por isso intrigante. Ainda conforme o autor, de “dados aparentemente negligenciáveis” fomos compondo a nossa narrativa sobre o bordar na cidade de Passira, admitindo então que um dos procedimentos que utilizamos foi o “paradigma indiciário ou divinatório”. Um método cuja reconstrução de determinados casos, “por meio de pistas, sintomas, indícios”²⁰, permite sua própria análise.

Demos, digamos o primeiro passo em relação a essa “alfabetização cultural” que é a educação patrimonial, quando nos propomos a narrar os fatos que aconteceram em torno deste saber/fazer, gerando assim conhecimento sobre ele. E identificamos que essa tradição do bordado vem, sobretudo do legado dos tempos que Passira era apenas um distrito do município de Limoeiro, que foi passada de geração em geração e que gerou especialmente entre as mulheres bordadeiras um símbolo de pertencimento, uma questão de orgulho.

A cognição se autentica mediante a legitimidade da remotização. [...] Ora, se a criança recebe tempos passados, presentes, futuros, em momentos não fragmentados, a ela não lhe pode faltar a inserção numa história já construída – âncora da remotização. Digo em outras palavras: o sentido do que é remoto oferece sustentação à biografia do homem, pilar inerente à narrativa pessoal, que tem começo muito antes da data de nascimento. O que é remoto é anterior ao tempo social vivente, mas pertence ao tempo histórico de cada um.²¹

Finalmente podemos dizer que a “remotização” da tradição do bordado manual na cidade de Passira confirma essa prática como tradição, e gera o sentimento de pertença à

²⁰ GINZBURG, 1989, p. 154.

²¹ QUINTAS, 2007, p. 49.

“Terra do Bordado Manual”. Esse pertencimento constitui então o patrimônio cultural do bordado manual em Passira.

Capítulo 1. Passira e algumas histórias.

Fotografia 1 – Estátua da Bordadeira na Praça da Matriz – Sebastião de Oliveira Pinto, em Passira-PE.



Fonte: Arquivo da Autora.

Estamos a cerca de 100 km da capital do Estado de Pernambuco, no município de Passira. Nele encontramos o Centro Cultural e Comercial do Bordado²², às margens da rodovia estadual PE-95. Ao entrarmos no centro dessa cidade, na Praça Sebastião de Oliveira Pinto²³, ou simplesmente a Praça da Matriz, nos deparamos com um monumento, a estátua de uma mulher sentada, aparentemente concentrada no seu trabalho manual.²⁴ (Ver Fotografia 1) Eis a nossa primeira indagação: Uma praça que recebe o nome de homem, mas tem como monumento a figura de uma mulher.

Esse trabalho manual, executado por essa figura, se dá sobre um tecido: é a representação de uma bordadeira. Então, se olharmos no entorno desta mesma praça, não será difícil perceber lojas, comércios, negócios voltados para o ramo do bordado. E ainda se andarmos por outras ruas, poderemos encontrar mulheres sentadas em suas calçadas ou no interior de suas casas, trabalhando com sua agulha, sua linha e seu tecido: é a configuração de uma bordadeira. Logo, entenderemos o porquê de estarmos na “Terra do Bordado Manual”.

No entanto, antes de ser “a cidade do bordado”²⁵, Passira teve uma trajetória marcada por questões distintas. Foi distrito de Limoeiro – outra cidade do agreste de Pernambuco – foi a “Terra do milho”, foi “Malhada” e também teria sido “Povoado de Pedra Tapada”. Uma cidade, com poucos anos de vida, mas com muita história para contar. Como bem fala Poeta (2007, p. 5) em *A história de Malhada à Passira* “Para falar de Passira, Tem que recordar Malhada, Falar da primeira feira, da rua empoeirada, Falar da luz de motor, Quando ela aqui chegou, Já estava a vila formada.”

²² Centro inaugurado pelo Prefeito Miguel Gomes de Freitas em 19 de abril de 2009. Diário de Pernambuco, Coluna João Alberto, abril de 2009.

²³ Homenagem ao nome do primeiro prefeito nomeado na cidade.

²⁴ “Compõe a categoria do que é artesanal o que é manual, feito à mão, na sua totalidade ou na maioria de procedimentos referentes a uma técnica [...] A essa técnica impõe-se uma sabedoria [...]” LODY, Raul. Barro e balaio: dicionário do artesanato popular brasileiro. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2013, p. 07.

²⁵ Título de uma matéria da “Revista Estados e Municípios”, Ano IX, nº 68, 1984. Arquivo da entrevistada Sra. Maria Ignês Costa Santana. Nesse mesmo arquivo, encontramos um recorte de jornal com o nome “jornal de Pernambuco” que, a julgar pelo o que diz o texto, data de novembro de 2001. Nele, a matéria tem o seguinte título “Passira, a cidade dos bordados”.

Imagem 1 – Localização da cidade de Passira.



Fonte: ALMEIDA, 2013, p. 72.

Localizada na região agreste de Pernambuco, (Ver Imagem 1) Passira foi emancipada apenas em 01 de janeiro de 1964, quando entrou em vigor a Lei estadual nº 4.981, de 20 de dezembro de 1963. Suas origens, no entanto, datam de 1870. Um missionário teria mandado construir uma capela dedicada a São José e, em seu entorno, uma vila teria crescido com o nome de Pedra Tapada²⁶, sendo em seguida declarado distrito de Limoeiro, pela Lei Municipal nº 2, de 19 de dezembro de 1892. Esse nome, “Pedra Tapada”, seria pela “existência de tanques naturais em forma de pequenas cacimbas” que existia nos lajedos, no leito do rio.

Tantos filhos nasceram em nossas terras,
 Que na época veio a tornar-se Povoado,
 Foi Malhada de Boi que no passado,
 Em um baixio por trás de algumas serras,
 Pra ser Vila foi preciso haver guerras,
 Por um cartório e um posto do correio,
 Por um ato do governo foi que veio,
 A justiça deu a causa por todos comprovado,

²⁶ Histórico da cidade de Passira do IBGE. Disponível em: <<http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/dtbs/pernambuco/passira.pdf>> Acesso: 05 de dezembro de 2014.

Para sair de Vila de Pedra Tapada,
Para vir funcionar em Malhada nosso meio. (POETA, 2007, p. 10)

Assim, a região também foi chamada de “Malhada”²⁷ até a Lei Estadual de nº 952, de 31 de dezembro de 1943, mudar o seu nome para Passira²⁸. A explicação para o nome “Malhada” estaria relacionada ao fato da região servir como campo de pastagens para boiadeiros repousarem, sob a sombra dos marizeiros²⁹, enquanto seus rebanhos fossem pastar, ou malhar.

O sentido dessa explicação talvez esteja na localização da cidade: no agreste do estado, tendo em seus limites os municípios de Salgadinho e Limoeiro, ao norte; Bezerros, Gravatá, Pombos e Vitória de Santo Antão, ao sul; Feira Nova e Glória do Goitá, a leste; Cumaru a oeste. Mais especificamente encontra-se na meso-região do agreste e na micro-região do médio Capibaribe.³⁰ E, por essa razão, sendo área de transição, ligando os territórios dos canaviais com os de criação de gado, a Zona da Mata com a Região Agreste, seria um lugar propício para o descanso do rebanho naquela época.

Há controvérsias inclusive no significado do nome “Passira”. Fonseca (2008, p. 186) explica que “seu nome vem da serra de formas pontiagudas, denominada Passira, situada nas proximidades da cidade”. Ele também argumenta que a origem do vocábulo seria de origem tupi. Essa informação é fundamentada em Sebastião de Vasconcelos Galvão, no Dicionário corográfico, histórico e estatístico de Pernambuco (2006, p. 17), quando diz que “*Passira*, vocábulo tupy que, segundo Baptista Caetano, significa - *que acaba em ponta de flecha* – composta de - *pa* – *v* – acabar, e *cira*, ponta de flecha.” Outros estudiosos, conforme Fonseca (2008), fazem outra tradução do termo, talvez uma definição mais detalhada que a anterior. Teria vindo do “tupi *bacira*, corruptela *pab-cira*, quer dizer ‘extremidade polida, ponta reluzente’.” Porém o significado que parece prevalecer, sobretudo entre os próprios passirenses, é o divulgado e corroborado pela Prefeitura da Cidade, conforme sua Secretaria de Educação, Cultura e Esportes (2000). Coincide com as outras versões, no sentido de ser um “topônimo em Tupi-Guarani”, mas teria um significado diferente: “acordar suave”.

²⁷ Pelo decreto-lei estadual nº 235, de 09 de dezembro de 1938, de acordo novamente com o Histórico da cidade de Passira do IBGE.

²⁸ Enciclopédia dos Municípios do Interior de Pernambuco. Recife, FIAM/DI, 1986, V.2.

²⁹ *Poraqueiba paraensis*, é uma árvore de folhas grandes e flores amarelas. É conhecida também como Umari e Mari. Fonte: Frutas, sabor à primeira dentada. Gil Felipe, Senac, 2004.

³⁰ Descrição da localização e acesso de Passira no Projeto Cadastro de Fontes de Abastecimento por água subterrânea Estado de Pernambuco/Diagnostico do município de Passira. Disponível em: <<http://www.cprm.gov.br/rehi/atlas/pernambuco/relatorios/PASS114.pdf>> Acesso: 05 de Outubro de 2012.

Mas antes de ser cidade, devemos lembrar que Passira foi e é igualmente uma serra. A Serra da Passira, localizada a 17 km da cidade, sobre a qual se conta uma lenda “mais antiga do que a própria região” e “mantida pela tradição oral dos índios, de viajantes ou tropeiros”.³¹ A 800m de altitude, essa Serra abrigaria em seu topo uma espécie de reserva de fruteiras variadas, um verdadeiro oásis; daí conta-se que “qualquer um pode subir a serra e colher sem perigo esses frutos, existentes no topo que possui uma parte plana”, mas, misteriosa e inexplicavelmente esses frutos “grandes, bonitos, saborosos” desaparecem quando se desce a Serra. Uma das explicações para que essa lenda fosse disseminada entre as pessoas está na preservação daquele meio ambiente, então essa “história poderia ter partido dos índios” como uma forma de conscientizar, ou amedrontar, quem quisesse usufruir de modo abusivo daquela reserva. Aliás, “a presença indígena” na região que viria a se tornar a cidade de Passira “povoava o imaginário popular”, e essa é uma das histórias que se atribuem aos índios e “que se conta até hoje”.³² Uma menção que ratifica essa afirmativa são os versos do poeta Tiago Ramos da Silva em *As origens de Passira*:

A Serra da Passira, antigamente,/ não tinha o nome hoje seu/ o nome Passira recebeu/
dos índios Tupis que ali moravam/ os índios na selva cultivavam/ o milho, a mamona
e o feijão,/ a batata, o fumo e o algodão./ Com o tempo, tudo isto se acabou/ só o
nome Passira é que ficou/ como lembrança em nossa região. A palavra Passira do
antigo/ vem da língua tupi-guarani,/ segundo histórias que já li/ significa ‘o acordar
suave’,/ esse idioma distinto e agradável/ existiu por aqui naquela era,/ os índios que
habitavam lá na serra/ se acordavam com o gorjeio das aves,/ o horizonte de um
acordar suave/ é o símbolo feliz da nossa terra.³³

Outra referência sobre a Serra da Passira é encontrada em Francisco Augusto Pereira da Costa, nos “Anais Pernambucanos”: quando se falava em 1839 nas amostras de uma mina de ferro descoberta na serra da Passira que, segundo o exame do engenheiro João Bloem, apesar de serem “pedaços soltos e expostos às injúrias do tempo” comprovavam sua qualidade tal qual a mina de “S. João de Ipanema, na província de São Paulo”. Assim, esse mesmo engenheiro afirmava que nessa província de Santo Antônio – onde estava a Serra da Passira – poderia se fazer a segunda fábrica de ferro do império “se com antecedência forem tomadas as necessárias medidas sobre a conservação das matas, próximas à mina, e aquisição de um terreno em que haja pedra calcária, por serem estes ingredientes indispensáveis para a

³¹ Jornal Bandepe nº 76, outubro de 1987. Arquivo da entrevistada Sra. Maria Ignês Costa Santana.

³² Discurso no site da Prefeitura da cidade sobre a “Formação do povo”. Disponível em: <
<http://www.portalpassira.com.br/a-cidade/formacao-do-povo> > Acesso: 08 de abril de 2015.

³³ Citação encontrada também no Jornal Bandepe nº 76, outubro de 1987.

manipulação do ferro.”³⁴ Nesse mesmo estudo se diz que a serra da Passira, em Limoeiro, “pelo verão” apresentava enormes estalos, ruídos ouvidos constantemente de um vulcão subterrâneo, que provocava fortes abalos no município.³⁵ Também podemos citar novamente o Dicionário corográfico, histórico e estatístico de Pernambuco (2006, p. 16) que se refere primeiramente a Passira como sendo uma serra “situada no município de Limoeiro” distando 15 km de sua sede, no sentido do povoado “Bengallas” – que atualmente é distrito da cidade de Passira. Sebastião de Vasconcelos Galvão (2006, p.16-17) continua descrevendo a Serra:

[...] é notável pela sua altura que muitas léguas ao longe faz distingui-la, e pela sua forma pontiaguda. Os moradores de suas proximidades contam, que, de tempos a tempos, essa serra dá grandes estouros, acompanhados de estremecimentos do solo, o que faz muita gente fugir aterrada, e por isso também chamam-na serra do abalo. Dizem ali encontrar-se bonitos cristais de rocha, e bem como existir bastante ferro. O engenheiro Dombre diz sobre Ella: ‘Ouve-se constantemente o ruído de um vulcão subterrâneo em que se sente fortes abalos, existindo na mesma largas pedras com caracteres indecifráveis’. Em 1870 um alemão formado em ciências naturais, requereu ao governo do Império privilégio para explorar as minas ali existentes.

A exploração dessa mina parece não ter progredido pelo “pouco interesse econômico”³⁶. Dito isso, nos interessa aqui a relação da Serra da Passira com a cidade de mesmo nome, acreditando que no período dessa “exploração”, existem acontecimentos mais pertinentes à história de Limoeiro. Inclusive, por essa ligação homônoma, apresentamos a explicação anterior, frisando que a Serra da Passira pertencia ao município de Limoeiro, inspirou a alteração do nome do seu antigo povoado chamado “Malhada”, e hoje não só é parte integrante da cidade de Passira como é destacada como o “seu principal ponto turístico”.³⁷

Portanto, se Passira nasce em Limoeiro talvez devêssemos recuar um pouco na linha do tempo para falar de suas origens e das influências que tenha recebido da sua “cidade mãe”³⁸ e, quem sabe, ter uma incipiente noção de como o saber/fazer do bordado chega até a cidade que hoje se chama “Terra do Bordado Manual”.

³⁴ COSTA, Francisco Augusto Pereira da. Anais pernambucanos 1795-1817. Fundarpe, Recife, 1984. volume 7, p. 207-208.

³⁵ Id, v. 8,1984, p. 71

³⁶ ACCIOLY, Ana Cláudia de Aguiar. Geologia, geoquímica e significado tectônico do complexo metanortosítico de Passira – província borborema – nordeste brasileiro. Tese de doutorado em geoquímica e geotectônica, USP, 2000. Disponível em: < http://www.cprm.gov.br/publique/media/dou_accioly.pdf > Acesso: 07 de abril de 2015.

³⁷ Diário de Pernambuco, 1994. Arquivo da Secretaria de Educação de Passira-PE.

³⁸ Uma brincadeira com a expressão usada pelo ex-prefeito da cidade de Passira, o Sr. Edelço Gomes da Silva, quando se refere a Passira como “Filha de Limoeiro”.

1.1. Distrito de Limoeiro até 1963.

Limoeiro é um município do agreste pernambucano cujas origens datam do século XVII, “compreendia uma sesmaria” onde a principio se fundou um aldeamento indígena. Entre 1730 e 1740, aproximadamente, o missionário Pe. Poncioano Coelho foi responsável pela catequese dos índios desse aldeamento. Perto dali, num lugar chamado Poço do Pau, Alexandre de Moura, um português muito religioso, devoto de Nossa Senhora da Apresentação, ergueu uma casa de oração com a imagem da Virgem Senhora e convidava o mesmo Pe. Ponciano para celebrar suas missas. Com isso, foram atraídas muitas pessoas para as missas e festividades dessa casa e também para o povoamento daquele lugar.³⁹

O Pe. Ponciano que desejava atrair esse povoamento para o seu aldeamento de indígenas, ficou desapontado e teve a ideia de forjar um milagre, atraindo então aqueles devotos para o lugar de sua responsabilidade. Astuto, o padre fez, por duas vezes, a imagem da Virgem Senhora sumir da casa de oração e aparecer aos pés de um limoeiro em seu aldeamento. Assim, acontecendo por mais de uma vez, estava configurado o milagre que significava, segundo o Pe. Ponciano, a vontade da Nossa Senhora da Apresentação de que ali fosse erguida uma igreja onde pudesse ser colocada a sua imagem. A notícia correu os quatro cantos, outros tantos devotos passaram a residir na região e então nasceu Limoeiro de Nossa Senhora. Tempos depois, resumia-se em Limoeiro o nome daquele povoado.⁴⁰

Tal qual como Passira, e também outras cidades, muitos eventos acontecem até que aquele povoado viesse a se tornar um município. Desta forma, sem nos aprofundarmos mais nos acontecimentos que relatam a origem de Limoeiro, frisando apenas que a primeira referência que se faz a mesma região é no ano de 1661 e que nesse período seus limites territoriais quase não existiam ou eram determinados pela “coragem de seu capitão-mor”⁴¹, faremos um salto no tempo, para o momento em que se encontra a menção à Passira, ou das terras que deram origem a cidade de Passira. Consta que em 1812, Limoeiro teria recebido os

³⁹ GALVÃO, Sebastião de Vasconcelos. **Dicionário corográfico, histórico e estatístico de Pernambuco**; organização e estudo introdutório Leonardo Dantas Silva; - 2. ed. – Recife: CEPE, 2006, p.361.

⁴⁰ _____. **Dicionário corográfico, histórico e estatístico de Pernambuco**; organização e estudo introdutório Leonardo Dantas Silva; - 2. ed. – Recife: CEPE, 2006, p.362.

⁴¹ “O processo de ocupação espacial de Limoeiro correspondeu aos distintos momentos sócio-econômicos decorrentes da colonização. [...] A História Eclesiástica de Pernambuco cita os padres João Duarte do Sacramento e Manuel dos Santos da Congregação do Oratório de São Filipe Nery ou da Madre de Deus, como fundadores do aldeamento de Limoeiro, que foi dirigido por eles no ano de 1711” Posteriormente o missionário Padre Ponciano Coelho estaria à frente dessa aldeia, que seria uma sesmaria, de acordo com a FUNDAÇÃO DE INFORMAÇÕES PARA O DESENVOLVIMENTO DE PERNAMBUCO – FIDEPE. Limoeiro. Recife, 1981. (Monografias Municipais, 1).

distritos de Pedra Tapada e Malhadinha. Se essa localidade chamada Pedra Tapada for à mesma que teria originado a cidade de Passira, já temos uma versão refutável quanto às origens dessa cidade datar só a partir de 1870, como mencionamos anteriormente por meio de nossas fontes. Evidentemente os primórdios de qualquer povoado que tenha se estabelecido naquela região já poderiam ser mencionados como antepassados da cidade de Passira, mas nos interessa nesse momento traçar uma trajetória que possa ser em grande parte observada por meio de documentação, já que a ciência histórica, conforme Le Goff (2000) reúne documentos e fazem deles seus testemunhos. Limoeiro teria passado então, com a soma desses dois distritos e pela Provisão de 15 de fevereiro de 1812, a Termo de Comarca⁴², porque até então não era considerado um município.

Foi em 06 de abril de 1893, segundo a Constituição Federal e por uma Lei Orgânica dos Municípios nº 52, de agosto de 1892, que Limoeiro finalmente “passou a categoria de cidade, tornando-se município autônomo”.⁴³ Mas, até que chegasse a sua configuração territorial atual, houve muitas mudanças, dentre elas, o desmembramento e emancipação de Passira. Não vamos nos deter a esses movimentos para não correremos o risco de apenas repetirmos informações de outros documentos, sendo o nosso foco a relação de filiação entre Passira e Limoeiro. Nos basta dizer que Limoeiro tanto recebeu quanto perdeu distritos; Pedra Tapada e Malhadinha deixaram de serem sedes distritais, enquanto que Malhada e Cumaru ocuparam os seus lugares. Nesse sentido, Pedra Tapada que teria sido a antecessora de Malhada, parece ter sido só uma localidade próxima, já que é o distrito de Malhada que passa a ser chamado de Passira, em 1943.

Além disso, a Secretaria de Educação, Cultura e Esportes do Município de Passira em seu “documentário” sobre os aspectos históricos e culturais da cidade – citado anteriormente - afirma que “nas redondezas” do que seriam as terras de Malhada, já existia o povoado de Pedra Tapada e também o de São Vicente, e ambos competiam pelo título de Vila, numa disputa que amedrontava suas populações. E, segundo esse mesmo estudo, essa situação “[...] foi o que levou o “Sr. Mariano Vieira de Barros a solicitar do então interventor Federal do Estado de Pernambuco, Dr. Agamenon Magalhães, a intervir na localidade [...]” Assim, o

⁴² “O termo comarca no Brasil é usado para indicar uma região de atuação de determinado juiz ou de juizado de primeira instância. Um estado é dividido em várias comarcas e sua aplicação é basicamente de organização jurídica-administrativa.” Disponível em: < <http://www.educacao.cc/politica/diferencas-entre-comarca-e-municipio-distrito-e-estado/> > Acesso: 11 de março de 2015.

⁴³ Informações da publicação da FUNDAÇÃO DE INFORMAÇÕES PARA O DESENVOLVIMENTO DE PERNAMBUCO – FIDEPE. Limoeiro. Recife, 1981, (Monografias Municipais, 1)

Decreto de 10 de novembro de 1938, determinou que Malhada se tornasse uma Vila, e isso seria “um ponto final nas discórdias dos dois povoados.”

Nesse sentido, Poeta (2007, p. 10) diz, como já mencionamos antes, nos versos de *A Evolução de Passira*, que para Malhada se tornar Vila houveram guerras contra o povoado de Pedra Tapada, e foi preciso um “ato do governo” para que Malhada alcançasse “sucesso”. Entendemos então, que possivelmente foi na emancipação de Passira – antiga Malhada - enquanto cidade, que foi redefinido e legitimado o seu território, abrangendo assim oficialmente a região que teria sido o povoado de Pedra Tapada.

Em 1952 Limoeiro contava com 6 distritos: sede, Passira, Cumaru, Urucuba, Ameixas e Bengalas. O que nos chama atenção é que uma Lei de Organização Municipal de 04 de janeiro de 1949 determinava que todo distrito com mais de 10.000 habitantes, mais de 300 casas de alvenaria, mais de 1000 eleitores e renda de cem mil cruzeiros, deveria ser elevado à categoria de cidade. Cumaru e Passira já haviam preenchido esses requisitos e continuaram como distritos de Limoeiro. Ameixas e Bengalas teriam sido incorporados à Limoeiro justamente porque se sabia que Cumaru e Passira seriam emancipados e para não perder em território esse acréscimo de distritos teria acontecido. Vilaça (1971, p. 28) explica que:

Tanto Cumaru como Malhada [que já era Passira desde 1943] haviam atingido os índices enumerados [para ser elevado à categoria de cidade]. Perigava a integridade territorial de Limoeiro. Havia necessidade de evitar-se um desmembramento. E a solução indicada foi a de mutilar os distritos que já reclamavam justa maioria. A Câmara Municipal votou a Lei 117 de 25 de junho de 1952, criando mais dois distritos para Limoeiro: Ameixas, com metade de Cumaru e Bengalas com a perda territorial de Malhada [Passira]. Veremos que a tranquilidade durou pouco. A fórmula sibilina ruiu em 1964.

Então, 14 anos se passaram – desde a Lei de Organização Municipal de 1949 - até que Passira, e também Cumaru, viesse a ser município autônomo. A “Série Monografias Municipais” da cidade de Limoeiro diz que Bengalas foi anexado à Cumaru e que Ameixas foi anexado à Passira, no entanto, de acordo com Vilaça (1971, p.29) Bengalas foi anexada a Passira e Ameixas a Cumaru. E, pela configuração atual de ambas as cidades, Ameixas é distrito de Cumaru e Passira tem como distrito Bengalas.⁴⁴ Limoeiro ficou então com dois distritos, sua sede e Urucuba, seu crescimento e sua importância, garante Vilaça (1971, p.29), “nada sofreram com a fragmentação do seu território”. Passira, por sua vez e também segundo

⁴⁴ Segundo o IBGE, essa é uma divisão territorial datada de 31 de dezembro de 1968.

o autor, se revelou pronta para ser uma cidade autônoma como lhe fora concedido e o seu desenvolvimento justifica a “promoção recebida em 1964.”

Assim, encerra-se o vínculo de Limoeiro e Passira? Definitivamente não. Há de se relembrar inclusive, a hipótese da prática do bordado manual em Passira ter surgido em Limoeiro, em sua sede, com os trabalhos de freiras franciscanas da Obra Social Santa Isabel – OSSI. Além disso, a mesma “Série Monografias Municipais” de Limoeiro, na qual obtivemos muitas de nossas fontes sobre a cidade, registra que “o artesanato mais frequente no município é o bordado”, seguido da “talha em madeira”. Quanto à propagação do bordado em Limoeiro, aponta-se a como principal responsável a “Cooperativa de Produção Artesanal e Industrial de Limoeiro Ltda.”. Limoeiro aparece então como uma das “Cidades dos bordados”: “Para se falar em bordado manual no Estado, tem que se começar por Limoeiro (a 74 km de Recife). Foi nesta cidade que, em 1951, a OSSI iniciou um trabalho junto à comunidade.”⁴⁵. Portanto, a assistência dessa obra social antecedeu as atividades da Cooperativa de Produção Artesanal e Industrial de Limoeiro Ltda. – COOPARMIL – pois esta só foi constituída oficialmente em 22 de outubro de 1964.

Por tudo isso que fora exposto, ousamos dizer que a população de Passira, enquanto distrito de Limoeiro usufruiu desse trabalho social, do ensinamento do ofício do bordado e o perpetuou entre os seus, de modo que, mesmo após a emancipação do seu território, levou esse legado consigo, fazendo dele posteriormente sua bandeira, seu símbolo de identidade local. Evidentemente esse desenrolar da história é mais complexo e considera outras variantes, então seguiremos adiante com o nosso objetivo que é identificar quais acontecimentos fizeram com que a prática do bordado manual na cidade de Passira viesse a ser o seu patrimônio cultural, de modo que fosse (re) conhecida como a “Terra do Bordado Manual”.

1.2. Terra do Milho.

Não necessariamente a “Terra do Milho”, mas uma cidade que já teve uma produção significativa de milho, feijão e também de algodão. A Secretaria de Educação, Cultura e Esportes de Passira relata que o município “já foi considerado o maior celeiro de milho e feijão da região”. Com uma terra favorável para a agricultura, o impedimento mais forte no desenvolvimento dessa atividade são as condições climáticas que tendem a se alterar com a

⁴⁵ Abordagem sobre o bordado, como artesanato, do Jornal do Comércio, em 5 de março de 1993, numa matéria intitulada “O melhor roteiro do artesanato.”

estiagem. Quanto ao cultivo do algodão, não se restringia às terras de Passira, mas a uma grande parte do agreste setentrional. No entanto, por volta de 1980, a chamada “praga do bicudo”⁴⁶ não só pôs a perder todo o plantio daquele período, como dificultou que se voltasse a produzi-lo e grande parte da população de Passira, segundo o relato da SECM, vivia desse cultivo.

A Lei nº 10.923 estadual de 12 de julho de 1993, previu em Orçamentos Fiscal e de Investimentos das Empresas, para 1994⁴⁷, a reativação da economia algodoeira, “expandindo em 20.000 ha as culturas de algodão no Estado.” A mesma pesquisa da SECM, que relata o declínio da produção do algodão em Passira, também confirma essa intenção, do governo, em 1994, de “reativação da cultura algodoeira”, por outro lado devido a “escassez das chuvas”, o projeto foi “esquecido”.

Quanto ao cultivo do milho, ainda em 1994 dizia-se que Passira possuía o “título de maior produtor de milho do Estado” simultaneamente a posse também da “tradição” do bordado manual.⁴⁸ Um ano depois, uma matéria do jornal Diário de Pernambuco, afirma que o bordado estava disputando com o milho “a categoria de principal produto do município”. O argumento era a rentabilidade de um e outro. Um trabalhador braçal, que trabalhasse no cultivo do milho, ganhava R\$ 4,00 por dia, enquanto uma bordadeira ganhava aproximadamente R\$ 3,00 por cada peça bordada, podendo ser um pano de bandeja que não demandava muito tempo para ser bordado.⁴⁹ Ou seja, uma bordadeira poderia ganhar mais, a depender da agilidade de sua produção, enquanto os trabalhadores no campo recebiam um valor fixo correspondente a sua diária de trabalho.

⁴⁶ O estudo intitulado “Bicudo do Algodoeiro: Identificação, Biologia, Amostragem e Táticas de Controle” nos traz uma definição sobre o assunto: “Uma das pragas diretas que possui um grande potencial causador de injúria à cultura é o bicudo do algodoeiro, *Anthonomus grandis* Boh. (Coleoptera: Curculionidae). Em regiões altamente infestadas por esta praga e onde o controle adequado não é realizado, o inseto pode inviabilizar o cultivo do algodoeiro a longo prazo.” Trata-se de “um besouro de coloração marrom avermelhado a cinza escuro variando sua coloração de acordo com a idade do inseto.” O mesmo estudo, diz que “em Pernambuco, a primeira constatação do inseto deu-se em julho de 1983, no município de Toritama. Acredita-se que estas infestações foram decorrentes da dispersão natural do inseto a partir de áreas infestadas do agreste da Paraíba. Dois anos após, em 1985, o inseto já ocorria em lavouras de todo o Estado.” Disponível em: <<http://ainfo.cnptia.embrapa.br/digital/bitstream/CNPA/18282/1/CIRTEC79.pdf>> Acesso: 19 de março de 2015.

⁴⁷ Disponível em: <

[⁴⁸ Segundo recorte do Jornal Diário de Pernambuco, datado com o ano de 1994, arquivado na Secretária de Educação do Município.](http://legis.alepe.pe.gov.br/arquivoTexto.aspx?tiponorma=1&numero=10923&complemento=0&ano=1993&tipo=> Acesso: 18 de março de 2015</p>
</div>
<div data-bbox=)

⁴⁹ Jornal Diário de Pernambuco, 12 de março de 1995. Recorte arquivado também na Secretária de Educação do Município.

Além disso, mesmo com toda essa fama de ser “o maior produtor de milho do Estado”, o município de Passira aparece em 1990 representando apenas 3% da produção estadual. Por outro lado, nesse mesmo ano, é apontado como o 3º lugar em aumento de produtividade. Mas ainda sim, entre 1990 e 2003, em relação a outros municípios “principais produtores de milho no Estado”, como Brejinho, São José do Egito, Salgueiro, Santa Terezinha e Afogados da Ingazeira, Passira não se equiparou em termos de “evolução” da produtividade do milho.⁵⁰ No entanto, para o município de Passira, o milho se comparado a outros de seus produtos agropecuários, tem maior participação no PIB, ficando à frente dos bovinos e do leite.⁵¹

Mesmo que algumas dessas fontes demonstrem certo declínio do cultivo de milho na região, Passira ainda sustenta esse produto agrícola como um dos seus fortes: está no seu brasão, na sua bandeira, e é motivo de um evento que está no calendário de Feriados Oficiais nas Comarcas de Pernambuco⁵², a “Festa do Milho”. Essa festividade é divulgada pela Prefeitura da Cidade como uma festa tradicional que anima a população anualmente desde 2006, no mês de julho.

No brasão da cidade, conforme Imagem 2, o milho está representado graficamente por meio do desenho de um ramo de pé de milho, “um dos principais produtos cultivados na região.”, de acordo novamente com o site da Prefeitura da Cidade. Essa justificativa talvez se apresente dessa forma, porque do outro lado, quase que espelhado, está desenhado um ramo da planta do algodão, outro produto agrícola importante por ter sido “muito cultivado no passado especialmente na época em que a bandeira foi criada.”⁵³ Acreditamos pelo que já fora mencionado sobre o cultivo do milho “no passado”, que a bandeira e conseqüentemente o seu brasão tenham sido criados entre 1970 e 1980.

⁵⁰ Aspectos Agrosocioeconômicos da Cultura do Milho: Características e Evolução da Cultura no Estado de Pernambuco entre 1990 e 2003 / Manuel Alberto Gutiérrez Cuenca, Cristiano Campos Nazário, Diego Costa Mandarin. - Aracaju : Embrapa Tabuleiros Costeiros, 2006, p.22.

⁵¹ Agencia Estadual de Planejamento e Pesquisas de Pernambuco - CONDEPE/FIDEM. Município: Passira. 2007. Disponível em:

<http://www2.transparencia.pe.gov.br/c/document_library/get_file?p_l_id=98754&folderId=285734&name=DLFE-16148.pdf> Acesso: 13 de agosto de 2015.

⁵² Disponível em:

<<http://www.tjpe.jus.br/documents/10180/148961/Feriados+Oficiais+nas+Comarcas+de+Pernambuco.pdf/6d98ec64-2895-481d-9793-4a5a7c68efbb>> Acesso: 15 de agosto de 2015.

⁵³ Informações que constam no site da Prefeitura sobre a cidade e seus símbolos. Disponível em <<http://www.portalphassira.com.br/a-cidade/simbolos>> Acesso: 15 de agosto de 2015.

Imagem 2 – Brasão do Município de Passira.



Fonte: Arquivo da Prefeitura da Cidade.

Então, apesar das adversidades climáticas que contribuíram para o enfraquecimento da produção do milho, sua figura resiste como um dos elementos de identificação da cidade. Por outro lado, são convincentes os indícios que a notoriedade do bordado suplantou a fama do milho em Passira. E se antes era conhecida como um dos principais municípios produtores do cereal no Estado, depois passou a ser percebida pelo seu potencial de produção de bordado manual, sendo reconhecida como a cidade do bordado ou a terra do bordado manual. Contudo essas produções e suas conseqüentes popularidades não se sucederam, mas coexistiram e coexistem, por exemplo, no mesmo brasão do município, que também traz uma representação gráfica do bordado.

Nesse ponto lembramos sobre a “produção de símbolos para um novo regime” a qual se refere Carvalho (1990, p. 11), sendo o brasão da cidade de Passira um símbolo produzido com o intuito de difundir os valores da cultura do milho, do algodão, da produção do bordado,

entre outros. Essa difusão de valores em nada adiantaria se não houvesse uma predisposição no imaginário da população como concorda Carvalho (1990) e sendo a maioria da população passirense, naquele contexto⁵⁴, envolvida com agricultura e com o bordado, não seria difícil disseminar tais emblemas.

1.3. Terra do Bordado Manual.

Colocadas em questão as evidências pelas quais Passira já foi uma espécie de “Terra do Milho” voltamos à uma de nossas problemáticas fundamentais: Como essa cidade se torna a “Terra do Bordado Manual”? Em que medida esse título interfere no trabalho de suas bordadeiras, na vida cotidiana de sua população e que identidade, ou identidades, projeta dentro e fora de sua região? “Identidades culturais” que surgem do “pertencimento” principalmente a culturas nacionais, de acordo com Hall (2004, p. 8). Pretendemos detalhar essas questões no decorrer de nossa pesquisa. Por ora, tentaremos situar o “começo” dessa popularidade.

“Agulha e linha fazem a fama de Passira”, esse é o título de uma matéria veiculada no Suplemento Cultural da Secretaria de Cultura do Estado de Pernambuco, publicado em 2000. Nela se expõe ainda que Salgadinho, cidade vizinha à Passira, também é produtora de bordado, no entanto, pela proximidade com a “Terra do Bordado Manual” e por sua quantidade inferior de habitantes se comparada a sua vizinha – 7.139 contra 29.132, segundo Censo de 2000 do IBGE – sua “mão de obra especializada” acaba por abastecer a produção de Passira. Portanto, como já mencionamos anteriormente, mesmo não sendo o único município de Pernambuco que produz o bordado manual, a exemplo da própria cidade de Salgadinho e também de Limoeiro, Passira figura como a “principal produtora de artesanato utilitário bordado à mão no Estado”.⁵⁵

Ainda sim, entre ser a “principal produtora de bordado manual” e ser a “Terra do Bordado Manual”, existe um caminho que deve ter sido percorrido, uma sucessão de eventos que, juntos, transformaram essa vocação artesanal em um bem cultural, aquele cujo valor utilitário e econômico tende a ser menos considerado em relação ao seu valor simbólico “enquanto referência a significações da ordem da cultura”, de acordo com Fonseca (2005, p. 42). A exemplo disso, podemos citar um documento da Câmara Municipal de Passira, o

⁵⁴ De acordo com o Censo Agropecuário de PE/1980, o setor da agropecuária em Passira absorvia cerca 94% da mão de obra local, empregando 8.295 pessoas, sendo 5.337 homens e 2.958 mulheres. Dados da Enciclopédia dos Municípios do Interior de Pernambuco. Recife, FIAM/DI, 1986, V.2.

⁵⁵ Segundo o Suplemento Cultural da Secretaria de Cultura do Estado de Pernambuco, publicado em 2000.

requerimento de nº 029/93, onde o vereador Severino Silvestre de Albuquerque solicita “providências no sentido de colocar uma placa na chegada da cidade com os dizeres ‘Passira Terra do Bordado Manual’, ‘Passira acordar suave’ etc.” Na sua justificativa, além de alegar ser uma sinalização para identificar a cidade, ainda consta “Outro importantíssimo, é o valor turístico da nossa terra, tendo alcançado muito sucesso por ser bastante produtiva e de muita cultura.”

Curioso é se pensar nesse requerimento, de 11 de março de 1993, quando já em junho de 1986, a Revista *Direção Empresarial*, do Centro de Desenvolvimento Empresarial de Pernambuco – CEAG publicou em sua edição uma imagem de uma placa com os dizeres “Seja bem vindo a Passira. A Terra do Bordado Manual. Prefeitura Municipal de Passira.” (Ver Fotografia 2) Não é possível, na publicação, saber onde está localizada a placa, no entanto, sabendo-se da sua existência já naquele ano, podemos fazer algumas observações: Em 1986, um pouco antes talvez, já se “vendia” essa imagem sobre a cidade de Passira? O que teria acontecido posteriormente com a mesma placa, para que em 1993, um vereador requeresse que ela fosse colocada na entrada da cidade? Levando em consideração, obviamente, que a placa da imagem ficasse na entrada da cidade.

Fotografia 2 - Placa sinalizando boas vindas à “Terra do Bordado Manual”.



Fonte: Revista *Direção Empresarial*, CEAG, p. 18. Vol. XII nº 124, junho/1986.

Teria havido, por exemplo, uma forte ascensão e certo declínio do bordado como objeto de identificação da cidade? Declínio no sentido de não mais se endossar a vocação artesanal do município, de não mais reconhecê-la como uma prática rentável e também como um símbolo de identidade, como teria sido em determinada época passada. Talvez, esse “declínio”, ou mesmo a “ascensão” do bordado manual tenha se dado por questões de estratégias políticas dos gestores municipais. Nesse sentido, podemos exemplificar por meio dos *slogans* adotados por uma e outra gestão, como observamos na Imagem 3.

E ainda contamos com alguns aspectos da trajetória do ex-prefeito Edelço Gomes que foi o primeiro gestor a incentivar a prática do bordado na cidade. Recém-eleito em 1983, Edelço teve uma influência direta do ex-governador do Estado de Pernambuco, e do então deputado federal Miguel Arraes, que o estimulou a fomentar a atividade do bordado na cidade contando que “em Paris, mulheres como aquelas [de Passira] eram mão de obra para a fabricação de luvas com a aplicação de bordados, vendidas a altos preços, e feitas em casas simples”⁵⁶. Além disso, uma reportagem exibida pela emissora de TV Rede Globo Nordeste, em outubro de 1993, sobre a quantidade significativa de bordadeiras existentes em Passira e a falta de direitos trabalhistas assegurados, teria sido outro disparador para que a gestão pública na época reconhecesse e desse a atenção a essa atividade como vocação artesanal do município.

Imagem 3 – Da esquerda para a direita: Slogan adotado na gestão de 1993; slogan usado na gestão de 2001.



Fonte: Arquivo da Câmara Municipal dos Vereadores de Passira.

Sabemos que o ofício do bordado já era praticado na região, antes mesmo da emancipação de Passira. Que “tudo começou” com a Obra Social Santa Isabel – OSSI - em

⁵⁶ Diário de Pernambuco, 12 de março de 1995.

Limoeiro, no ano de 1951. “A irmã Gabrielle Andasch encontrava pelas ruas da cidade muitas moças sem ocupação e resolveu ensiná-las a bordar. Depois uma foi aprendendo com a outra”.⁵⁷ Outra versão, um tanto romantizada, conta que “há muitos anos atrás já havia as primeiras bordadeiras em Passira”.⁵⁸ Essa perspectiva sustenta que bordar era um “trabalho despercebido”, que as mulheres bordavam para pessoas de fora da cidade, que deixavam com elas “linhas e tecidos para serem trabalhados”. Como o número de bordadeiras não teria sido suficiente para a demanda, essas mesmas pessoas que encomendavam o serviço, passaram a ensinar “gratuitamente a arte de bordar para as jovens da região”.

Ainda outra versão, diz que essa prática “secular” teve sua origem com “as filhas dos senhores de engenho, que habitaram a região durante o período colonial”.⁵⁹ Essa versão reforça ainda que, como atividade comercial, a tarefa de bordar “ganhou impulso” a partir da década de 1980, que teria sido quando as bordadeiras decidiram se organizar. Mas, se pensarmos que em Limoeiro, já em 1964 foi constituída a COOPARMIL, citada por fontes diversas, como jornais e relatos orais, por ter capacitado e gerenciado o trabalho de muitas bordadeiras passirenses, essa versão pode ser questionável. Principalmente quando se refere a organização das bordadeiras só a partir da década de 1980. Quanto a esse questionamento, a própria Madre Gabrielle Andasch, mencionada anteriormente numa das versões de origem da prática do bordado em Passira, foi nomeada secretária da COOPARMIL, em Ata de Assembleia de Constituição da Cooperariva, em 22 de outubro de 1964. Logo, temos não só pontos divergentes, mas também convergentes nessas histórias fundadoras dessa arte no município, que se reconhece como a “Terra do Bordado Manual”.

Admitindo que o bordado tenha ganhado notoriedade então em meados de 1980, porque foi nesse período que aconteceu pela primeira vez a Feira Artesanal de Passira, que pouco tempo depois foi transformada em Feira do Bordado Manual de Passira; houve também um maior incentivo do poder público, municipal e estadual, na divulgação e no fortalecimento desse artesanato, e, sobretudo a população de bordadeiras e pessoas envolvidas na atividade do bordado parece ter se articulado e se agrupado, de forma inédita e representativa.

⁵⁷ Jornal do Comércio. 05 de março de 1993.

⁵⁸ SECM, Secretaria de Educação, Cultura e Esportes do Município de Passira. Passira - história, cultura, vida. Passira, 2000, p. 26.

⁵⁹ Diário Regional, 1995. Arquivo da Secretaria de Educação de Passira-PE.

Como “filha de Limoeiro”⁶⁰, Passira, ou os seus gestores, a partir de 1983, teriam percebido essa vocação e a enfatizado de forma a torná-la até um *slogan* da cidade. Essa ação não se restringe à esfera pública e política. Pode ser que se inicie nesse âmbito, mas “é preciso que se aceite uma convenção” como lembra Fonseca (2005, p.42) e que alguns dos significados atribuídos ao bordado manual, enquanto bem cultural, façam sentido para o restante da população.

Sobre a apropriação da prática do bordado como objeto econômico e cultural, iniciada na década de 1980, partimos de dados a princípio empíricos, mas que tem certa fundamentação nos documentos encontrados na Biblioteca Municipal de Limoeiro, na Secretaria de Educação do Município de Passira, na Câmara Municipal de Passira e no arquivo pessoal de uma das entrevistadas durante a pesquisa. Inclusive na própria fala dessas entrevistadas encontramos referências a alguns fatos que confirmam essa apropriação.

“O bordado em si já era uma atividade corriqueira”⁶¹ na vida de muitas mulheres em Passira. Uma das personagens da História dessa prática na cidade, que além de ter sido bordadeira foi presidente de uma das cooperativas de bordadeiras, D. Severina Maria de Albuquerque Medeiros, mais conhecida por Dia, concorda, em entrevista concedida a essa pesquisa, que foi o bordado quem impulsionou o crescimento de Passira. Esse “novo impulso”⁶² é igualmente atribuído à formação de um grupo de bordadeiras em Candiais, zona rural da cidade. Isso em 1984. Dia confirma que as condições nas quais as mulheres que até então eram agricultoras e “tiravam um tempinho pra bordar” eram precárias, mas com os cursos proporcionados por órgãos do governo e com professores que ensinavam novas técnicas, as artesãs aperfeiçoavam o seu bordado.⁶³ Essas capacitações acontecem quase que simultaneamente a uma intenção de comercializar os bordados acrescentando-lhes sua origem, buscando visibilidade para a cidade e para suas artesãs.

⁶⁰ Como já fora dito, essas são as palavras do ex-prefeito Sr. Edelço Gomes da Silva, em março de 1994, em uma mensagem à Câmara Municipal de Passira sugerindo, por meio de um Projeto de Lei, a participação dos Poderes Executivo e Legislativo no movimento em apoio à Escola Regina Coeli, de Limoeiro, que na época tinha encerrado suas atividades, tinha muitas dívidas a serem pagas e para quitá-las teriam que se desfazer do seu patrimônio. Essa escola foi fundada em 1939, pelas freiras alemãs da Ordem Franciscana; as mesmas que foram responsáveis pela Obra Social Santa Isabel, que por sua vez, fundou a Cooperativa de Produção Artesanal e Industrial de Limoeiro Ltda. E a essa Cooperativa se atribui ainda a disseminação de saber/fazer do bordado manual naquela região.

⁶¹ Revista Direção Empresarial, CEAG-PE, p. 18. Volume XII, nº 124, Junho/1986.

⁶² Palavras do Jornal Diário de Pernambuco, na sessão “Moda e Mulher”. 21 de outubro de 1990. Arquivo da entrevistada Sra. Maria Ignês Costa Santana.

⁶³ ENTREVISTA com Severina Maria de Albuquerque Medeiros (Dia) (concedida a autora). Passira, 15 de setembro de 2014.

Outra de nossas personagens entrevistadas, a Sra. Maria Ignês Costa Santana, ou simplesmente D. Ignês, é uma das figuras principais nessa História. Ela foi diretora do Departamento de Cultura do município entre os anos de 1985 e 1990, aproximadamente. E como tal, ela não só viu muitos acontecimentos de perto, como influenciou ativamente alguns deles. Sobre isso falaremos mais adiante. Na sua fala, Passira só começa a ser divulgada como “Terra do Bordado” depois das primeiras feiras do Bordado Manual, e então se começou a usar esse termo. Considerando que a primeira Feira tenha ocorrido em 1985, somos levados a crer que pouco tempo depois tenha surgido esse *slogan* “Terra do Bordado Manual”.

Assim, quando o bordado se torna em “um item significativo na economia local”⁶⁴, a sua prática e o seu produto são elevados à categoria de objetos identitários da cidade, “com projeção de trabalhos no território brasileiro e estrangeiro”. Dizem⁶⁵ que “apesar de tudo ter começado em Limoeiro, quem ganhou a fama foi Passira” e “o que era só uma ocupação virou fonte de renda”. Portanto, podemos dizer que se antes Passira era a “Terra do milho”, essa fama foi suplantada pelo sucesso do bordado, advindo da sua intensa exposição e comercialização. E ainda que tenha se continuado a cultivar o milho na região, a maior notoriedade da cidade desde esses anos de investimento e divulgação, se deve a produção do bordado manual. Por isso, se antes era reconhecida como a “Terra do Milho”, depois, passou a ser imperativo a referencia à “Terra do Bordado Manual”.

1.4. Qual o bordado dessa Terra?

“Passira é a terra do bordado manual 100% feito à mão desde a década de 60”⁶⁶, e evidentemente não se pode fugir dessa premissa. A questão aqui é delinear qual ou quais os tipos de bordado são feitos por essas mãos passirenses, e não menos importante, de quem são essas mãos, cujo ofício artesanal é consagrado a símbolo de identidade municipal?

Para além da tipologia do bordado, enquanto produto estético, o bordado de Passira parece ser definido mesmo por uma prática pontual, ou como diz Certeau (2008), por uma prática cotidiana, definida como uma “tática” frente à “estratégia” dos mais fortes. Por exemplo: mesmo que a Prefeitura da Cidade, na década de 80, incentivasse a organização das bordadeiras em grupos de cooperativas, alegando que assim seria possível uma melhor

⁶⁴ Novamente uma expressão usada pelo jornal Diário de Pernambuco, 14 de outubro de 1990. Arquivo da entrevistada Sra. Maria Ignês Costa Santana.

⁶⁵ Desta vez, palavras do Jornal do Comércio, 05 de março de 1993. Arquivo da entrevistada Sra. Maria Ignês Costa Santana.

⁶⁶ Expedição Capibaribe, 2007, p.37.

remuneração, bem como uma escoação mais eficiente da produção do bordado, algumas delas não aderiram ao movimento. Outras, até foram associadas algum tempo, mas saíram e traçaram a sua própria trajetória, como é o caso de D. Josefa Francisca Pereira da Silva – D. Nena – que foi associada durante algum tempo, mas depois passou a trabalhar para si própria.

Essas performances operacionais dependem de saberes muito antigos. [...] Essas táticas manifestam igualmente a que ponto a inteligência é indissociável dos combates e dos prazeres cotidianos que articula, ao passo que as estratégias escondem sob cálculos objetivos a sua relação com o poder que os sustenta, guardado pelo lugar próprio ou pela instituição. (CERTEAU, 2008, p. 47)

Então, o bordado de Passira ainda que seja caracterizado como aquela prática cotidiana das mulheres sentadas à calçada, normalmente em grupos, debruçadas sobre o seu linho, sua linha e sua agulha, tem outras nuances a serem destacadas e evidenciadas, corroborando assim sua diversidade e heterogeneidade. Inclusive no que diz respeito a sua configuração estético-formal. Sim, porque novamente o bordado de Passira – a passadeira, o paninho, o pano de prato, o jogo de cama, o enxoval de bebê ⁶⁷ e outras produções – é homogeneizado, vendido ou divulgado como aquele bordado de aparência tradicional, com os mesmos temas, com as mesmas matérias-primas: “o linho, que é a base para o bordado, linha de trança e linha de peça, ou meada”. ⁶⁸

Viana (2003, p.42) descreve brevemente alguns pontos mais recorrentes no bordado Passira que, segundo a autora, são vistos especialmente na Feira do Bordado Manual da cidade: “A Feira é realizada anualmente, ocasião em que a cidade fica tomada pelo colorido das linhas que através do ponto de sombra, macramê, crivo, entre outros, exibem um resultado surpreendente às peças confeccionadas [...]”. Então, nos perguntamos quais são esses “entre outros” pontos executados, e porque os outros citados são representativos desse bordado manual praticado na cidade?

“Basicamente”, diz Silva (1997, p. 73), o bordado de Passira “é executado utilizando-se os pontos: cheio, matiz, atrás, corrente, crivo e matame sobre o linho nacional das marcas Teba, Carambei e Cianê”. ⁶⁹ Como a autora mesmo diz, esses são os pontos mais básicos, e a

⁶⁷ A produção de enxoval para bebês é um segmento tradicional dentro do mercado de bordado manual em Passira. Citado frequentemente em várias reportagens sobre o artesanato produzido na cidade, em 2000, segundo levantamento do SEBRAE, da série “Artesão e Artesanato”, foi mencionado como um dos produtos bordados e manufaturados mais vendidos.

⁶⁸ Jornal Diário de Pernambuco, 2003.

⁶⁹ Marcas distintas de tecidos confeccionados com a fibra do linho, ou, com a mistura dessa fibra com outras naturais e também sintéticas, como é o caso da Indústria Têxtil Carambei, fabricante do “linho carambei”. Essa indústria trabalha com a combinação do linho e do rami, outra fibra natural com propriedades semelhantes ao

matéria-prima mais tradicional, o que não significa que o bordado executado em Passira esteja restrito a essas configurações. Mas, por outro lado, esses são os formatos mais difundidos como identificadores do bordado feito na região. Como diz D. Nena, “é o bordado cheio, o crivo, o matame”, se você vê um bordado no crivo, no matame, “todo mundo sabe que é daqui”, de Passira.

Tecido e linha são a matéria-prima. A agulha, o instrumento. Ponto cheio e ponto atrás são os mais usados na execução de bordados com motivos florais, normalmente encontrados nas peças de cama, mesa, banho e vestuário das cidades pernambucanas de Passira, Salgadinho, Pesqueira e Poção. Ilhós é o ponto do miolo das flores, deixando o tecido vazado. Caseado é ponto com que é feito o matame ou perfilado nas bordas do tecido. O crivo é a parte em que o tecido é desfiado, à semelhança de uma tela, para ornamentar o bordado.⁷⁰

Diante dessa descrição e do reforço do depoimento de D. Nena, apresentamos na fotografia abaixo o tradicional bordado de Passira, caracterizado pela reprodução desses pontos e desses desenhos:

Fotografia 3 – Os pontos mais recorrentes no bordado produzido em Passira.



Fonte: SILVA, 2014, p. 15

linho. O linho “Teba” era fabricado pela Indústria de Tecidos Barbero – Sorocaba-SP – que pertencia ao grupo Braspérola, “maior produtor de linho” na década de 1990. Já o tecido linho “cianê” era fabricado pela Companhia Nacional de Estamparia.

⁷⁰ Revista Artesanato de Pernambuco – Fenearte Edição Especial 2002 – (seção) Bordado de Agulha – P. 66

Silva (1997, p. 26) explica que “pela forma associativa como se organiza essa atividade, seja na unidade família onde se processa a reprodução das forças produtivas, seja em outras formas de agrupamentos como a cooperativa”, esse padrão encontrado no bordado feito em Passira – de flores, folhas, de curvas em geral, como se pode ver na Fotografia 4 – “é apropriado e acaba por uniformizar a produção, o que por vezes dificulta e confunde a criação individual de um, com a de outros membros do mesmo grupo, passando a ser de domínio público”. No caso, de domínio público de Passira. No tocante a uma tradição genuína do bordado em Passira, pode-se dizer, ainda de acordo com a autora, que esse padrão se manifesta na repetição de motivos e técnicas “emprestadas de outras tradições”. A esse respeito falaremos mais detalhadamente no tópico um do capítulo dois.

Fotografia 4 – Mostruário de panos de prato. Loja de D. Ester.



Fonte: Arquivo da autora.

No entanto, com o passar dos anos e com a mudança de comportamento, inclusive do público que consome esse tipo de artesanato, as adaptações se impuseram também como forma de permanência no mercado. D. Lúcia nos conta que até mesmo para atrair os mais jovens para o aprendizado do bordado foi e é preciso reinventar a forma de se ensinar a bordar, customizando peças antigas, como calças jeans, criando novas peças com a presença do bordado.

D. Nena também faz o seu relato sobre o que tem sido feito, para se permanecer no mercado sem se deixar de bordar, e eis a grande questão: talvez o ato em si – de bordar – seja o que de mais característico exista na cidade de Passira para endossar a sua fama como “Terra do Bordado Manual”.

O pessoal não quer mais o linho, porque o linho tem que lavar, botar na goma, passar, aquela dificuldade, ninguém quer mais passar. E esse aqui [Oxford] lavou, passou um ferrinho, tá pronto. Pra bordar nesse tecido aqui [Oxford] não é bom, o linho é melhor. A gente faz [o linho misto] porque não quer perder a essência, mas bom mesmo no bordado é, não tem mais aquele linho carambeí, aquele linho bom, não tem mais; a linha, pra você não perder a peça, você tem que lavar a linha antes de bordar, principalmente a linha vermelha, porque se você não lavar ela mancha e você perde a peça e antigamente não tinha isso não. Antigamente a linha era boa, o linho era de qualidade, vai se perdendo né? Aí você tem que ter esse jeito de você lavar a linha pra poder bordar. Não é fácil, mas é gratificante. Vale a pena.⁷¹

Portanto, por mais clássicas que sejam determinadas formas e matérias-primas, existem outros modos de se conceber o bordado nessa terra famosa por sua arte manual. Temos os exemplos do ponto vagonite ou bordado iugoslavo e do ponto espinha de peixe, que são menos recorrentes, mas que são vistos em um e outro lugar da cidade, quebrando o paradigma de que o bordado de Passira só pode ser feito nos pontos cheio, matame e crivo. (Ver Fotografias 5 e 6).

⁷¹ ENTREVISTA com Josefa Francisca Pereira da Silva (concedida a autora). Passira, 14 de setembro de 2015.

Fotografia 5 – Bordado Vagonite. Estande “Gigi Artesanato” na 28ª Feira do Bordado Manual.



Fonte: Arquivo da Autora.

Fotografia 6 – Detalhe de uma capa de almofada bordada por D. Ignês.



Fonte: Arquivo da Autora.

Mas, se é a prática cotidiana propriamente dita que define esse elemento de identificação na cidade de Passira, é necessário que se observe para além da configuração estética do produto, e se pergunte: onde se borda? Como se borda? E quem são as personagens desse bordado?

1.4.1. Onde se borda.

“Isoladas ou em grupos, as mulheres e crianças produzem as peças nas calçadas, dentro de casa ou nos sítios, onde existem algumas associações organizadas”.⁷² Normalmente é assim que se descreve, ou se pensa, o lugar onde as bordadeiras de Passira fazem o seu bordado. Nada mais surpreendente já que temos um ofício que a princípio se passa de mãe pra filha, de geração pra geração. E esse lugar ou esses lugares onde se borda explica também o estabelecimento de um padrão formal e de uma identidade para os bordados passirenses. Lody (2013, p. 10-11) explica que “a experiência pela imitação é fundamental” e que:

⁷² Jornal Diário de Pernambuco, 1995.

No âmbito do artesanato tradicional e popular, esse repasse de saber, de conhecimento, é um importante momento para a continuidade do ofício, aqui também valorizado enquanto repasse de identidade, de pertencimento a uma família, uma comunidade, uma região.

Além disso, as falas das nossas entrevistadas coincidem com as imagens as quais tivemos acesso durante a pesquisa. Sempre em âmbito doméstico, até quando associadas de associações/cooperativas, a maioria das bordadeiras bordam em suas casas, dividindo seu tempo entre os afazeres domésticos e a execução do bordado; existem aquelas que, trabalhando para si mesmas, donas de seus estabelecimentos comerciais, dividem seu tempo entre as vendas e o bordado; e existem aquelas que, bordando para terceiros ou para si mesmas, conciliando com outras atividades ou não, bordam nos terraços, nas calçadas, a céu aberto, onde a luz do dia ilumina melhor que qualquer outra e se consegue bordar sem forçar tanto a vista.

Fotografia 7 – Borda-se nas calçadas.



Fonte: Jornal do Comércio, 1993.

Fotografia 8 – “Trabalho em casa” em família.



Fonte: Jornal do Comércio, 1994.

Borda-se ainda em concursos. Em Passira desde 1993, o governo municipal lançou o 1º Concurso da Melhor Bordadeira, uma ação que vem sendo repetida nas edições das Feiras do Bordado Manual. Nessa situação, o grupo de bordadeiras inscritas borda em um espaço organizado pelo evento e visível ao público, uma espécie de vitrine do que se faz na cidade em termos de bordado. Quando lançado pela primeira vez naquele ano, o júri era composto por alguns distribuidores de bordado do município, e julga não a rapidez com que a bordadeira bordasse sua peça, mas “a beleza do ponto de cada categoria no direito e no avesso”⁷³; as categorias eram os tradicionais pontos bordados na cidade: I – Crivo; II – Bainha de Blusas; III – Matame; IV – Matiz, sombra e ponto cheio; V – Meio ponto.

Ainda assim, com o estímulo dado a produção desses pontos mais característicos feitos na região, na intenção de “resgatar o bordado que estaria sendo alvo de uma fuga do padrão

⁷³ Documento da Prefeitura Municipal de Passira. Departamento de Cultura, Turismo e Esportes.

do bordado manual”⁷⁴, nós entendemos que a aparência final do bordado é o que menos define o bordado produzido em Passira. A prática, o costume de se bordar em grupo, nas calçadas; o ato mesmo de se bordar, conciliando com outras atividades, persistindo no exercício de uma arte associada ao passado. Então, como se borda nas terras de Passira?

1.4.2. Como se borda.

“A agulha é o único instrumento usado para bordar, embora não exista o bordado sem o fio e o tecido.” diz Silva (1997, p. 66). Em Passira essa premissa é verdadeira uma vez que mesmo que se mudem os tecidos e as linhas, ou os fios, a agulha não muda. A exceção são as diferentes espessuras e tamanhos que variam de acordo com a linha a ser usada e a habilidade de cada bordadeira. A tia de D. Lúcia, por exemplo, quando “não conseguia mais ver”, “foi fazer tapete porque não conseguia mais trabalhar com agulha fina”.

Outro instrumento comumente usado para bordar – principalmente como símbolo da atividade – é o bastidor, ou arcos de madeira, que encaixam um no outro esticando o tecido que está dentro desse encaixe. No entanto, em Passira borda-se sem o auxílio desse instrumento. Talvez, uma ou outra artesã utilize, mas, dentro do que se pratica e se vê habitualmente na cidade, o bastidor é uma raridade.

Imagem 4 - Fotografias usadas para divulgação das Feiras do Bordado Manual. Borda-se sem o bastidor.



Fonte: Arquivo da entrevistada Sra. Maria Ignês Costa Santana.

A linha usada, em um passado áureo, era a “linha de seda”, a linha da marca “ciclo”, da marca “corrente”⁷⁵. Atualmente se borda com uma “linha de peça”, “grosseira”, porque a “linha corrente encareceu muito”. E “não é a mesma qualidade. Mas ninguém deixa de

⁷⁴ ENTREVISTA com Maria Aparecida Laurentino da Silva (concedida a autora). Passira, 23 de novembro de 2014.

⁷⁵ ENTREVISTA com Severina Maria de Albuquerque Medeiros (Dia) (concedida a autora). Passira, 15 de setembro de 2014.

vender; não deixou de vender e continua produzindo.”⁷⁶ Mas, “para executar o bordado, é preciso primeiramente traçar o risco o risco ou o padrão do desenho sobre a superfície a ser trabalhada”⁷⁷ E assim também acontece em Passira. Percebemos que grande parte das bordadeiras não faz o risco, especialmente aquelas que trabalham para terceiros, pois quase sempre recebem o tecido riscado e a linha, cabendo-lhes apenas bordar as peças. Outras, por sua vez, executam também essa etapa do trabalho, e a inspiração pode vir até de um desenho de papel de presente, conta D. Lúcia. Para transferir o desenho e riscar o tecido, usa-se papel vegetal e anil.

E mais uma vez, confirmamos que para além da escolha das linhas, do tecido e do desenho, em Passira borda-se e ponto. Aliás, bordam-se “os pontos”. Os pontos mais tradicionais, os de “origem portuguesa”, outros com “influência direta dos franceses, ingleses e mais recentemente dos bordados alemães”⁷⁸. Borda-se muito e constantemente. E cabem experimentações as também. O tão característico ponto crivo do bordado passirense é fruto dessa experimentação:

Após o ponto cortado, as experimentações dos artesãos continuaram e criaram o que foi chamado pelos italianos de *fili tirani*, e pelos franceses de *fils tires*, ou fios puxados. Esse processo consistia em retirar do tecido alguns fios, conservando apenas os necessários para estruturar e interligar os pontos e os motivos bordados. Esta técnica específica do desfiado deu origem a um tipo especial de renda, conhecida no Brasil como crivo ou *labirinto*. A esse bordado cortado e agora feito sobre tecidos propositalmente desfiados, os artesãos acrescentaram pequenas barras serrilhadas ao seu redor, para dar-lhe acabamento lateral e mais sustentação. Sem o fundo de tecido e com a barra ao redor o bordado já poderia ser considerado, praticamente, uma peça de renda.⁷⁹

O que chama a atenção são os modos como as mulheres bordam, o seu comprometimento. Ainda que outras atividades tomem boa parte do seu tempo, elas não deixam de bordar, como D. Lúcia que “estudava, sempre trabalhava fora”, mas “sempre arranjava um tempo de fazer um bordado porque gostava”. Depois de aposentada, passou a se dedicar exclusivamente ao bordado.

Situação parecida viveu D. Nena:

Eu com 12 anos de idade, eu já pagava o aluguel da casa da minha mãe. Porque ela ficou viúva e aí ela bordava e eu com 8 anos eu já fui aprendendo a bordar com ela, e aos 12 anos eu já assumia a responsabilidade de casa com o bordado e assim eu

⁷⁶ ENTREVISTA com Aldegunda Medeiros Duarte. (concedida a autora). Passira, 26 de setembro de 2014.

⁷⁷ SILVA, 1997, p. 67.

⁷⁸ SILVA, 1997, p. 76.

⁷⁹ Estudo de Mercado de “Bordados e rendas para cama, mesa e banho” – SEBRAE – 2008.

continuei né? Depois eu me afastei um pouquinho por conta da sala de aula, mas nunca deixava de fazer minhas coisas em casa. E depois deu pra conciliar a escola e continuar com o bordado. Me aposentei e continuei. Agora eu ativei 100% o meu bordado que já vinha desde criança.⁸⁰

Em suma, podemos dizer que o que define, na medida do possível, o bordado em Passira, é todo esse processo artesanal, manual mesmo. Em outros lugares “as pessoas usam a tecnologia”, diz D. Lúcia referindo-se ao uso de máquinas e outros aparatos tecnológicos, mas na cidade de Passira, “a gente é manual” mesmo – ela completa. Portanto, nos resta indagar quem são essas pessoas cujo “fazer à mão” é motivo de orgulho, é forma de sobrevivência, é estratégia dos mais “fortes”, e tática dos mais “fracos”, segundo Certeau (2008, p. 100-101).

⁸⁰ ENTREVISTA com Josefa Francisca Pereira da Silva (concedida a autora). Passira, 14 de setembro de 2015.

1.4.3. As personagens desse bordado.

Fotografia 9 – As principais personagens do bordado em Passira.

DIÁRIO DE PERNAMBUCO

DIÁRIO RURAL

Recife, sexta-feira, 30 de março de 1990 - P.3

MULHERES RENDEIRAS

As virtuosas de Passira

No interior de Pernambuco, uma colméia de artesãs revive os tempos áureos da Idade Moderna, quando a renda era uma das principais fontes lucrativas de alguns países europeus.

Risonete Malveira

No século VII a.C., o poeta grego Homero, em sua obra "A Odisseia", consagrou a virtude e a lealdade feminina na personagem Penélope, que durante dez anos, entregue à arte de tecer, aguardou a volta de seu marido Ulisses, rei de Itaca, tido como morto na guerra contra Troia. Para iludir seus pretendentes, Penélope prometeu casar com um deles quando acabasse o seu trabalho manual, mas à noite desmanchava o pedaço que tecera no decorrer do dia. Após incríveis aventuras, Ulisses retorna ao lar e, disfarçado de mendigo, observa os pretendentes de sua mulher, matando-os, impiedosamente.

Hoje, as Penélopes se constituem uma raridade, porém a arte de bordar, tecer ou rendar — terminologias que reúnem quase o mesmo significado — ainda representa o símbolo da paciência e feminilidade, além de ser um privilégio de poucas regiões, o que se atribui ao advento da Revolução Industrial e à emancipação feminina.

No Nordeste, contudo, particularmente nos Estados do Rio Grande do Norte, Ceará e Pernambuco, existe um grande número de mulheres envolvidas no trabalho de transformar tecidos e linhas em peças de arte, algumas tão perfeitas que mais caberiam em um museu, como um legado à posteridade. O Museu de Antropologia da Universidade do Ceará, por exemplo, conserva importante coleção de rendas de bilro que, pela sua complexidade e beleza, surpreenderia até as mais refinadas precursoras flamengas.

Paradoxalmente, porém, as mãos destas humildes artesãs, na maioria caledadas no exercício de outras atividades, transformam-se em mãos de fada na execução da tarefa artesanal, muito prestigiada no Brasil e no Exterior, principalmente na Europa, berço contemporâneo dos trabalhos manuais. Benditas sejam, portanto, estas mãos que procuram construir o belo e o bem, cujos frutos atravessam as divisas verde-amarela e encantam o mundo.

A TERRA DO BORDADO

Entre as cidades de Pernambuco, que se destacam no manuseio de linhas e agulhas, encontra-se Passira, a 48 quilômetros do Recife, já notabilizada a nível nacional, com clientela certa no mercado externo, por meio de empresas pernambucanas exploradoras do ramo. Para esta região de singular folclore, convergem comerciantes, atravessadores e

consumidores de quase todo o País, em busca do produto final de mais de cinco mil artesãs, de oito a oitenta anos de idade, das quais 70% se concentram na zona rural. Em meio ao trabalho da lavoura e à vida doméstica, está o artesanato, que representa um apoio à renda familiar e, em alguns casos, a própria subsistência.

O início da história deste ofício não se conhece, sabe-se, apenas, que remonta de longa data, quando Passira ainda era distrito de Limoeiro que, por sua vez, sofreu a influência artesanal de freiras alemãs. Mas os que os habitantes conhecem de cor é o misterioso fenômeno da Serra da Passira, 17 km de reserva natural, com 800 metros de altitude. Contam que, no seu topo, existe um diversifi-

cado pomar, com frutas grandes, bonitas e saborosas, disponíveis para quem queira alcançá-las. No entanto, se tentarem levá-las, elas somem durante a descida. Para alguns, isto é obra de um bom espírito.

Casa da Cultura são de Passira e a Comib dispõe, nessa galeria, de um boxe próprio para escoar seus produtos. As artesãs ligadas à cooperativa, sob a presidência de Severina Maria de Almeida, retiram, mensalmente, cerca de Cr\$ 1.000,00 e participam de feiras e exposições artesanais dentro e fora do Estado. O atual prefeito, Antônio Laurentino, dá continuidade a obra do antecessor.

Entretanto, apesar da cooperativa representar o cartão postal deste município, pobre em urbanização, o número de associadas não atinge nem 10% das artesãs, que somam quase 1/5 da população. Por motivo que ignoramos, elas preferem trabalhar isoladamente ou se ligar a outras empreitadas, lideradas por pessoas que podem "bancar" a produção. A professora primária Fátima Moreira, como tantas outras, tem em sua casa 30 artesãs com salário mensal. Ela afirma que não dá conta das encomendas que vão para outros Estados.

A "febre do bordado", estimulada talvez pela taxa de desemprego ou pela crise financeira, levou alguns homens da cidade a aderirem ao ofício, num fato inédito em toda história. A presença masculina no manuseio de rendas e bordados, no decorrer dos séculos, sempre se fez presente na feitura de desenhos e na parte administrativa, cabendo exclusivamente à mulher a execução. Vários livros de desenhos de autores masculinos, impressos no final do século XVI, tiveram

sucessivas edições até os nossos dias, como a "Cores dos Nomes", "Virtuosas Senhoras" e "Alegria das Cores".

PRIMOROSOS TRABALHOS

Uma autêntica representante da "Terra do Bordado Manual", como indica a placa da prefeitura, é Josefa Maria Maia da Silva, uma pesquisadora de 60 anos de idade, com 20 de profissão. No tempo que a mãe era viva, ela produzia rendas de bilro, mas hoje se limita a renascença e pontos de crivo, matiz, soroba e cheio. Ganhando um concurso de renda, foi capa de revista, e mostra orgulhosa uma belíssima colcha de renascença que levará uns três meses para concluir. Contudo, que ainda não sabe avaliar o preço dessa peça, mas cobra por uma toalha de banquete, bordada em matiz e cheio durante 20 dias, Cr\$ 1.500,00.

Viúva com sete filhos, o artesanato para dona Dada, como é conhecida, é o único meio de sobrevivência, uma vez que não recebe pensão do marido, e os filhos não lhe podem dispensar grande ajuda. Ela trabalha por conta própria e não tem idéias dos preços de suas produções em outras praças, nem tampouco guarda as mais aprimoradas peças como lembrança. Contudo, está feliz e tranquila com suas realizações, esperando pelo reconhecimento.

Segundo ela, para um trabalho perfeito, gastam-se meses na confecção de um jogo completo de cama e mesa em renascença, que muitas vezes é feita, gratuitamente, para o enxoval de uma pessoa querida da família. Ratificando suas palavras, a história registra que a guarnição de cama rendada, encomendada por Napoleão para Josefina, demorou tanto para ser concluída que, quando pronta, tiveram de trocar as iniciais da primeira impetriz pelas da mulher do segundo casamento, Maria Luíza de Habsburgo. Na queda do imperador, em 1814, as peças foram vendidas por 40 mil francos.

Outra conhecida artesã de Passira, vizinha e companheira de entretenimento de dona Dada, é Porcina Soledade da Silva, com 64 anos de idade, viúva e mãe de dois filhos. Felizmente, porém, ela é mais privilegiada financeiramente, pois, além da pensão do marido, tem o trabalho da casa familiar, o que lhe permite bordar apenas como complemento à renda familiar e por distração, porque, segundo ela, é a melhor terapia para o sistema nervoso.

Terapia ou fonte de renda, o importante é que estas mulheres ocupam o tempo ocioso com realizações úteis, contribuindo, também, para o desenvolvimento da cidade. Elas são, quem sabe, o início de um polo turístico, onde os visitantes, agora as rendas e bordados, poderão tentar descobrir o mistério dos frutos proibidos da Serra da Passira, que em tupi-guarani significa "O acordar suave".



O bate-papo na calçada complementa o trabalho de dona Dada e dona Porcina



Algumas bordadeiras da Comib

Fonte: Diário Rural, 30 de Março de 1990. Arquivo da entrevistada Maria Ignês Costa Santana.

“As virtuosas de Passira”⁸¹, (Ver Fotografia 9) assim são definidas as bordadeiras de Passira, as personagens principais dessa história de dedicação, resiliência, sobrevivência, empreendedorismo. Evidentemente outras personagens fazem parte dessa história, afinal, em um paralelo com o próprio fazer do bordado, existe uma pequena cadeia de produção e consequentemente outros envolvidos além da bordadeira: quem desenha, quem risca, quem lava, quem passa, quem faz os acabamentos.

A própria bordadeira não poderia ser homogeneizada, e ao se falar em “bordadeiras” deve-se pensar na infinidade de profissionais, estilos e práticas de bordado que existem na região. Deve-se pensar inclusive nos homens que também bordam. (Ver Fotografia 10). Eles também são figuras importantes nesse cenário. “Os moradores são unânimes em declarar que ‘quase todo mundo borda’ na cidade” e que “até mesmo alguns homens usam agulha e linha escondidos”.⁸² Esses bordadores já não constituem raridade tão pouco se mantêm as escondidas como no passado.

Fotografia 10 – Outras personagens do bordado: os bordadores.



Fonte: Diário de Pernambuco, 12 de março de 1995.

⁸¹ Diário Rural, 30 de Março de 1990. Arquivo da entrevistada Maria Ignês Costa Santana.

⁸² Diário de Pernambuco, 12 de março de 1995.

Da mesma forma, existem aqueles que não participaram diretamente da atividade do bordado, mas que foram decisivos para a sua divulgação e promoção como vocação artesanal do município: poetas da terra, atravessadores, revendedores, gestores e funcionários públicos, consumidores, e tantos outros.

Mas, se estamos falando de uma história mais geral, cuja perspectiva é dos acontecimentos mais latentes, que fizeram com que Passira pudesse ser conhecida pelo legado do bordado manual, pontuaremos alguns nomes no decorrer desse trabalho, já nos desculpando por “deixar de fora” outros tantos nomes, tão importantes quanto os que iremos mencionar. Optamos então por evidenciar mais o papel das bordadeiras, deixando um capítulo específico para isso, porque acreditamos que sem elas essa história não se escreveria. Porém, antes de alcançarmos essa etapa da pesquisa, falaremos do ofício em si, o bordar.

Capítulo 2. Bordar, um verbo transitivo.

Quando começamos a pensar na investigação histórica da prática do bordado na cidade de Passira, diante de várias manifestações de desconhecimento ou confusão em relação a essa atividade, sentimos a necessidade de, não apenas situá-la em algum contexto sócio-histórico, mas, principalmente de explicá-la em sua essência. Ana Augusta Rocha, no livro “Bordar a vida: histórias dos trabalhos das mulheres da ACTC”⁸³, nos parece fazer isso de forma mais precisa e completa possível, como o que ela chama de “polifonia de sentidos”. São os vários sentidos que essa palavra pode suscitar e significar. Primeiro não por uma questão de hierarquia, mas pela sequência em que a autora explica, o bordar há muito tempo está associado a representação do feminino. A esse respeito, Vieira (1999, p. 14) diz que “o trabalho da agulha sempre ocupou o sexo feminino nos quatro cantos do mundo”.

Segundo a tradição o berço do bordado situa-se no Oriente, Médio Oriente e Rússia. [...] Em 1964 o achado arqueológico de um caçador do “Cro-Magnon”, datado de cerca de 30.000 AC revelou-nos o primeiro registo fossilizado de um pano bordado com pontos à mão. Todavia, o primeiro bordado que se preserva em pano é chinês e data de 3500 AC. A China foi um dos espaços de afirmação da arte de bordar, que remonta à dinastia *Shang* (1766-1122 AC.) [...] No Mediterrâneo a divulgação do bordado esteve a cargo dos assírios, egípcios, gregos e romanos. Os Gregos consideravam o bordado invenção da deusa Minerva. [...] O Cristianismo, por força da necessidade dos trajes de culto bordados a ouro, defendeu e divulgou a arte de bordar em todo o mundo sob a sua influência. Roma, como sede do papado, transformou-se a partir do século XVI num dos mais importantes centros do trabalho da agulha, por força da exigência das vestes de cerimônia do papa e cardeais. O Cristianismo encarregou-se de divulgar esta arte em todo o lado e os conventos femininos foram centros de relevo no incentivo da tradição de bordar. (VIEIRA, 1999, p. 15)

Mesmo associado às mulheres, o bordado de forma alguma está restrito a elas. Ainda que não exista “formalmente” a palavra “bordadeiro” que, por dedução, seria o substantivo feminino de bordadeira, trata-se de um neologismo como revela Brito (2010, p. 216), isso não é impeditivo para que os homens também bordem. Pelo contrário, de acordo com Durand (2006, p. 04), “o desempenho profissional dessa atividade” durante muito tempo era uma particularidade masculina. Ou seja, apenas os homens eram reconhecidos como profissionais

⁸³ A Associação de Assistência à Criança e ao Adolescente Cardíacos e aos Transplantados do Coração (ACTC), como uma organização de atendimento à crianças e adolescentes com doenças cardíacas, desenvolve, entre outros projetos, atividades que utilizam o bordado como “meio de reflexão e expressão”. E então surge essa obra que retrata as experiências de aprendizagem e produção do bordado, do projeto “Maria Maria” que, após um amadurecimento e necessidade de gerar trabalho e renda, se transformou em “Artesanato Maria Maria”, uma parceria da ACTC e das mães que bordam – mães das crianças e adolescentes assistidos pela instituição.

do bordado, os bordadores, enquanto às mulheres estava reservado o bordado doméstico, feito em casa para a casa, nos enxovais, por exemplo.

“[...] é possível dizer que, no início da época moderna, o bordar visível, público, espectacular, ostentatório, caro (não só em termos de mão de obra, mas também em razão do uso de materiais raros como os fios de ouro ou de seda), noutras palavras simbólica e economicamente muito valorizado, era produzido por homens e destinava-se à decoração das vestes das elites sociais e religiosas ou de acessórios têxteis usados em cerimónias políticas ou litúrgicas.” (DURAND, 2006, p. 04)

Corroborando esse reconhecimento dos homens como profissionais do bordado em espaços-tempos diferentes, mencionamos ainda a “Calle de Bordadores”, uma rua da cidade de Madri, na Espanha, que pertence a uma espécie de grupo de ruas, cujos nomes são referentes a ofícios artesanais. Por volta do século XV, Madri era uma Vila de vocação agrícola, suas ruas não tinham nomes definidos, salvo quando se colocava o nome de uma igreja ou de outra edificação de prestígio; à medida que os trabalhos relacionados ao campo, em razão do desenvolvimento da Vila, iam perdendo espaço para os trabalhos artesanais e de comércio, a quantidade de ateliês instalados nas ruas deu origem então aos nomes de muitas delas. A rua dos bordadores, como o próprio nome indica, homenageia os bordadores e rendeiras que ali se instalaram.⁸⁴ (Ver Imagem 5).

⁸⁴ Disponível em: <<http://cosasdelosmadriles.blogspot.com.br/2014/12/los-nombres-de-las-calles-del-madrid.html>> Acesso: 09 de setembro de 2015.

Imagem 5 - Placa da Rua dos Bordadores no Centro de Madri, na Espanha.



Fonte: Wikimedia Commons.⁸⁵

Mas, retomando a discussão em torno da definição do bordar e/ou do bordado, voltemos a Rocha (2012, p. 20) que se questiona “De que matéria é feito, afinal, o bordado?” Dentro de sua “polifonia de sentidos” o bordado, traz as noções de “bordão, borda e bordo”. Sendo “bordão” é repetição – por isso, se tornaria uma tradição? O “bordão” é ainda um bastão, uma bengala, um cajado, aquilo que garante “sustentação” de uma atividade, de um grupo. Como “borda” é aquilo que delimita, mas também possibilita novas configurações, seja na criação do bordado ou no lugar social que a bordadeira ocupa. Admitindo a noção de “bordo”, chegamos à função de guarnecer, proteger algo, sendo o bordado, muitas vezes, guarita, abrigo de quem o pratica. Portanto, Rocha (2012, p. 21) sugere:

⁸⁵ Disponível em: <[https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Calle_de_Bordadores_\(Madrid\).jpg](https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Calle_de_Bordadores_(Madrid).jpg)> Acesso: 09 de setembro de 2015.

Em vez de excluir, sugiro que façamos uma soma, no sentido de acumular essa espiral de definições. A atividade de bordar tem, sim, a ver com o gênero feminino, e como ele, a despeito de se apresentar como ‘delicada’, acidental e acessória, cumpre, no mais das vezes, função oposta: é bastião e cajado; mastro; dá rumo; condiciona; repete-se em função da necessidade que acaba por impor; demarca fronteiras em locais litigiosos. Isso tudo tem sem deixar de cumprir a função primordial: hospedar e dar lugar – real e imaginário – a quem necessita.

O bordar empiricamente também pode ser visto um ato de meditação: “permite que de alguma maneira desautorizemos, ainda que por instantes, a tormenta de pensamentos que toma o cotidiano [...] a atenção profunda que ele pede se transforma quase em meditação.” (KFOURI, 2009, apud ROCHA, 2012, p. 61-63). Na mesma linha de raciocínio, como uma atividade relaxante, bordar, para muitas mulheres bordadeiras, acaba sendo uma “terapia”.⁸⁶ Umas das bordadeiras depoentes em Brito (2010, p. 85) confirma “Não há como se bordar se não conseguir manter o espírito calmo.” E, “ao mesmo tempo o ato de bordar deixa de ser uma forma de lazer para se transformar numa atividade de subsistência, por vezes, exercida a tempo inteiro”. (Vieira, 1999, p.11). O “bordar” ainda pode ser um “negócio, um ato de empreendedorismo”.⁸⁷ É igualmente um “saber-fazer”, argumenta Brito (2010, p.77), “que pode ser considerado como um sistema de produção de conhecimento”, mas que muitas vezes não é valorizado como tal pela construção social e histórica de uma “hierarquia e desigualdades entre os sexos”, como lembra Stimamiglio (2010, p. 25), “deslegitimando” o que fosse produzido pelas mulheres, inclusive os saberes e fazeres que lhe fossem atribuídos, como o bordado.

Em outra perspectiva, bordar se aproxima de verbos como pintar, esculpir, e outros, se constituindo então em atividade artística, e o bordado, como diz Vieira (1999, p. 81) “pode muito bem ser entendido como uma obra de arte”, e é. Em seu estudo sobre as “Bordadeiras do Morro de São Bento”⁸⁸, Kodja (2008, p. 126) diz que elas - as bordadeiras - bordam e o “seu produto é arte”. Inclusive, o que as mantém bordando muitas vezes nem é o retorno financeiro e sim o “compromisso com a sua arte” e as relações sociais que são provenientes dela, expressada quando uma delas diz que não vendeu nada numa exposição, mas fez amigos.

⁸⁶ Expressão muito recorrente nos depoimentos em Rocha (2012).

⁸⁷ Declaração de uma entrevistada no estudo de Brito (2010).

⁸⁸ Um grupo de senhoras imigrantes portuguesas que desde que chegaram ao Brasil, moram no Morro de São Bento, em Santos-SP. Segundo a autora, a prática do bordado para essas mulheres se constitui em mecanismo prazeroso de afirmação identitária, com garantia de reforço no orçamento doméstico e liberdade.

Como reforço dessa premissa do bordar também como um fazer artístico, D. Ignês, uma de nossas entrevistadas, nos conta que nas “escolas primárias” um dia da semana era dedicado à arte, ocasião em que “os alunos faziam trabalhos manuais, inclusive o bordado”⁸⁹. Nesse mesmo sentido, podemos usar a fala de Chagas (2007, p. 38) para endossar que sim, o bordado teve o seu espaço nos currículos escolares em épocas passadas, e essas “referências de ações curriculares que incluíam os bordados e até mesmo exemplos de materiais dos mesmos” normalmente são guardadas por mulheres como uma “lembrança querida”. D. Ignês é um exemplo disso. Na sua entrevista, ela nos mostrou cuidadosamente um bordado feito por sua irmã, na escola, em 1956. (Ver Imagem 6) Na ocasião, ela foi incisiva: “aprendemos a bordar na escola”. Nesse ano, Passira não existia formalmente como cidade, ainda era distrito de Limoeiro.

O bordado ia – e vai – além dos currículos escolares, estava presente inclusive na preparação do enxoval. Malta (2015, p. 06)⁹⁰ conta que antes mesmo de saber quem seria seu marido, a mulher, desde muito jovem, preparava o seu enxoval bordando “a inicial de seu nome, reservando espaço para a letra do futuro marido”. A autora ainda continua: “A cada linha costurada no tecido, a jovem mulher ia dimensionando a textura de seus sonhos e materializando as expectativas do seu futuro social”.

D. Lúcia, bordadeira e presidente da Associação das Mulheres Artesãs de Passira – AMAP – é exemplo da presença do bordado na confecção do enxoval para o casamento. Ela conta da dificuldade que tinha em bordar umas “rosinhas”, por serem muitas e cada qual com uma cor diferente, além disso, a espessura mais grossa do tecido tornava o bordado ainda mais trabalhoso, mas era “muito linda” a toalha finalizada. Ela lamenta não ter uma peça da época, que fez “quando foi se casar” por ter perdido tudo na enchente de 1985.⁹¹

Não ficou nada disso, você acredita? Foi na cheia de 85. Eu morava próximo ao rio e a água chegou de repente. Foi de noite, sem a gente esperar. Eu nem acreditei, eu tava dormindo já, só vi o povo dizendo ‘Olha a cheia!’, eu digo “Esse povo parece que nunca viram água”. Nem

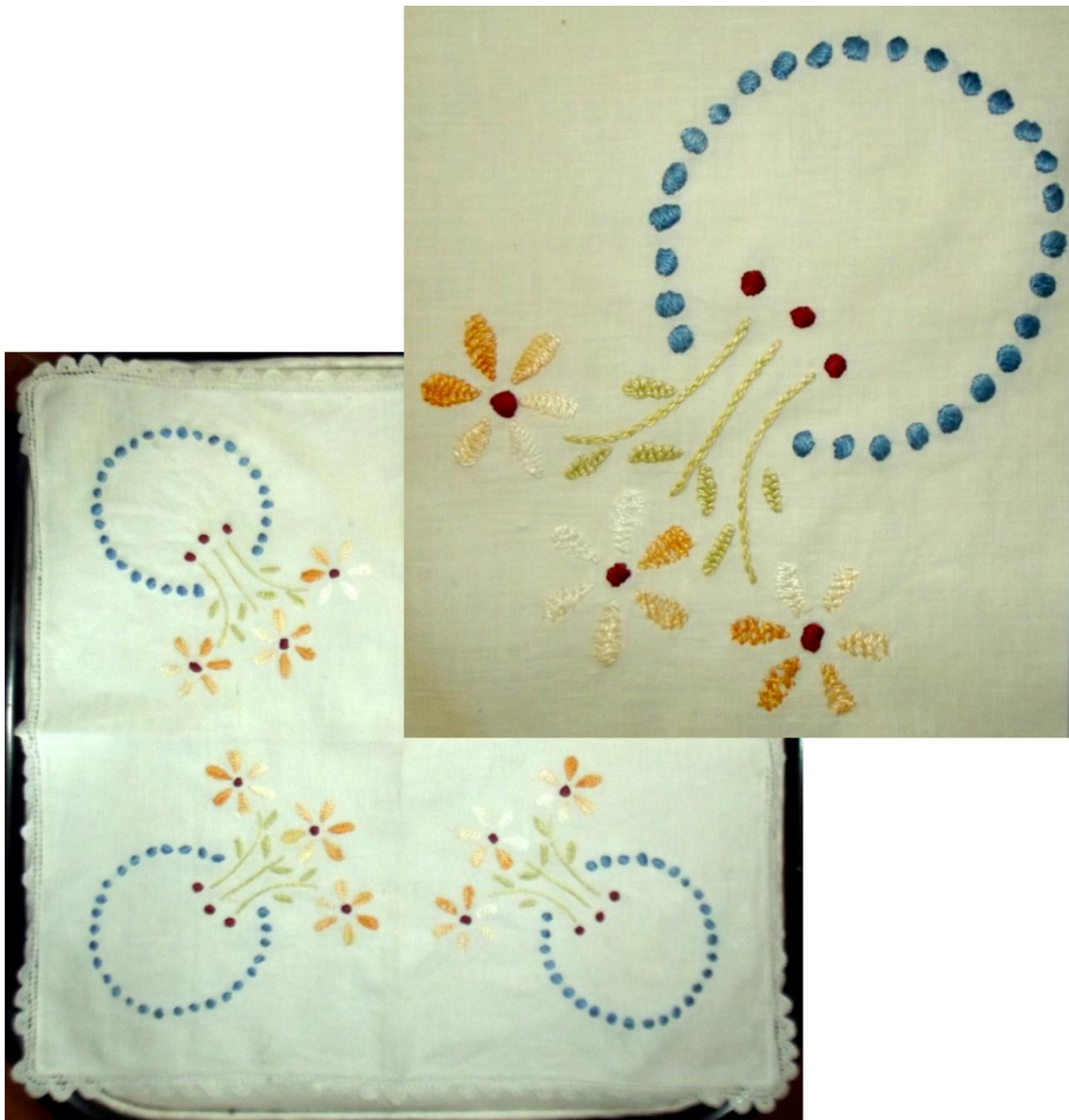
⁸⁹ ENTREVISTA com Maria Ignês Costa Santana (concedida a autora). Passira, 25 de julho de 2014.

⁹⁰ MALTA, Marize. **Paninhos, agulhas e pespontos: a arte de bordar o esquecimento na história.** In: XXVIII Simpósio Nacional de História: lugares dos historiadores, velhos e novos desafios. Florianópolis. Anais... Florianópolis, 2015.

⁹¹ “No Estado de Pernambuco os problemas de enchentes atingem fundamentalmente a região metropolitana, destacando-se as bacias dos rios Capibaribe, Beberibe, Jaboatão, Tejipió e Camaragibe, e algumas áreas urbanas da zona da Mata e Agreste. [...] A maior enchente registrada neste século, no rio Capibaribe, ocorreu em julho/1975 atingindo as cidades de Limoeiro e São Lourenço da Mata, antes de inundar a cidade do Recife” de acordo com o Plano Estadual de Recursos Hídricos de Pernambuco – PERHPE, Volume 2. Disponível em: <http://www.apac.pe.gov.br/down/PERHPE_volume2.pdf> Acesso: 07 de dezembro de 2014. Ainda que a maior enchente registrada tenha sido em 1975, em outros anos, como o ano citado pela entrevistada, 1985, também houve registro de enchentes naquela região.

liguei. Quando eu acordei já ia entrando dentro de casa, e a gente só saindo, né? Pronto. Aí eu tinha a roupa do batizado dos meninos, das meninas que tinha sido bordada e perdeu. Até as fotos, as fotos que tinha lá de casa, com as meninas pequenas eu não tenho. Tem algumas delas já com dois anos, por aí, mas novinha eu não tenho nenhuma. Foi embora tudinho! Tinha um vestidinho lindo, todo de rendinha, bordadinho de moranguinho, as meninas tinha. Eu não tenho nenhum desses mais, perdeu-se tudo e tinha também algumas coisas que eu tinha feito, tinha lençol bonito. Não ficou nada disso pra contar história.

Imagem 6 – Lembrança de família. Bordado da irmã de D. Ignês, feito em 1954.



Fonte: Arquivo da autora.

Em um encarte de divulgação da 20ª Feira do Bordado Manual de Passira, consta um “passo a passo” dessa arte, descrito como “A magia de bordar”. São 6 passos intitulados da seguinte forma: “Os personagens: A linha, a agulha, o tecido e o bastidor.”; “A alma: Os

moldes desenham a personalidade do bordado.”; “O corpo: O desenho do papel se transporta para o tecido com coloração em anil.”; “A arte: O bordado!”; “O toque: Cuidadosamente o tecido é lavado.”; “O retoque final: Finalmente a obra de arte está concluída após engomar e passar.” Sentimos a falta da referência à bordadeira nos personagens dessa arte, e foi incomum a menção ao bastidor que, mesmo sendo um instrumento apropriado a essa atividade, quase não é usado pelas bordadeiras da cidade, como já comentamos antes.

O bordar também é lembrado como um fazer, ou uma narrativa poética. Brito (2010, p. 119) cita o poeta Paul Valéry, “em ensaio de 1934, que vê o bordado como um poema, que demanda esforço e trabalho prolongado”. Para Chagas (2007, p. 95) as mulheres que bordam “fazem poesias com as mãos” e “tecem suas histórias em diferentes tons, com força e graça, com gana e amor.”. E não é só metaforicamente que o bordado se transforma em poesia. Os versos podem ser declamados durante o bordar, como acontecia, de acordo com Vieira (1999, p. 62), “entre finais do século XIX e princípios do século XX” as mulheres portuguesas cantarolavam “versos alusivos ao bordado” enquanto bordavam.

Podemos ainda pontuar que o bordado é o bordado. Que bordar é bordar. Não é tecer, não é rendar. Não é tecido, não é renda. É o ornamento que se faz sobre um tecido, diferentemente da renda que dispensa o tecido como suporte. A renda, por sua vez, e por exemplo, pode ser aplicada com o bordado.⁹² Brito (2010, p. 98) diz que “a renda renasce, a renda francesa e, nos últimos tempos, as rendas industrializadas, frequentemente de fios sintéticos, são aplicações comuns nos bordados”.

Concordamos, porém, que seja o “bordar”, o “tecer” ou o “rendar”, todos esses verbos estão ligados a representação do feminino, são “terminologias que reúnem quase que o mesmo significado – ainda representam o símbolo da paciência e feminilidade”⁹³ e são atividades que persistem em alguns grupos e regiões, mesmo depois de eventos que modificaram os modos de produção e as relações sociais, como por exemplo, a Revolução Industrial, que estimulou o consumo em quantidade em detrimento do consumo de qualidade devido à alta demanda de produção, marginalizando assim, conforme Silva (1997, p. 50), o artesanato, como o bordado, que “utiliza técnicas tradicionais de fabricação, mantém o artesão em regime de subordinação e seus redutos são preferencialmente as áreas rurais mais pobres”. A industrialização inclusive, de acordo com Perrot (2005, p. 253), “introduz uma segregação

⁹² Sobre esse aspecto, o relatório dos Estudos de Mercado SEBRAE/ESPM 2008 sobre “Bordados e rendas para cama, mesa e banho” diz que “A diferença entre o bordado e a renda é bem clara. O primeiro é a aplicação de motivos sobre o tecido de forma que este se torne uno ao pano. O segundo, a renda, constitui-se em uma trama auto-estruturada independente de um suporte, no caso, o tecido.” (p. 15).

⁹³ Diário Rural, 30 de Março de 1990. Arquivo da entrevistada Maria Ignês Costa Santana.

sexual mais rigorosa em uma divisão de trabalho mais acentuada, que induz ‘especialidades’ para as mulheres”.

Outro evento que se relaciona a essa percepção da representação do feminino nos trabalhos manuais com agulha é a “Emancipação Feminina”⁹⁴. A esse respeito Silva (1997, p. 48) descreve que:

O bordado, assim como outros afazeres domésticos, circunscrito aos espaços do lar patriarcal, demarcava os atributos da mulher e de seu estilo de vida, símbolo de habilidade, paciência e sujeição. Educadas nos tradicionais padrões do sistema patriarcal de família e economia doméstica, a mulher brasileira aristocrática e mais tarde as representantes da burguesia emergente repassaram para as classes pobres padrões técnicos e de gosto europeu, no trato das “alfaias finas da casa”.

No tocante a essa questão de libertação feminina, diferentemente da afirmação anterior, que reforça no bordado a subordinação feminina ao sistema patriarcal e a questão de classe social, acreditamos que bordar coincida com esse desejo de liberar-se de alguma forma de opressão, pelo menos na medida em que é uma ocupação que pode render o relaxamento da concentração que a atividade exige, ou mesmo o sustento financeiro de famílias inteiras. Com esse pensamento, Kodja (2008) consegue evidenciar esse sentimento de independência que as bordadeiras têm ao executarem seu ofício:

As bordadeiras não querem ser ou parecer dependentes. Prepararam a vida para ter uma velhice simples e digna. Todas moram sozinhas e tem condições de suprir suas necessidades básicas. [...] Orgulhosas e altivas, as portuguesas não queriam viver à margem, isoladas. [...] Ofereceram o seu talento como forma de participação, e foi através da arte, trazida na bagagem, que as bordadeiras ganharam a vida, conquistaram respeito e garantiram o seu espaço em um novo contexto social. (p. 126)

Uma das personagens da história da prática do bordado em Passira, D. Aldegunda Medeiros Duarte – responsável por uma Cooperativa de bordado na cidade durante alguns anos no passado – percebe o bordado como um “ramo” o “ramo do bordado”, ou como uma atividade econômica que levou muitas famílias de agricultores de Passira a construírem seus patrimônios mais rapidamente ou de modo mais eficiente. Assim, de alguma ou de várias

⁹⁴ A expressão está entre aspas porque entendemos que o bordar ou o bordado na cidade de Passira em alguma medida foi um dispositivo de emancipação feminina. E sobre esse aspecto falaremos mais especificamente no terceiro capítulo. Sobre a expressão em si, o “Dicionário do pensamento social do século XX” aponta que “Mary Wollstonecraft (1790) chamou a atenção para as semelhanças entre a condição das mulheres e a dos escravos, e os movimentos feministas têm usado tradicionalmente as palavras emancipação e libertação. (Fora desses movimentos, também, a mulher ‘emancipada’ era associada a um estilo de vida anticonvencional)”.

formas, bordar se relaciona com a emancipação da mulher na medida em que lhe proporciona sua autonomia econômica.

Bordar também está relacionado a um fazer manual, artesanal. Mas não se restringe a esse modo de produção, quando surgem, por exemplo, as máquinas de bordado, como aperfeiçoamentos das máquinas de costura industriais. Com elas surgem a “instalação de fábricas de bordado”, que Kodja (2008, p.38) cita especificamente como uma razão para o enfraquecimento do bordado artesanal em São Paulo, nos anos 50. Mas, antes de existir certa rivalidade entre esses dois modos de bordar, há uma familiaridade, como se fosse um parentesco. O bordar à mão se revela assim como uma espécie de antepassado do bordado à máquina, “algo que remete a uma tradição, a um passado, sendo também valorizado porque se perde, se transforma.” (BRITO, 2010, p. 119).

De certo, há uma “hierarquização da produção do bordado” seguindo o raciocínio de Brito (2010, p. 121). Bordar à mão, à máquina de costura de pedal ou à máquina de costura industrial, isso sem contar o bordado produzido em máquinas eletrônicas computadorizadas, um modo de produção onde cabem alguns questionamentos: as bordadeiras passam a ser as máquinas? O bordado deixa de ser uma prática artesanal, constituindo-se em atividade industrial? Em resumo, não desconsiderando as muitas variantes dessa questão, a valorização de um ou de outro vai depender das intencionalidades e necessidades de quem os produzem e de quem os consomem.

Mas ainda assim, para todos os efeitos, em dados nacionais, o bordado é uma prática artesanal. A prática artesanal de maior “incidência municipal”, segundo uma pesquisa do IBGE em parceria com o Ministério da Cultura⁹⁵. A prática do bordado pode ser encontrada em 75,4% dos municípios brasileiros e a pesquisa ainda revela que:

O bordado é uma das atividades que diminui sua incidência segundo o tamanho da população dos municípios: naqueles com até 5 mil habitantes, 77,7% têm essa atividade, percentual que decresce para 50,0% no caso dos municípios com mais de 500 mil habitantes. Apesar de o bordado estar mais presente nas Regiões Sudeste (79,7%) e Sul (78,4%), o estado com a maior presença da atividade é o de Sergipe (93,3%), sendo também expressiva no Piauí, Ceará, Minas Gerais e Santa Catarina.

Poderíamos nos prolongar nessa discussão em torno do que é bordar quando percebemos que existem particularidades que renderiam temas para várias pesquisas distintas. Basta lembrar, por exemplo, que dentre nossas referências bibliográficas, temos estudos da

⁹⁵ Suplemento de Cultura da Pesquisa de Informações Básicas Municipais – MUNIC 2006.

área de antropologia, educação, gerontologia. Em Cruvinel e Gama-Khalil (2009, p.57) o bordar se assemelha ainda ao ato de narrar quando a “urdidura da palavra e urdidura do bordado se mesclam no reconto”. É uma prática “de inesgotáveis exercícios, porque a mão que borda [inclusive a mão que movimenta o tecido na máquina] pode experimentar inúmeros movimentos em busca de variadas formas e cores”.

Outra referência que podemos fazer nesse sentido de experimentação utilizando o bordado como técnica é a trajetória do artista plástico sergipano Arthur Bispo do Rosário. Ex-marinho, foi diagnosticado como esquizofrênico-paranoico e fez da sua internação na Colônia Juliano Moreira um período de intensa produção artística, valendo-se de poucos materiais do seu cotidiano como sucatas, retalhos e trapos de pano. Ele desfiava, por exemplo, esses resíduos têxteis para utilizar os fios em seus bordados.

Para os bordados usa os tecidos disponíveis, como lençóis ou roupas. Consegue os fios desfiando o uniforme azul de internos. Bispo faz também estandartes, fardões, faixas de miss, fichários, entre outros, nos quais borda desenhos, nomes de pessoas e lugares, frases com respeito a notícias de jornal ou episódios bíblicos, reunindo-os em uma espécie de cartografia. Uma arte movida pela incessante busca da retomada da razão que, contém em si uma poética surpreendente.⁹⁶

O bordar constitui-se então em um verbo transitivo, que precisa ser complementado para que se compreenda o seu contexto, a sua finalidade e a sua essência. E contra as hierarquias que possam surgir – e surgem mesmo assim – o produto do bordar primeiramente é o próprio bordado, seja ele artesanal, industrial, artístico, multifuncional, multidisciplinar, rudimentar, complexo, arcaico, moderno, pós-moderno. E mesmo em Passira, a “Terra do Bordado Manual”, o bordar à mão é indefinível por si só, precisa de um ou mais complementos que o expliquem e que talvez até o justifiquem, e a existência desses apêndices não por acaso é um dos argumentos dessa pesquisa. Começamos então pela tradição. Aliás, o bordado, em quase todos os tempos e lugares está associado a alguma tradição.

2.1. Uma tradição.

[...] um conjunto de práticas, normalmente reguladas por regras tácitas ou abertamente aceitas; tais práticas, de natureza ritual ou simbólica, visam inculcar certos valores e normas de comportamento através da repetição, o que implica, automaticamente, uma continuidade em relação ao passado. (HOBSBAWN E TERENCE, 1997, p. 09)

⁹⁶ CLAUS, Marta. Arthur Bispo do Rosário: a criação artística como dado de semiose. Revista Partilhas. Caldas, MG. Ano I, nº 1, Nov. 2014, p. 41. Disponível em: < <http://www.revistapartilhas.org/#!claus-marta-arthur-bispo/cí6a>> Acesso: 08 de dezembro de 2015.

Então o bordado é também uma tradição. Uma tradição inventada, de acordo com os autores Hobsbawn e Terence. Porque é uma prática regida por técnicas e modos de fazer, por vezes ritualizada com atribuições de valores e simbolismos, e quase sempre é associada a um espaço-tempo passado. No entanto, como alerta Veneziani (2005, p.15), deve-se ter cuidado com a simplificação que essa definição pode gerar: “a convicção que toda tradição faz parte da convencionalidade, do artifício, da subjetividade de um poder, de uma classe, de um bloco social que inventa sua forma e sua substância e sanciona sua observância, até decretar sua obrigação”. As tradições inventadas não são uniformes e não fariam sentido que o fossem:

[...] há tradições inventadas, no sentido de artificiosas, fingidas [...] outras inventadas no sentido de *invenire*, ou descobertas, trazidas à luz, tiradas da realidade. Há ainda tradições reinventadas, no sentido de reanimadas e readaptadas, mas que têm inspiração e origem em outras tradições. E há também tradições analógicas, que copiam o curso da natureza, refletem a rota das estações. [...] É uma prova que para além das tradições inventadas existe a Tradição, ou a *forma mentis*, a categoria *a priori* ou o arquétipo universal que predispõe a pessoa e a comunidade a unir e se unir, segundo um saber e uma prática que se configuram precisamente numa tradição. (VENEZIANI, 2005, p. 15)

Assumiremos então o bordado como uma Tradição, dessas que se constituem em um “arquétipo universal”, gerador de outras tradições, sendo o bordado de Passira, nesse sentido, uma tradição reinventada. E como diriam Hobsbawn e Terence (1997, p. 271) “esta distinção é mais uma questão de conveniência do que de princípio”.

Stimamiglio (2010, p.13) diz que “os bordados” são “uma tradição trazida da Europa”. Ela continua dizendo que “foram muito utilizados na Europa e trazidos ao Brasil pelos imigrantes italianos”. Em que partes da Europa? Muito utilizados de que forma? E chegaram a todo o território brasileiro apenas pelas mãos de imigrantes italianos?

Essas questões surgem à medida que as generalizações camuflam ou mesmo impedem que as histórias de determinadas tradições sejam investigadas. Tal como explica Silva (1995, p. 76) em seu estudo sobre as mulheres brancas no fim do período colonial, numa pesquisa sistemática que se faça de um dado grupo feminino, é importante considerar todas as “variantes regionais, na proximidade do litoral ou no afastamento do sertão, nas diferentes camadas sociais, na maior ou menor sociabilidade, nos ciclos de vida dessas mulheres.” (Ver Imagem 7)

Imagem 7 – Uma senhora brasileira em seu lar. Jean Baptiste Debret. Coleção *Voyage Pittoresque et Historique au Brésil* (1834 – 1839)



Fonte: Blog Regência Coletiva.⁹⁷

Se aceitássemos a premissa de que o bordado chegou ao Brasil somente através da imigração italiana, desconheceríamos todas as outras influências dos outros lugares e, mais grave ainda, viríamos de forma homogênea uma prática que acontece de modo tão heterogêneo. Um bom exemplo dessa diversidade em torno das origens do bordado no Brasil é ilustrado por Silva (1995, p. 79-80) na sua explicação sobre novas atividades femininas advindas da instalação da Corte Portuguesa em solo brasileiro e a “abertura dos portos aos estrangeiros”. Era um público novo que demandava que “algumas locais” abrissem aulas de “música, dança, desenho, trabalho de costura e bordado”. Em um “colégio de educação” daquela época as “educandas saíam perfeitas em todo gênero de educação”, dentre eles, estavam o coser, o bordar. Além disso, se algumas mulheres necessitavam saber ou aprender essas atividades, outras por sua vez, tinham a necessidade de ensinar, era também uma questão de sobrevivência já que era uma “forma de trabalho para a mulher branca, de cor, escrava ou forra.”.

⁹⁷ Disponível em < <http://www.regencia coletiva.com/2014/07/debret-na-praca-do-palacio.html>> Acesso: 21 de setembro de 2015.

As bordadeiras, em Kodja (2008, p.74), por exemplo, são imigrantes portuguesas que chegaram à cidade de Santos – SP em meados do século XX, e que “querem manter a sua tradição, ainda que não tenham espaço garantido no mundo moderno e seu trabalho pareça excluído do arco contemporâneo de paladares”.

Aproveitando o ensejo das “imigrantes portuguesas”, podemos mencionar a tradição familiar do bordado na Ilha da Madeira, em Portugal, estudada por Vieira (1999, p. 11): “era reservado ao consumo familiar, e a sua atividade caseira. Bordava-se para fruição própria, ou para presentear familiares e amigos.”. Dentro dessa tradição familiar estava a “tradição do enxoval de casamento” razão pela qual as moças da época se dedicavam ao bordado. Nesse mesmo sentido, lembramos o relato de D. Alda sobre o bordado em Passira: “antigamente as mães preparavam os enxovais, bordavam mais para a família, casamento”⁹⁸. Assim, era uma atividade de consumo e produção familiar, como também reforça D. Lúcia: “[minhas filhas] elas foram aprendendo. Todas duas aprenderam. Agora a outra logo cedo disse ‘Eu não vou ficar fazendo isso não [...]. Mas ela passou um bom tempo trabalhando comigo, assim, fazendo bordado”.⁹⁹ Portanto, como manda a tradição, “o que se transmite escapa a deterioração e desaparecimento definitivo: a comunidade salva os tesouros da Tradição e os livra da ruína do tempo”. (VENEZIANI, 2005, p.14).

Eis outra característica da tradição do bordado - se é que podemos usar essa expressão no singular porque sabemos que existem bordados advindos de lugares e culturas distintas, logo, são tradições de bordados diversos - a “imposição da repetição”, segundo Hobsbawn e Terence (1997, p. 12). Repete-se o ato de bordar porque é tradição, ou, é tradição justamente porque se reproduz a ação. “Jovens longe da tradição” e “Tradição vira passado”¹⁰⁰ são expressões usadas nos jornais para dizer que em Passira, as mulheres mais jovens, as “filhas das bordadeiras”, não tem reproduzido o bordado, não tem tido “interesse em manter a tradição”. Ou seja, sem a repetição imposta, quando essas mulheres tem a opção de não aprender ou não praticar o bordado manual, como de costume, a tradição se modificaria, seria enfraquecida ou mesmo acabaria. Nesse sentido, Hobsbawn e Terence (1997, p. 10) concordam que “a decadência do ‘costume’ inevitavelmente modifica a ‘tradição’ a qual ele geralmente está associado”.

Por outro lado, para que essa tradição se mantenha, é preciso mais inovação que repetição. Parece um paradoxo, mas faz sentido, pois “quando a tradição volta as costas para o

⁹⁸ ENTREVISTA com Aldegunda Medeiros Duarte. (concedida a autora). Passira, 26 de setembro de 2014.

⁹⁹ ENTREVISTA com Maria Lúcia Firmino (concedida a autora). Passira, 01 de agosto de 2014.

¹⁰⁰ Jornal do Comércio, Caruaru, 19 de outubro de 2008. Arquivo da AMAP.

futuro, encanece, obscurece-se, esclerosa-se, curvando-se sobre si mesma e suicidando-se como tradição”. (Veneziani, 2005, p.18). Portanto, quando ouvimos que em Passira, famílias dedicadas ao “ramo do bordado”, diversificaram sua produção pela inserção de novos materiais e para atender novos consumidores¹⁰¹, sabemos que há uma tradição renovada, reinventada, como já dissemos anteriormente. Que tenhamos em mente, como propõe Veneziani (2005, p. 38): “as tradições não são eternas. Nascem, crescem, envelhecem e morrem, exatamente como nós. Eterna – ou, todavia, permanente – é a sua fonte.”

O bordado, para a cidade de Passira, talvez se constitua em tradição justamente por essa ameaça a sua continuidade e pelo seu passado glorioso, duas características fortemente associadas às tradições de modo geral. Como ressaltam Hobsbawn e Terence (1997, p. 12) a tradição, ou a sua invenção, “é essencialmente um processo de formalização e ritualização, caracterizado por referir-se ao passado”. Expressões como “antes” ou “há alguns anos” são usadas para relembrar os tempos áureos do bordado na cidade, quando se passava e tinha “duas, três pessoas bordando” e era uma “raridade você não encontrar” bordadeiras executando o seu ofício nas calçadas, nas portas de suas casas. Sobre o perigo à continuidade da atividade, “vai acabar porque se paga muito pouco” e “ninguém quer fazer”¹⁰².

Trata-se também de uma ideologia definida por Veneziani (2005, p.27) como “um sistema de ideias transmitido por meio da militância, da propaganda ou da atividade intelectual”. São ainda “princípios de referência, orientações transmitidas mediante a pertença, a comunidade ou a educação.” Não é o bordar em si, um ato técnico, que traz à tona a tradição, mas o simbolismo, o ritual: o bordar na calçada, a representação feminina, os diversos valores e fatores provenientes dessa atividade: social, cultural, econômico, político. Assim, sobre a falta de interesse dos mais jovens, sobre o perigo da tradição acabar e sobre a concorrência do bordado em Passira, D. Ignês relembra:

“Até as crianças [bordavam]. Hoje não. Hoje tá mudando muito assim, esse aspecto do bordado né? Porque nessa época a maioria das mulheres bordavam. Aí você passava numa rua, sempre tinha, na calçada, sentada na calçada bordando, sentada assim na porta, nos sítios, era comum. O percentual, uma vez a gente fez uma pesquisa, deu 70% das mulheres adultas, bordadeiras. É um percentual muito alto. Mas hoje, aí já tá mudando de figura, porque os mais novos não querem mais aquela atividade de tá sentada, ponto a ponto né? É assim só pra quem gosta mesmo né? Os jovens querem mais uma atividade mais dinâmica né? Aí o comércio daqui também, em relação ao que era cresceu bastante, aí vai absorvendo essas pessoas. Aí elas preferem o comércio do que tá bordando, que é uma coisa mais monótona, em casa. E os mais velhos vão

¹⁰¹ ENTREVISTA com Aldegunda Medeiros Duarte. (concedida a autora). Passira, 26 de setembro de 2014.

¹⁰² Expressões de Maria Lúcia Firmino, entrevista para a pesquisadora, 2014.

também ficando com problema de visão e vão morrendo né? Aí tá muito defasada a, esse mundo de bordadeiras, não é mais o mesmo não. A gente até tá com dificuldade de arrumar boas bordadeiras.”

Podemos dizer que o bordar, pela perspectiva da tradição, induz a uma “tradição do bordado”. Quando Veneziani (2005, p. 37) afirma que “A tradição é o desenvolvimento de uma identidade” lembramos que Kodja (2008, p. 126) diz que “bordar para essas mulheres é a atividade mediadora da sua identidade original [...] elas bordam e o produto é arte, é cultura e é tradição”. De modo semelhante, em Chagas (2007, p. 94) “bordar para elas [as bordadeiras] é perpetuar sua história, é um movimento de ‘aprimoramento’ de suas identidades; com o produto do seu trabalho elas fazem arte, cultura e tradição”.

Mas a tradição não só agrupa sujeitos sociais, também pode separá-los. Em nosso caso, as bordadeiras passirenses estão, por assim dizer, reunidas em torno do bordado manual. Em Brito (2010, p. 122) se nota uma “cisão entre as bordadeiras” de Caicó¹⁰³, nos quesitos de “tradição, renovação e de motivação do trabalho”. No que diz respeito a tradição, divergem entre si as que concordam que o bordado manual é mais tradicional do que o produzido à máquina; há as que acreditam que a “renovação” da técnica e dos instrumentos agregam mais valor à tradição e que é preciso renovar-se, e ambos os pontos de vista se constituem também em motivação para a execução do trabalho.

Na Terra do Bordado Manual naturalmente o bordado feito à mão é o mais valorizado. As pessoas vão até a cidade de Passira em busca desse bordado. Não faria sentido ser diferente. D. Nena, bordadeira e comerciante de bordados no município, pontua que o bordado manual “tem um valor maior” porque está ligado às origens da prática do ofício na região, tem bom acabamento pelo “avesso”, não tem “linhas soltas”, tem “qualidade”. Enquanto o bordado feito à máquina, por não ter essa qualidade, custa mais barato e, concorrendo com o manual, acaba o desvalorizando.

Outra motivação para esse estudo é a rentabilidade de uma ou outra forma de se bordar. Brito (2010, p. 117-118) explica que nos bordados à mão, “a agulha é precisa e os pontos tendem a ser menores e mais complexos, o que deixa o trabalho com um traçado mais delicado”, além disso, ou por isso, são “mais valorizados e, conseqüentemente mais caros”. Nos bordados à máquina, de pedal ou industrial, existe todo um complexo de novos

¹⁰³ Caicó de Sant’Ana é uma cidade do Estado do Rio Grande do Norte, que está localizada na região do Seridó. “Borda-se muito por lá”, diz a autora (p. 19), “é conhecida também como a terra do bordado”. A cidade tornou-se referência no bordado com a inclusão da máquina de bordar, embora ainda existam um grupo pequeno que borde à mão.

conhecimentos e habilidades para se bordar, não é uma atividade menos complexa, apenas um pouco mais rápida, o que causa a impressão de facilidade e conseqüente volume maior de produção a um custo reduzido de investimento de tempo e dinheiro.

Distinções à parte, podemos findar a reflexão sobre o bordado, entendido como uma prática tradicional, ou ainda como uma prática que integra diferentes tradições, na medida em que os vários modos de bordar são “instrumentos” que asseguram ou expressam identidade e coesão social, e que estruturam relações sociais (Hobsbawn e Terence, 1997, p. 217). O instrumento que identifica a cidade de Passira dentro e fora dela há alguns anos tem sido o bordado, especificamente o bordado manual. Se for uma “articulação”, um percurso “natural”, ou mesmo o cruzamento desses dois movimentos, esse estudo se propõe justamente à essa investigação, que Hobsbawn e Terence (1997, p. 20-21) atribuem ao historiador, por ser parte do seu ofício localizar no tempo os “indícios” dessas “relações humanas com o passado”. Além disso:

[...] todos os historiadores, sejam quais forem seus objetivos, estão envolvidos nesse processo [de construção de tradições], uma vez que eles contribuem, conscientemente ou não, para a criação, demolição e reestruturação de imagens do passado que pertencem não só ao mundo da investigação especializada, mas também à esfera pública onde o homem atua como ser político. Eles [os historiadores] devem estar atentos a essa dimensão de suas atividades. (HOBSBAWN E TERENCE, 1997, p. 22)

Em Passira não encontramos apenas a tradição do bordado, falando de forma generalista. Existe uma tradição familiar, onde o bordado é confeccionado em família, “é a mulher costurando, a filha engomando, [...] e o marido deixou o serviço em Recife e ajuda a embalar.”¹⁰⁴; uma tradição econômica, onde o bordado é uma das principais atividades; tem-se a tradição cultural, um modo de vida, um saber-fazer praticado pela sua população. Há ainda a Feira do Bordado Manual, um evento tradicional que tem a intenção de promover a vocação da cidade para o bordado e principalmente criar oportunidades de venda para os produtores da região.

Aliás, a participação em feiras e exposições, de modo geral, pode ser considerada outra tradição que permeia o bordado manual de Passira. “São as feiras montadas em

¹⁰⁴ ENTREVISTA com Aldegunda Medeiros Duarte. (concedida a autora). Passira, 26 de setembro de 2014.

shoppings, espaços culturais e em centros de convenções locais e também em outros Estados brasileiros”¹⁰⁵ que oferecem ao artesão espaço para divulgar e comercializar os seus produtos.

D. Ignês menciona, por exemplo, a exposição do bordado da cidade na antiga Feira dos Municípios, realizada no Parque de Exposições do Cordeiro, em Recife, onde cada município levava o seu produto de destaque. “Aí cada um tinha um estande, daquele município, aí a gente conhecia assim cada município o que é que produzia né, qual era o artesanato, a cultura, tudinho” lembra D. Ignês. Isso sem contar nas participações nas feiras de outros Estados.

[...] eu participava de muitas Feiras, é, em vários Estados. Lá em Recife, em Boa Viagem, no Jardim, no segundo Jardim de Boa Viagem, a gente tinha uma Feira lá, a gente vendia muito nessa Feira. E foi extinta né? Porque diz que os moradores de lá, as pessoas que trabalhava lá fazia muito barulho, e a Feirinha começava na sexta feira e ia até o domingo a tarde. Era muito bom. E participar de Feiras, eu participei em quase todos os Estados. Brasília, Campo Grande, Rio Grande do Sul, Porto Alegre. Um monte de Estado por aí a fora eu participei. Natal, Maceió. Em vários Estados.¹⁰⁶

Mais recentemente, em 2000, com a realização da I Feira Nacional de Negócios do Artesanato – FENEART E– no Centro de Convenções da cidade de Olinda, Passira teve mais uma oportunidade de mostrar o seu bordado, e desde então, em todas as suas edições anuais, mais de um estande tem representado o bordado manual passirense.

Sobre a Feira do Bordado Manual de Passira, voltaremos a falar mais adiante, nos detendo agora sobre a especificidade do bordado em Passira, que é a Terra do Bordado sim, mas do “Bordado Manual”.

2.1.1. Por que o bordado manual.

DECRETO REGIONAL DE CRIAÇÃO DO IBTAM. Terça-feira, 28 de Fevereiro de 1978 49/78 SÉRIE I Região Autónoma da Madeira – Assembleia Regional Decreto Regional n.º 7/78/M SUMÁRIO: Cria o Instituto do Bordado, Tapeçarias e Artesanato da Madeira (IBTAM) e aprova o seu estatuto [...] Art. 12.º - 1 - O bordado e tapeçarias da Madeira referidos no presente estatuto consideram-se como bordado e tapeçaria manual. 2 - Fica vedado em toda a Região o fabrico de bordado da Madeira e tapeçaria à máquina. [...] (*apud* VIEIRA, 1997, p. 98-103)

Diferentemente do que ocorreu na Ilha da Madeira, em Portugal, não foi decretado no município de Passira a criação de nenhum Instituto, muito menos houve veto de outras formas

¹⁰⁵ Jornal de Pernambuco, 2000.

¹⁰⁶ ENTREVISTA com Severina Maria de Albuquerque Medeiros (Dia) (concedida a autora). Passira, 15 de setembro de 2014.

de bordado que não fossem à mão. Mas é fato que o bordado que se “vende” na cidade é o manual. Mesmo que na Feira do Bordado Manual, por exemplo, se comercializem o bordado à mão, à máquina de pedal, industrial ou computadorizada, a imagem que se passa, que se quer passar é a da “preciosidade do trabalho manual” (Kodja, 2008, p. 30). Não é a bordadeira, nem o bordado pronto, mas o ato em si: a cena da bordadeira sentada, com o seu tecido, sua linha e sua agulha no ponto alto do bordar, pondo em prática o seu saber, um saber-fazer.

O bordado à mão pode ser considerado aquela habilidade artesanal definida por Sennet (2013, p. 19) como “um impulso humano básico e permanente, o desejo de um trabalho bem feito por si mesmo” onde está em questão a recompensa do indivíduo “com o orgulho pelo resultado de seu trabalho”. Orgulho expresso na fala de D. Ester: ¹⁰⁷ “meu trabalho é tão bom, tão bem feito [...] me sinto bem fazendo meus trabalhos”. Na cidade de Passira, ¹⁰⁸ “enquanto a máquina fabrica uma fria e repetitiva reprodução de desenhos sobre o tecido”, o bordado manual “é o resultado de horas do trabalho do artista, que delicada e continuamente transpassa a linha por entre os fios do tecido e tece ao final uma linda peça exclusiva com acabamento refinado que só por essa forma poderia conseguir.”.

Consideramos como já dissemos antes, certa hierarquização de um ou outro modo de bordar, principalmente de acordo com o contexto o qual está inserido. O bordado manual, que prescinde de maquinário, com tecnologia rudimentar se comparado a outras modalidades, e por essa razão inclusive, surge como um ancestral de todos os outros que nascem depois ou a partir dele. O argumento dessa afirmação está numa sucessão de fatos em ordem cronológica: o achado e registro de vestígios bem conservados que apontam para a existência de um pano bordado à mão, de 30.000 AC. ¹⁰⁹; a máquina de costura inventada no século de XIX e do seu desenvolvimento, o surgimento das máquinas de “costuras diferenciadas”, incluindo-se a de bordado; e com o “advento da automação e da informática” no século XX, nascem as máquinas eletrônicas computadorizadas. ¹¹⁰

¹⁰⁷ ENTREVISTA com Josefa Francisca da Cruz (Ester Glória) (concedida a autora). Passira, 22 de novembro de 2014.

¹⁰⁸ Segundo texto divulgado no encarte de divulgação da 19ª Feira do Bordado Manual em Passira. 2005.

¹⁰⁹ Vieira (1999, p. 14)

¹¹⁰ MAGNABOSCO, Milton; SILVA, Maclovia Corrêa da. O ocaso de uma máquina indispensável. Anais do I Simpósio Nacional de Tecnologia e Sociedade. Curitiba: Editora UTFPR, 2005. Disponível em: <http://www.utfpr.edu.br/curitiba/estrutura-universitaria/diretorias/dirppg/grupos/tema/34o_ocaso_maq_indisp.pdf> Acesso: 06 de dezembro de 2014.

Vieira (1999, p. 15) diz que “a segunda metade do século XIX foi marcada por uma profunda transformação fruto da mecanização do trabalho com a máquina de bordar, considerada uma séria ameaça para o bordado à mão”. Essa consideração faz sentido se ignorarmos os diferentes resultados estéticos provenientes de uma ou outra forma de se bordar que atende, por conseguinte, a diferentes gostos e públicos. Essa “classificação dos modos de produção do bordado” segundo Brito (2010, p. 121) “aparece mais nos discursos das bordadeiras”. Estas ponderam ainda o esforço físico que fazem optando por uma dessas modalidades. O bordado à máquina, especialmente o industrial, requereria menos movimentos, cansando menos a bordadeira.

A esse ponto podemos nos voltar para o bordado de Passira. O bordado manual de Passira. E, nesse caso, parece que a expressão “manual” está não só como um distintivo, mas como um atributo de qualidade, de exclusividade, de tradição porque é uma “arte” que passa de “geração em geração”.¹¹¹ É pertinente lembrar que, em Brito (2010), o bordado manual é também um saber-fazer associado ao passado, a uma tradição valorizada porque pode se perder, mas quase é a sua transformação que garante a sua perpetuação. Algo como o conceito de “Tradição e Tradução” explicado por Hall (2004) onde a permanência de determinadas tradições está justamente na “transferência”, no “transportar entre fronteiras” algumas práticas que sucumbiriam se permanecessem estáticas e fechadas em si.

Portanto, quando o bordado manual em Passira é, além de uma arte ensinada e praticada principalmente entre as mulheres passirenses, uma atividade que gera renda para grande parte da população, a tradição resiste se reconfigurando de acordo com o passar do tempo e suas várias questões de ordem social, econômica, cultural, não deixando de ser o tradicional bordado manual por isso. Como bem diz Veneziani (2005, p.22) a “tradição é o ser no progredir”.

É importante ressaltar que o bordado praticado e exaltado em Passira é o bordado manual. Mas, por qual razão se já vimos que existem outras formas de se bordar? Relembramos que os mitos de origem dessa atividade na cidade. O primeiro faz referência à Obra Social Santa Isabel – OSSI – realizada por freiras franciscanas ainda em Limoeiro, no ano de 1951. A irmã Gabrielle Andasch, líder da Obra, ensinava as moças sem ocupação, depois uma ensinava a outra, disseminando a prática do ofício.¹¹²

¹¹¹ Encarte de divulgação da 20ª Feira do Bordado Manual em Passira. 2006.

¹¹² Jornal do Comércio. 05 de Março de 1993.

Essa prática “secular”, conta a segunda versão, teve sua origem com “as filhas dos senhores de engenho, que habitaram a região durante o período colonial”.¹¹³ E o seu potencial comercial e econômico é incentivado só a partir da década de 1980, quando as bordadeiras começam a se organizar. Mas já em 1964 foi instituída a Cooperativa de Produção Artesanal e Industrial de Limoeiro Ltda., a COOPARMIL, mencionada por diversas fontes por ter habilitado e organizado o trabalho de muitas bordadeiras de Passira, e esse acontecimento “desmente” que organização das bordadeiras só tenha começado em 1980.

Por fim, uma terceira versão, um tanto romantizada, sustenta que “há muitos anos atrás já havia as primeiras bordadeiras em Passira” e que bordar era um “trabalho despercebido”, que as mulheres bordavam para pessoas de fora da cidade, que deixavam com elas “linhas e tecidos para serem trabalhados”. Como o número de bordadeiras não teria sido suficiente para a demanda, essas mesmas pessoas que encomendavam o serviço, passaram a ensinar “gratuitamente a arte de bordar para as jovens da região”.

Seja qual for a versão contada sobre a chegada e permanência do bordado manual em Passira, ele continuará sendo a tradição defendida e/ou lembrada dentro e fora da cidade. Uma tradição que rende satisfação a quem a pratica, ao mesmo tempo em que rende a sobrevivência financeira de muitas famílias, e da própria cidade como uma atração turística por ser a Terra do Bordado Manual, detentora do “melhor bordado manual do Brasil”.¹¹⁴ Em outras palavras, a questão da sobrevivência da tradição do bordado manual na cidade se vincula à própria resistência de parte da população do município, especificamente as bordadeiras. E é nesse ponto que podemos falar no bordado manual para além da dita tradição: como uma atividade econômica.

2.2. Atividade econômica.

Várias casas e pequenas lojas na entrada da cidade dão a dimensão da importância do bordado artesanal na vida dos moradores de Passira [...] e na economia local. Pelo menos 20% dos 30 mil habitantes vivem dos lucros diretos desta atividade que, há pouco mais de dez anos, não passava de lazer ou fazia parte dos enxovais das noivas e recém-nascidos.¹¹⁵

¹¹³ Diário Regional, 1995. Arquivo da Secretaria de Educação de Passira-PE.

¹¹⁴ Expressão utilizada no encarte de divulgação não só de da 26ª Feira do Bordado Manual, mas de exposição da cidade de Passira como “Uma pequena cidade de grandes tradições”.

¹¹⁵ Jornal Diário de Pernambuco, caderno de Economia. 12 de março de 1995. Arquivo da entrevistada Maria Ignês Costa Santana.

“Bordado domina a economia de Passira”, é assim o título de uma matéria de jornal que reforça a imagem da rentabilidade da atividade no município. Do mesmo modo nossa entrevistada - que participou da tentativa de organização e comercialização do bordado na cidade quando foi presidente de uma cooperativa - D. Alda endossa essa questão quando diz que “Quem desenvolveu Passira, quem deu um passo grande foi o bordado. Não tem para onde correr, tem não.”. E ela continua com o exemplo de uma família de Passira que é uma “mini-empresa”, seus integrantes são “empresários do bordado”. Ou seja, passam a existir outros personagens nessa história além da bordadeira.

Aliás, quando considerarmos na cadeia operacional os processos de desenho, de lavagem, de goma, de passar o ferro, são muitas as pessoas que podem participar na execução de um bordado. E nessa “mini empresa” citada por D. Alda, a filha engoma, o marido embala e todos contribuem de alguma forma em prol da atividade que proporciona o sustento da família. De forma análoga, Vieira (1999, p. 12) conta que:

O bordado deixou de ser uma livre criação da bordadeira, entrando num processo de laboração que começava com o traçado das linhas e os desenhos ajustados à solicitação do mercado ou da exigente clientela. A criação passou para a mão do desenhador, ficando a forma final dependente da maestria das mãos da bordadeira.

São “bordadeiras, cortadeiras, desenhistas, lavadeiras e engomadeiras” que integram essa “cadeia produtiva”¹¹⁶ do bordado em Passira. Tal como aconteceu com o bordado da Ilha da Madeira, em Portugal, “a valorização do bordado como mercadoria” (Vieira, 1999, p. 27) resultou em modificações no processo produtivo. Aliás, não é muito incomum que a prática do bordado, numa abordagem econômica, possa ser considerada um Arranjo Produtivo Local – APL - como revela Apolinário e Silva (2008, apud Brito, 2010, p. 222). Evidentemente, essa transformação do bordado não é definitiva, porque mesmo sendo uma atividade econômica, não é menos cultural por isso, e nem acontece de forma espontânea, mas pela interferência de vários fatores: sociais, culturais, econômicos, históricos, políticos.

Sobre uma influência política, vamos nos voltar ao caso do bordado em Passira. Parece ser um consenso entre fontes escritas e orais que o prefeito Edelço Gomes da Silva, que teve seu primeiro mandato entre 1983 e 1988, e depois de 1993 a 1996, “bastante

¹¹⁶ Jornal Diário de Pernambuco - seção de “Viagem” - 04 de outubro de 2005. Arquivo da entrevistada Maria Ignês Costa Santana.

sensibilizado pela arte, não mediu esforços em apoiar de todas as formas possíveis”¹¹⁷ a organização das bordadeiras e comercialização do bordado principalmente em meados de 1980. Por outro lado, mesmo atribuindo o começo desse novo olhar para o bordado em Passira ao ex-prefeito Edelço Gomes, fala-se na ocasião de uma “campanha para eleição em 1982”¹¹⁸, quando existe um comportamento estratégico por parte dos candidatos.

[Edelço Gomes] era muito entusiasmado, ele deu muito apoio ao bordado. Quem justamente deu esse ponta pé inicial foi ele. Porque era uma coisa muito assim, muito sutil, embutida, ninguém sabia, nem a gente que era de Passira sabia o potencial de bordadeiras que tinha aqui. (SANTANA, 2014)

É nesse mesmo período que Passira começa a ser reconhecida como a “cidade do bordado”, sendo mencionada e relacionada à prática do bordado manual nos meios de comunicação, como jornais, revistas e televisão.¹¹⁹ O seu “progresso” é o seu “artesanato”, exclama o poeta Tiago Ramos da Silva, na poesia “Passira Terra do Bordado Manual”. Foi na década de 80 que aconteceu, por exemplo, a primeira Feira do Bordado Manual da cidade, que por sua vez, foi resultado da articulação de esforços públicos, mas também privados, no sentido em que os próprios artesãos se envolveram na organização do evento¹²⁰.

Devido ao engajamento desse ex-prefeito em conjunto com outras pessoas, como D. Ignês, por exemplo, foram feitas algumas iniciativas para anunciar e vender os bordados passirenses. A participação na Feira dos Municípios, em 1985, com bordados e as cerâmicas da cidade, confirma uma dessas ações. E foi durante esse evento que D. Ignês, juntamente com uma comissão¹²¹, fizeram um pequeno folder para distribuir e já divulgar a Feira Artesanal de Passira que seria dali a poucos meses, no mesmo ano.

D. Ignês, que a princípio era simplesmente uma “professora do Estado”, após ter sofrido perseguição política, por manter uma sociedade com a irmã do novo candidato a prefeito, Edelço Gomes, foi demitida de forma arbitrária, em seu período de férias, pelo então prefeito Francisco de Mores Heráclio. Havia, segundo D. Ignês, a prática do coronelismo na

¹¹⁷ Palavras de D. Ignês.

¹¹⁸ Informação fornecida por um recorte de jornal datado de 1988, no Arquivo da entrevistada Maria Ignês Costa Santana.

¹¹⁹ Título da matéria da Revista Estados e Municípios Ano IX, nº 68, p. 53. 1984

¹²⁰ Como consta na seção “Apoio” do folder da III Feira do Bordado Manual de Passira. Além dos órgãos públicos, como a Prefeitura da cidade, a Fundação do Patrimônio Histórico e Artístico de Pernambuco – FUNDARPE – entre outros, uma cooperativa de bordadeiras de Passira, a COMIB, também tem o seu nome registrado como promotora do evento.

¹²¹ Comissão formada por alguns funcionários da prefeitura e produtores de bordado da cidade, de acordo com D. Ignês (Jul. 2014)

cidade e o prefeito “é que mandava em tudo, não tinha polícia, não tinha juiz, não tinha nada. Ele é quem mandava em tudo. Casava, batizava, dava pisa, mandava matar.” Isso nos faz lembrar o que explica Leal (2012, p.45-46):

Dentro da esfera própria de influência, o “coronel” como que resume em sua pessoa, sem substituí-las, importantes instituições sociais. Exerce, por exemplo, uma ampla jurisdição sobre seus dependentes, compondo rixas e desavenças e proferindo, às vezes, verdadeiros arbitramentos, que os interessados respeitam. Também se enfeixam em suas mãos, com ou sem caráter oficial, extensas funções policiais, de que frequentemente se desincumbe com a sua pura ascendência social, mas que eventualmente pode tornar efetivas com o auxílio de empregados, agregados ou capangas.

Com a vitória e eleição de Edelço Gomes, em 1983, D. Ignês foi admitida como funcionária da Prefeitura. Ela e mais nove pessoas que haviam sido demitidas porque também não “comungavam” com o antigo prefeito. Todas foram contratadas pela prefeitura. E D. Ignês foi logo indicada para assumir a Coordenação do Departamento de Cultura, e mesmo achando que “não daria conta” e com dificuldades para se adaptar ao novo trabalho com novos procedimentos e muitas “siglas”, ficou em torno de cinco anos. Em 1985 ela lembra que já estava no cargo, e que saiu em 1990.

Também outra figura política é relacionada ao período de ascensão do bordado como uma prática econômica em Passira, o ex-governador do Estado de Pernambuco, Miguel Arraes de Alencar. Em seu segundo mandato como governador de Pernambuco, entre 1986 e 1990, é citado tanto por D. Ignês quanto por D. Severina Maria de Almeida Medeiros, outra de nossas personagens, citada anteriormente, mais conhecida em Passira como Dia.

Para elas, Miguel Arraes foi um dos que mais contribuíram para que o bordado manual fosse reconhecido um fazer e um produto peculiar à cidade de Passira. D. Ignês conta que “Dr. Arraes” era muito amigo do ex-prefeito Edelço Gomes, e que os dois, numa passagem pelos sítios de Passira, descobriram a grande quantidade de bordadeiras que existiam ali. “Ficaram entusiasmados” continua D. Ignês. E ainda durante sua campanha para prefeito, Edelço Gomes, com o apoio de Miguel Arraes, que naquele ano de 1982 era deputado federal, começou a pensar no que poderia fazer por aquelas bordadeiras. Já Dia se refere à pessoa de Miguel Arraes citando também sua viúva, D. Magdalena Arraes, que “encomendava” toalhas

para o Palácio do Campo das Princesas¹²², sendo uma forma de incentivar e divulgar a produção do bordado de Passira.

Outra grande motivação para a comercialização do bordado e conseqüente valorização como atividade econômica foi a instituição de uma Cooperativa Mista das Bordadeiras de Passira – COMIB:

[...] em janeiro de 1984 o Departamento de Cultura do Município iniciou um trabalho na comunidade rural de Candeais, organizando um grupo de produção formado por 30 artesãs (bordadeiras). Em fins de 1985 o grupo já contava com 75 mulheres e sentiram a necessidade de se organizarem legalmente. Em 22 de janeiro de 1986 foi instituída a COMIB [...]”(2000, p. 26)

D. Ignês explica que esse trabalho iniciado na zona rural só foi possível pela obtenção de um recurso junto à SUDENE. A partir disso formaram-se grupos autônomos, sendo o primeiro em Candiais, que originou pouco depois essa cooperativa. E, no mesmo ano da instauração da COMIB, foram feitas algumas pesquisas com fins de “traçar um perfil global do setor”. A essa altura o bordado não era só uma atividade de âmbito doméstico, mas também era considerada uma atividade econômica de grande relevância para a cidade. Essas pesquisas foram coordenadas por D. Ignês, segundo o Jornal do Bandepe em outubro de 1987, e indicaram que cerca de 5300 pessoas se dedicavam a atividade do bordado, sendo a maioria composta por mulheres, com idade entre 8 e 80 anos. A maioria vivia na zona rural, onde se concentrava 70% dos 28 mil habitantes de Passira.¹²³

Por outro lado, em âmbito nacional e na contramão desse movimento que acontecia em Passira nesse mesmo período, o país se destacava pelo seu potencial industrial, como aponta Fausto (2014, p. 269) “o ‘capitalismo selvagem’ caracterizou aqueles e os anos seguintes, como seus imensos projetos, que não consideravam nem a natureza nem as populações locais.”. No entanto, esse cenário foi abalado com a recessão de 1981-1983, quando os setores mais alcançados foram justamente os da indústria de bens de consumo localizados nos centros urbanos do país. Também na esfera nacional e nessa década de 1980, Lina Bo Bardi, arquiteta italiana radicada no Brasil, volta-se para o artesanato e a arte popular brasileira, “ajudando a promover uma importante reflexão sobre o tema.”.

¹²² Sede administrativa do Estado de Pernambuco. Disponível em: <http://www.onordeste.com/onordeste/enciclopediaNordeste/index.php?titulo=Pal%C3%A1cio+do+Campo+das+Princesas<r=p&id_perso=1520> Acesso: 27 de Fevereiro de 2015.

¹²³ Esses mesmos dados são ainda citados no Caderno Diário Rural do Jornal Diário de Pernambuco, em março de 1990.

Portanto, o resultado desses investimentos no trabalho manual praticado por essas mulheres rendeu ao município de Passira não só a fama de “Terra do Bordado Manual”, mas movimentou toda sua economia. Em 1982, sua estrutura econômica, de acordo com o encarte de informações municipais da Fundação de Informações para o Desenvolvimento de Pernambuco – FIDEPE –, era predominantemente de atividades agropecuárias. Nesse mesmo material, não há uma menção sequer ao exercício do bordado na cidade. Sete anos mais tarde, como uma “boa prática de turismo” em que “práticas tradicionais, eventos, festas e artesanatos revivem como recurso turístico” segundo Dias (2006, p.7), no encarte de divulgação da 3ª Feira do Bordado Manual de Passira, que aconteceu em outubro de 1989, se ressaltava que “entre as diversas atividades que são desenvolvidas na cidade” está o Bordado Manual “com alto padrão de qualidade, conhecido no Brasil e no exterior”. Ou seja, se a realidade não fosse exatamente dessa forma descrita, era essa a imagem que se vendia desde então e que nos fez fazer esse curto registro sobre a questão.

A convicção de que o bordado passa a ser também uma atividade econômica importante na cidade de Passira vem ainda de eventos como a inauguração “de um espaço para comercialização na Casa da Cultura¹²⁴ do Recife” em 1987, proporcionando “no âmbito da capital, um contato direto entre as bordadeiras e o consumidor final”¹²⁵ suplantando assim, de alguma forma, a figura do atravessador - agente que faz a ponte entre as transações comerciais de compra e venda da produção artesanal (Silva, 2013, p. 03). E essa “distância dos mercados consumidores” é “um dos principais problemas enfrentados pelo artesão para realizar a venda de seus produtos” de acordo com um Estudo de Mercado de “Bordados e rendas para cama, mesa e banho” realizado pelo Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas – SEBRAE – em 2008.

Também podemos mencionar, conforme D. Alda, as “casas, lojinhas e galerias” que se estabeleceram na própria cidade após esse incentivo ao setor de comércio do bordado. Há de se questionar até mesmo se a visibilidade do bordado como uma atividade econômica não tenha possibilitado a sua notoriedade enquanto forte tradição artesanal na cidade, herdada do

¹²⁴ Prédio tombado pela Fundação do Patrimônio Histórico e Artístico de Pernambuco (FUNDARPE) em 1980, que funcionou como penitenciária durante 118 anos e a partir de 1976 foi inaugurada como a Casa da Cultura, um centro da cultura e arte pernambucana, abrigando artesanato de todo o Estado, do litoral ao sertão. Disponível em: < <http://www.casadaculturape.com.br/aCasa.php> > Acesso: 12 de maio de 2015.

¹²⁵ Jornal do Bandepe, outubro, nº 76, 1987.

município de Limoeiro. E daí tenha surgido o tema do bordado como Patrimônio Cultural de Passira, quiçá de Pernambuco.¹²⁶

2.3. Patrimônio cultural.

Passira não só é a “Terra do Bordado Manual”, é igualmente o município que detém esse patrimônio. Se, como afirma Oliveira (2008, p. 114), “a noção de patrimônio confunde-se assim com a de propriedade herdada”, o bordado manual é patrimônio de Passira porque é herança, passada de geração em geração. O bordado manual é o “maior patrimônio cultural do município.”¹²⁷ No entanto, em que medida essa patrimonialização aconteceu, ou acontece? Antes de entrarmos na questão do bordado como patrimônio cultural, é preciso entendê-lo como um objeto cultural. Pelo seu valor artístico, social, histórico e também político, a prática do bordado se constitui então como um bem cultural. É uma das manifestações artísticas passirenses; faz parte da história do município, é um bem comum à população, mesmo para aqueles que não o praticam, mas que se reconhecem como habitantes da “Terra do Bordado Manual”; enquanto a política se apropria de seu valor simbólico para gerar valor político, e vice e versa, e como bem lembra Dias (2006, p. 70), é transformado em “instrumento de formação e de consolidação das identidades nacionais” e por que não dizer identidades municipais?

Enquanto atividade e produto, o bordado, também é um bem, na medida em que se criam cooperativas e associações em prol da sua existência e do seu desenvolvimento. Evidentemente existem questões econômicas que influenciam essas operações, já que o bordado é “uma atividade rentável que já virou patrimônio cultural”¹²⁸ Ainda mencionamos a Feira do Bordado Manual, que em 2008 teve a sua 22ª edição. Um evento que acontece anualmente, a priori, tinha o intuito de “atrair a atenção do mercado consumidor” acabou se tornando também um evento cultural com shows musicais, grupos repentistas, praça de alimentação e concurso de bordadeiras. Chamando a atenção de turistas e conseguindo reconhecimento inclusive no exterior, o bordado é ou não é um bem cultural? E principalmente, sendo um bem cultural, o que isso muda na dinâmica dessa atividade em Passira?

¹²⁶ De acordo com o Projeto escrito da XIX Feira do Bordado Manual, “O Bordado Manual é patrimônio cultural de Passira e do Estado de Pernambuco.” Outubro de 2005.

¹²⁷ Segundo o texto no encarte de divulgação da Feira do Bordado Manual de Passira, em 2004.

¹²⁸ Encarte do SEBRAE sobre o bordado manual de Passira.

Na “Convenção sobre a Diversidade Cultural”, realizada em Paris, no ano de 2005, Dias (2006, p.22) conta que houve uma ampliação da definição de bens culturais, onde “se inclui a noção de serviços culturais”. O autor continua explicando que “o documento define bens e serviços culturais como todos aqueles bens, serviços e atividades que encarnam ou originam expressões culturais”. Logo, nesse sentido, não seria errado afirmar que o bordado é um bem cultural, especialmente para a “Terra do Bordado Manual”.

Ao se considerar um bem como bem cultural, [...] enfatiza-se o seu valor simbólico, enquanto referência a significações da ordem da cultura. [...] No caso dos bens patrimoniais selecionados por uma instituição estatal, considera-se que esse valor simbólico refere-se fundamentalmente a uma identidade coletiva, cuja definição tem em vista unidades políticas (a nação, o estado, o município). (FONSECA, 2005, p. 42)

Essas implicações nos levam, então, ao bordado como patrimônio cultural. Além desse fator “hereditário” e “tradicional”, parece existir uma associação entre “ser patrimônio” e o fato do bordado representar o município em eventos nacionais e internacionais. Então, finalmente, a prática do bordado se constitui em patrimônio cultural no município de Passira? E principalmente, que tipo de patrimônio, legitimado por quem ou pelo o quê? A resposta a esse questionamento pode ser fundamental para o entendimento da trajetória desse saber/fazer enquanto bem cultural exaltado pela cidade.

“Eu lembro que no governo de Cida, [ela] deixou o bordado como patrimônio histórico da cidade, teve um movimento desse que eu lembro” nos conta nossa já conhecida D. Lúcia, bordadeira há anos e atual presidente da AMAP. Ela se refere ao governo da Sra. Aparecida Laurentino da Silva, entre os anos de 2001 a 2004. Teria sido a partir dessa gestão que o bordado manual de Passira passa a ser considerado patrimônio histórico da cidade. Histórico? Considerado por quem? E para quê?

Patrimônio histórico. A expressão designa um bem destinado ao usufruto de uma comunidade que se ampliou a dimensões planetárias, constituído pela acumulação contínua de uma diversidade de objetos que se congregam por seu passado comum: obras e obras-primas das belas artes e das artes aplicadas, trabalhos e produtos de todos os saberes e savoir-faire dos seres humanos. (CHOAY, 2006, p. 11)

No sentido de ser um bem que tem esse valor agregador pelo passado comum, a prática do bordado pode ser considerada um patrimônio histórico. A grande questão para essa perspectiva, na cidade de Passira, seria a categorização desse patrimônio, a sua legitimação e em que medida isso interfere na prática do bordado, conseqüentemente na vida das bordadeiras.

Ser referenciado como Patrimônio Cultural nas divulgações das Feiras do Bordado Manual, parece ser uma forma de legitimar esse dado, no entanto foge às políticas de patrimonialização oficiais em âmbito estadual e federal. Políticas essas que não parecem muito precisas de acordo com Funari e Pelegrini (2009, p.43) na medida em que “oscilam entre concepções e diretrizes nem sempre transparentes.”.

Para analisar com maior clareza os procedimentos adotados pelo órgão responsável pela proteção do patrimônio cultural no Brasil, cabe recordar: enquanto a Convenção sobre a Proteção do Patrimônio Cultural e Natural atua na fiscalização e proteção dos bens culturais inclusos na Lista do Patrimônio Histórico Cultural da Humanidade, as ações do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan) se encarregam da identificação, catalogação, restauração, conservação, preservação, fiscalização e difusão dos bens culturais em todo território brasileiro. (FUNARI E PELEGRINI, 2009, p. 45).

No cenário estadual, temos a Fundação do Patrimônio Histórico e Artístico de Pernambuco – Fundarpe – que é “uma instituição técnica [...] que exerce os poderes que a lei federal impõe sobre as políticas de salvaguarda do patrimônio cultural brasileiro”. A ela cabe o parecer favorável ou não “dos processos de tombamento a nível estadual, definições sobre conservação e restauro dos bens culturais tombados e, sobretudo, fiscalização e a aplicação dos efeitos do tombamento dos bens culturais” do Estado de Pernambuco, de acordo com Santos (2015, p. 136).

Sendo assim, o bordado manual de Passira deveria passar por esses processos aos quais são submetidos os bens culturais do Estado para ser considerado um patrimônio cultural. Deveria? Em termos institucionais sim. E ainda em outro âmbito se confere legitimidade aos bens culturais dentro de Pernambuco, o municipal. Dentro do município é possível que haja o registro de um bem material ou imaterial, antes, porém “é preciso que seja formado primeiro o Conselho Municipal de Preservação de Patrimônio”¹²⁹. A esses Conselhos se atribuem, dentro do município, as funções de registrar – ou tomba¹³⁰ – os bens culturais e administrar a preservação desses mesmos bens.

¹²⁹ Patrimônio de Pernambuco: materiais e imateriais. / Fundação do Patrimônio Histórico e Artístico de Pernambuco – Recife: Fundarpe, 2009, p.66.

¹³⁰ “O tombamento é um ato legal de reconhecimento do valor cultural de um bem, que o transforma em patrimônio oficial e institui regime jurídico especial de propriedade, levando-se em conta a sua função social. É um ato administrativo, cuja competência no Brasil é atribuída pelo Decreto-Lei nº 25, de 30 de novembro de 1937, realizado pelo poder executivo. [...] com o objetivo de preservar, por intermédio da aplicação de legislação específica, bens de valor histórico, cultural, arquitetônico, ambiental e também de valor afetivo para a população impedindo que venha a ser destruídos ou descaracterizados. O nome tombamento advém da Torre de Tombo, o arquivo público português, onde eram guardados e conservados documentos importantes de sua história.”

Até onde foi verificado no momento atual da presente pesquisa, não houve a formação de um Conselho parecido com o descrito acima no município de Passira. Nem pela Fundarpe, tampouco pelo IPHAN – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – consta o registro do bordado manual de Passira como sendo patrimônio cultural da cidade ou do Estado. Não há se quer a consideração, pela Assembleia Legislativa do Estado, do bordado de Passira, como um Bem do Patrimônio Cultural e Imaterial de Pernambuco, como há, por exemplo, uma menção ao Alto do Moura, na cidade de Caruaru.¹³¹ Mas, a ex-prefeita Aparecida Laurentino, responde a esse questionamento da seguinte forma:

Nós temos selo de bordado, nós temos tudo organizado. Só que você sabe que nesse país da gente as coisas andam tudo devagar quando se trata do lado pobre. [...] É Patrimônio, hoje é Patrimônio. Tornou-se patrimônio, tem selo [...] Existe [um documento por escrito que comprove o bordado como sendo patrimônio de Passira]. Mas eu não vou te dizer com segurança onde ele está porque era uma Secretária que eu tinha criado especial na época e veio uma mulher chamada Rosário, de Recife. Aí esse secretário que acompanhava ela é quem tem todos esses dados. Eu me inteiro [...].

¹³²

Essa nomeação do patrimônio advinda do campo público e político faz pensar na colocação de Dias (2006, p. 70) quanto ao seu “valor político” e a sua identificação com Estado, que seria “o representante dos interesses gerais da nação”. No caso, o bordado como patrimônio teria um valor político para a prefeitura, e essa seria a representante dos interesses das bordadeiras, sendo, por fim, essa “patrimonialização” uma manobra de “formação e consolidação” da identidade do município como a “Terra do Bordado Manual”.

O bordado, ou “o bordar”, como patrimônio cultural de Passira, também se relaciona com o fator turístico e econômico. Na medida em que representa a cultura local, que envolve um grupo de aproximadamente 6.000 mil pessoas, ele é apresentado como “maior patrimônio cultural de Passira e do Estado”. Um dos argumentos é a sua presença em “diversos eventos nacionais e internacionais”¹³³. Pensando de forma semelhante, Dias fala que:

O patrimônio pode ser considerado como um dos meios para o desenvolvimento de pequenas localidades: do ponto de vista econômico, o patrimônio converte-se em objeto de mercado, caráter que se agrega a sua natureza simbólica como representação da memória coletiva de uma sociedade. (2006, p. 100)

(Patrimônio de Pernambuco: materiais e imateriais. / Fundação do Patrimônio Histórico e Artístico de Pernambuco – Recife: Fundarpe, 2009, p.10-11)

¹³¹ Patrimônios de Pernambuco: materiais e imateriais. Recife: Fundarpe, 2009.

¹³² ENTREVISTA com Maria Aparecida Laurentino da Silva (concedida a autora). Passira, 23 de novembro de 2014.

¹³³ Projeto escrito da XIX Feira do Bordado Manual, Outubro de 2005.

Então lembramos que Le Goff (2000 p. 109) já defendia que “A memória coletiva valoriza-se, organiza-se em patrimônio cultural”. Logo, se chega a outra questão que também é intrínseca à concepção do bordado como patrimônio cultural: a tradição. Tradição no sentido exposto por Veneziani (2005, p. 17) de que “seu princípio vital não é a memória, mas a continuidade”. E quanto a isso se diz que “De geração em geração, o artesanato de Passira é ensinado, como não podia deixar de ser, como muita experiência. Maior patrimônio cultural do município [...] É a valorização da arte mais tradicional do lugar.”¹³⁴.

Tudo que fora pontuado leva a crer que o bordado manual de Passira é considerado, ainda que de modo confuso, patrimônio da cidade. Talvez essa confusão resida na falta de documentação e implementação de esforços na legitimação desse estatuto. Dizer que é “patrimônio” pouco altera uma prática que, em algum momento, pode estar fadada ao enfraquecimento, ou que precise de ações que possam ir além do campo do discurso para que haja a sua renovação e continuidade.

Por essa razão, propomos debater mais profundamente no quarto capítulo essa demanda do bordado manual como Patrimônio Cultural de Passira: como participam ou podem participar os diferentes sujeitos sociais na assimilação e difusão do bordado como um bem que constitui essa identidade de Terra do Bordado Manual. Passemos então a discutir por enquanto a prática do bordado enquanto um bem, um monumento da cidade – basta lembrar a fotografia 1 deste estudo.

2.3.1. Um bem, um monumento.

A palavra latina *monumentum* remete para a raiz indo-europeia *men*, que exprime uma das funções essenciais da mente (*mens*), a memória (*memini*). O verbo *monere* significa ‘fazer recordar’, donde ‘avisar’, ‘iluminar’, ‘instruir’. O *monumentum* é um sinal do passado. Se se remontar às suas origens filosóficas, o monumento é tudo aquilo que pode evocar o passado, perpetuar a recordação. (LE GOFF, 2000, p. 103)

Assim é a prática do bordado manual da cidade de Passira, um ofício que remete ao passado, que o evoca no presente. Uma espécie de presentismo, um regime de historicidade, que Hartog (2013, p. 11) define como “uma maneira de engrenar passado, presente e futuro ou de compor um misto das três categorias”. Podemos, ainda, mencionar Choay (2006, p. 18) e sua definição sobre o monumento, dentro de um conjunto de práticas patrimoniais, “[...] seu propósito é essencial: não se trata de apresentar, de dar uma informação neutra, mas de tocar, pela emoção, uma memória viva [...]” tal qual acontece com a evocação do bordado manual

¹³⁴ Panfleto de divulgação da XVIII Feira do Bordado Manual.

de Passira. A autora continua “Chamar-se-á monumento tudo o que for edificado por uma comunidade de indivíduos para rememorar ou fazer que outras gerações de pessoas rememorem acontecimentos, ritos ou crenças”.

O patrimônio é o alter ego da memória, como afirma Hartog (2013, p. 193), a memória, por sua vez, se apresenta também “sob a forma de monumento”, segundo Le Goof (2000, p. 103). O patrimônio cultural do bordado manual em Passira, portanto, é um monumento para a cidade. Monumento que tem sido representado na figura da bordadeira com o seu tecido, a linha e a agulha, no exercício do bordar. É por meio dessa representação que as pessoas na cidade de Passira, mesmo as que não lidam diretamente com os instrumentos do bordado, passam a ter um “sentimento de pertença”, se sentem parte de uma “genealogia – tanto biológica quanto cultural”, como aborda Quintas (2007, p. 47).

E quando falamos em representação recordamos uma das modalidades que esse conceito articula em relação ao mundo social, como define Chartier (2002, p. 23): as práticas. O que tem sido o bordado manual para a cidade de Passira senão uma dessas práticas explicadas pelo autor como aquilo que faz “reconhecer uma identidade social, exibir uma maneira própria de estar no mundo, significar simbolicamente um estatuto e uma posição”.

2.4. Feira do Bordado Manual.

E, se nos propomos a contar a história que temos narrado até agora, não podemos esquecer de um dos acontecimentos mais marcantes dessa trajetória: a Feira do Bordado Manual de Passira. Feira que nasce somente como “Feira Artesanal de Passira”, ou, mais ampla ainda na medida em que não especifica o bordado manual, abrangendo outros artesanatos feitos na cidade, como a produção de cerâmica. “São painéis, cuscuzes, pratos e terrinas”, tudo produzido com barro de massapé, muitas vezes retirado do quintal de casa, na zona rural da cidade.¹³⁵ É mais uma tradição da região, “repassada de pai para filho, com elevada importância cultural e econômica” conforme descrição de um encarte produzido pela COMIB em parceria com a Casa da Cultura do Recife. Assim, a Feira Artesanal de Passira foi uma espécie de ideia embrionária para a Feira do Bordado Manual de Passira e é na sua primeira edição, no ano de 1985, que encontramos a justificativa para o recorte temporal inicial dessa pesquisa.

¹³⁵ Informações de uma matéria intitulada “Artesanato também na roça”, na Revista Direção Empresarial, CEAG-PE, p. 14-16. Volume XII, nº 124, Junho/1986.

Imagem 8 – Convite da II Feira Artesanal de Passira. Dezembro de 1986.



Fonte: Arquivo da entrevistada D. Ignês.

A 2ª Feira Artesanal de Passira aconteceu em 1986, o que nos leva a crer que a primeira foi em 1985. Inclusive D. Ignês nos confirma essa informação através do seu relato oral e quando nos mostra o convite dessa segunda edição, com o ano de 1986. (Ver Imagem 8) Existindo a intenção de propagar o bordado manual da cidade, muda-se seu nome de “Feira Artesanal” para “Feira do Bordado Manual” e, em 1987, ao invés de 3ª Feira Artesanal de Passira, tem-se a 3ª Feira do Bordado Manual de Passira. E também concluímos isso mediante outro convite do arquivo pessoal de D. Ignês, que se refere a 3ª Feira do Bordado Manual de Passira, no ano de 1989. Não se sabe se entre 1987 e 1988 houve uma interrupção no acontecimento da Feira, ou se foi justamente nesses anos que aconteceram a 1ª e a 2ª edição da Feira do Bordado Manual de Passira, ou seja, já especificando o artesanato principal do evento. D. Ignês não lembra exatamente o que houve, mas diz que:

Teve ano que farrapou. Teve ano por conta de política, de eleições né? Teve um candidato que não era eleito. Sei que teve, não sei se foi um ano, ou foi dois que não houve a Feira, mas aí foi conta mais de questões políticas. E se eu não me engano foi o ano seguinte a Feira lá desse prédio velho, o prédio antigo lá da rua da matriz. Depois das duas seguidas, a terceira, no caso, o terceiro ano né? A terceira Feira não foi no terceiro ano, foi no quarto ano. Depois pelas datas eu vejo isso aí, porque a gente vai esquecendo. Aí foi assim. (SANTANA, 2014).

A ideia de organizar uma feira na cidade de Passira, com os bordados passirenses, surge com D. Ignês. Ela mesma conta que estava assistindo televisão em casa, vendo as propagandas da Feira do Doce e da Renda de Pesqueira, daí se questionou: “Por que Passira com o bordado que tem não faz uma feira?” Nesse ponto, lembramos a “figura” da “feira” trazida por Albuquerque (2013, p.24) quando diz que “ela também remete à multiplicidade de apelos em torno das distintas mercadorias que se tenta vender”. No caso da feira em Passira, acredita-se que uma das mercadorias que se queria vender era a própria ideia da cidade como produtora maior, verdadeira detentora desse ofício.

Então, D. Ignês levou a questão ao Prefeito, “disse para ele essa ideia” e “ele acatou”. O primeiro passo foi visitar essa Feira em Pesqueira porque, até então, ninguém em Passira tinha noção de como se organizava um evento como esse, segundo D. Ignês. Durante essa visita, ficaram ainda mais entusiasmados em realizar uma feira em Passira porque não tiveram suas expectativas correspondidas: “Não era o que a gente esperava. Eu achava assim que quando chegasse lá tinha muita renda, que aqui na Feira de Bordado daqui você compra até um caminhão de bordado, né verdade? Se você quiser leva um carro cheio de bordado.” D. Ignês se queixou da falta de “coisa pra vender” porque os estandes que tinham nessa Feira “não era pra venda, era só de mostruário”. Portanto, estava traçado um plano para realização da Feira Artesanal de Passira. D. Ignês novamente levou o assunto ao prefeito, com novos argumentos, e o convenceu a participar dessa tarefa.

Houve ainda uma tentativa de fazer uma feira mensal, ainda de acordo com D. Ignês, na R. Severino Fontes, “uma Feira assim, sem ser aquela Feirona”, de modo que os compradores pudessem vir com mais periodicidade, mas “não deu certo”, ficando consolidada mesmo somente a feira anual.

2.4.1. Seus lugares e suas estruturas.

Em todo fim de ano
 Realiza-se a grande feira
 Do bordado manual
 Por quase uma semana inteira
 No meu verso popular
 Quero parabenizar
 As artistas brasileiras.
 Meu amigo ou minha amiga
 Que vier a nossa cidade
 Para a festa dos bordados
 Pode ficar a vontade

Que aqui não tem perigo
E compre os nossos artigos
Que são de boa qualidade.¹³⁶

Mais do que espaços físicos, os lugares que a Feira do Bordado Manual de Passira ocupou são subjetivos, simbólicos. Contra todas as dificuldades de se montar um evento como esses, a Feira Artesanal de Passira aconteceu e abriu precedentes para que voltasse a acontecer nos anos seguintes. A falta de recursos financeiros e de experiência no planejamento e execução de um evento como esses, foram obstáculos superados pela existência de capital humano, trabalho em conjunto com os próprios produtores de bordado. A busca de apoio, seja das instituições financeiras da cidade, como o Bandepe e o Banco do Brail, ou para divulgação da Feira foi fundamental para a realização dessa primeira Feira. D. Ignês confirma “foi muito trabalhoso, muito trabalhoso mesmo, mas saiu a primeira Feira né?”.

¹³⁶ (TIAGO RAMOS DA SILVA, poeta popular, “O bordado manual de Passira”). Arquivo da entrevistada Maria Ignês Costa Santana.

Fotografia 11 – Entrada da 1ª Feira Artesanal de Passira.



Fonte: Arquivo da Secretaria de Educação de Passira.

Então, tanto D. Ignês quanto D. Alda nos confirmam que a 1ª Feira Artesanal de Passira aconteceu na Escola Municipal Maurina Rodrigues dos Santos, no bairro Alto da Esperança. D. Alda ainda lembra que foi lá onde estudou e hoje, como professora, ensina nessa mesma escola. Algumas características da infraestrutura são lembradas, como as “esteiras” que dividiam os espaços de cada expositor, “uma coisa muito simplesinha, mas que era a coisa do momento”, conta D. Aparecida Laurentino. Inclusive, na versão de D. Aparecida Laurentino, essa primeira Feira aconteceu no antigo matadouro, o açougue público, que ficava no centro da cidade. E mesmo D. Ignês, em outro momento, se refere ao local da segunda Feira – mesmo lugar onde parece ter ocorrido a primeira – como “antiga garagem”. A julgar pela Fotografia 11, a qual tivemos acesso durante a pesquisa, e a quase inexistência de documentos escritos sobre a ocasião, o lugar aonde aconteceu a primeira Feira parece estar mesmo entre uma garagem ou um antigo matadouro. Já a cópia de um recorte que teria sido

do Diário Oficial em 31 de outubro de 1989,¹³⁷ diz que o “encontro” da 3ª Feira do Bordado Manual de Passira aconteceu na Escola Municipal Maurina Rodrigues.

Com o passar dos anos, o incremento dos investimentos e a consolidação do evento, essa infraestrutura foi modificada. Novos apoios, como por exemplo, o CEAG e o SEBRAE, colaboraram para o desenvolvimento da Feira e “aquela estrutura mudou muito e quando a gente anda dentro da Feira nem parece que a gente está dentro da cidade”, conta D. Alda. Há outra menção à qualidade dos estandes oferecidos pelo SEBRAE na fala de D. Lúcia. O lugar onde se realiza a Feira também mudou, passando a acontecer no centro da cidade, na Rua da Matriz, próximo à Igreja da Matriz.

Ainda sobre essa iniciativa da primeira Feira, D. Ignês narra um fato curioso: o uso de um carro do Movimento Brasileiro de Alfabetização – MOBRAL –¹³⁸ para que se apresentassem os artistas, cantores, violeiros e repentistas. “Se apresentava ali, é como um palco. Ele abria, tinha uma parte ali pra cima, tinha outra assim pra baixo, que abria assim, e ali era um palco.” Segundo ela, esse carro, servia às festas e eventos culturais em todo Brasil.

D. Ignês lembra que “naquele tempo ninguém conhecia” o bordado manual de Passira. Até o *slogan* “Terra do Bordado Manual” não existia, foi inventado depois, quando o ex-prefeito Edelço Gomes teria mandado colocar uma placa na entrada da cidade com os dizeres “Seja bem vindo a Passira. A Terra do Bordado Manual. Prefeitura Municipal de Passira.”. A partir de então, com a divulgação em jornais e televisão, a expressão passou a ser usada para se referenciar a cidade de Passira.

Por fim, pode-se dizer que a experiência da 1ª Feira Artesanal de Passira foi bem-sucedida. Não houve muitas vendas, mas os expositores, que não foram muitos já que se tratava do início da comercialização dentro da própria cidade, ficaram satisfeitos. A avaliação final foi positiva e o ineditismo da iniciativa instigou para que se programasse a próxima edição.

¹³⁷ Material encontrado no Arquivo da AMAP.

¹³⁸ “O Movimento Brasileiro de Alfabetização, vinculado ao Ministério da Educação e Cultura, foi criado em 1967 e transformado em 1970 em organismo executor de um Programa Nacional de Alfabetização, tendo como finalidade a alfabetização e educação continuada de adolescentes e adultos. [...] estruturado em três níveis administrativos representados pelo MOBRAL Central, em nível estadual pelas Coordenações Estaduais e Territoriais e em nível municipal pelas Comissões Municipais e comunidades.” (Avaliação em educação de adultos: temas e discussões. Rio de Janeiro, MOBRAL. OREALC. 1984. p. 74) Em nossa pesquisa não achamos nenhuma menção a esse carro citado por D. Ignês.

A Feira do Bordado Manual de Passira vem a ser então outro elemento constitutivo da história da prática do bordado na cidade. E, por outro lado, a história desse ofício na cidade é contada também por meio desse evento. “A tradição do bordado de Passira é coroada”¹³⁹ todos os anos com a realização da Feira do Bordado Manual. É divulgada como uma “fonte alternativa de geração de empregos, renda, e que contribui para a subsistência dos familiares dos artesãos.”¹⁴⁰

2.4.2. Um movimento político.

A Feira do Bordado Manual de Passira é igualmente um movimento político. A cada gestão existe a responsabilidade – e a rivalidade – de promover uma feira tão boa quanto, se não melhor que, as da gestão anterior. À Prefeitura é atribuída a realização da Feira, por meio do seu Departamento de Turismo, em parceria com os artesãos, segundo a Secretaria de Educação, Cultura e Esportes (2000). No entanto, D. Ignês, faz uma crítica nesse sentido, lamentando que nos últimos anos as secretarias da prefeitura não estejam abertas à participação dos artesãos, dos produtores de bordado. “São possessivos”, diz D. Ignês, eles “marcam a data da Feira sozinhos, aí já divulgam sem a participação do povo”.

Nesse mesmo sentido, D. Lúcia também tece suas críticas ao governo municipal, que, segundo ela, usa a bandeira das “famosas bordadeiras” em suas “palestras políticas”, enquanto a organização e infraestrutura de muitas edições das feiras “deixam a desejar.” A insatisfação também é sentida em relação a divulgação do evento, ou na falta dela. D. Ester se queixa que não há “entusiasmo” da gestão pública e que, desde a época do ex-prefeito Edelço Gomes, a Feira do Bordado Manual não progrediu como deveria. As bordadeiras “só faltam morrer de trabalhar” em função da Feira, diz D. Ester, mas quando o evento acontece falta público, faltam turistas porque não há divulgação suficiente e eficiente. A Feira exige tanto esforço dos envolvidos - especialmente das bordadeiras, produtores e comerciantes - que o dia seguinte ao

¹³⁹ Diário de Pernambuco, 1994. Arquivo da Secretaria de Educação de Passira-PE.

¹⁴⁰ Nota “Diário Regional” de Gildson Oliveira e equipe. 28 de Outubro de 1994. Arquivo da Secretaria de Educação de Passira. Ao nos depararmos com esse documento conseguimos fazer um paralelo com outro documento mais recente, que extrapola inclusive o recorte da presente pesquisa: um Projeto de Lei nº 1488, de 2010, assinado pelo deputado Henrique Queiroz, que propõe a instituição no Calendário Oficial de Eventos do Estado de Pernambuco da Feira do Bordado Manual de Passira. Na justificativa se aponta, de modo muito semelhante a abordagem do jornal, que “A adoção da Feira do Bordado Manual da cidade de Passira ao calendário oficial é um incentivo a geração de emprego e renda, garantindo sustento para milhares de famílias que adotaram o bordado manual como vocação profissional.” O nos parece incomum é que entre o jornal, de 1994, e o projeto de lei, de 2010, passaram-se 16 anos e ninguém tenha percebido essa relevância.

seu encerramento, normalmente as segundas-feiras já que a Feira acontece entre sexta e domingo, foi decretado feriado municipal.¹⁴¹

Sobre a competitividade entre os gestores, temos a fala da ex-prefeita Aparecida Laurentino, cujo marido já falecido, Antônio Ronaldo Laurentino da Silva, também foi prefeito da cidade de Passira. Ela diz que ele, Antônio Ronaldo, “deu continuidade com festividades, atrações, movimentos, incrementou mais”; em seguida Edelço Gomes assumiu a prefeitura novamente, “aí não quis ficar por trás, mas também não acompanhava o ritmo mental de espiritualidade festiva” do seu antecessor.

São muitas as perspectivas sob as quais a Feira do Bordado Manual de Passira pode ser observada. Entretanto, sua realização anual é uma confirmação do bordado manual da cidade como uma atividade econômica. As peças bordadas são expostas, são apreciadas, mas a finalidade principal são as vendas, a promoção desse produto, a promoção da própria cidade como a “Terra do Bordado Manual”.

2.4.3. Outro bem cultural.

Sim, outro bem cultural. Não aquele bem cultural “dotado de monumentalidade”¹⁴², conforme a percepção daqueles que primeiro selecionavam e valoravam os bens patrimoniais, os grupos sociais dominantes. Mas aquele bem cultural que tem primeiramente significação cultural, adquirida com o tempo e segundo a cultura local – de onde se fala.

Assim, além da própria prática do bordado, a Feira do Bordado Manual de Passira se constitui em bem cultural a medida que foi – e tem sido – um evento que, a priori, tinha o intuito de “atrair a atenção do mercado consumidor”, mas acabou se tornando também um evento cultural com shows musicais, grupos repentistas, praça de alimentação e concurso de bordadeiras. “Uma verdadeira festa” e “festividade” são expressões muito usadas para se referir ao evento.

Os bens culturais “possuem significados diferentes que também variam de acordo com grupos econômicos, sociais e culturais” de acordo com Tomaz (2010, p. 06). A Feira do Bordado Manual de Passira “ainda que excludente do ponto de vista da participação do produtor e da bordadeira” segundo Silva (1997, p. 153), “representa um momento de

¹⁴¹ Não encontramos registro escrito sobre esse decreto. A informação nos veio por meio da entrevista da ex-prefeita Aparecida Laurentino.

¹⁴² ZANIRATO, 2009, p. 142.

socialização dos diferentes grupos sociais, da população local com uma população que circula durante o evento”.

Nesse ponto podemos fazer um paralelo com um projeto de lei do deputado Augusto Coutinho. Santos (2015, p. 227) explica que “seu interesse era institucionalizar a Feira de Arte e Artesanato do Bairro de Boa Viagem” em Recife, como “Patrimônio turístico e cultural do povo pernambucano”

Na sessão de justificativas do projeto do deputado Augusto Coutinho, com número de processo 53/2007, percebe-se um discurso que busca legitimar o valor patrimonial da feira a partir de sua importância turística e econômica para a comunidade que trabalha no local. O texto do deputado se inicia com a afirmação que a feira, criada em 1966, seria “considerada uma das mais antigas do Brasil” e que beneficiaria direta e indiretamente “cerca de mil pessoas”. Pois, ao possuir “artigos típicos de nossa região” como couro, algodão, materiais de artesanato e etc., seria um dos principais pontos turísticos do estado de Pernambuco.

A “busca da legitimidade do valor patrimonial” da Feira do Bordado Manual de Passira ainda não existe nesses termos patrimoniais. O fato é que ao longo dos anos tem-se construído, ou tentado construir, uma imagem associada, e indissociável, ao peso simbólico do próprio bordado manual. A Terra do Bordado Manual é chamada assim, porque ocupa “seu espaço no âmbito econômico e cultural do Estado e destaca-se no quadro turístico”¹⁴³ e se sobressai no campo turístico porque tem a Feira do Bordado Manual.

¹⁴³ Texto divulgado no encarte da 16ª Feira do Bordado Manual, em 2002.

Capítulo 3. Bordadeiras.

O bordado em si já era uma atividade corriqueira nas suas vidas, mas a comercialização das peças executadas nunca tinha sido uma preocupação ou objetivo. Um dia um representante da Brasilgás, vendo-as em plena atividade de bordado sugeriu que fizessem algumas peças para que ele tentasse vender e se tornasse, aos poucos um intermediário no negócio. Conforme o combinado, Margarida e Valdeci cumpriram o trato e entregaram as peças prometidas, só que no dia acertado para receber seus primeiros lucros, em lugar de dinheiro, receberam suas peças de volta. [...] A partir do ‘desentendido’, Valdeci e Margarida resolveram trabalhar duro e enfrentar todas as dificuldades iniciais, e hoje, superada a fase mais dura, vivem do comércio de bordados.¹⁴⁴

Quantas Valdecis e Margaridas não existem em Passira, cuja trajetória de vida se confunde com a trajetória do bordado manual na própria cidade? E não podia ser diferente, afinal a prática do bordado manual de Passira só existe, ou persiste, porque existem os praticantes, que, no caso, se definem em sua maioria por “as praticantes”. Como bem lembra Perrot (2007, p. 109) “As sociedades jamais poderiam ter vivido, ter-se reproduzido e desenvolvido sem o trabalho doméstico das mulheres, que é invisível”. E não defendemos de forma alguma que o bordado seja “coisa de mulher”, mas percebemos que no espaço estudado, indo de encontro a essa invisibilidade ressaltada por Perrot, as mulheres são protagonistas nessa história.

Tudo começa inclusive com mulheres ensinando às mulheres. Elas são as principais transmissoras desse ofício. Em Passira, como já discutimos antes, seja na versão que as filhas dos senhores de engenho disseminaram a atividade ou naquela em que o bordado já existia e quem encomendava o seu produto pela carência da oferta, passou a ensinar para mais mulheres, ou, por fim, seja na versão de que ele surge com o trabalho social de freiras alemãs, o bordado passirense nasce e se desenvolve por meio da figura feminina. (Ver Fotografia 12)

¹⁴⁴ Revista Direção Empresarial, CEAG-PE, p. 13. Volume XII, nº 124, Junho/1986.

Fotografia 12 - Estátua representando uma bordadeira na entrada da XV Feira do Bordado Manual de Passira, 2001.



Fonte: ARAÚJO, 2002, p. 46

Então, é muito apropriado que neste capítulo o tema central sejam as mulheres, as artesãs, as bordadeiras, as empreendedoras do ramo do bordado, e como todos esses enquadramentos se configuraram na cidade de Passira ao longo do tempo. Começamos então por situá-las como mulheres que, em sua maioria, durante muito tempo estavam vinculadas ao trabalho rural, tais quais as camponesas descritas por Perrot (2007, p. 109): “Nem sempre as

mulheres exerceram ofícios reconhecidos, que trouxessem remuneração. Não passavam de ajudantes de seus maridos, no artesanato, na feira ou na loja”.

A mãe de D. Lúcia é um exemplo desse vínculo ao trabalho rural, especialmente nos primeiros anos de Passira como cidade. Para fugir do trabalho no roçado, “sempre ia pra casa das pessoas ajudar”, preferia trabalhar em algum serviço doméstico a trabalhar como agricultora como sua mãe, avó de D. Lúcia. “Uma das vezes que elas foram”, sua mãe e sua tia, a mulher que residia na casa, “fazia bordado, ensinava, aí elas aprenderam e passaram vida toda bordando”.¹⁴⁵

Melo (2007. p. 16) também reforça a ligação com o trabalho rural, quando diz que “depois das atividades agropecuárias, as atividades relacionadas com a produção e comercialização de bordados são a principal alternativa de geração de trabalho e renda na zona rural do Município”. A ligação reside, justamente, no fato de que as atividades relacionadas ao bordado “absorvem muitos integrantes de famílias de agricultores que não conseguem trabalho remunerado nas atividades agropecuárias”, de acordo com o autor.

Não defendemos, porém, que o bordado na cidade de Passira ou mesmo em outras regiões não possam ter surgido, e sido praticado, nas zonas urbanas das cidades. Estamos falando de um município localizado no interior do Estado, cujas atividades econômicas até a ascensão do bordado como produto de mercado giravam em torno da agropecuária, conseqüentemente esse contexto reflete trabalhos e cotidiano de uma vida rural, pelo menos em um primeiro momento.

Com o passar do tempo, é o centro da cidade de Passira que detém, por assim dizer, a maior concentração de bordados, não só em razão da Feira Anual de Bordado Manual, mas pela grande quantidade lojas e comércios do ramo que ali estão instaladas, “parte do processo de afirmação no tempo e no espaço” do bordado, de acordo com Silva (2014, p. 21), como símbolo identitário da região. Ainda assim, segundo a autora (p. 17), “algumas lojas contam com mais de quarenta e cinco bordadeiras, a maioria da zona rural”.

O auto-abastecimento doméstico nas áreas rurais, determinado pela implantação dos engenhos de açúcar em terras mais distantes da capital, foi a princípio o responsável pela difusão das artes manuais, como a costura, o bordado, a renda, a tecelagem, o fabrico de artigos de primeira necessidade. Para isso, as senhoras de engenho funcionavam como adestradoras de mão-de-obra dos escravos negros que, mais tarde, com o fim da escravidão, utilizaram este aprendizado para desenvolver um importante comércio informal, como de sapateiro, costureiras, bordadeiras. (SILVA, 1997, p. 47)

¹⁴⁵ ENTREVISTA com Maria Lúcia Firmino (concedida a autora). Passira, 01 de agosto de 2014.

Por querermos evidenciar a história de um bordado exercido quase que majoritariamente por mulheres, não podemos deixar de pensá-las em suas particularidades, se são bordadeiras e agricultoras, bordadeiras e associadas, bordadeiras e empresárias, ou se já caminharam por todos esses trajetos e se reconhecem principalmente como mulheres que foram à luta com as armas que dispunham para sobreviver: linha, tecido e agulha.

3.1. Mulheres e artesãs.

A bordadeira é, antes de tudo, uma mulher.¹⁴⁶ Essa afirmativa perpassa a questão de gênero enquanto “distinção entre atributos culturais alocados a cada um dos sexos”, como define Soihet e Pedro (2007, p. 288). Mas, no contexto dessa pesquisa, significa dizer que para contar a história da prática do bordado manual na cidade de Passira, precisamos nos debruçar um pouco que seja sobre os praticantes dessa arte que, no caso, comprovadamente majoritariamente são as mulheres, ou seja, as praticantes.

“Mulheres de diferentes faixas etárias, variando dos 11 aos 77 anos, que estão dedicadas a arte de bordar e ornar tecidos para ocasiões solenes”, diz a pesquisa “Artesãos e Artesanato de Passira” realizada pelo SEBRAE/PE, em agosto de 1998. Essa pesquisa ainda revela que “os entrevistados” em sua maioria são “do sexo feminino (92%)” e, mais adiante, ainda há o reforço essa condição de serem as mulheres a maioria entre esses artesãos.

É claro que pesquisas como essa mencionada consideram muito pouco as diferenças entre os indivíduos dos grupos colocados em dados estatísticos. Em todo caso, ela é um importante indicativo da presença contundente das mulheres na prática do bordado manual da cidade. Assim, a história do bordado passirense deve se confundir com a história ou com as histórias dessas mulheres, caracterizadas de modo uniforme por executarem o mesmo ofício, mas distintas em suas trajetórias de vida.

Ainda que definidas pelo sexo, as mulheres são algo mais do que uma categoria biológica; elas existem socialmente e compreendem pessoas do sexo feminino de diferentes idades, de diferentes situações familiares, pertencentes a diferentes classes sociais, nações e comunidades; suas vidas são modeladas por diferentes regras sociais e costumes, em um meio no qual se configuram crenças e opiniões decorrentes de estruturas de poder.¹⁴⁷

¹⁴⁶ Parafraseando a famosa frase do escritor Euclides da Cunha, na obra *Os Sertões*.

¹⁴⁷ TILLY, 1994, p. 31

Casadas, viúvas, solteiras, mães, filhas, tias, avós, netas, trabalhadoras rurais, comerciantes, mulheres unidas, em suas particularidades, pela arte do bordado. E aqui nós levantamos uma bandeira em favor da história social dessas mulheres, cujo método chave, de acordo com Tilly (1994, p. 35) é “a biografia coletiva, agrupamento de descrições individuais, padronizadas de modo a traçar o retrato de um grupo inteiro e oferecer um meio de estudo das variações interindividuais”.

Mulheres como D. Odete, que passou a vida cuidando dos filhos, da casa e do seu bordado e, recentemente quando se viu operada de um olho, ficou tão deprimida por não conseguir bordar que mal respondia quando se falava como ela;¹⁴⁸ mulheres como D. Stelina (Ver Fotografia 13) que além de ter um “ponto comercial onde vende gêneros de primeira necessidade”¹⁴⁹, passou a se ocupar com o bordado manual, uma atividade que pode ser conciliada com seus outros afazeres, além de ser um ganho extra para os rendimentos da família.

¹⁴⁸ ENTREVISTA com Maria Lúcia Firmino (concedida a autora). Passira, 01 de agosto de 2014.

¹⁴⁹ Revista Direção Empresarial, CEAG-PE, p. 14-16. Volume XII, nº 124, Junho/1986.

Fotografia 13 – D. Stelina bordando.



Fonte: Revista Direção Empresarial, CEAG, p. 18. Vol. XII nº 124, junho/1986.

Mulheres como D. Ester, que começou o seu negócio com dois sacos de tecido, fazendo quatro toalhas de prato e que hoje tem as “meninas que trabalham” pra ela porque sozinha não dá conta¹⁵⁰; mulheres como D. Nena que “antes de ser professora, já era artesã de verdade” e se considera assim “porque além de ser uma fonte de renda”, o bordado pra ela “é uma terapia”;¹⁵¹ ou mesmo pessoas como Gigi, que se reconhece como mulher, ainda que tenha o nome registrado no gênero masculino, assume uma atitude feminina e não liga para o

¹⁵⁰ ENTREVISTA com Josefa Francisca da Cruz (Ester Glória) (concedida a autora). Passira, 22 de novembro de 2014.

¹⁵¹ ENTREVISTA com Josefa Francisca Pereira da Silva (concedida a autora). Passira, 14 de setembro de 2015.

preconceito por ser “trabalhadeira”, por ter sua casa, seu trabalho, poder comprar sua alimentação e os seus objetos pessoais, numa postura totalmente independente, e ainda afirma: “a gente tem que descosturar o preconceito”.¹⁵²

Enfim, mulheres que, “como sujeitos sociais ativos situados em contextos históricos concretos e cujas vidas, enquanto membros de famílias, trabalhadoras, membros de organizações ou de movimentos sociais”¹⁵³ são de grande importância para a história, a ciência e a própria narrativa da prática do bordado na cidade. Mulheres que se tornaram artesãs, por amor e por necessidade – seja ela financeira, ocupacional e/ou emocional –, e que demarcam, sobretudo, o bordado manual de Passira como um espaço feminino.

3.1.1. Um espaço feminino.

Durante algum tempo, de acordo com Durand (2006), o bordado foi um ofício executado profissionalmente por homens, os bordadores. Às mulheres restava a execução do bordado em âmbito e para uso doméstico. Como exemplo dessa premissa inclusive já mencionamos a “Calle de Bordadores”, rua da cidade de Madri, na Espanha que na figura de dois homens bordando, homenageia os bordadores que ali se instalaram por volta do Século XV. É na figura masculina, portanto, que o bordado é representado naquele tempo e espaço. Mas, numa espécie de revanche, e tratando-se de um contexto brasileiro, as mulheres tomaram para si esse espaço.

[...] as mulheres demonstram sua capacidade de adaptar-se às novas situações e de apropriar-se de velhos saberes, transplantados da Europa, aqui introduzidos pela tradição oral, mas também por meio de livros escritos em francês que, com o concurso de freiras ou senhoras da aristocracia [...] eram repassados para as mulheres ricas e pobres.¹⁵⁴

Mais que isso, esse espaço dito feminino na verdade é fruto da “tradicional educação das meninas”, “construção e produto da relação entre os sexos”, como afirma Perrot (2005, p. 253). D. Ignês recorda um fato curioso a respeito dessa construção quando conta que ao eleger um dia na semana para o exercício de atividades artísticas e trabalhos manuais, as escolas primárias dividiam as turmas entre meninos e meninas; aos meninos eram oferecidas

¹⁵² ENTREVISTA com Givaldo França da Silva (Gigi) (concedida a autora). Passira, 24 de novembro de 2014.

¹⁵³ TILLY, 1994, p. 34.

¹⁵⁴ Instrução Técnica do Processo de Registro do Modo de Fazer da Renda Irlandesa tendo como Referência o Ofício das Rendeiras de Divina Pastora/SE. p. 05 Disponível em <<http://portal.iphan.gov.br/bcrE/pages/foIAspectoRelevanteE.jsf#>> Acesso: 19 de novembro de 2015.

atividades de marcenaria, por exemplo, e às meninas atividades de bordado, costura e pintura em tecido.

Durand (2006, p. 02) diz que atividades com linha e agulhas, como o bordado, como um “domínio da vida social” propicia um campo de observação das “várias modalidades de relacionamento” entre as categorias “homens e mulheres”. É uma atividade que, segundo o autor, não foge à força das determinações sociais e culturais que pesam sobre a definição de competências masculinas e femininas. Logo, há um peso também sobre a delimitação de espaços onde essas competências são exercidas.

Para Chagas (p. 2) “a história do bordado acompanha, há muito e muito tempo, a história das mulheres trazendo as marcas dessas em diferentes espaços-tempos”. No entanto, essas marcas sempre trazem uma conotação mais adocicada, afetuosa, quando a própria autora também reconhece que existe um ranço da “exploração a que são submetidas há séculos”.

Dizer que o “bordado é linha que conecta as mulheres em todos os séculos da nossa história”¹⁵⁵ é outra de muitas colocações que reforçam a delimitação do campo do bordado como um espaço feminino. Na verdade, todos esses posicionamentos se fundamentam no que Perrot (2005, p. 253) chama de “qualificações reais fantasiadas como qualidades naturais e subsumidas a um atributo supremo, a feminilidade”.

Um bom exemplo do estabelecimento desse espaço, ou desses espaços femininos, são as associações e cooperativas criadas, primeiro em Limoeiro, depois em Passira, em torno de atividades artesanais como o bordado. Composta quase que em sua totalidade por mulheres “sem profissão” mas com “qualidades naturais”, essas entidades constroem o que são os lugares ditos femininos. Por outro lado, essas associações/cooperativas também são parte de uma construção histórica que transcendem o tempo e espaço dessas cidades e, conseqüentemente, reproduzem o discurso e a prática do lugar da mulher na sociedade.

Então, vamos seguir em nossa narrativa com o relato e análise da atuação dessas instituições na “Terra do Bordado Manual”. Ou melhor, como a atuação dessas instituições contribuiu para a formação dessa “terra”, ao mesmo tempo que reforçou que o bordado é sim um espaço feminino, pelo menos na cidade de Passira.

¹⁵⁵ Fala de Lee Albrecht, na Palestra de Abertura do 1º Seminário de Bordado da UNICAMP, no dia 24 de novembro de 2014. Lee Albrecht é a idealizadora da Escola – Studio de Bordado Lee Albrecht Designs, fundada em fevereiro de 2005, na cidade de Campinas-SP.

3.2. Associações/Cooperativas.

É impossível construir uma narrativa a respeito da prática do bordado em Passira sem contar com a atuação das associações e cooperativas que se firmaram em função dessa atividade. No entanto, ainda que seja marcante a presença dessas iniciativas cooperativistas, pouco está documentando. Nas próprias entidades associativas não se encontram documentos sobre o seu histórico, ou então as pessoas que as representam não se sentem confortáveis em compartilhar essas informações.

Segundo pesquisa realizada pelo SEBRAE/PE, em 1998, uma parcela significativa de artesãos de Passira – 93% dos entrevistados na ocasião –, que não estavam ligados a nenhuma entidade associativa, demonstraram interesse em se vincular a alguma associação e/ou cooperativa de bordado. O argumento era a oferta regular de trabalho para essas instituições na cidade, conseqüentemente para os seus associados.

É claro que nem sempre as associações cumprem o seu papel como se propõem ou como é esperado. Vilaça (1973, p. 173) com conhecimento de causa diz o “cooperativismo que terá de considerar fatores limitantes como deseducação, egoísmo, deficiência de recursos próprios e alheios, enfim percalços de toda natureza”. E nesse mesmo sentido, D. Nena depõe:

Tem coisa [na associação] que não é muito meu estilo. Muitas vezes a associação se torna um trabalho egoísta, cada um querendo puxar um pouquinho pra si, eu não gosto muito desse trabalho. É o tipo da coisa, são compromissos que assumem que, um assume, dois assumem e outro não assume aí prejudica você financeiramente, prejudica seu nome, aí não combina. Porque uma associação você tem que cumprir com suas responsabilidades, direitinho, pra não sujar seu nome do comércio, nos bancos. Aí essas coisas é que não agradam.¹⁵⁶

Por outro lado, D. Nena também reconhece que em alguma medida “as associações são boas”, e explica que “uma associação faz o bordado andar, faz o bordado crescer, desde que trabalhe com o mesmo objetivo”. Ou, como disse Vilaça (1973, p 173), “se não como deve ser ao menos como pode ser”.

Uma das nossas hipóteses para o desenvolvimento do bordado manual em Passira foi a atuação especialmente, mas não exclusivamente, de algumas cooperativas. Aquelas cujas trajetórias marcam comprovadamente a história da prática do bordado em Passira. Seja pela disseminação do próprio saber/fazer, como no caso da COOPARMIL; ou pela exposição e incentivo a comercialização do bordado, a exemplo do que fez a COMIB; ou ainda pela

¹⁵⁶ ENTREVISTA com Josefa Francisca Pereira da Silva (concedida a autora). Passira, 14 de setembro de 2015

renovação da dita tradição, por meio de novos campos de atuação e novas propostas estéticas, segundo a atuação da AMAP; todas essas ações desencadearam acontecimentos importantes para o desenvolvimento da atividade na região. Portanto, respeitando a ordem cronológica, vamos pontuá-las na sequência.

3.2.1. COOPARMIL

É impossível falar em associações e cooperativas do bordado naquela região e não começar com a Cooperativa de Produção Artesanal e Industrial de Limoeiro Ltda., cuja sigla COOPARMIL é mais conhecida. Em nosso caso, principalmente pelo parentesco de Passira com a cidade de Limoeiro.

Afinal, quando a COOPARMIL foi instituída, em 22 de outubro de 1964, Passira tinha sido recém-emancipada, o que nos faz supor que muitas questões dessa nova cidade ainda eram resolvidas em Limoeiro, especialmente para quem residia na zona rural e mesmo em municípios circunvizinhos. Vilaça (1973, p. 175) afirma que quando a COOPARMIL foi fundada, “sua área de ação para efeito de admissão de associados, compreendeu os municípios de Limoeiro, Cumaru, Passira, João Alfredo, Bom Jardim e Buenos Aires.”

Então a ideia da COOPARMIL surge ainda em 1962, na ocasião da Semana Social promovida pela Obra Social Santa Isabel, a OSSI. Essa Obra Social, inclusive, é referenciada como um dos marcos de origem dessa tradição do bordado na cidade de Limoeiro. Sim, porque em Limoeiro o bordado constava como “o artesanato mais frequente no município” (Ver Fotografia 14), seguido pela talha em madeira. Daí, como filha de Limoeiro, Passira teria herdado e se apropriado da prática do bordado.

Fotografia 14 - Bordadeira na OSSI.



Fonte: FUNDAÇÃO DE INFORMAÇÕES PARA O DESENVOLVIMENTO DE PERNAMBUCO – FIDEPE. Limoeiro. Recife, 1981, p. 55 (Monografias Municipais, 1)

E por que a OSSI se encontra na origem da disseminação dessa e de outras práticas artesanais? Porque foi por meio dos trabalhos de ação social dessa instituição, “uma das mais tradicionais do município de Limoeiro, mantida pela Ordem Franciscana”¹⁵⁷, que se fundou a COOPARMIL. Ventura (1997, p. 14) conta que as irmãs franciscanas da Congregação

¹⁵⁷ FUNDAÇÃO DE INFORMAÇÕES PARA O DESENVOLVIMENTO DE PERNAMBUCO – FIDEPE. Limoeiro. Recife, 1981, p. 61(Monografias Municipais, 1)

Maristela do Brasil chegaram à Limoeiro no ano de 1950 para trabalhar com a população carente. E quando se conta que o bordado era o artesanato frequente na cidade de Limoeiro, se atribui a essa cooperativa, advinda dos trabalhos da OSSI, a divulgação e venda do produto em cidades pernambucanas e do sul do país.

No final do ano de 1959, foi realizada uma pesquisa na Serra (região considerada favela em Limoeiro) e se constatou que a maioria das mulheres viviam de cortar capim, carregar água e desfiar meias, e 40% das famílias pobres daquela região eram sustentadas pelas mulheres. Desse fato, surgiu então a preocupação das irmãs de procurar um trabalho para as moças e mulheres, e chegou-se a conclusão que deveriam orientar a criação de uma cooperativa, onde se confeccionasse roupa infantil, fardamentos, bordados manuais de cama e mesa, enxovais de nenê, tapetes, quadros e artigos de artesanato. (VENTURA, 1997, p. 14- 15)

Portanto, nem só da produção de bordado vivia a COOPARMIL. Como a própria sigla define, tratava-se de uma cooperativa de trabalho artesanal, de forma mais geral e abrangente, e igualmente de produção industrial. Vilaça (1973, p. 174) conta que a ideia foi lançada mediante um imprevisto, quando na ocasião da Semana Social promovida pela OSSI, em 1962, um dos palestrantes de uma das noites do evento avisou de última hora que não poderia comparecer. Assim, a lembrança de que “na cidade existiam numerosas desfiadeiras de trapos para a feitura de bucha de limpeza; havia rendeiras e costureiras que trabalhavam por conta própria, mas para beneficiar intermediários que as exploravam” fez com que se lançassem a ideia da instauração da cooperativa. Ideia essa que teve “aceitação geral”.

Ainda no ano de 1962, em 28 de março, a proposta foi encaminhada à SUDENE. A divulgação e convocação de associados se deram nas instalações da OSSI entre as “mulheres do subemprego”, conta Vilaça (1973, p. 174). Elas eram instruídas sobre a “iniciativa que visava retirá-las de um estado de penúria para humanas condições de vida.”. Portanto, atrelada à questão do cooperativismo, tão importante quanto era a questão humanitária. E a influência artesanal da cooperativa é atribuída às freiras alemãs ¹⁵⁸ responsáveis pela OSSI, a Irmã Reineldis Shimitt e, principalmente, a Irmã Gabrielle Andasch.

Tudo começou quando a Irmã Gabrielle Andasch encontrava pelas ruas da cidade muitas moças sem ocupação e resolveu ensiná-las a bordar. Depois uma foi

¹⁵⁸ Diário Rural, 30 de Março de 1990. Arquivo da entrevistada Maria Ignês Costa Santana.

aprendendo com a outra', conta Erotides Souza Barros de Oliveira integrante da Cooperativa de Bordado (Cooparmil).¹⁵⁹

Empossada a diretoria da COOPARMIL, a referenciada Irmã Gabrielle Andasch assumiu a função de secretária. E ainda sobre a “influência alemã”, digamos assim, vale ressaltar que o prédio cujas atividades da cooperativa foram iniciadas, foi doado pelo Governo Federal da Alemanha. Outra participação alemã foi de uma entidade católica chamada *Misereor*. Além de doar recursos financeiros, a entidade foi responsável pelo financiamento para aquisições de máquinas de costura industrial novas. O maquinário que a cooperativa tinha até então, eram máquinas de costura domésticas doadas pela OSSI.¹⁶⁰

Na verdade, a cooperação vinha de origens distintas. Ventura (1997, p. 15) relata que por meio de um convênio também com o governo americano, com o “Programa Voluntários da Paz”, vieram à Limoeiro além de voluntárias “professoras, costureiras e bordadeiras”, material para trabalho como “roupas usadas, retalhos de todos os tamanhos e bastante linhas e máquinas de costura.”. Ainda no ano de 1997, de acordo com a mesma autora, a COOPARMIL contava com o apoio das seguintes instituições: “Governo Alemão, *Misereor*, OSSI, Sociedade Maristella do Brasil, Prefeitura de Limoeiro”.

Entre todos os contratemplos relatados no início das atividades da cooperativa, a principal ou mais evidente parece ter sido a falta de recursos próprios. No entanto, a COOPARMIL resistiu e existe até hoje, e é referência quando se fala em cooperativas de bordado na região. (Ver Fotografia 15). O que faz supor que a parte voltada para a “produção artesanal”, por menos que gerasse retorno financeiro, de acordo com Vilaça (1973), mas por absorver mais da metade dos associados e por ter produção diversificada, acabou por se fortificar e perpetuar, de certa forma, o trabalho da COOPARMIL. “[...] todos os produtos são confeccionados ‘à mão’. Trata-se de bordados finos e grossos, tapeçaria, tecelagem, pintura, crochês, tricô etc.” (VILAÇA, 1973, p. 178).

A linha de produção de bordado manual da COOPARMIL era definida em dois grupos: “bordado fino”, caracterizado pelo tecido linho mais fino, e o bordado grosso, ou seja, um linho mais grosso. E os pontos mais utilizados eram o “ardanger, matizado, rechiliê macramê, ponto de cruz, ponto chato e ponto cheio”.¹⁶¹

¹⁵⁹ Jornal do Comércio. 05 de Março de 1993.

¹⁶⁰ VILAÇA, Antônio. *À sombra de dois pinheiros*. Rio de Janeiro. Edições Arquimedes, 1973.

¹⁶¹ Ventura (1997, p. 17)

Fotografia 15 - COOPARMIL: Artesanato bordado à mão.



Fonte: VENTURA, 1997, Anexo.

E se na inauguração da cooperativa consta a filiação de 42 associados, em 1993 quando a COOPARMIL completou 29 anos, menciona-se um número aproximado de 300 bordadeiras associadas. Quatro anos depois, Ventura (1997, p. 5) conta que a cooperativa “mantém cerca de 324 associadas”. Essa crescente no número de associados ao longo de todos esses anos, endossa que mesmo sem o chamado “capital de giro” entre outras dificuldades financeiras, como observado por Vilaça (1973), a COOPARMIL foi bem sucedida como cooperativa, no tocante aos princípios do Cooperativismo relatados por Gawlak (2007): “Adesão voluntária e livre; gestão democrática; participação econômica dos associados; autonomia e independência; educação, formação e informação; cooperação entre cooperativas; interesse pela comunidade”. Como reforço, podemos ainda citar que:

[...] pelas suas atribuições cooperativistas, recebeu a Irmã Gabrielle as Medalhas do Mérito, nas classes prata e ouro, conferidas pelos governadores Paulo Guerra e Nilo de Souza Coelho. Esta, por certo, a maior paga pelos anos de serviço à causa da cooperação. (VILAÇA, 1973, p. 179).

Assim, trabalhos artesanais, como o bordado, que antes eram só uma “forma de ocupação”, viraram, também por meio da atuação da cooperativa, uma fonte de renda, noticia o Jornal do Comércio, de 05 de março de 1993. A mesma matéria relata que, pelo intermédio

da COOPARMIL, as bordadeiras recebiam muitas encomendas, exportando seus produtos para países como Portugal e Itália; produtos como roupas para bebês, caminhos de mesa, lençóis e bordados para decoração em geral, que poderiam ser adquiridos ainda no estande da cooperativa que ficava no centro de compras “Shopping Center Recife”.

Ventura (1997, p. 29) especifica os Estados de São Paulo, Rio de Janeiro, Minas Gerais, Bahia, Mato Grosso do Sul, Goiás, Alagoas e Rio Grande do Norte como mercado onde a COOPARMIL comercializava a produção das suas associadas. No mercado exterior, além dos países citados na matéria mencionada anteriormente, a autora cita os países de Alemanha e Estados Unidos também como destino de parte da produção.

A COOPARMIL então, ao longo de sua trajetória, foi de fundamental importância para a divulgação e comercialização do bordado produzido na região, levando-se em consideração que as associadas residiam em outras cidades além de Limoeiro, inclusive Passira. A bordadeira D. Lúcia lembra que “quando o pessoal de Passira não fazia”, ou seja, quando não havia grupos de cooperação do bordado em Passira, se “bordava pro pessoal de Limoeiro.” “Bordei muito pro pessoal de Limoeiro, de Recife” ela conta.

E, enquanto instituição voltada ao cooperativismo pode-se dizer que a COOPARMIL tenha sido pioneira na região no que se refere ao agrupamento de mulheres, artesãs, bordadeiras. O Jornal do Comércio, em matéria divulgada em março de 1993, diz que “apesar de tudo ter começado em Limoeiro, quem ganhou a fama foi Passira.”

Depois da inauguração da COOPARMIL, outras iniciativas surgiram, especialmente dentro do contexto no qual o bordado de Passira estava envolvido, ou, surgiram exatamente por causa do cenário encontrado nessa cidade: com o crescimento dos latifúndios e a consequente falta de terras para a subsistência dos pequenos agricultores, a produção informal do bordado, explorada por comerciantes e atravessadores do Recife e outras cidades circunvizinhas, acabou sendo uma “alternativa de trabalho para a população”¹⁶².

Trabalho esse que, até então, não era organizado, muito menos bem remunerado, segundo uma reportagem exibida em outubro de 1983, pela emissora de TV Rede Globo Nordeste. Em resposta, o prefeito na época, Edelço Gomes, diz “Nós estamos pensando em criar uma Associação, arranjar recursos. E através dessa associação comprar o material, entregar a bordadeira e depois procurar um mercado para venda e o lucro devolver a essas

¹⁶² SILVA, 1997, p. 53.

bordadeiras associadas.” Para Silva (1997, p. 54) trata-se de “ação política” do prefeito Edelço Gomes, que resulta então, entre outras medidas como a realização de uma feira anual, na criação da COMIB, a cooperativa que discutiremos a seguir.

3.2.2. COMIB

‘Na década de 60 já se bordava por aqui, mas não era como agora. Desde 84 a atividade começou a ser mais incrementada’ afirma Josefa Pereira da Silva, presidente da Cooperativa das Bordadeiras (Comib). Hoje, a cooperativa tem 150 bordadeiras associadas e produz aproximadamente 200 peças por mês, de lençóis a roupa de bebê.

¹⁶³

Esse trecho sugere o que nós viemos defendendo até então: que a atividade do bordado manual começou a ser ensinada e praticada em Limoeiro, enquanto Passira ainda era distrito de sua região. Evidentemente, em outras regiões próximas, em outras situações distintas, o bordado provavelmente já fosse praticado, talvez de outras formas, com outras finalidades que não fosse o sustento familiar. Por outro lado, nos interessa aqui registrar os acontecimentos diretamente relacionados ao surgimento e desenvolvimento do bordado na cidade de Passira, como por exemplo, a formação dessas associações e cooperativas de bordado manual.

Mas, pode-se dizer que demorou algum tempo até que se realizasse algo semelhante a COOPARMIL na “Terra do Bordado Manual”. Do nosso conhecimento, a primeira iniciativa nesse sentido acontece 22 anos após a emancipação da cidade, com a inauguração da Cooperativa Mista das Bordadeiras de Passira – COMIB – em 22 de janeiro de 1986, com o apoio do Departamento de Cultura do Município de Passira. ¹⁶⁴ Silva (1997, p. 51) afirma que “a história do bordado em Passira” tem ligação direta com o surgimento dessa cooperativa, que a princípio se chamava “Associação de Bordadeiras”, e tinha sede no povoado de Candeais.

D. Ignês conta que já em 1984, o prefeito Edelço Gomes, com um recurso obtido junto à SUDENE, formou grupos de trabalho artesanais autônomos. Um desses grupos, o primeiro, segundo D. Ignês, localizado no citado povoado de Candeais deu origem a COMIB. A obtenção desse recurso parte primeiramente do interesse do governo municipal da época, mas não era algo incomum ou excepcional dado o contexto maior daquele mesmo período:

Os anos 70/80, as políticas governamentais estimularam a produção artesanal, e no Nordeste, a SUDENE – Superintendência de Desenvolvimento do Nordeste –, criou a ARTENE – Artesanato do Nordeste –, para intensificar a comercialização dos

¹⁶³ Jornal do Comércio, 05 de março de 1993.

¹⁶⁴ ENTREVISTA com Maria Ignês Costa Santana (concedida a autora). Passira, 27 de julho de 2014.

artesanatos produzidos principalmente em Pernambuco. Percebemos dessa forma, que aos poucos foram ocorrendo transformações de ordem econômicas e sociais que contribuíram para a mudança do perfil do artesão e do artesanato (SILVA, 1997, p.31-32)

Ainda de acordo com Silva (1997, p. 33) em Passira o desenvolvimento do mercado de trabalho artesanal do bordado, “é fruto da ação política consciente do potencial existente desta mão-de-obra e estratégia de vida para muitas famílias camponesas que não têm acesso à terra.”

O fato é que a COMIB é apontada como uma das principais iniciativas promotoras do bordado confeccionado na cidade naquela época. A “conquista de um espaço para comercialização na Casa da Cultura do Recife”, em 1987, um ano após a fundação da cooperativa foi uma conquista significativa que possibilitou que as bordadeiras associadas tivessem sua venda feita diretamente ao consumidor final.

Voltando a formação desses grupos autônomos de trabalho artesanal, citados por D. Ignês e que deram origem a COMIB, D. Alda, por sua vez mais detalhista, conta que foi feito mediante um cadastramento de bordadeiras. Funcionários da Prefeitura/Estado percorreram algumas localidades da zona rural da cidade, como Candeais, Poço do Pau e Cutias, e cadastraram as bordadeiras que encontraram na ocasião. Outras bordadeiras procuraram a cooperativa posteriormente.

Por outro lado, contrariando essa informação que a COMIB tem como primeiras associadas cadastradas mulheres da área rural da cidade, dados de pesquisas realizadas pela própria cooperativa ¹⁶⁵, no início de suas atividades, revelaram que do total de pessoas envolvidas com a atividade do bordado quase 70% se concentrava na zona rural, e que a COMIB ainda não prestava assistência às artesãs residentes nessa área.

Controvérsias à parte, a COMIB é lembrada como uma cooperativa muito boa, fruto de “um movimento muito bom no artesanato” ¹⁶⁶, sempre associada à pessoa do prefeito Edelço Gomes que, na época, foi quem incentivou a divulgação e comercialização do bordado manual da cidade, inclusive com a criação da cooperativa. D. Dia, que foi presidente da COMIB em duas gestões, diz que “tudo que ele podia fazer pela Cooperativa ele fazia”. D. Ignês, ex-diretora do departamento que apoiou fundação da cooperativa, conta que o

¹⁶⁵ Jornal Bandepe nº 76, outubro de 1987. Arquivo da entrevistada Sra. Maria Ignês Costa Santana.

¹⁶⁶ ENTREVISTA com Maria Lúcia Firmino (concedida a autora). Passira, 01 de agosto de 2014.

conhecimento e contatos de pessoas que Edelço Gomes tinha o faziam conseguir passagens para que as associadas pudessem ir a eventos fora do Estado.

Todo esse apoio municipal e estadual que a COMIB recebeu foi de fundamental importância para o seu surgimento e o seu desenvolvimento durante aquele período. Silva (1997, p. 32) afirma que “após a saída da SUDENE, dois anos depois de financiar a produção da matéria-prima e parte da produção” a cooperativa passou por dificuldades, perdeu parte do seu patrimônio e teve o pagamento do lucro obtido com a produção suspenso e dividido entre as associadas.

A partir do relato de D. Dia, após a sua última gestão em 1992, os trabalhos da COMIB continuaram sob a presidência de outra bordadeira da cooperativa. Daí em diante não se sabe muito bem o que aconteceu para que a cooperativa viesse a encerrar as suas atividades. D. Lúcia, presidente da AMAP, ao se referir ao bom trabalho realizado pela COMIB diz que não sabe o que aconteceu para que essa cooperativa “acabasse”. Ou melhor, ela diz que “aconteceu coisa que não deveria ter acontecido” o que sugere que mesmo que nada tenha ficado esclarecido e confirmado, há rumores de irregularidades em sua última gestão. Gestão essa que já não contava com a ajuda pública e privada de antes.

A COMIB então, como resultado de ação das políticas assistencialistas de incentivo à produção artesanal na década de 80, exerceu bem o seu papel enquanto pôde, especialmente nos primeiros anos de suas atividades, enquanto contava com o apoio de algumas instituições e programas institucionais. Como por exemplo, a União de Assistência à Pequenas Organizações – UNO – que publicou em seu periódico a seguinte matéria:

A Cooperativa Mista das Bordadeiras de Passira (Comib) vem cumprindo com os objetivos para os quais foi criada: absorver e promover o artesanato em bordado à mão, cuidando também de comercializar a produção das associadas. [...] Para driblar as deficiências e aumentar a produtividade a Comib vem adotando nova tecnologia na etapa de produção que consome mais tempo: riscar as peças para bordar. [...] utilizando o papel vegetal, no qual perfura o desenho, passando tinta xadrex Ultramar por cima. Em seguida trocou a tinta xadrex por anil e querosene, substituindo também o limão por sal hídrico.¹⁶⁷

No entanto, Silva (1997, p. 32) diz que na realidade “a cooperativa beneficiou apenas uma pequena parcela das associadas”, aquelas que “já dispunham de algum capital e que com

¹⁶⁷ Jornal UnoNotícias. Ano I n° 1 Novembro, 1989.

a abertura de empréstimos individuais pode garantir a passagem de simples cooperadas para comerciantes de bordados.”

No que diz respeito a esse certo insucesso da COMIB, acreditamos no que diz Vilaça (1973, p. 179) sobre a incerteza da longevidade da COOPAMIL: “[...] não vemos como possa funcionar cooperativamente, uma instituição constituída por associados imediatistas que visam mais o próprio bem estar que o desenvolvimento da Cooperativa.”

Também não nos prolongamos em detalhes da trajetória e declínio da COMIB, nos bastando sinalizar a sua existência e alguns feitos que fez em prol da prática do bordado na cidade. Assim, traçamos um panorama mais geral dessa história e podemos avançar em relação a outros acontecimentos relevante nesta narrativa.

3.2.3. AMAP

A Associação das Mulheres Artesãs de Passira nasce num espaço de tempo relativamente grande em relação ao surgimento da COMIB, por exemplo. E eis que temos uma forte motivação para estudá-la um pouco mais detalhadamente, afinal são 22 anos entre a constituição da primeira cooperativa voltada aos trabalhos do bordado na cidade de Passira até a instituição da AMAP. E mesmo passado todo esse tempo, a associação entre um grupo de bordadeiras ainda se fez necessária, em torno de objetivos descritos da seguinte forma:

Estimular, congregar e encontrar soluções para problemas socioeconômicos dos associados; promover o intercâmbio de experiências profissionais; representar a classe junto aos órgãos de governos; reivindicar financiamentos e assistências dos órgãos governamentais e privados.¹⁶⁸

Uma das motivações da criação da AMAP, relatadas por algumas bordadeiras à Almeida (2013, p. 77), foi a dificuldade de comercialização das peças produzidas até então. Ou seja, uma das mesmas dificuldades que levou a instituição da COMIB, em 1986, e certamente de tantas outras bordadeiras e/ou grupos de bordadeiras.

O vínculo existente entre as mulheres artesãs que compunham a AMAP consistia apenas em reuniões informais; cada uma fazia o seu bordado em sua casa e eventualmente se reuniam para “falar sobre o seu trabalho, encontrar soluções para os problemas em comum e pesquisar se haveria alguma feira ou espaço para exibir os seus produtos” (ALMEIDA, 2013, p. 77). Ocorre então a ideia de se formar um grupo, uma associação de mulheres, objetivando

¹⁶⁸ Art. 2º do Estatuto Social da Associação das Mulheres Artesãs de Passira (AMAP)

o fortalecimento da prática do bordado individual e coletivamente. Foram então oficializadas as reuniões e, em 2007¹⁶⁹, nasceu a Associação das Mulheres Artesãs de Passira, incentivada também por terceiros, segundo relato de uma associada:

Antes, a gente desenvolvia o trabalho em casa, a gente marcava encontros, se juntava e fazia feirinhas. Depois descobria que tinha eventos não sei onde, juntava todo mundo e ia fazer eventos, aí ia umas 2, 3 e participava. As pessoas começaram a perguntar porquê a gente não registrava, não fazia uma associação, que vai melhorar a situação de vocês. Aí a gente se entusiasmou e começamos a pensar nisso. A gente montou a associação, abriu uma conta bancária e começou a trabalhar na própria sede, como a gente ainda faz.¹⁷⁰

E desde então, a AMAP vem tentando realizar suas atividades, baseadas em seus objetivos que, de forma geral, estão relacionados a dar força e representatividade às suas associadas, sempre mulheres e bordadeiras, sendo esses os únicos requisitos para se associar ao grupo. Já contaram com o apoio de algumas instituições como a própria Prefeitura de Passira, o Serviço Nacional de Apoio às Micro e Pequenas Empresas – SEBRAE – mas, inicialmente, todos os custos foram arcados pelas bordadeiras associadas, tanto para a formalização da Associação quanto para a abertura e manutenção das instalações.

Almeida (2013, p. 85) diz que artesã Maria Lúcia Firmino, nossa entrevistada, aqui chamada de D. Lúcia, é “a referência para as demais” bordadeiras por seu envolvimento e comprometimento com a associação e pelo conhecimento que possui e repassa para as outras artesãs. Desde a fundação da AMAP, em 2008, ou até mesmo um ano antes, quando o grupo se reunia informalmente, D. Lúcia já estava à frente das artesãs no sentido de direcionar os trabalhos individuais em prol do coletivo. Todo seu engajamento e experiência com o bordado lhe rendeu na Associação duas vezes o posto de presidente. Um posto não muito disputado entre as associadas, sem remuneração, que requer muita responsabilidade e dedicação:

Esse cargo assim é porque é muita responsabilidade. Aí uma tem tempo mas não tem [responsabilidade]; uma gosta hoje, amanhã não gosta. E pra gente fazer documento, passar a limpo tudinho, depois tá trocando de nome, é gasto de dinheiro né? Fica livre aqui, quando vai ter eleição fica livre, ninguém quer. Porque tem que ser uma pessoa que goste, que seja disponível, que tem reunião, tem não sei o quê, entra nessas bocadazinha, entra nesses negócios assim né? Aí nem todo mundo quer. Não tem salário né? Se tivesse um salário, tinha muita gente. Já passou pra Marcília, já passou pra mim, passou uma menina um tempo. Só que era por isso, ela passou pouco tempo. E ela disse ‘Deus me livre! Dá pra mim não.’ Dá muito trabalho, compromisso, se não fizer, as pessoas ficam cobrando, e tem que ser disponível, porque às vezes o pessoal

¹⁶⁹ Jornal do Comércio, JC Agreste. Caruaru, 19 de Outubro de 2008.

¹⁷⁰ Maria Lúcia Firmino dos Santos, em entrevista concedida a Almeida (2013, p. 78.)

inventa reunião não sei aonde, convida, aí a gente vai não sei aonde, tem que ir. Aí nem todo mundo é disponível pra fazer isso não. E tem que gostar também viu? Porque se não gostar, não fica não. Eu gosto, aí eu não faço questão não. Às vezes eu brigo com as meninas. Brigo assim no sentido do trabalho sabe? ¹⁷¹

No 1º concurso de seleção para implementação dos Pontos de Cultura ¹⁷² no Estado de Pernambuco, promovido pela Fundação do Patrimônio Histórico e Artístico de Pernambuco – FUNDARPE – em 2008, a AMAP foi selecionada com o Projeto “Promoção da auto-estima das Artesãs e Quilombolas de Passira”. Vale ressaltar que foi o mesmo ano de formalização do grupo enquanto associação. O Projeto consistia em “resgatar a cultura artesanal da região e promover a troca de saberes entre as artesãs e o Quilombo Chã dos Negros, valorizando as tradições e contribuindo para a construção da identidade sociocultural da região.” (ALMEIDA, 2013, p. 114)

A AMAP passou a ser reconhecida e apoiada financeiramente pelo Ministério da Cultura, com intermédio da FUNDARPE, para desenvolver ações socioculturais em suas comunidades, como a realização de cursos, oficinas e outras atividades cuja prática artesanal fosse o conhecimento a ser compartilhado. Por meio do desenvolvimento desse projeto, as artesãs “aprenderam técnicas administrativas e diretrizes pedagógicas para o ensino do artesanato”. Além disso, “por terem realizado com êxito todas as atividades com as quais haviam se comprometido” ¹⁷³ receberam o convite para participar do Projeto “Pernambuco com Design” ¹⁷⁴.

Participando desse projeto da Agência de Desenvolvimento Econômico de Pernambuco – AD Diper –, as bordadeiras da AMAP foram selecionadas para trabalhar com o estilista Ronaldo Fraga, o que lhes rendeu uma parceria de trabalho que levou os bordados de Passira, em junho de 2010, às passarelas da maior semana de moda brasileira, a São Paulo Fashion Week – SPFW.

¹⁷¹ ENTREVISTA com Maria Lúcia Firmino (concedida a autora). Passira, 01 de agosto de 2014.

¹⁷² Uma ação prioritária do Programa Cultura Viva (do Ministério da Cultura). Agrega agentes culturais que articulam e impulsionam um conjunto de ações em suas comunidades, e destas entre si. Não tem um modelo único, nem de instalações físicas, nem de programação ou atividade. Um aspecto comum a todos é a transversalidade da cultura e a gestão compartilhada entre poder público e a sociedade civil. Disponível em: < <http://www2.cultura.gov.br/culturaviva/ponto-de-cultura/>> Acesso: 25 de outubro de 2015.

¹⁷³ ALMEIDA, 2013, p. 116

¹⁷⁴ Projeto que objetivava “desenvolver as habilidades tradicionais de determinadas regiões, promover melhores condições de vida para a população e criar um efeito de desenvolvimento econômico em cadeia nas áreas produtivas.” (ALMEIDA, 2013, p. 117)

As peças bordadas e desfiladas integraram a coleção de Ronaldo Fraga chamada “Turista Aprendiz”¹⁷⁵. (Ver Fotografia 16). Esse trabalho foi desenvolvido a partir das visitas feitas pelo estilista à cidade de Passira. Nessas ocasiões foram realizadas oficinas de criação, de modo que as bordadeiras da AMAP apresentassem o que já bordavam comumente e que fossem estimuladas a criar desenhos inéditos, diferente de tudo aquilo que já haviam riscado em seus bordados.

Fotografia 16 – Detalhes bordados de uma das peças da Coleção “Turista Aprendiz”.



Fonte: ALMEIDA, 2013, p. 136.

A parceria com Ronaldo Fraga perdurou nos meses seguintes. Inclusive porque o Projeto Pernambuco com Design durou 1 ano: de fevereiro de 2010 a fevereiro de 2011. Almeida (2013, p. 121) conta que após o desfile na SPFW, as peças bordadas na coleção “Turista Aprendiz” foram expostas na 11ª Feira Nacional de Negócios do Artesanato – FENEARTE – em Recife. Na sequência bordaram outras peças que integraram a exposição “Rio São Francisco navegado por Ronaldo Fraga: cultura popular, história, moda”; voltaram a trabalhar na coleção “Turista Aprendiz”, bordando as peças em quantidade para venda; por fim, na nova coleção do estilista, “Athos Bulcão”, apresentada na SPFW em 2011, as

¹⁷⁵ Coleção inspirada na obra de mesmo nome de Mário de Andrade. Tal qual o escritor, o estilista, por meio de sua coleção quer registrar “suas andanças do sudeste ao nordeste, descobrindo riquezas das regiões que, até a Semana de Arte Moderna de 22, passavam despercebidas” Jornal O Estado de S. Paulo. Maio de 2010.

bordadeiras da AMAP novamente imprimiram sua marca. Ou ao menos o seu bordado, já que, diferentemente da coleção anterior, todos os riscos dessa coleção foram de autoria de Ronaldo Fraga.

O envolvimento nesse Projeto Pernambuco com Design rendeu bons frutos à AMAP, à medida que proporcionou novos conhecimentos às artesãs e divulgou o bordado produzido e o potencial de produção da associação. O resultado pode ser estendido a toda cidade de Passira, já que o projeto, como o próprio nome já diz, abrangendo o Estado de forma geral buscou instituições que pudesse representar as vocações artesanais de seus municípios.

Por outro lado, a capacitação prometida pelo projeto às bordadeiras, em relação a confecção do vestuário (modelagem, risco, corte e costura) para que elas pudessem ampliar sua gama de produtos, não foi cumprida. Almeida (2013, p. 152) relata a reação das associadas:

As artesãs se decepcionaram com a forma que o poder público as tratou e com o próprio projeto. Elas relatam ter cumprido todos os compromissos que haviam assumido, trabalhado durante um ano com muito empenho e dedicação, e ao final de tudo não receberam contrapartida da iniciativa.

Aqui verificamos uma similaridade com os objetivos da COOPARMIL de ampliar os serviços e produtos, de modo que se conseguisse vender mais alcançando diversos tipos de públicos. Enfim, toda ação de capacitação, promoção, divulgação e venda parece sempre ser bem-vinda a esse universo de grupos associados cuja atividade artesanal é força de trabalho que têm a oferecer.

Fotografia 17 – Bordadeiras da AMAP em foto para o Projeto Bordados de Passira.



Fonte: Página na rede social Facebook. ¹⁷⁶

Recentemente, em 2014, a AMAP conseguiu, por meio de financiamento coletivo, participar de mais um projeto que possibilitasse o aperfeiçoamento na prática do bordado, bem como a capacitação que tanto desejavam no âmbito da confecção do vestuário. Dessa vez, o protagonismo das artesãs pareceu acontecer de fato, a começar pelo nome do projeto: “Bordados de Passira”. (Ver Fotografia 17) Além da produção própria de roupas do vestuário bordadas pelas integrantes da AMAP, esse projeto possibilitou a criação de uma loja virtual para que a associação pudesse vender esses e outros produtos já elaborados antes pelas artesãs, como caminhos de mesa, jogo americano, etc.

¹⁷⁶ Disponível em: < <https://www.facebook.com/bordadosdepassira/?fref=ts> > Acesso: 25 de outubro de 2015.

Outro ponto importante a se ressaltar na atuação dessa associação é a abertura a novas formas de trabalho, novas concepções do bordado. Se para uns o bordado, como um fazer tradicional, é uma “fantasia do típico” que precisa perpetuar “aspectos formais que devem se enquadrar no desejado e almejado conteúdo da tipicidade” (LODY, 2013, p. 14), ou seja, é aquela tradição cristalizada e imutável, para as bordadeiras da AMAP, é preciso reinventar o bordado, adaptá-lo ao que se faz e se vende atualmente em termos de tecidos, cores, desenhos e pontos diferenciados.

O bom exemplo dessa “incorporação de novos temas” foi a invenção do ponto “doidinho”, registrada em Almeida (2013, p. 139). (Ver Fotografia 18) O novo ponto foi inventado ainda na época do trabalho com Ronaldo Fraga, e foi, segundo relato de uma das bordadeiras à autora, uma forma de preencher grandes espaços utilizando pouca linha. Inclusive, pela irregularidade planejada do ponto, não se havia a necessidade do preenchimento total do desenho.

Fotografia 18 – Ponto Doidinho.



Fonte: ALMEIDA, 2013, p. 142

Portanto, a criação e desenvolvimento da AMAP encerra a narrativa proposta nesse estudo sobre iniciativas cooperativas e associativas similares naquela região. Mas, por outro lado, esse mesmo surgimento, inaugura uma nova fase da história da prática do bordado manual em Passira, uma história que começa a ser recontada no presente, cujos próximos capítulos cabem à posteridade reescrever.

3.3. Empresárias do bordado.

Já destacamos o ambiente da atividade do bordado manual em Passira como um espaço feminino; verificamos a questão que a bordadeira, antes de ser uma artesã, é uma mulher, com seu papel histórico-social definido e outras particularidades que as distinguem dentro desse grande grupo bordadeiras. Uma dessas características, que nem todas as artesãs desenvolveram, é o chamado empreendedorismo. Algumas bordadeiras passirenses além de dominarem o saber/fazer do bordado, fizeram dessa atividade um empreendimento e, por isso, podem ser consideradas empresárias do bordado.

Rocha (2012, p. 133) assegura que “a bordadeira primorosa, antes de qualquer coisa, é uma profissional que não deve ter preguiça de desmanchar e refazer quantas vezes forem necessárias.” No caso de Passira, esse profissionalismo vai além das aptidões manuais e artesanais, e resulta em micro e pequenas empresas do ramo, comandadas muitas vezes por bordadeiras que passaram a contratar os serviços de outras bordadeiras. D. Ester é exemplo dessa empreitada. Ela aprendeu a bordar olhando uma amiga bordar; pouco tempo depois seu bordado ficou “afamado” na cidade, então ela decidiu trabalhar de forma independente, com “meninas que trabalham” para ela porque sozinha não consegue dar conta da demanda.

De forma semelhante, D. Nena conduz o seu negócio, mas frisa que, antes de se reconhecer como uma empresária do bordado se vê primeiramente como uma artesã. Ela explica:

[Esse comércio] é meu. Me considero [também uma empresária do bordado] porque eu fabrico minhas peças, tenho pessoas que fazem pra mim. As pessoas fazem pra mim, porque se você for fazer sozinha, você não vende. A gente precisa de terceiros pra ajudar a comercializar que a demanda, apesar da crise, a gente ainda tem uma demanda grande que não consegue vencer sozinha, tem que ter pessoas pra fazer pra gente. São pessoas que trabalham pra mim, já tem um tempo que já borda pra mim.¹⁷⁷

¹⁷⁷ ENTREVISTA com Josefa Francisca Pereira da Silva (concedida a autora). Passira, 14 de setembro de 2015.

Em 1987 o Jornal do Bandepe já noticiava que, sem vínculos com nenhuma associação ou cooperativa e ainda com os atravessadores, “algumas pessoas organizaram microempresas e, através de firmas do Recife” vendiam seus bordados. A mesma reportagem cita o caso da Artbol – Artesanato e Bordados Ltda – pequena empresa que estava há 14 anos no mercado. Ou seja, desde 1973 já existiam empresas voltadas ao ramo do bordado, antes mesmo de existir a “Terra do Bordado Manual”. Talvez, tenha sido pela também existência dessas iniciativas privadas que, depois de uma intervenção pública, Passira tenha “conseguido” essa fama.

O fato é que muitas mulheres de Passira acabaram fazendo do bordado um negócio rentável, tornando-se empresárias do ramo. E algumas dessas mulheres não são necessariamente bordadeiras, como Vera Lúcia Gomes Pereira, que era funcionária da Secretaria de Educação do município quando começou a comercializar produtos bordados em sua residência com o intuito de “ajudar as bordadeiras” da cidade a divulgarem seus trabalhos. Até que ponto essa “ajuda” atendeu às reais necessidades das artesãs? Não se sabe. Mas que muitas famílias, principalmente pela atuação dessas mulheres empresárias, tiveram um aumento significativo em seu padrão de vida, isso é irrefutável.

Além disso, outras mulheres não tiveram alternativa, sendo levadas pelas circunstâncias a se tornarem donas do seu próprio negócio, ou pelo menos, donas do seu tempo, gerenciando os seus afazeres dentro daquilo que era possível para manter o sustento da família. A esse respeito Silva (1997, p. 156) diz que “na ausência do marido, a bordadeira é quem assume a chefia da família” e que devido a isso, naquele contexto, recorriam a “atividades de ganhos imediatos, como a costura e o bordado”.

Portanto, não se pode contar a história da prática do bordado em Passira sem se contar um pouco que seja da trajetória dessas mulheres, ou dessas famílias. A herança que o bordado deixa e deixou à população passirense, muitas vezes consistiu nesse espírito empreendedor de fazer da sua arte o seu negócio, proporcionando não apenas o sustento econômico, mas o sustento social de muitas famílias.

Capítulo 4 – A questão do bordado manual como Patrimônio de Passira.

Não restam dúvidas que o bordado manual em Passira é patrimônio cultural da cidade. Aquele patrimônio fundado sobre o sentimento de pertencimento, que Quintas (2007, p. 48) define como o sentimento que fortalece o espírito de identidade. Porque “o real só se funda por entre uma memória embebida da ideia de pertencimento”. Um patrimônio material e imaterial, cultural, herdado do passado, recriado e cultivado no presente, “no qual um determinado grupo de indivíduos reconhece sinais de sua identidade”¹⁷⁸. Se oficializado ou não, mais importante é perceber o que isso representa entre os próprios passirenses e como isso repercute fora daquela população.

E, se a princípio, uma das indagações que norteavam essa pesquisa era descobrir se esse trabalho artesanal era ou não patrimônio cultural do município – uma questão discutida no tópico três do capítulo dois desse texto –, agora nos parece mais coerente indagar o que tem sido e o que pode ser feito por esse patrimônio, enquanto elemento socioeconômico, histórico e identitário da cidade de Passira.

Temos o exemplo de outro trabalho artesanal com agulha, o Modo de Fazer a Renda Irlandesa de Divina Pastora-SE, que foi registrado pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – IPHAN – como Patrimônio Cultural Imaterial, em 2009. A prática do bordado em Passira, também se constitui em um saber-fazer que é uma “importante atividade geradora de renda para mais de uma centena de mulheres, mas, sobretudo, uma referência cultural e elemento constitutivo de diferenciação e identidade”¹⁷⁹.

Assim como o Modo de Fazer Renda Irlandesa de Divina Pastora, o Ofício das Paneleiras de Goiabeiras, o Modo Artesanal de Fazer Queijo de Minas nas regiões do Serro e das serras da Canastra e do Salitre/Alto Paranaíba, todos estes inscritos no Livro de Registro dos Saberes IPHAN, outros saberes-fazeres nacionais poderiam estar registrados e “protegidos” pelas políticas públicas do patrimônio cultural.

[...] existem diversos patrimônios que pertencem a diferentes grupos sociais excluídos do projeto cultural dominante e que, por não serem selecionados, não

¹⁷⁸ (CASTILLO RUIZ, 1996 apud ZANIRATO, 2009, p. 137)

¹⁷⁹ Instrução Técnica do Processo de Registro do Modo de Fazer da Renda Irlandesa tendo como Referência o Ofício das Rendeiras de Divina Pastora/SE. Disponível em <<http://portal.iphan.gov.br/bcrE/pages/foIAspectoRelevanteE.jsf#>> Acesso: 19 de novembro de 2015.

foram submetidos a um processo de legitimação, sendo assim considerados não representativos de uma pretensa unidade nacional.¹⁸⁰

A questão é saber se estas políticas, muitas vezes generalistas, atendem às demandas e particularidades de todos os tipos de patrimônio, e até que ponto elas dialogam com as expectativas dos cidadãos comuns onde o patrimônio se faz existir.

Para isso, é preciso entender como se configurou a política do patrimônio nacional, sua abrangência e suas limitações. Há de se pensar, inclusive, no patrimônio para além dos seus traços identitários e hereditários, meio romantizados, mas principalmente como uma estratégia política. Afinal, o que vem primeiro, o patrimônio ou a política?

4.1. O patrimônio enquanto política.

Nesse tópico, para abrirmos a discussão, fazemos nossas, as palavras de Oliveira (2007, p. 115): “As experiências de atuação sobre o patrimônio no Brasil já foram objeto de trabalhos de pesquisas, dissertações de mestrado, teses de doutorado, que exploram significativamente esse processo”. Portanto, não pretendemos historiar as políticas públicas nacionais do patrimônio, mas sim relacioná-las um momento e outro como o que foi feito, ou com o que não foi feito, no município de Passira sobre o seu patrimônio cultural: o bordado manual.

“Tradição vira passado” diz o título da matéria publicada no Jornal do Comércio¹⁸¹ que fala sobre a situação das filhas das bordadeiras não quererem mais se dedicar às agulhas. O patrimônio também está ligado primordialmente ao conceito de tradição. Assim, o bordado corre grande risco de acabar por não haver a continuidade da prática por meio das novas gerações. Isso nos faz lembrar que foi em nome de um discurso parecido que “se reconheceu a necessidade de ação do Estado” para salvar e proteger os “vestígios do passado” configurados em patrimônio nacional.

Em seus estudos sobre patrimônio, José Reginaldo Gonçalves desenha os traços gerais do que chamou de “a retórica da perda”, ou seja, um discurso que denunciava o caráter inorgânico da tradição, a deficiência organizacional, o diletantismo, o sentimento de fragilidade da tradição, quando se falava de patrimônio. [...] Foi com essa “retórica da perda” que se lutou para preservar riquezas nacionais, que se persuadiu as elites a criar uma regulamentação capaz de “proteger” os bens e símbolos das ameaças, da política predatória, das decisões equivocadas. A “solução” proposta e implementada foi uma

¹⁸⁰ (DIAS, 2006, P. 84)

¹⁸¹ 19 de outubro de 2008.

legislação federal adequada. O “Estado” deveria ser responsável pelo estabelecimento da política de conservação e valorização. (OLIVEIRA, 2007, p. 128)

Mas, diferentemente do que foi feito em nível nacional, no município de Passira – dentro da esfera de poder municipal – nada foi realizado, ou pelo menos, nada foi decretado. E, se houve algum decreto nesse sentido, não tivemos acesso a esse documento. O que nos reforça a conclusão de que, verdadeiramente, não existiu a formalização desse patrimônio. E, se isso deslegitimaria o bordado manual de Passira por um lado, por outro, aparentemente, em nada interfere na prática do bordado e no seu entendimento entre a população passirense.

Para as bordadeiras entrevistadas, e nas conversas informais que tivemos com alguns cidadãos passirenses, a prática do bordado manual é mais considerado um fazer artístico do que um patrimônio cultural. Não que uma coisa exclua a outra. Pelo contrário, uma pode fundar a outra. Canclini (2012, p. 67) diz que “a invenção de sentido de qualquer obra artística”, no caso, o bordado manual, “seria impossível sem o que foi constituído antes na história social e pessoal” E nós entendemos que o conceito de patrimônio cultural é uma construção histórica e política e que, por isso mesmo, atribui sim sentido e valor a determinados bens.

A instalação da Constituinte Brasileira no final dos anos 80 foi também um marco considerável na construção do atual conceito de patrimônio cultural [...] de conteúdo mais dinâmico mais vivo, mais popular e, acima de tudo que favorecesse o exercício da cidadania, processo que vinha sendo construído desde os anos 70.¹⁸²

Se em Fonseca (2005, p. 51) o tema do patrimônio “se situa numa encruzilhada que envolve tanto o papel da memória e da tradição na construção de identidades coletivas, quanto os recursos a que têm recorrido os Estados modernos na objetivação e legitimação ideia de nação”, nós também percebemos o bordado de Passira localizado nessa mesma encruzilhada, principalmente a partir da década de 1980, quando a Prefeitura Municipal percebe e interfere no desenvolvimento da atividade.

Embora “parta do presente e de uma preocupação com o futuro”¹⁸³ a necessidade de se registrar e preservar os bens culturais, é na “reelaboração do passado” que se encontram os argumentos que convencem sobre ser necessário o registro e preservação desses bens. Afinal,

¹⁸² RODRIGUES, 2006, p. 11

¹⁸³ Legislação sobre patrimônio cultural. Brasília: Câmara dos Deputados, Edições Câmara, 2013, p. 13

“os bens que se constituem os patrimônios culturais se propõem como marcas do tempo no espaço”.¹⁸⁴

Portanto, é em nome de um passado onde o bordado foi muito praticado, e de um presente onde o bordado parece ser muito lucrativo, que Passira tomou para si esse patrimônio. Não exatamente a cidade, mas os sujeitos e instituições que a compõem. No caso, é atribuído a ex-prefeita Maria Aparecida Laurentino da Silva e sua gestão o “movimento de que deixou o bordado como Patrimônio Histórico da cidade”.¹⁸⁵ Esse movimento, na visão da bordadeira Lúcia, não rendeu nenhuma melhora ao artesanato em si. Isso se explica quando Zanirato (2009, p.139) diz que “nos grupos que não têm identidade com o elemento elevado à condição de patrimônio” a falta de envolvimento pode resultar em certo “desprezo em sua conservação”.

Nenhum bem, ou melhor, nenhuma prática cultural nasce como patrimônio cultural. Dias (2006, p. 82) diz que “bens culturais tem agregado a si um valor patrimonial”. Esse valor é variável e depende, ainda segundo o autor, de demandas políticas, institucionais e ideológicas. Da mesma forma, ou no mesmo condicionamento, identificamos o bordar em Passira. Denominar o bordado da cidade como Patrimônio Cultural partiu mais de uma demanda política, institucional e ideológica, do que da comunidade de bordadeiras, por exemplo.

Essa ação política, por outro lado, é prevista pela Lei. Já discutimos aqui que, dentro da esfera municipal, é possível se reconhecer e registrar um patrimônio cultural, com a formação e atuação de Conselho Municipal de Preservação de Patrimônio¹⁸⁶, no entanto, até onde sabemos, nada parecido aconteceu em Passira. É como se essa patrimonialização tivesse ficado no campo do discurso, como parte de uma estratégia política de valorização da própria gestão por meio de uma pretensa valorização do bordado. Consideramos, por outro lado, que tenha sido por falta de conhecimento específico dessas gestões anteriores que isso tenha acontecido. Zanirato (2009, 145) afirma que uma “participação mais expressiva requer investimentos na capacitação” especialmente desses sujeitos “representantes da sociedade civil”.

¹⁸⁴ FONSECA, 2005, p. 51.

¹⁸⁵ ENTREVISTA com Maria Lúcia Firmino (concedida a autora). Passira, 01 de agosto de 2014.

¹⁸⁶ Patrimônio de Pernambuco: materiais e imateriais. / Fundação do Patrimônio Histórico e Artístico de Pernambuco – Recife: Fundarpe, 2009, p.66.

Portanto, falar no bordado manual de Passira como patrimônio cultural da cidade é uma reprodução de um discurso político, que não compromete o fato da prática do bordado ser uma herança cultural, mas também não corresponde ao que se espera de bens culturais legitimados como patrimônios culturais. Sendo assim, bordar em Passira é um patrimônio mais no sentido de legado deixado pelas gerações passadas, que “condensa significados centrais de uma história local”¹⁸⁷, a história de muitos de seus cidadãos e a história da própria cidade.

4.2. O patrimônio enquanto herança cultural.

Quem diz patrimônio diz herança! Esta frase permite encaminhar perguntas dela derivadas: o que do passado queremos preservar? Assim, ao falarmos de patrimônio, estamos lidando com história, memória e identidade, conceitos inter-relacionados cujos conteúdos são definidos ao longo do tempo.¹⁸⁸

A prática do bordado manual em Passira é patrimônio da cidade, sobretudo quando se entende que essa atividade é uma herança cultural, surgida antes mesmo da cidade “ser uma cidade”, digamos assim. Se, conforme afirma Oliveira (2007, p. 114), “a noção de patrimônio confunde-se com a de propriedade herdada”, Passira como “filha” de Limoeiro, foi herdeira dessa prática que durante algum tempo foi “propriedade” da sua “cidade-mãe”.

O bordado é elemento importante na compreensão das manifestações culturais da região Nordeste, onde formas tradicionais de cultura material são preservadas, segundo fatores históricos, econômicos e sociais [...] O bordado, como outras manifestações tradicionais, é patrimônio cultural e herança transplantada das artes e ofícios dos povos colonizadores, remanescentes de um estilo de vida que se implantou no Brasil, merecendo por isso um tratamento especial. (SILVA, 1997, p. 25)

O bordado como herança, legado de gerações e contextos específicos, ultrapassa os limites de Passira. Ela mesma não deu origem a nada, mas recebeu de bom grado esse espólio. Se ampliarmos a nossa perspectiva e voltarmos às referências já mencionadas, veremos que, em muitos lugares, o ato de bordar passa de geração em geração, de região a região, de contexto a contexto, de indivíduo a indivíduo, de grupos a grupos, como uma verdadeira herança que se deixa quando se vai.

Se observarmos tudo que já fora exposto sobre o desenvolvimento da atividade do bordado no município de Passira, podemos afirmar que, durante muito tempo o bordado era uma prática secundária, uma aptidão de muitas mulheres, usada para obter rendimentos

¹⁸⁷ CANCLINI, 2012, p. 70.

¹⁸⁸ OLIVEIRA, 2007, p.114

financeiros para complementar a renda familiar. Quando esse ofício foi evidenciado, primeiramente pelo poder municipal, depois por esferas do poder público bem como por entidades financeiras e de apoio à pequenas organizações, passou de uma atividade secundária à principal atividade econômica na cidade. E se o patrimônio cultural “deve ser visto como um recurso econômico de um determinado território”¹⁸⁹ por que o contrário não pode ser verdadeiro?

É o que Dias (2006, p. 198) chama de “interpretação social do patrimônio” onde a perspectiva econômica se sobressai porque contribui para o desenvolvimento socioeconômico do grupo, da região. Em outras palavras, interpreta-se o bordado de Passira para além do seu valor simbólico. Ou melhor, o seu valor de uso, o seu valor de troca, é que possivelmente determine o seu valor simbólico. Por exemplo: quando “através do bordado”¹⁹⁰ se consegue adquirir um terreno, construir uma casa, inevitavelmente esse mesmo bordado se transforma em símbolo de conquista.

O patrimônio, como diz Quintas (2007, p. 47) reivindica “a dimensão de posse de uma sucessão de realidades acasaladas ao contexto histórico”. Por isso, defende Dias (2006, p. 200), “entender o patrimônio cultural como um recurso econômico não significa reduzi-lo a uma mercadoria, mas valorizá-lo como um recurso histórico e, nessa condição, colocá-lo a disposição da sociedade para que possa desfrutá-lo”. Então, o saber/fazer do bordado, como bem patrimonial, cria para a humanidade “elos afetivos e psicológicos” porque são marcas de tempos históricos. Ainda que não se seja uma bordadeira, que não se pratique o bordado, ele está na memória coletiva daquele lugar.

Ainda hoje podemos encontrar, em guardados antigos de família, paninhos bordados, peças em tecido feitas por habilidosas mãos de avós, bisavós e tataravós ou por elas compradas ou recebidas de presente e conservadas por algum motivo especial, formando uma espécie de museu privado sentimental. (MALTA, 2015, p. 01)

É claro que os “grupos se apropriam da herança cultural de modos diferentes e desiguais”, de acordo com Canclini (2012, p. 72), mas, quando se institucionaliza um patrimônio, ainda que de forma equivocada, e ele tende a ser aceito pela coletividade, ali se inicia um processo de apropriação e ressignificação que resulta em um sentimento de pertencimento, mas não necessariamente de entendimento de que aquele é um bem cultural,

¹⁸⁹ DIAS, 2006, p. 198.

¹⁹⁰ ENTREVISTA com Givaldo França da Silva (concedida a autora). Passira, 23 de novembro de 2014.

muito menos um patrimônio. É isso que percebemos ter acontecido em Passira. Nas falas das bordadeiras, das pessoas envolvidas com o bordado de forma indireta, o bordado é uma arte, um artesanato, uma herança da mãe, da avó, de uma tia, de uma professora que ensinou esse ofício. E como uma herança, um elemento da cultural local, por dedução, o bordado manual é patrimônio cultural do município de Passira.

Intuímos então que, nessas condições, o bordado manual passirense precisa ser devidamente conhecido, apropriado e valorizado. Tudo que prevê o trabalho de educação patrimonial no que tange a herança cultural dos indivíduos. Portanto, o tópico seguinte tem esse objetivo de conduzir a prática do bordado manual de Passira por esse caminho da educação patrimonial, acreditando que desta forma esse ofício seja reconhecido adequadamente como um bem patrimonial.

4.3. Educação patrimonial: da informalidade à formalidade.

A Educação Patrimonial é um instrumento de “alfabetização cultural” que possibilita ao indivíduo fazer a leitura do mundo que o rodeia, levando-o à compreensão do universo sociocultural e da trajetória histórico-temporal em que está inserido. Este processo leva ao reforço da autoestima dos indivíduos e comunidades e à valorização da cultura brasileira, compreendida como múltipla e plural.¹⁹¹

Para que a prática do bordado manual em Passira possa ser efetivamente considerada patrimônio cultural do município, é necessário que se adotem medidas diferenciadas daquilo que foi feito, ou não feito, ao longo dos anos dentro da cidade em relação ao seu artesanato. Realizar uma feira anual em torno do bordado não parece um esforço significativo em prol de uma atividade que é colocada como patrimônio, e especialmente por isso é que fazemos esse questionamento.

Além disso, Dias (2006, p. 199) reforça que é tarefa do município gerir essa valorização do patrimônio no mercado do turismo, “pois a ele interessa obter dividendos por sua exploração”. No entanto, o município parece não reconhecer a necessidade de se fomentar outras iniciativas que deem visibilidade ao bordado como elemento de identidade cultural.

Poderíamos parafrasear Quintas (2007, p. 65) e dizer que “preservar não é somente guardar o artefato” – no nosso caso, não é somente conservar o bordado dentro do limite de uma feira anual – “mas mantê-lo vivo na sua contextualização” – ou seja, fazê-lo presente a todo o tempo em seu contexto local. Afinal, como defende Silva (1997, p. 21), “o artesanato

¹⁹¹ HORTA, 1999, p. 06.

em suas diversas manifestações constitui representações coletivas, verdadeiros patrimônios culturais que devem ser preservados”.

No presente, a bordadeira de Passira representa papel importante no processo de construção de uma nova identidade cultural para o município. O crescimento deste mercado de trabalho vem permitir a legitimação dos valores atribuídos a esta atividade não apenas como alternativa de sobrevivência, mas como ‘trabalho que tem arte’, o que significa ir além do aspecto artesanal. (SILVA, 1997, p. 38)

A bordadeira, o bordado, o bordar, todos esses elementos que constituem essa identidade de “Terra do Bordado Manual”, constituem assim o próprio patrimônio cultural da cidade. Uma identidade que “condensa a evocação da memória e um projeto de futuro” e “envolve discursos e práticas capazes de legitimar o pertencimento”. (OLIVEIRA, 2008, p. 09). Quais os discursos e práticas então, que têm sido propagados para legitimar esse pertencimento?

“O bordado manual é patrimônio cultural de Passira e do Estado de Pernambuco, tendo representado nosso município em diversos eventos nacionais e internacionais”¹⁹². Esse é o discurso da Prefeitura e de algumas associações de artesanato e bordado da cidade. Esse é o discurso que, normalmente, se veicula na ocasião da Feira do Bordado Manual. Observem que a noção de patrimônio aqui está intimamente ligada à questão do turismo, quando o bordado é patrimônio porque é elemento de identificação da cidade dentro e fora dela. “Dentro” quando se realiza pontualmente a feira anual, por exemplo, e “fora” quando o bordado é exposto ou exportado para outros Estados e outros países.

O patrimônio do bordado, “ao constituir-se em um recurso que tem um valor comercial no mercado turístico, possibilita às localidades terem uma oferta diferenciada”¹⁹³, nesse sentido é compreensível o motivo de Passira ter se transformado na “Terra do Bordado Manual”. Assim como Ibitinga, por exemplo – cidade localizada no Estado de São Paulo, que tem quase toda sua economia pautada na produção do bordado, sendo inclusive considerada como a “Capital Nacional do Bordado” (Ver Fotografia 19) – Passira tem no bordado um dos seus principais recursos econômicos, mas principalmente é por meio dele que se conta a história da cidade, que se cria e se fala numa singularidade daquela região.

¹⁹² Encarte de divulgação da 19ª Feira do Bordado Manual em Passira. 2005.

¹⁹³ DIAS, 2006, p. 199.

Fotografia 19 – Outras terras do bordado.



Fonte: Portal Ternura FM. ¹⁹⁴

Por mais que Passira tenha outros atrativos culturais e de cunho turístico, como a Feira do Milho, por exemplo, o bordado manual continua sendo o seu forte. É uma cidade “considerada de interesse turístico pela Embratur, foi inventariada pela Empetur e integra três roteiros de viagens comercializados por agências pernambucanas.”¹⁹⁵ E nesses roteiros, em que vários municípios são visitados, como não poderia deixar de ser, o foco de Passira é o Bordado Manual. Assim, lembramos do que diz Canclini (2012, p. 71) a respeito da “publicidade turística” que, por divulgar amplamente um bem cultural consegue “intervir em sua fama” e agregar a esse mesmo bem um valor, uma “excepcionalidade patrimonial”, que o legitima como patrimônio cultural de alguma forma.

Canclini (2012, p. 71) também explica que “os estudos sobre mudanças do valor estético e cultural [...] evidenciam que a constituição multifatorial do valor foi, em grande parte, orientada pelos estados nacionais e comunidades acadêmicas”. No caso de Passira, é incontestável a orientação municipal, especialmente a partir da década de 1980, na constituição valorativa da atividade do bordado manual; e podemos dizer inclusive que, mais recentemente, comunidades acadêmicas cumpriram papel parecido ao estudar e demonstrar a importância dessa atividade em outros contextos, a nossa pesquisa é exemplo disso. Afinal, o

¹⁹⁴ Disponível em < <http://www.portalternurafm.com.br/noticias/48763/ibitinga-cidade-completou-123-anos-de-emancipacao-politico-administrativa>> Acesso: 10 de dezembro de 2015.

¹⁹⁵ Encarte do SEBRAE, divulgando do Bordado Manual de Passira. 1998.

que estamos fazendo senão endossando o valor histórico e social do bordado manual em Passira, construindo e disseminando conhecimento sobre o tema?

Voltando e finalizando por agora o assunto sobre a propriedade econômica do bordado manual enquanto bem patrimonial, compartilhamos da afirmação de Dias (2006, p. 200) sobre o quão é relevante essa questão até mesmo para a construção da identidade cultural de um grupo. O patrimônio revelado pelo recurso econômico que representa:

[...] torna-se atrativo para parcelas da população que o ignoravam e que passam a valorizá-lo por sua utilidade econômica, de modo a provocar um movimento inverso de outras pessoas, pois, aos poucos, esses indivíduos vão conhecendo o seu conteúdo simbólico e passam a ampliar o seu conhecimento sobre sua própria realidade social; dessa forma, fortalece-se, também por essa via, a identidade cultural.

Portanto, se falamos em “conhecer”, “conhecimento”, “valorização” e “identidade cultural”, estamos nos referindo a preceitos da educação patrimonial. Mas por que então falamos em informalidade e formalidade sobre a educação patrimonial? Porque todos esses esforços acabam sendo parte de um processo educativo informal, simplesmente porque não há intencionalidade formalizada, declarada. Tudo que pode ser reconhecido como “educativo”, nesse caso, é eventual. Como por exemplo, o lançamento de textos informativos sobre a trajetória do ofício na cidade apenas na ocasião da Feira do Bordado Manual, enquanto no restante do ano, pouco ou nada se fala a respeito da atividade.

A CEDUC – Coordenação de Educação Patrimonial – vinculada ao IPHAN,

Defende que a Educação Patrimonial constitui-se de todos os processos educativos formais e não formais que têm como foco o Patrimônio Cultural, apropriado socialmente como recurso para a compreensão sócio-histórica das referências culturais em todas as suas manifestações, a fim de colaborar para seu reconhecimento, sua valorização e preservação.¹⁹⁶

Por outro lado, a educação patrimonial, digamos formal – ou a única que existe de forma legalizada – é um “processo permanente e sistemático de trabalho educacional centrado no Patrimônio Cultural como fonte primária de conhecimento e enriquecimento individual e coletivo.” (HORTA, 1999, p. 06).

Esse processo permanente e sistemático consiste numa metodologia característica, que prevê a participação ativa de agentes institucionais e sociais, pois se trata de uma construção coletiva. Essa metodologia “pode ser aplicada a qualquer evidência material ou manifestação

¹⁹⁶ Educação Patrimonial: histórico, conceitos e processos. IPHAN, 2014, p. 19.

cultural” (HORTA, 1999, P. 06) como o ofício do bordado. O ato de bordar pode ser definido como “um processo de produção artesanal” dentro das “tecnologias e saberes populares”. Portanto, é uma manifestação cultural passível da aplicação da metodologia da Educação Patrimonial.

Compõe a categoria do que é artesanal o que é manual, feito à mão, na sua totalidade ou na maioria de procedimentos referentes a uma técnica, podendo-se também dizer que a técnica é um componente do imaginário do trabalho. A essa técnica impõe-se uma sabedoria, o domínio da técnica que é o trabalho chamado “ofício”.¹⁹⁷

E, em Passira, a manifestação cultural do bordado manual parece mesmo carecer do trabalho da educação patrimonial no sentido de se “levar as crianças e adultos a um processo ativo de conhecimento, apropriação e valorização de sua herança cultural.” Quantas vezes ouvimos “o bordado não é tão valorizado como deveria ser”? E não é só em relação ao pouco retorno financeiro do trabalho, essa é uma questão que influencia, mas não é determinante. Trata-se de uma desvalorização que vem do desconhecimento da própria história do ofício na região. Falta inclusão, falta integração entre as diferentes gerações, grupos sociais e instituições.

Parece que estamos sendo repetitivos com o exemplo da Feira do Bordado Manual, no entanto, pela sua representatividade fora e dentro da cidade, ela é exemplar para várias questões, até mesmo no que diz respeito a essa falta de inclusão. Evidentemente a realização desse evento não é uma ação de educação patrimonial, mas acidentalmente ela cumpre o seu papel educativo, ou pelo menos informativo. Então, se “é imprescindível que toda ação educativa assegure a participação da comunidade na formulação, implementação e execução das atividades propostas”¹⁹⁸, por que D. Ignês se queixa em relação ao processo excludente de organização e realização da feira? Suas palavras:

Porque infelizmente hoje não tem nem assim o Departamento de Cultura, aí só se vê na época da Feira, pra organizar a Feira. Organizam sozinhos assim, são possessivos. Podiam envolver os produtores de bordado né? Que tinha as sugestões deles também, tudinho, mas não. Marcam a Feira sozinhos lá, aí já divulgam a data da Feira sem participação do povo. Não pode ser desse jeito né?¹⁹⁹

¹⁹⁷ LODY, 2013, p. 07.

¹⁹⁸ Educação Patrimonial: histórico, conceitos e processos. IPHAN, 2014, p. 20.

¹⁹⁹ ENTREVISTA com Maria Ignês Costa Santana (concedida a autora). Passira, 25 de julho de 2014.

“O povo”, enquanto produtor de saberes “que reconhece suas referências culturais inseridas em contextos de significados associados à memória social do local”²⁰⁰ deve participar ativamente de ações educativas, ainda que sejam ações educativas camufladas com outras finalidades, e ainda que seja incumbência dos poderes públicos mediar essas ações. Por isso a importância de se definir e se traçar um plano de educação patrimonial. Afinal, o bordado manual é expressão cultural de Passira, e como tal constitui seu patrimônio vivo que revela, segundo Horta (1999, p. 07), “os múltiplos aspectos que pode assumir a cultura viva e presente” de sua comunidade.

É relevante também se observar que esses métodos educativos não sejam meros dispositivos para “dar visibilidade ao ‘espetáculo do patrimônio’”, como lembra Funari (2009, p. 56), por meio de exposições, visitas ou de turismo cultural. Esse último, como já discutimos, é bastante recorrente em Passira.

O tema circunda o artesanato como expressão mediadora entre o local e o global, o urbano e o rural, a tradição e a tecnologia. Questiona o processo produtivo do artesanato tradicional e de sua inserção na categoria associada ao turismo cultural, uma vez que se trata de patrimônio cultural imaterial.²⁰¹

Apropriando-nos das palavras de Horta (1999, p. 09) podemos dizer que descobrir a rede de significados suscitados pelo bordado na cidade de Passira, suas relações, processos de criação, fabricação, trocas, comercialização e usos diferenciados, é função da Educação Patrimonial. Essas descobertas dão sentido às evidências culturais daquele grupo e daquela região e informam sobre o modo de vida das pessoas no passado e no presente, em um ciclo constante de continuidade, transformação e reutilização.

Então, o que prevê a metodologia da educação patrimonial? E principalmente, como ela seria útil à manifestação cultural do bordado manual passirense? Como em outros campos da educação, a educação patrimonial pode ser tomada por algumas perspectivas. Magalhães (2009, p.50) destaca duas delas: a da educação tradicional, distinta por “uma visão impositiva, visando atender interesses específicos, caracterizada pela universalização, integralização e unicidade do conhecimento”; e a educação transformadora, de atitude libertadora, “visando a condição de sujeito autônomo, tendo como característica a contradição, a heterogeneidade e o conhecimento dialogado”.

²⁰⁰ Educação Patrimonial: histórico, conceitos e processos. IPHAN, 2014, p. 20.

²⁰¹ CAMPOS et al, 2012, p. 236

Fica claro que a educação patrimonial na qual pensamos para orientar os trabalhos sobre o patrimônio do bordado manual em Passira, é essa educação de cunho transformador e inclusivo. O que, em tese, resolveria a questão do desconhecimento e marginalização de uma parte da população em relação a essa atividade.

A aplicação da metodologia da educação patrimonial, de acordo com o guia de Horta (1999), começa na análise do objeto ou fenômeno cultural, por meio de perguntas e reflexões. Não podemos deixar de tomar como exemplo o fenômeno cultural do bordado manual. Então, quais os seus materiais, suas formas, seus usos, seus processos de fabricação, seus valores, seus significados? É fundamental definir previamente qual o objetivo dessa ação para prosseguir com as outras etapas.

Imaginamos que o objetivo maior da ação educativa sobre o bordado manual de Passira, a princípio, seja a própria percepção dele enquanto patrimônio, enquanto herança cultural e elemento de identificação sociocultural. Assim, (re)-definimos as etapas metodológicas da Educação Patrimonial de Horta (1999), segundo essa percepção:

Quadro 1 – Etapas metodológicas da ação educativa para o patrimônio do bordado manual.

Etapas	Recursos/Atividades	Objetivos
1) Observação	Exercícios de percepção visual/sensorial do bordar e do bordado , por meio de perguntas às bordadeiras , manipulação e experimentação dos seus materiais de trabalho , mediação, anotações, comparação com outras técnicas e outros produtos , dedução, jogos de detetive...	Identificação do objeto e da prática (distinguir o bordado e o ato de bordar) / sua(s) função(ões) / seu(s) significado(s). Desenvolvimento da percepção visual e simbólica do bordado, da sua tipologia, da postura e expressão da bordadeira ao executá-lo.
2) Registro	Desenhos, fotografias dos riscos, dos bordados, das próprias bordadeiras executando a sua arte ; descrição verbal ou escrita, gráficos do processo criativo e produtivo, do ambiente de produção ; maquetes, mapas e plantas baixas desses ambientes de produção ou de circulação da prática e do produto.	Fixação do conhecimento percebido, aprofundamento da observação e da análise crítica (o bordado antes visto de maneira uniforme passa a ser notado em suas particularidades) ; Desenvolvimento da memória, pensamento lógico, intuitivo e operacional.
3) Exploração	Análise do problema, levantamento de hipóteses (por ex.: o que falta para a valorização devida do bordado, do trabalho artesanal da bordadeira?) ; discussão, questionamento, avaliação, pesquisa em outras fontes como bibliotecas, arquivos, cartórios, instituições, jornais, entrevistas, ou visitas a outras cidades com alguma vocação artesanal semelhante.	Desenvolvimento das capacidades de análise e julgamento crítico, interpretação das evidências e significados. (Se começa a pensar no bordado em outros contextos, com outras configurações).
4) Apropriação	Recriação, releitura do bordado ; dramatização, interpretação em diferentes meios de expressão: o bordado sendo retratado por meio da pintura, escultura, drama, dança, música, poesia, texto, filme e vídeo.	Envolvimento afetivo com aquele ofício que parecia não ter relação alguma com o indivíduo ; internalização, desenvolvimento da capacidade de auto-expressão, apropriação, participação criativa, valorização do bordado enquanto bem cultural.

Fonte: HORTA, 1999, p. 11 – com alguns acréscimos da autora.

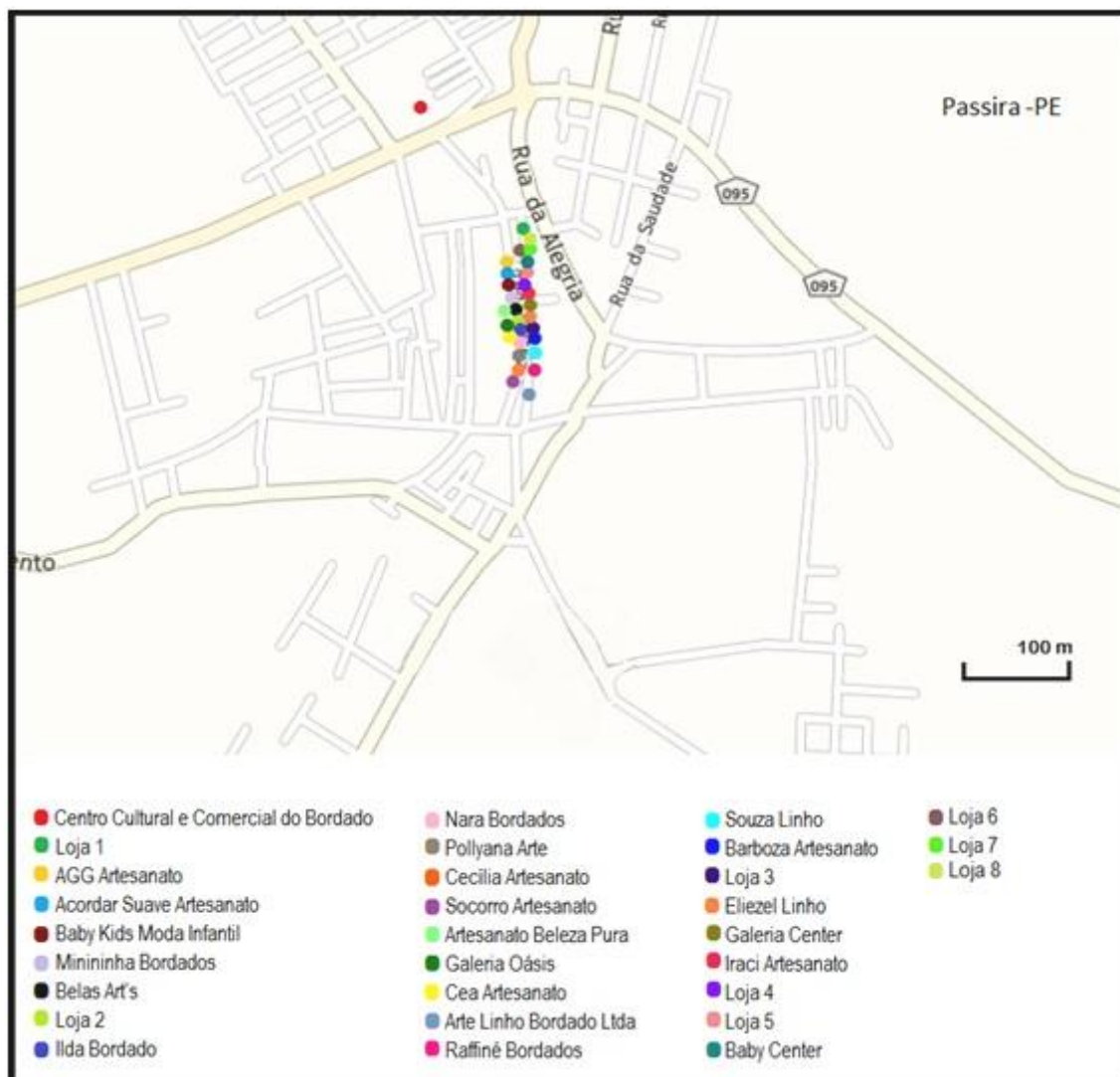
Previstas no andamento dessas etapas, existem outras questões tão importantes quanto essas a serem pensadas. Aliás, são questões que devem definir todas essas ações subsequentes da educação patrimonial: com que grupo se está trabalhando? Adultos, crianças, pessoas idosas? São as próprias bordadeiras, ou pessoas que nunca pegaram numa agulha? E, se forem as bordadeiras, são as que riscam e bordam ou só as que bordam? São as que vendem para si mesmas ou as trabalham conforme a encomenda de terceiros? São as associadas, as empresárias do bordado? São ainda aqueles poucos bordadores ou são os homens que negociam o bordado? São os agentes institucionais ou da sociedade civil?

Então, para cada etapa da ação educativa – baseada na metodologia de Horta (1999) – segundo o grupo com o qual se está trabalhando e objetivo a ser alcançado, propomos algumas atividades específicas. E assim deve ser conduzido todo o processo de educação patrimonial, lembrando que esse processo não se encerra ao final das atividades e que, como observa Magalhães (2009, p. 64), trata-se de “um instrumento que garante direito à memória e a cidadania, podendo provocar reações positivas ou gerar conflitos”. Mais adiante, o mesmo autor arremata: “A palavra chave é identidade e identificação, pois só haverá envolvimento e comprometimento com o patrimônio quando houver identificação.” (p. 65)

Trabalhando-se com um grupo de adultos, por exemplo, envolvidos em alguma instância com a atividade do bordado, com o objetivo de sensibilizá-los sobre a importância de se saber e se contar a história do desenvolvimento da prática do bordado manual em sua cidade natal, Passira, sugerimos as seguintes atividades:

Para a etapa de observação, analisar outros contextos de produção artesanal – como os artesãos produzem e como percebem o seu saber/fazer – comparar com o que é feito em Passira, se perguntando o que pode ser aperfeiçoado, o que deve ser mantido; na etapa seguinte, de registro, fotografar, filmar essa experiência de observação, realizar alguma entrevista direcionada ao objetivo também da observação, arrecadar, se possível, amostras desses produtos, sempre fazendo uma relação ao bordado manual passirense, registrando também o que é feito em Passira, mapeando os lugares de produção e comercialização do bordado, como fez Silva (2014, p. 13) na imagem a seguir:

Imagem 9 - Croqui pontuando locais de venda de bordado na Rua da Matriz em Passira-PE.



Fonte: SILVA, 2014, p. 13

A etapa da exploração pode acontecer ainda enquanto se registra a manifestação cultural, é o momento de levantar hipóteses, destacar diferenças e semelhanças entre uma e outra prática, ouvir outras opiniões, dialogar entre o grupo, compartilhar ideias; na apropriação, quarta e última etapa, é o momento de bordar, criar, “recriar o bordado”, mostrando o outro lado ou o lado menos visto do ofício, pode ser por meio de um vídeo, de exposições fotográficas, ou, até mesmo usando o próprio bordado. Novos riscos, novos pontos, novas histórias; pontos mais tradicionais em tecidos inusitados, em retalhos, em papéis, em qualquer suporte – que suporte – o significado de saber/fazer na cidade Passira.

Dentro dessa mediação oferecida pela educação patrimonial, “não apenas as práticas sociais são apropriadas, mas também os problemas e as situações para os quais elas foram

criadas”²⁰² de modo que, se o bordado é fomentado simplesmente como fonte de renda, ficando relegado ao segundo plano a sua relevância enquanto prática social que se constitui em bem cultural, temos um problema. Problema que será alvo de uma apropriação e de uma provável solução mediante as atividades e objetivos planejados para essa etapa metodológica da educação patrimonial.

Certamente enquanto a questão de o bordado manual ser patrimônio cultural de Passira não for bem esclarecida, não será possível a aplicação da metodologia da Educação Patrimonial. Ou, de modo muito incomum, talvez justamente esse processo educativo contribua para esse esclarecimento.

Assim, nos encaminhamos às considerações finais desta pesquisa, acreditando termos iniciado, ou dado continuidade, a um processo de reconhecimento do bordado manual praticado em Passira, por meio da narrativa da sua trajetória e da problematização do seu *status quo* enquanto patrimônio cultural, uma herança cultural capaz de identificar a cidade na região, no Estado, no país.

²⁰² Educação Patrimonial: histórico, conceitos e processos. IPHAN, 2014, p. 22.

Considerações Finais

Então chegamos as nossas considerações finais, que certamente poderiam ser considerações parciais. Não que não tenhamos alcançado nenhum dos nossos objetivos, pelo contrário, mas por acreditarmos que outras pesquisas podem nos suceder, sendo mais específicas sobre determinados pontos, complementando informações que por ventura nós não tenhamos registrado.

Quando narramos a fundação da cidade de Passira, no primeiro capítulo, nós mesmos estávamos aprendendo, à medida que pesquisávamos sobre, em que ambiente se criava o bordado feito naquela região. Um bordado que obviamente não é genuíno do local, mas que se adaptou ou foi adaptado segundo a percepção das mulheres que o aprenderam e o praticaram.

Entendemos que, por questões principalmente econômicas, quando a agricultura que, até então dominava a economia da cidade começa a sofrer com as intempéries climáticas, o bordado sai do âmbito doméstico, de lazer e educacional de muitas mulheres e se torna um trabalho lucrativo quando complementa a renda de algumas famílias. Passira, o município considerado “o maior produtor de milho do Estado”, se lançava então como a “Terra do Bordado Manual”.

Evidentemente esse não é um movimento natural, tão pouco artificial num sentido pejorativo. Afinal, a mão-de-obra para o bordado manual existia. Trata-se – ou tratava-se na época – de uma estratégia política da gestão pública municipal para promover a cidade por meio dessa dita vocação artesanal. Por outro lado, se não existisse a predisposição, a identificação da própria população e seu imaginário, essa fama não se consolidaria. Além disso, na década de 1980, quando o bordado manual foi tomado dessa forma, Passira passava por um regime governamental opressivo, o coronelismo. Assim, a oposição que se apresentava naquela situação poderia e foi considerada uma espécie de “tábua de salvação”.

Então a “Terra do Bordado Manual” se faz mais pela prática em si, do que por alguma configuração estética, por exemplo, ainda que insistam em divulgar desenhos e pontos específicos, de modo a perpetuar um padrão dito tradicional da cidade de Passira. O trabalho manual sim é característico e muito defendido em relação ao bordado feito à máquina. Já os pontos, os riscos, são diversos e podem variar de acordo com o a bordadeira e/ou seu grupo, com a peça bordada, entre outros fatores.

Acrescentamos também que, diferentemente do que afirmam algumas reportagens sobre o artesanato em Passira, o trabalho manual com linha e agulha que “fez história” na cidade foi e é o bordado e não a renda. Embora existam semelhanças estéticas e em muito sejam associados ao universo feminino, são saberes e fazeres tecnicamente diferentes. Além disso, o bordado não é uma exclusividade das mulheres. Mesmo em Passira, onde o bordar é uma ação praticada principalmente por elas, existem os bordadores, os homens que bordam. E se falarmos na atividade do bordado como um todo, considerando suas outras etapas produtivas, os homens surgem ainda como produtores, compradores e/ou vendedores, responsáveis pelo desenho, pelo risco, etc.

O bordar é mesmo um ato que desperta muitas questões. Discutimos esse ponto no capítulo dois e percebemos que isso se aplica ao ofício na cidade de Passira. Se para alguns o bordado é apenas uma atividade lucrativa em detrimento de outras que já não são tão rentáveis quanto, para outros, o bordado é resultado de um trabalho artístico, é uma terapia, sua prática é uma necessidade até fisiológica. Envolve lembranças de outrora e justamente por isso se constitui em herança do passado, uma herança cultural compartilhada por grande parte da população passirense.

Porque mesmo que não se borde mais, ou que nunca tenha se bordado, a referência é a avó, a mãe, a tia, uma conhecida, quem quer que seja que, no passado, bordava, configurando assim a tradição do bordado manual em Passira. Sim, o bordado feito à mão e não outro. Mulheres que bordavam e muitas vezes se libertavam de uma rotina de submissão, de uma dependência econômica; mulheres artesãs, mulheres empresárias. Sempre elas, as protagonistas dessa história.

A história da prática do bordado manual no município de Passira também passa pela Feira do Bordado Manual. Uma tradição dentro de outra tradição. Um evento que acontece anualmente, desde 1985, importante, sobretudo para a economia da cidade, não deixando de ter por essa razão, a sua parcela de contribuição à cultura local. Mas todo esse acontecimento talvez não fosse possível sem a atuação das entidades associativas que foram fundadas ao longo do tempo, desde a época que Passira ainda era distrito da cidade de Limoeiro. Os esforços para a inauguração da Feira do Bordado Manual, por exemplo, foram feitos quase que simultaneamente a formação da Cooperativa Mista das Bordadeiras de Passira, a COMIB.

E todos esses eventos foram determinantes, cada qual a sua medida, para que em Passira, o bordado manual acabasse por constituir-se em um bem cultural. Se o bordado,

enquanto produto material concorre a categoria de principal produto econômico do município, sua prática artesanal, oriunda de um saber/fazer milenar, por sua vez, é elevada ao grupo de bens culturais. Constatamos que isso se dá pela perspectiva do patrimônio cultural. Nesse sentido, grande parte da população tem outra referência do bordado: é uma arte, uma manifestação da cultura local, um costume herdado dos antepassados. Mas, como vimos longo do texto, essa não é uma questão de escolher entre uma coisa e outra, mas sim de uma ressignificação.

No entanto, não podemos ignorar que o bordado, propagado como patrimônio cultural de Passira, precisa ser reconhecido como tal para que se saia do campo do discurso, concretizando assim a sua valorização como um bem patrimonial. Porque mesmo que indivíduos e grupos percebam e recebam bens culturais de formas distintas, existem metodologias que podem melhor direcionar essa percepção e essa recepção, de modo que todos usufruam desse bem, como é o caso da educação patrimonial.

Os argumentos para a implementação de um projeto de educação patrimonial em Passira são os próprios acontecimentos relatados na história da prática do bordado manual na cidade, é o próprio sentimento de pertencimento e identificação nutridos pelos cidadãos passirenses com o passar dos anos.

Talvez, por essa razão, estejamos aqui. Além de narrar os fatos que ocorreram, tentamos de alguma forma ponderar sobre as consequências dessas ocorrências, sendo uma delas a patrimonialização do bordado manual. Portanto, admitimos e concordamos com Vieira (2007) quando diz que “o trabalho final do historiador também deve aparecer como um momento de reflexão e não como um produto acabado.”, e nesse ponto estamos convencidos que provavelmente tenhamos mais questões levantadas do que questões respondidas sobre nosso objeto.

Referências

Livros, Artigos, Teses e Dissertações.

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. **A feira dos mitos: a fabricação do folclore e da cultura popular (nordeste – 1920-1950)** – São Paulo: Intermeios, 2013.

ALMEIDA, Ana Júlia Melo. Design e Artesanato: a experiência das bordadeiras de Passira com a moda nacional. Dissertação (mestrado), Escola de Artes, Ciências e Humanidades, Universidade de São Paulo, 2013.

ARAÚJO, Maria Aparecida de. **O Papel da “Feira Anual do Bordado Manual”, para a economia e sociedade de Passira-PE. 1984-2000.** TCC (Especialização em História do Nordeste) Nazaré da Mata, UPE, 2002.

BARROS, José D’Assunção. **O campo da história: especialidades e abordagens.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

BOSI, Ecléa. **O tempo vivo da memória: ensaios de psicologia social.** São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.

BRITO, Thais Fernanda Salves de. **Bordados e bordadeiras: Um estudo etnográfico sobre a produção de bordados em Caicó/RN.** Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010.

CAMPOS, Luciene Jung de; ALQUATTI, Raquel; PEREIRA, Ismael. **Artesanato, cultura e turismo: o discurso estético-político nas *arpilleras*.** *Revista Hospitalidade*. São Paulo, v. IX, n. 2, p. 235 - 253, jul.- dez. 2012.

CANCLINI, Néstor García. **A sociedade sem relato: antropologia e estética da iminência.** São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2012.

CARVALHO, José Murilo de. **A formação das almas: o imaginário da República no Brasil.** São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano: 1 Artes de fazer.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

CHAGAS, Claudia Regina Ribeiro Pinheiro das. **Memórias bordadas nos cotidianos e nos currículos.** Dissertação de Mestrado em Educação – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2007. Disponível em: <
<http://livros01.livrosgratis.com.br/cp049911.pdf>> Acesso: 25 de abril de 2015.

CHARTIER, Roger. **A história cultural. Entre práticas e representações.** Trad. de Maria Manuela Galhardo. 2ª Ed. Memória e Sociedade. Difel. 2002.

CHOAY, Françoise. **A alegoria do patrimônio**. 4ª ed. – São Paulo: Estação Liberdade: UNESP, 2006.

CRUVINEL, Maria de Fátima; GAMA-KHALIL, Marisa Martins. **A leitura-fio: reconto do bordado**. Revista Trama, Paraná, v. 5, nº 10, p. 47-58, 2009.

DIAS, Reinaldo. **Turismo e patrimônio cultural – recursos que acompanham o crescimento das cidades**. São Paulo: Saraiva, 2006.

DURAND, Jean-Yves. **Bordar: masculino, feminino**. In: Reactivar saberes, reforçar equilíbrios locais. Vile Verde: Aliança Artesanal, 2006. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/1822/5480>> Acesso em: 24 de abril de 2015.

FAUSTO, Boris. **História concisa do Brasil**. – 2.ed. – São Paulo. Editora da Universidade de São Paulo, 2014.

FONSECA, Homero. **Pernambucânia: o que há nos nomes das nossas cidades** – 2. ed. – Recife: CEPE: FUNDARPE, 2008.

FONSECA, Maria Cecília Londres. **O Patrimônio em processo: trajetória da política federal de preservação no Brasil**. 2. Ed. Rev. Rio de Janeiro: Editora UFRJ; MinC – Iphan, 2005.

FUNARI, Pedro Paulo de Abreu; PELEGRINI, Sandra de Cássia Araújo. **Patrimônio histórico e cultural**. – 2ª edição – Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009.

GALVÃO, Sebastião de Vasconcelos. **Dicionário corográfico, histórico e estatístico de Pernambuco**; organização e estudo introdutório Leonardo Dantas Silva; - 2. ed. – Recife: CEPE, 2006.

GAWLAK, Albino. **Cooperativismo: primeiras lições**. Ed. Brasília: SESCOOP, 2007

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2007.

GINZBURG, Carlo. **Mitos, emblemas, sinais: morfologia e história**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 2003.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. - Rio de Janeiro: DP&A, 2004.

HARTOG, François. **Regimes de historicidade: presentismo e experiência no tempo** – Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013.

HORTA, Maria de Lourdes Parreiras. **Guia Básico de Educação Patrimonial**. Brasília: Instituto do Patrimônio Histórico Artístico Nacional, Museu Imperial, 1999.

KODJA, Gisela. **Bordadeiras do Morro de São Bento: a vida tecida entre o linho e as linhas**. – São Carlos: ICASESP, 2008.

LEAL, Victor Nunes. **Coronelismo, enxada e voto: o município e o regime representativo no Brasil** — 4ª edição — São Paulo : Companhia das Letras, 2012.

LE GOOF, Jacques. **História e Memória**. 2º Volume Memória. Lugar da História, edições 70. Lisboa – Portugal, 2000.

LODY, Raul. **Barro e balaio: dicionário de artesanato popular brasileiro**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2013.

MAGALHÃES, Leandro Henrique. **Educação Patrimonial: da teoria à prática**. Londrina: Ed. Unifil, 2009.

MALTA, Marize. **Paninhos, agulhas e pespontos: a arte de bordar o esquecimento na história**. In: XXVIII Simpósio Nacional de História: lugares dos historiadores, velhos e novos desafios. Florianópolis. Anais... Florianópolis, 2015.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. HOLANDA, Fabíola. **História oral: como fazer, como pensar**. – 2.ed., São Paulo: Contexto, 2013.

MELO, Eduardo Barbosa de Melo. **Extensão rural e artesanato: o bordado manual de agricultoras do Sítio Varjada, Passira-Pernambuco**. Dissertação (Mestrado em Extensão Rural e Desenvolvimento Local) – Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife, 2007.

PERROT, Michelle. **As mulheres ou os silêncios da história**. Bauru, SP : EDUSC, 2005.

OLIVEIRA, Lúcia Lippi. **Cultura é patrimônio: um guia**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2008.

PINSKY, Carla Bassanezi. **Fontes históricas**. 2.ed. São Paulo: Contexto, 2008.

POETA, Zeca. **A cultura, as festas e a história da cidade de Passira**. UFAL, Alagoas, 2007.

QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. **Variações sobre a técnica de gravador no registro da informação viva**. – São Paulo: T.A. Queiroz, 1991.

QUINTAS, Fátima. **Cultura: patrimônio e brasilidade**. – Recife: Bagaço, 2007.

RICOEUR, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2007.

_____. **Tempo e narrativa**; tradução: Claudia Berliner – São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2010.

ROCHA, Ana Augusta. **Bordar a vida: histórias dos trabalhos das mulheres da ACTC**. São Paulo: ACTC – Associação de Assistência à Criança e ao Adolescente Cardíacos e aos Transplantados do Coração, 2012.

RODRIGUES, Francisco Luciano Lima. “Conceito de Patrimônio Cultural no Brasil: Do Conde de Galvêias à Constituição Federal de 1988.” MARTINS, Clerton.(Org.) **Patrimônio Cultural: da memória ao sentido do lugar**. São Paulo: Rocca, 2006.

SANTOS, Diego Gomes dos. **Patrimônio: herança ou interesses? Um estudo sobre a política cultural aplicada ao patrimônio cultural de pernambuco (1979 - 2010)**.

Dissertação de Mestrado em História Social da Cultura Regional – Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife, 2015.

SENNET, Richard. **O artífice**. 4ª ed. – Rio de Janeiro: Record, 2013.

SILVA, Gezenildo Jacinto da. **Rendas que se tecem, vidas que se cruzam: tramas e vivências das rendeiras de renascença do município de Pesqueira/PE (1934-1953)**.

Dissertação de Mestrado em História – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2013.

SILVA, Maria Beatriz Nizza da. Mulheres brancas no fim do período colonial. **Cadernos Pagu**: Fazendo história das mulheres, Campinas, São Paulo, n. 04, p. 75-96, 1995.

SILVA, Maria Regina Martins Batista e. **O universo da bordadeira: estudo etnográfico do bordado em Passira**. Dissertação. (Mestrado em Antropologia) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 1997.

SILVA, Rutt Keles Alexandre da. **A geografia do bordado manual: paisagem de uma atividade cultural em Passira-PE**. TCC (Licenciatura em Geografia) - Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife, 2014.

SOIHET, Rachel; PEDRO, Joana Maria. **A emergência da pesquisa da história das mulheres e das relações de gênero**. Revista Brasileira de História, São Paulo, v. 27, nº 54, p. 281-300, 2007.

STIMAMIGLIO, Neusa Maria Roveda; ROVEDA, Fernando. **Bordando Sonhos**. Caxias do Sul, RS: Lorigraf, 2010.

TILLY, Louise A. Gênero, história das mulheres e história social. **Cadernos Pagu**: Desacordos, desamores e diferenças, Campinas, São Paulo n. 03, p. 29-62, 1994.

THOMPSON, Paul. **A voz do passado: história oral**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

TOMAZ, Paulo Cezar. A preservação do patrimônio cultural e sua trajetória no Brasil. **Revista de História e Estudos Culturais**. Vol. 7, ano VII, nº 2, 2010.

VENEZIANI, Marcelo. **De pai para filho. Elogio da tradição**. Trad. de Orlando Soares Moreira. Edições Loyola, São Paulo, 2005.

VENTURA, Gilda Bezerra de Carvalho. **Preparar os fios para o futuro: Um estudo de caso das bordadeiras da Cooperativa de Produção Artesanal e Industrial de Limoeiro – LTDA – Cooparmil – Pernambuco**. Dissertação (Mestrado em Administração e Comunicação Rural) – Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife, 1997.

VIANA, Maria Antônio da Silva. **A cultura do bordado em Passira como base de subsistência**. TCC (Especialização em História do Nordeste) Nazaré da Mata, UPE, 2003.

VIEIRA, Alberto. **O bordado da Madeira: na história e cotidiano do arquipélago**. Funchal, 1999. Disponível em: < <http://pt.calameo.com/books/0000104921244b56f0bc3>> Acesso: 29 de julho de 2014.

VIEIRA, Maria do Pilar de Araújo. **A pesquisa em história**. Maria do Pilar de Araújo Vieira, Maria do Rosário da Cunha Peixoto, Yara Maria Aun Khoury. São Paulo: Ática, 2007.

VILAÇA, Antônio. **Histórias que Limoeiro conta**. Rio de Janeiro. Arquimedes edições, 1971.

ZANIRATO, Sílvia Helena. Usos sociais do patrimônio cultural e natural. **Patrimônio e Memória**. UNESP – FCLAs – CEDAP, v. 5, n. 1, p. 137 – 152 – out. 2009.

Fontes impressas e digitalizadas.

Fundação do Patrimônio Histórico e Artístico de Pernambuco. **Patrimônios de Pernambuco: materiais e imateriais**. Recife: Fundarpe, 2009.

SECM, Secretaria de Educação, Cultura e Esportes do Município de Passira. **Passira - história, cultura, vida**. Passira, 2000.

Suplemento Cultural. Diário Oficial / Secretaria da Cultura – Estado de Pernambuco. Ano XV – Setembro de 2000

Fontes orais.

CRUZ, Josefa Francisca da. Entrevista 6 [nov. 2014]. Entrevistadora: Isabella Karim Morais Ferreira de Vasconcelos. Passira, 2014. 7 arquivos.3gp (30 min.)

DUARTE, Aldegunda Medeiros. Entrevista 5 [set. 2014]. Entrevistadora: Isabella Karim Morais Ferreira de Vasconcelos. Passira, 2014. 2 arquivos.3gp (23 min.)

FIRMINO, Maria Lúcia. Entrevista 02 [ago. 2014]. Entrevistadora: Isabella Karim Morais Ferreira de Vasconcelos. Passira, 2014. 4 arquivos.3gp (85 min.)

MEDEIROS, Severina Maria de Albuquerque. Entrevista 4 [set. 2014]. Entrevistadora: Isabella Karim Morais Ferreira de Vasconcelos. Passira, 2014. 3 arquivos.3gp (41 min.)

SANTANA, Maria Ignês Costa. Entrevista 1 [jul. 2014]. Entrevistadora: Isabella Karim Morais Ferreira de Vasconcelos. Passira, 2014. 3 arquivos.3gp (35 min.)

_____. Entrevista 3 [ago. 2014]. Entrevistadora: Isabella Karim Morais Ferreira de Vasconcelos. Passira, 2014. 2 arquivos.3gp (39 min.)

SILVA, Givaldo França da. Entrevista 7 [nov. 2014]. Entrevistadora: Isabella Karim Morais Ferreira de Vasconcelos. Passira, 2014. 2 arquivos.3gp (10 min.)

SILVA, Josefa Francisca Pereira da. Entrevista 10 [set. 2015]. Entrevistadora: Isabella Karim Morais Ferreira de Vasconcelos. Passira, 2015. 1 arquivo.3gp (31 min.)

SILVA, Maria Aparecida Laurentino. Entrevista 8 [nov. 2014]. Entrevistadora: Isabella Karim Morais Ferreira de Vasconcelos. Passira, 2014. 3 arquivos.3gp (20 min.)

SILVA, Severino Nascimento da. Entrevista 9 [jun. 2015]. Entrevistadora: Isabella Karim Morais Ferreira de Vasconcelos. Passira, 2015. 2 arquivos.3gp (33 min.)

Apêndices

APÊNDICE A – Fichas de entrevistas.

Ficha de Entrevista – Uma história sobre o bordado em Passira-PE.					
Local da entrevista: Residência da Entrevistada			Data: 25/07/2014		
Entrevistador: Isabella Karim Morais Ferreira de Vasconcelos.			Ficha N°: 01		
Duração: 35 min.			Hora: 14h20min.		
01. DADOS PESSOAIS					
01.1 - Nome completo do entrevistado (a): Maria Ignês Costa Santana					
01.2 - Data de nascimento: 29 – 12 – 1943					
01.3 - Natural de: Limoeiro-PE					
01.4 - Local de residência: R. 01 de Maio, 335 – Cento – Passira-PE					
01.5 - E-mail:					
01.6 - Telefone(s)		(81) 3651 – 1167		(81) 9782 – 0555	
01.7 - Escolaridade: Magistério					
01.8 - Informações adicionais:					
01.9 - Profissão: Aposentada					
01.10 - Relação da pessoa com a atividade do Bordado: Foi Diretora do Departamento de Cultura de Passira, apontada em jornais e no próprio histórico da cidade como umas das responsáveis pela iniciativa de fazer a Feira do Bordado Manual de Passira.					
01.11 - Imagens referentes à entrevista					
A			B		
Legenda:			Legenda:		
02 - Informações sobre Recursos de Mídia:					
02.1 - Tipos de Registro ou Gravação:					
Áudio	A	Vídeo	B	Caderno de Campo	C

Nº:01	X	Nº:		Paginas Nº:	
02.2 - Transcrição da Entrevista:					
Total		A	Parcial		B
					X
Transcrição da Entrevista:					
<p>“Esse são os Foderzinhos que a gente fez, foi da segunda Feira.”</p> <p>“A gente foi pra Feira dos municípios, que hoje não existe mais. Eu acho que você não conheceu essa Feira. Era lá no Parque, onde tem a Feira dos animais, no Parque de Exposição do Cordeiro. Era muito bonita essa Feira. A Feira dos municípios, todo município de Pernambuco, cada um levava seus produtos. Aí cada um tinha um estande, daquele município, aí a gente conhecia assim cada município o que é que produzia né, qual era o artesanato, a cultura, tudinho.”</p> <p>“Aí a gente fez esse folderzinho pra distribuir na Feira de lá já divulgando a Feira que era depois, a daqui [do bordado manual de Passira]. Que aqui já foi em Dezembro, tá vendo? A de lá deve ter sido em Outubro, mais ou menos. Aí não tem mais, acabou essa Feira. Em Dr. Miguel Arraes tinha essa Feira. Era linda essa Feira.”</p> <p>“Até as crianças [bordavam]. Hoje não. Hoje tá mudando muito assim, esse aspecto do bordado né? Porque nessa época a maioria das mulheres bordavam. Aí você passava numa rua, sempre tinha, na calçada, sentada na calçada bordando, sentada assim na porta, nos sítios, era comum. O percentual, uma vez a gente fez uma pesquisa, deu 70% das mulheres adultas, bordadeiras. É um percentual muito alto. Mas hoje, aí já tá mudando de figura, porque os mais novos não querem mais aquela atividade de tá sentada, ponto a ponto né? É assim só pra quem gosta mesmo né? Os jovens querem mais uma atividade mais dinâmica né? Aí o comércio daqui também, em relação ao que era cresceu bastante, aí vai absorvendo essas pessoas. Aí elas preferem o comércio do que tá bordando, que é uma coisa mais monótona, em casa. E os mais velhos vão também ficando com problema de visão e vão morrendo né? Aí tá muito defasada a, esse mundo de bordadeiras, não é mais o mesmo não. A gente até tá com dificuldade de arrumar boas bordadeiras.”</p> <p>“Isso aqui a gente até tentou essa Feira aqui. Nos últimos sábados de cada mês, fazer uma Feira. Mensal. Uma Feira assim, sem ser aquela Feirona, mas na R. Severino</p>					

Fontes, aquela ruazinha ali, mas não deu certo não. Assim, que quando as pessoas viessem já tava tudo ali naquela rua né? Mas não deu certo.”

“A primeira Feira foi na Escola Maurina Rodrigues, foi lá no Alto da Esperança.”

“Primeira e segunda foi nesse prédio antigo, que hoje tá até demolido. Desde o ano passado que tá demolido.”

“O primeiro estande, as duas primeiras Feiras, as divisórias era feita, não sei se você conhece esteira, chama de esteira, que é feita de junco, que é tudo amarradinha assim. As duas primeiras Feiras a divisória era com aquele material.”

“A gente trouxe essa senhora lá do Sítio pra, ela já faleceu, ela fazia renda de bilro, aquela renda das almofadas, que é também difícil a gente vê agora né? A gente trouxe pra ela fazer durante a Feira né? Pra fazer a demonstração.”

SOBRE SUA LIGAÇÃO COM A INICIATIVA DA FEIRA DO BORDADO

MANUAL

“Eu estava trabalhando na época no setor de cultura da prefeitura, aí dentro desse meu trabalho, aí foi quando a gente deu esse ponta pé na questão do bordado. Aí começamos a criar Associações, grupos associativos com o apoio da SUDENE na época e tinha outro órgão também. Era a SUDENE e, era um, é, pronto. Aí a gente criou a Cooperativa de Bordadeiras, criamos a Associação de Bordadeiras lá no Sítio, lá em Tamanduá. E nessa época não existia a Feira da renda em Pesqueira? Do doce e da renda, não sei se hoje ainda faz do doce e da renda? Mas na época era a Feira do doce e da renda, porque Pesqueira não tem aquele doce né? Tem a renda renascença e tem um doce de lá também. Aí era na época a Feira do doce e da renda de Pesqueira. É que hoje aqui com a parabólica a gente não pega mais a propaganda local né? Aí tava passando na televisão e tudo, o governo dava muita coisa, então era muita propaganda dessa Feira sabe? Era muita propaganda mesmo. Aí tava assistindo televisão em casa e pensei assim ‘Por que Passira com o bordado que tem não faz uma Feira?’ Eu pensei comigo né? ‘Dá pra gente fazer uma Feira do bordado aqui em Passira.’ Aí nós fomos, eu conversei com o prefeito, disse pra ele essa ideia né? Aí ele acatou. Aí fomos. Vamos na Feira visitar, lá em Pesqueira, pra gente ter ideia de como é essa Feira, porque a gente não tinha nem noção de como era. Vamos visitar a Feira. Aí fomos. Foi Vera, irmã de

Edelço, duas irmãs dele, Luzinete, moram aqui todas duas, Vera e Luzinete. Se eu não me engano, a secretária de educação na época era Aldineide Ferreira. Me lembro até do carro, a gente foi numa combi branca da prefeitura. Aí nós fomos visitar essa Feira lá. Aí quando a gente chegou lá, aí assim incentivou mais ainda a gente a fazer a Feira daqui porque não era o que a gente esperava. Não era o que a gente esperava. Eu achava assim que quando chegasse lá tinha muita renda, que aqui na Feira de bordado daqui você compra até um caminhão de bordado, né verdade? Se você quiser leva um carro cheio de bordado. Aí eu pensava que quando chegasse lá tinha muita renda, que é a renascença que você conhece né? Aí lá, a gente levou até um dinheirinho pra comprar alguma coisa lá na Feira, mas eu pensei que tinha assim muita coisa pra vender, mas não. Era num espaço grande, feito assim um mercado público, um prédio assim bem alto, parecido com esse aqui dentro. Aí tinhas os estandes, uns estandes que não era pra venda, era só de mostruário sabe, somente. E, aí tinha poucas coisas à venda, não tinha muitas coisas à venda. Aí tinha o doce também, acho que o que tinha mais à venda era o doce. Aí a gente pensou assim 'A da gente, a gente tem condições de fazer uma Feira muito melhor do que essa. Quando a gente chegou lá né? A gente pensou uma coisa e foi outra.' Não deu pra comprar nada lá.

A gente já veio com o pensamento. Chegamos aqui e conversamos com o prefeito e ele disse 'Vamos fazer'. Ele era muito entusiasmado, ele deu muito apoio ao bordado. Quem justamente deu esse ponta pé inicial foi ele. Porque era uma coisa muito assim, muito sutil, embutida, ninguém sabia, nem a gente que era de Passira sabia o potencial de bordadeiras que tinha aqui. Por que? Porque tinha os logistas em Recife que mandava as peças já riscadas, as peças já cortadas, riscadas com os desenhos e a linha pra pessoas aqui bordar. Aí tinha pessoas que pegava e repassava pras bordadeiras entendeu? Aí que interesse, o lojista é claro não tinha interesse nenhum de divulgar a fonte dos bordados dele né? E aqui também, quem repassava os bordados ensinava algumas mocinhas a bordar, porque tinha o percentual dela de acordo com o número de peças que ela bordava. Aí tinha umas pessoas aqui que faziam esse trabalho né. Depois teve Gildo Guilherme, que é cunhado do Prefeito da época também, que já trabalhava com bordado há muito tempo também, um bordado melhor, mais sofisticado. Pronto, aí depois foi que quando ele saiu em campanha, aí foi vendo toda casa uma bordadeira, toda casa. E ele foi também com Dr. Arraes nos sítios, aí ficaram entusiasmados e já sonhando muito com, depois que ele fosse eleito o que é que ele poderia fazer. Aí

começou a divulgar. Levou a Globo, trouxe a Globo pra aqui, pra os sítios. Pronto. Aí a gente, o prefeito me deu carta branca e disse ‘olhe’, pra organizar. Ninguém acreditava. A primeira Feira, olhe, foi assim um sacrifício tão grande, que não tem quem imagine. E hoje tudo, já se acredita na Feira, já se conhece o bordado né? O Brasil todo conhece, mas naquele tempo ninguém conhecia. Foi muito difícil. Aí não tinha dinheiro, não tinha nada, como é que ia divulgar essa Feira? Foi um sufoco. Aí formou uma equipe. Era a comissão, era a secretária de educação, produtores do bordado que envolveu nessa equipe, nessa comissão, um rapaz que era até um arquiteto, que trabalhava no Banco do Brasil aqui. Eram dez pessoas nessa comissão. A gente começou a fazer reunião com muita frequência, reunião, reunião, e saia pra buscar apoio, A Primor, de Limoeiro. A primeira a gente ainda não teve assim, procurar uma televisão não, a gente não tinha condições não. Aí Edelço tinha muito conhecimento em Recife, fazia officio solicitando algum apoio, alguma forma. Nós fomos numa rádio, no Jornal do Comércio, tem uma foto, não sei se tá aqui. No apoio na divulgação da Feira. Assim, foi muito trabalhoso, muito trabalhoso mesmo, mas saiu a primeira Feira né? Os expositores, não teve assim vendas boas né, mas todo mundo ficou muito satisfeito. No final, como era pouca gente, todo mundo se conhecia, ficou um clima muito bom dos três dias né? Aí no final a gente fez uma reunião com todos, no final da Feira, lá mesmo no local pra fazer a avaliação né? Aí todos disseram que gostaram muito, foi muito três dias diferentes, que nunca tinha acontecido isso aqui e que devia continuar, não devia parar. Aí justamente, no outro ano teve no mesmo local, na antiga garagem foi. Aí não parou mais. Teve ano que farrapou. Teve ano por conta de política, de eleições né? Teve um candidato que não era eleito. Sei que teve, não sei se foi um ano, ou foi dois que não houve a Feira, mas aí foi conta mais de questões políticas. E se eu não me engano foi o ano seguinte a Feira lá desse prédio velho, o prédio antigo lá da rua da matriz. Depois das duas seguidas, a terceira, no caso, o terceiro ano né? A terceira Feira não foi no terceiro ano, foi no quarto ano. Depois pelas datas eu ver isso aí, porque a gente vai esquecendo. Aí foi assim. Aí na segunda Feira toca de novo, ainda se arrastando né, mas.”

“Tinha essa placa, era lá na entrada da cidade, que Edelço mandou colocar lá.”

“Nas primeiras Feiras a gente ainda não tinha ainda essa [esse slogan “Terra do Bordado”]. Mas depois logo em seguida já começou a divulgação, depois já saiu essa reportagem na Globo, aí logo logo começou a se usar esse termo. Antes não existia

não.”

“O CEAG dá apoio também. Centro de Desenvolvimento Empresarial de Pernambuco.”

20:03

“Havia nas escolas primárias, um dia por semana, geralmente nas sextas feiras dedicadas a arte, quando os alunos faziam trabalhos manuais, inclusive o bordado. Eu aprendi bordar na escola primária, quando era criança. Tem até um, eu não sei agora onde é que está, um paninho que foi minha irmã, que é mais nova do que eu, que bordou na escola nesse tempo. O que eu bordei não ficou guardado não. O dela eu tenho guardado aí, o paninho que ela bordou.

ELA LÊ ALGUM TEXTO, E FAZ ALGUMAS RECORDAÇÕES.

“Algumas, mulheres hábeis bordadeiras, como Nair Barbosa, morava aí na rua da matriz; Carmelita Mata, todas já faleceram, essas duas. Traziam de algumas lojas de Recife, peças de cama, mesa e banho para serem bordadas em Passira. Como sua mão de obra não absorvia todo trabalho, estas repassavam gratuitamente a sua arte de bordar às jovens. Tinha aquelas escolas de bordar que elas nem cobravam nada das meninas porque ia ser ganho pra elas depois né? Não havendo em Passira nenhuma industria e com um comercio inexpressivo, havia interesse em aprender a bordar porque assim garantiam uma atividade de trabalho, passando a bordar para quem lhe ensinasse. Como outrora Passira pertencia a Limoeiro, também recebeu a influencia das irmãs do Colégio Regina Celi, que tem até hoje ainda né? Essa irmãs bordavam muito bem, inclusive criaram uma Cooperativa de bordado em Limoeiro que era um bordado muito bonito, muito bem feito. Era as alemãs. E como aqui pertencia a Limoeiro. Inclusive essas mulheres de Candeais, onde começou esse grupo de bordadeiras, essas mulheres bordavam pra Limoeiro, pra Cooperativa de Limoeiro. Aprenderam, se aperfeiçoaram lá em Limoeiro. Aí depois passaram a ser de Passira né? As religiosas alemãs que implantou esse artesanato na cidade de Limoeiro. Tudo isso acontecia sutilmente pois os lojistas não tinham nenhum interesse de divulgar as fontes de seus belos produtos. Foi quando em 1982, Dr. Edelço Gomes da Silva, candidato a prefeito do município, caminhando pelos sítios e povoados em campanha política, observou o grande potencial das nossas bordadeiras. Quando eleito e bastante sensibilizado pela arte, não mediu esforços em apoiar de todas formas possíveis. Trouxe a TV Globo em 1983 a qual fez

uma boa reportagem sobre o bordado manual do povoado de Candeaís. Foi este o primeiro e grande impulso. Constatando-se em seguida a procura pelos bordados, o que incentivou várias pessoas a investir nessa produção. Hoje tem muita gente que trabalha com bordado. Em 84 o então prefeito, conseguiu um recurso através da SUDENE, Superintendência de Desenvolvimento do Nordeste, formando grupos autônomos, sendo o primeiro em Candeaís, que deram origem a COMIB, Cooperativa Mista de Bordadeiras de Passira, instituída com o apoio do Departamento de Cultura do Município, em 22 de Janeiro de 1986. Apesar das grandes dificuldades, a COMIB, com apoio do governo municipal, foi a grande responsável pela divulgação do bordado manual de Passira, através de Feiras, Exposições, Seminários e outros eventos dentro e fora do Estado. Eles foram pra Minas Gerais, pra São Paulo, sabe? Sempre tinha uma Feira assim, aí Edelço com algum conhecimento que ele tinha, com algum deputado também, que arrumavas as passagens. Houveram várias iniciativas voltadas para projeção e venda dos bordados, como a participação de Passira na Feira dos Municípios pela primeira vez em 1985, com bordados e cerâmicas. Aqui ainda não fala da Feira daqui ainda.”

“Como surgia a ideia da primeira Feira de Bordado. A ideia da primeira Feira surgiu do Departamento Cultural do Município, a Sra. Maria Ignês Costa Santana, diretora do referido departamento, assistiu... É aquela história que eu lhe contei.”

“Me pediram pra eu escrever [esse breve histórico] aí eu escrevi. E foi bom né? Porque a gente vai esquecendo das coisas. E eu que to com um esquecimento muito grande. Eu vou passar isso a limpo e passo pra você. Tá muito bagunçado.”

“Porque infelizmente hoje não tem nem assim o Departamento de Cultura, aí só se vê na época da Feira, pra organizar a Feira. Organizam sozinhos assim, são possessivos. Podiam envolver os produtores de bordado né? Que tinha as sugestões deles também, tudinho, mas não. Marcam a Feira sozinhos lá, aí já divulgam a data da Feira sem participação do povo. Não pode ser desse jeito né?”

08:59

COMO ELA CHEGOU A SER SECRETÁRIA DE CULTURA

“Eu era professora do Estado, sabe? Me aposentei como professora do Estado. Aí

quando esse prefeito Edelço Gomes, que havia o sistema do coronelismo, não sei se você sabe disso, era. Aí ele é que mandava em tudo, não tinha polícia, não tinha juiz, não tinha nada. Ele é quem mandava em tudo. Casava, batizava, dava pisa, mandava matar. E Edelço Gomes foi o primeiro que enfrentou. Candidatou-se, não tinha dinheiro, não tinha nada e todo mundo tinha medo do coronel. Aí o povo, pessoas anônimas mandava dinheiro, mandava cheque pra ele fazer a campanha, porque todo mundo queria a mudança, uma coisa linda. Ele não tinha um centavo e ganhou com uma maioria impressionante. Aí ele marcava muito as pessoas, aí quando foi, no início todo mundo votava nele, aí quando começou, foi aparecendo voto contra né? Mais aí uma irmã de Edelço tinha uma Farmácia em sociedade com a gente, era irmã desse candidato que era contra o coronel. Aí eles ficaram me perseguindo, não só a mim, mas outras pessoas também que eles sentiam que eram envolvidas, que não tinham, que não comungavam com ele né? Pronto, aí demitiram dez pessoas da escola, ao mesmo tempo, até de férias e a gente nem pode ser demitido nas férias né? Aí foi numas férias de janeiro. Demitiram eu e mais nove pessoas. Nove professoras e uma merendeira da escola. Aí houve a campanha e o prefeito foi eleito, Edelço, e aí a gente tava desempregado, aí ele deu apoio a todas dez. Empregou todas dez na prefeitura. Aí foi quando eu... Nem queria aceitar, achava que não dava conta, aí ele ‘Não, você vai dar conta e você vai ficar’, aí eu fiquei como coordenadora do Centro de Cultura. Foi difícil pra eu me adaptar, aquelas coisas, as siglas todas que eu nem sabia o que era, eu disse ‘Meu Deus, onde foi que eu fui cair?’ Aí quando Miguel Arraes voltou pro governo, foi eleito novamente, aí Edelço era amicíssimo de Miguel Arraes, aí trouxe a gente de volta pro Estado. Contando o tempo de serviço que tava fora. A gente negociou, a gente ficou sem direito a receber esse tempo que tava fora, mas ficou contando o tempo de serviço, que pra gente era mais interessante. E hoje tô aposentada.”

05:55

Ficha Baseada no PROJECTO: Kit de Recolha de Patrimônio Imaterial Instituto dos Museus e da Conservação – Departamento de Patrimônio Imaterial – 1.ª edição, Maio de 2011

Ficha de Entrevista – Uma história sobre o bordado em Passira-PE.

Local da entrevista: Associação das Mulheres Artesãs de Passira	Data: 01/08/2014
Entrevistador: Isabella Karim Morais Ferreira de	Ficha N°: 02

Vasconcelos.					
Duração: 85 min.		Hora: 14h30min.			
01. DADOS PESSOAIS					
01.1 - Nome completo do entrevistado (a): Maria Lúcia Firmino					
01.2 - Data de nascimento: 26 de julho de 1955					
01.3 - Natural de: Passira-PE (Nasceu em casa)					
01.4 - Local de residência: R. Dr. Barbosa Lima, 101- Centro - Passira-PE					
01.5 - E-mail:					
01.6 - Telefone(s)	(81) 9756 - 0350				
01.7 - Escolaridade: Magistério.					
01.8 - Informações adicionais:					
01.9 - Profissão: Aposentada/Presidente da AMAP					
01.10 - Relação da pessoa com a atividade do Bordado: Presidente de uma Associação de mulheres artesãs e bordadeiras.					
01.11 - Imagens referentes à entrevista					
A		B			
Legenda:		Legenda:			
02 - Informações sobre Recursos de Mídia:					
02.1 - Tipos de Registro ou Gravação:					
Áudio	A	Vídeo	B	Caderno de Campo	C
Nº: 02	X	Nº:		Paginas Nº:	
02.2 - Transcrição da Entrevista:					
Total		A	Parcial		B
					X

Transcrição da Entrevista:

“Teve umas que a gente nem participou. Mas sabe porque que não acontecia, porque ficava solto, chamava a comunidade e fazia, aí depois não tinha um acompanhamento, também não se procurava um local depois, como aquelas meninas de Varjadas. Teve um projeto bem bom com o grupo de Varjadas, mas só que depois saiu o pessoal de fora, era pelo... Aí não acompanharam, deixaram as meninas solta. Aí acontece, aí vai o fracasso, porque depois elas não encontra mercado, entendeu? É sério o problema de mercado.”

“Elas não sabem como produzir. Eu vou explicar à você, Isabella, veja só. Esses cursos foram da seguinte maneira: A professora já trazia o padrão pronto, aí trazia aqueles números, aí é claro que a gente só ia acertar fazer aquele padrão, porque não foi explicado tá entendendo? Não tinha assim uma tabela pra dizer que tal número deveria fazer tal coisa, entendeu como é? Eu digo porque eu participei. Aí era assim, veja só, a menina trazia já tudo pronto aqueles papei, aqueles moldes, aquele tamanho e aquele modelo que estava ali, a gente sabia fazer, agora outro tamanho, outro modelo a gente não sabia como fazer. Porque não vinha a explicação, só chegava e entregava a gente. Aí a professora chegava, a maioria do tempo levava mandando a gente bordar “olhe borde tal coisa, tal coisa”, aí a gente ficava um tempão lá ocupada fazendo o bordado que ela queria. Aí não tinha máquina, você já viu aprender a cortar e costurar sem ter máquina? Não tinha régua, não tinha fita, não tinha nada, era somente um padrão já feito, aí colocaram lá e é claro que a gente sabia botar o padrão e cortar aquele modelo. Mas não sabia que diferença que se podia dá aqui ou aqui, ou o que se tirava. Era dado só aquilo, é claro que a gente só sabia fazer aquilo. Se dissesse assim ‘faça maior’ aí a gente já ia perder a estética do maior porque a gente não sabia.”

“É o nível, o grau de instrução das pessoas. Porque às vezes tem pessoa que sabe ler quase nada, aí pra acompanhar um curso desses assim só quem tem um pouquinho de instrução que vai entender. Mas pessoas praticamente analfabetas não entende não.”

“Agora a gente tá catando as pessoas que já sabem um pouquinho pra facilitar. Porque agora com o conhecimento que alguns já tem, já dá pra entender como é que vai fazer esse e como é que vai fazer um de manga, alguém já tem ideia. Agora de início, sem ninguém saber, jogado assim ninguém ia acertar não. Porque o pessoal se acostumaram a tá bordando. E mais uma coisa, pegar a peça já desenhada, não é assim? A cidade foi se habituando a fazer isso, a pegar a peça já desenhada, aí era só desenvolver o bordado

em cima. Agora quando diz assim ‘faça um desenho aí pra você colocar na peça aí pouca gente. Tem algumas pessoas que fazem, mas bordadeira mesmo é difícil. Ela borda o desenho, mas pra ela fazer, ela não faz não. Tem algumas mais habilidosas.’”

“Quando a gente tava trabalhando com Ronaldo [Fraga] a gente fez isso. Ele trouxe uns aqui ó, tá vendo? Que a gente bordou uns vestidos com nuvens e chuva. Aí tem algumas bordadeiras que fazem, mas não é normal não, entendesse?”

“Aí eu mandei fazer já, teve um tempo que eu peguei uma menina habilidosa, aí a gente fez assim ó.”

“Os outros papéis se rasgam fácil e passam na mão de muita gente.”

“Foi uma das bordadeiras, foi uma mais habilidosas, aí a gente aproveitou ela, e mandou, eu mandei fazer um bucado, ‘faça um monte aqui’. Porque às vezes rasga aquele e tinha aqui. Aí às vezes a gente faz alteração, tira isso, muda essa flor, entendeu? Fica mais fácil de ter um roteiro. Foi Sandra [que fez esses desenhos]. Às vezes eu faço um bucado, às vezes se perde, as meninas pegam e não devolvem. Viu como é que é mais ou menos? Aí agora tá muito fácil, as pessoas usam a tecnologia né? Aqui a gente é manual mesmo, fica pensando, aí a pessoa diz ‘eu não quero com essa rosinha’ aí a gente muda de rosinha, faz várias montagens às vezes. Eu mesmo encontro um papelzinho de presente, aí a gente vê o desenho, eu mesmo vejo. O primeiro fica meio feio, aí depois eu vou mexendo nele e ele chega onde eu quero. Um tempo que eu bordei uma blusa com isso aqui olhe, muita gente eu sei que desperta isso. Isso aqui foi de uma cerâmica, a foto daqueles azulejos que ficam em parede. Um tempo a gente mandou um rapaz vários [retratos] e não sei aonde anda, aí a gente trabalhou um bom tempo, aí a gente trabalhou um bom tempo, bom tinha desenho pequenininho, desenho grande, como esse. É porque a gente não encontra em revista não menina, revista assim pra comprar, com desenho, a gente não encontra não, eu nunca vi.”

“Aqui foi a oficina que a menina deu agora pouco, foi o planejamento dela, que ela foi ensinar aí. Aí aqui a gente vai, começa a fazer e não dá certo, aí faz ali e não dá certo, e às vezes tem uma coisa fácil, mas as bordadeiras não acerta fazer bem direitinho e a gente tem que mudar. Eu tenho umas florzinhas que não é todo mundo que faz direitinho não. Aí nesse aqui foi mandacaru, que a gente se inspirou nessa coleção todinha e foi no mandacaru, eu tenho essa peça aqui.”

SUA HISTÓRIA COM O BORDADO

“Eu comecei desde criança, minha mãe sempre bordou, aliás, minha mãe desde criança que bordava, aí a gente. Era minha mãe só não, era minha mãe e minha outra tia, elas sempre bordaram desde criança. Porque minha vó trabalhava na agricultura e elas não gostavam de ir pro roçado, aí elas sempre ia pra casa das pessoas ajudar, e uma das vezes que elas foram, a mulher fazia bordado, ensinava, aí elas aprenderam e passaram vida toda bordando. Deixou minha tia porque não conseguiu ver mais, depois ela ainda foi fazer tapete porque não conseguia mais trabalhar com agulha fina. E minha mãe passou a vida toda. Pegava aquelas colchas bem grandes, aquelas toalhas enorme. Aí, mais ou menos assim, aos 8 anos eu comecei a ajudar minha mãe a fazer meia. Teve uma moda que as meninas usavam uma meia, com bordado na meia. Aí eu comecei fazendo aquelas meinhas, aí depois eu comecei fazendo bordado mesmo. Aí eu fui pra escola de bordado, tinha uma senhora que ensinava, eu fui poucas aulas, que depois eu não fui mais. A senhora bordava e quem queria, ia pra casa dela. Agora veja só como era que ensinava viu: a gente sentava, ela riscava, chegava um tecido da gente, a gente levava o tecido e a linha. Eu lembro como se fosse hoje, isso ficou gravado, ela fazia assim ó, veja só, aí aqui ela fazia essas pimentinhas, de um lado e de outro. Menina, eu tinha um pavor tão grande, pode acreditar. Sabe porque eu tive um pavor? Porque ela fazia isso ó, aí enquanto a gente não fizesse isso aqui bem feitinho, ela não parava de fazer esse desenho. A gente ia, aí ficava feio, ela dizia ‘tá feio’. Aí quando a gente, ela pegava outro tecido, a gente pensava que ia sair um negócio diferente, ela fazia os mesmos. Eu digo, não aguento um negócio desse não. Aí chegava ‘Não dá pra senhora fazer outra coisa não?’ Ela dizia ‘Não, você só vai sair daqui quando você tiver fazendo.’ Aí comecei, depois disse ‘ Não vou mais não. Deus me livre! Vou nada!’. E ela só queria que ficasse bem fininha a pontinha, aí no começo eu não acertava, fica grosso, troncho. Aí eu ficava reprovada, eu digo eu não vou mais não. Aí eu deixei de ir pra escola. Aí pronto, eu fiquei em casa, e minha mãe pegava um bordado, aí eu começava, fazia um ponto, fazia outro, pensei que não, eu tava fazendo tudo. Minha mãe bordava muito bem, divinamente! Ela fazia um morango que você olhava, pensava que ele tava ali de verdade. Era bordadeira apaixonada, ela trabalhava em escola e fazia tudo. Quando ela morreu, ainda tava em cima do centro o bordado dela, porque ela não deixava. A hora que ela tava em casa, ela tava bordando, ela gostava muito. Aí eu também fiquei feito ela. Eu fiquei um tempo, juro a você que eu não to mentindo, eu fiquei um tempo trabalhando e não tinha tempo de pegar no bordado, eu sonhava!

Sonhava com meu bordado que tava dentro do guarda roupa. Eu tava trabalhando aí eu não tinha tempo, fiquei sem tempo que tinha menino pequeno, aí eu noite ou outra eu sonhava com o meu bordado e dizia ‘É um inferno né?!’ Aí às vezes eu tirava e não fazia nadinha, só um pedacinho e botava lá, e quando era feriado outro dia eu fazia. Aí pronto, aí eu aprendi com ela, com a minha mãe mesmo. Aí a gente foi fazendo. Só que eu bordava muito. Eu na escola, o pessoa dizia ‘ali tá Passira’. Tava muito errada na escola, eu tava lá no fundo da sala bordando. Aí tinha uma menina de Limoeiro, trazia camisola, ‘eu vou mandar tu fazer camisola porque o bordado fica bem bonitinho’ e eu gostava de fazer essas coisas assim porque ganhava mais porque ganhava mais, você tá entendendo? Porque fazendo camisola, era um bordado diferente, agora uns desenhos bem delicados, aí eu tinha uma vista muito boa, e uma paciência, aí eu fazia. Aí eu bordava direto, eu estudava, sempre trabalhava fora, mas eu sempre arranjava um tempo de fazer um bordado porque gostava. Aí depois que eu me aposentei, disseram ‘O que é que tu vai fazer agora?’ Eu disse ‘Só bordado’. Escola eu não quero nem ver! Nem me ofereça. As meninas ficavam rindo porque eu dizia ‘Pode me pagar o dobro, que eu não vou’. Eu fui professora primária. Aí eu digo eu não quero nem ver. Eu faço questão de não ir numa escola. É verdade, não gosto não. Aí depois pronto. Aí eu fiquei aqui, aí uma diz eu fiquei com não sei o quê quando me aposentei, eu digo que não fiquei com nada, porque meu tempo fica muito cheio. Ao contrário, às vezes falta tempo, me falta tempo, aí nunca mais eu bordei peça grande porque a vista começou a ficar meio ruim, e também eu fico assim, não quero me apurar muito né? Mas vez em quando ainda pego um lençol pra fazer viu? Vez em quando, quando eu to assim mais calma, mesmo que eu demore, mas eu ainda faço. Esse ano mesmo, em janeiro, eu fiz um, ainda tava com vontade de fazer. Não faço muito, mas ainda faço. Mas o bordado não tá muito bom mais não, a vista tá ruim, tá ruim mesmo! Às vezes eu passo um tempo, mesmo com os óculos. Às vezes eu passo três horas assim. Logo eu bordava de noite, bem cedinho, toda hora, quando eu queria terminar um bordado, era assim. Eu ia lá pras onze horas, meia noite ou mais, quando tava com vontade de terminar. Porque eu sou assim, eu pego esse negócio aqui, tá vendo esse desenhinho? Pode ter dez, mas se eu não aprontar um desse eu não sossego, aí depois que eu faço esse, que esse fica pronto, aí passa a pressa de fazer os outros. Mas minha vontade é ver aquele logo feito. Eu tenho que aprontar, se eu não aprontar, eu não consigo fazer os demais, aí eu faço, quando ele fica do meu gosto, pronto, aí eu durmo, eu faço de hoje a um mês, de hoje a um ano, mas enquanto isso eu

não paro. Eu não gosto de pegar peça grande por isso. Porque eu perco o sono, perco o sono viu? Eu já levantei muitas noites, ia dormir e não conseguia de jeito nenhum, aí eu levanto, aí faço o que eu quero aí pronto. É porque eu fico agoniada, aí eu fico sonhando, fico angustiada, aí eu tenho que fazer. Aí é por isso que eu não faço peça grande mais, só faço peça pequena. Pequena ainda faço. Aí pronto, eu fui trabalhar, trabalhei em escola, tudinho. Eu gostava, não vou dizer que não gostava. [Não ensinava a bordar] não, porque não tinha essa disciplina. Eles tinha retirado essa matéria. Eu passei o tempo todinho ensinando e nunca ensinei. Ensinava depois na minha casa, sempre ensinei assim, a pessoa chegava aí dizia ‘A senhora me ensina a fazer isso?’ Eu digo ‘Ensino. Venha tal hora que eu ensino.’ Aí a pessoa vinha, eu ensinava. Ainda ensino, outro dia a menina dali chegou e disse ‘Olha, a senhora arranja um tempo de fazer um vestidinho de casa de abelha?’ Eu disse ‘Minha filha eu não faço vestido não, agora se você quiser você venha que eu lhe ensino. Você vem, eu ensino, se você não aprender, você vem de novo que eu lhe ensino, agora fazer o vestido todo não, que não quero fazer não porque eu fico com o compromisso de lhe entregar’ Aí ela disse tá certo. Mas querendo pode vim que eu ensino, sem nenhum problema. Aí eu já ensinei a muita gente. Muita gente que borda comigo, que borda hoje eu já ensinei. Cobrava não, nunca cobrei. Outro dia eu tava na Feira, uma senhora olhou assim pra mim, duas vezes, tirava a vista, aí eu olhei também, pelejei e não lembrei, aí passou. Quando foi no outro sábado, ela olhava pra mim de novo, aí depois ela chegou perto de mim ‘A senhora tá me conhecendo?’ Eu disse ‘Não minha filha’, ela disse ‘Olhe foi a senhora que me ensinou a bordar’, eu disse ‘E foi?’ ela disse ‘Foi. A senhora lembra não?’ Eu não lembrava mesmo não. Ela disse ‘Eu fui na sua casa que eu não conseguia aprender. Eu fui na sua casa umas seis vezes, a senhora me ensinou. Faz muito tempo, eu era adolescente. Dou graças a Deus que ainda hoje eu bordo’ Mas eu nunca cobrei não. Nem cobrei, nem cobro ainda sabe? Querendo eu ensino, agora quando vem pra eu fazer tudo, eu não faço não. Quer aprender? Senta aí que eu ensino. Ensino sem nenhum problema, a quem quiser.”

“Aí a gente vem tocando o barco, só porque é uma pena que a gente com o bordado não é tão valorizado como deveria ser. Faz muito tempo que eu brigo nessa questão. Na questão de Miguel mesmo eu me entendi umas duas vezes com Raimunda, sabe por quê? Porque eu dizia que o bordado de Passira ia acabar, e as pessoas ficando com raiva. Vai acabar porque se paga pouco, paga muito pouco pra pessoas fazerem. Aí as pessoas

não quer fazer, ninguém quer fazer. Quem quer fazer? Aí diz assim 'Passira tá sem bordadeira', aí eu digo 'Não. Tá sem bordadeira não. Não tem quem pague as bordadeiras. Paga pra vê se a pessoa não faz. Aí o bordado caiu a qualidade, começou a fazer com linha grosa, começou a fazer com essas linhas fracas por conta da venda que teve que baixar o preço. Aí aconteceu essa decadência todinha. A pessoa não quer pagar nem dois reais pra você bordar uma toalhinha. Quem é que vai aguentar um salário desse? É impossível a pessoa sobreviver a um negócio desse? Mas você veja só, uma toalhinha dessa, as pessoas não querem pagar dois reais pra pessoa fazer. Um real e vinte, um real e cinquenta, tu acha que ninguém que é uma profissão dessa? Tem quem queira? Não. Só se for doida. Eu digo logo. Tem que fazer outras coisas. Você acha que uma adolescente vai querer sentar, do jeito que as adolescentes tão hoje em dia, que é sentar pra fazer um negócio desse pra ganhar dois reais? Querem não. Essas santas pimentinhas que eu tinha raiva. Tá vendo, essas pimentinhas tão bonitinha, mas elas não ficam como a gente fazia no primeiro, por conta da linha. Porque a linha que a gente fazia, aquela linha que a gente chama de meada, era linha boa, aí o bordado fica bem bonito, mas hoje em dia a gente borda com fio grosso, não fica aquele bordado. A linha meada dessa tá mais de dois reais e só bordava com essa. Veja a diferença. Viu? Aí são poucas coisas que a gente faz com elas agora. Aí vai fazer com aquelas meadas que são um fio grosso, que são grande, aí não dá. Dizem que é a mesma coisa, você tá vendo que não é a mesma coisa. Você bordar com uma linha, é da corrente, agora é um fio grosso e tá prometendo ainda fechar viu? Parar de fazer, a corrente tá com raiva. Aí a gente usa essa, veja só a diferença, e o menino falou que o rapaz que fabrica tá brabo, não quer fabricar não, só quem compra é Passira e Pesqueira, eles tão sem querer fazer. Visualmente você já tá vendo a diferença, aí eu não sei quem colocou na cabeça das bordadeiras, não sei se foi o salário também, elas não querem fazer assim com dois fios, elas querem colocar três fios desse numa rosa dessa. Aí você pode olhar por aqui que você ver os buracos aqui ó, fica muito grosso. Porque a gente, o tempo todinho que a gente fazia margarida, eu chega sentia prazer, com essa linha sendo da branca, fazia margarida, depois pincelava de cinza, eita que coisa linda! Lindo! Agora a gente usava dois fios dessa. Veja só que contraste, dois fios desse, veja só, contra dois fios desse. Aí muita gente se queixa 'A qualidade do bordado de Passira caiu', eu digo com certeza, porque o material caiu, porque uma toalhinha dessa se fosse fazer com essa linha aqui, ela já tava usando, só pra fazer isso aqui, quatro reais, ia dar cinco reais. Uma toalhinha

dessa acho que ficaria em média quinze reais, e era o certo né? Aí chegava no comércio e encontrava produto bom, bonito, mesmo com esse tecido, mas não encontra. É feito com isso. Aí paga um real e pouco pra menina fazer um negócio desse, vai ter trabalho bom? Não. Aí no comércio não encontra por dez não. [Por cinco, por oito] encontra, encontra. Aí justamente, um dos pontos, que a gente não coloca uma loja ali na rua. Não tem interesse de pegar uma lojinha e botar ali na rua. A gente manda sempre pro Centro, daquele lugar ali, de Bezerros e do Recife, porque a gente manda por dez reais, agora em setembro a gente disse que vai ter um reajuste, porque não dá pra vender por menos entendeu? Já faz dois anos que a gente tá entregando por dez reais, aí agora em setembro vai ter reajuste, aí a gente vai passar pra doze, aí coloca aqui na rua, pra vender por seis reais? Negativo. Não compensa. Aí quem quer fazer? Ninguém, de jeito nenhum. Aí antes, quando o pessoal de Passira não fazia, a gente bordava pro pessoal de Limoeiro. Bordei muito pro pessoal de Limoeiro, de Recife. Agora tinha uma pessoa que trazia de Recife, uma só não, tinha três, pegava em Recife e trazia, a gente fazia, ela levava de volta, Aí que a gente ganhava pouco. Bordei [para os outros] muitos anos. Comecei a bordar pra mim, há uns quinze anos pra cá. Os demais, era pros outros e era desse jeito. A gente fazia, bordava tanto de se acabar, aí a mulher dizia só é tanto, pronto, aquele X a gente nem questionava, tinha que receber. Era assim. Aí a gente ficava a vida toda desse jeito, às vezes levava reclamação que dizia que a gente ia pegar mais linha, dizia que a linha tinha dado, a gente ficava indignada de raiva, tá entendendo? Muitas vezes a gente chorava, eu mesmo chorei de raiva, porque fazia tanta coisa, fazia bem muito bordado mesmo, aí no dia ia receber, dizia ‘Não vai pagar hoje não, só vai pagar não sei quando’ Aí a gente precisava do dinheiro pra comprar uma roupa, pra comprar qualquer coisa, aí caía em desgosto, mas não tinha jeito, era desse jeito.”

“[Minhas filhas] elas foram aprendendo. Todas duas aprenderam, agora a outra logo cedo disse ‘Eu não vou ficar fazendo isso não. Vou estudar que eu acho que ganha mais dinheiro, do que tá bordando.’ Mas ela passou um bom tempo trabalhando comigo, assim, fazendo bordado. Ela gostava muito de fazer mais de recém nascido, sapatinho mesmo, ela gostava muito de fazer. Depois ela pegou uma encomenda de sapatinho e disse ‘Mais nunca na minha vida!’ A mulher encomendou cem parzinhos de sapatinho pra fazer bordado com aquele [ponto] matame e costurava. Ela chamou tanto do nome com esses sapatos, que eu disse ‘Coitado dos meninos que vão usar esses sapatos’ Ela dizia ‘Mais nunca que eu vou fazer uma coisa dessas!’”

35:00

“Ela falou ‘Mas nunca na minha vida eu faço um negócio desses!’ Aí eu digo a ela ‘Mas não serviu a você?’ Ela disse ‘Serviu, mas não faço mais não. Deus meu livre, que dá muito trabalho.’ Quanto menor, mas trabalho né?”

“Agora quando eu era solteira, eu gostava mais de bordar recém nascido. Eu gostava muito de bordar recém nascido. Eu sempre ajudava mãe fazendo as toalhas dela, mas eu gostava muito de fazer recém nascido. Aí só depois eu comecei enjoando, aí só depois eu comecei fazendo as peças maiores. Aí tinha o percal, duzentos fios, de primeiro, era mesmo que um couro. Hoje ele é mais fino. Tão grosso nesse meio de mundo, pra gente bordar pampoula, pra gente bordar rosinha. Eu tinha umas peças dessa, foi um tempo que eu sofri, sofri não, minha casa sofreu aquela cheia, tu lembra? Eu perdi essas peças que eu tinha. Eu tinha feito pro meu enxoval, é que antes a gente fazia assim, aí tinha um desenho, tinha uma rosinha assim óia, pense numa pestinha! Tinha tanta rosinha dessa, um monte assim ó, chega era cheio ó, agora só que essa era de uma cor, essa era de outra, essa de outra; aí a gente tinha que decorar no próximo pra fazer. Esse aqui era zero seis, aqui era zero oito, aqui era zero vinte, aí a gente tinha que fazer três tons diferentes. Aí aqui a gente já tinha que colocar outra de outra cor. Era um inferno pra gente fazer essas rosas e a gente fazia. Agora era muito linda! Eu tinha um toalha, era linda essa toalha, eu fiz quando eu fui me casar, era quadradinha que a mesa foi pequena. Eu fiz essa toalha. Não ficou nada disso, você acredita? Foi na cheia de 85, eu morava próximo ao rio e a água chegou de repente. Foi de noite, sem a gente esperar. Eu nem acreditei, eu tava dormindo já, só vi o povo dizendo ‘Olha a cheia!’, eu digo ‘Esse povo parece que nunca viram água’ nem liguei. Quando eu acordei já ia entrando dentro de casa, e a gente só saindo né? Pronto. Aí eu tinha a roupa do batizado dos meninos, das meninas que tinha sido bordada e perdeu. Até as fotos, as fotos que tinha lá de casa com as meninas pequenas eu não tenho. Tem algumas delas já com dois anos, por aí, mas novinha eu não tenho nenhuma. Foi embora tudinho! Tinha um vestidinho lindo, todo de rendinha, bordadinho de moranguinho, as meninas tinha. Eu não tenho nenhum desses mais, perdeu-se tudo e tinha também algumas coisas que eu tinha feito, tinha lençol bonito. Não ficou nada disso pra contar história. Quando eu vejo o pessoal ali naquelas enchentes, eu fico pensando, eu digo Virgem Maria, no outro dia quando você chega em casa, que vê só lama, chega dá um desgosto né? Não tem nem uma roupa pra você botar, tudo lama. Mas, recuperou-se de novo né? Graças a Deus porque importante

é a vida né?”

“Todo mundo fazia vestido bordadinho pras meninas se batizar. Eu mesmo fazia. Minha mãe tinha um timão que ela batizou cinco filhos com esse mesmo timão. Aí ela depois deu ao último que batizou-se. Aí ela sempre fazia quando ia batizar os meninos ela fazia um timão, porque primeiro só batizava as crianças novinhas de timão não era? E era tudo bordadinho que ela gostava de bordar. Ela fazia tanto vestidinho e roupa pra gente, tudo bordadinho, que ela achava bonito. Eu também fazia pra minhas filhas pequenininha, eu fazia. Aí eu só tenho umas duas fotos com elas com vestido bordado, as demais eu fazia pequenininha aí não tenho mais não.”

“Depois das duas meninas, eu tenho um menino. São três.”

SOBRE BORDAR PRA FORA

“Era assim, uma senhora trazia. Aí tinha uma senhora que o nome dela era Maria Natércia, eu lembro como se fosse hoje, que ela trazia, depois, com o tempo, tinha uma moça chamada Helena, ela vinha uma vez, ela vinha um dia na semana, ficava um monte de gente. Aí a gente pegava o bordado todo já desenhado, ela entregava as linhas, anotava e ia embora. [A gente] vinha pra casa. Há uns anos atrás, essas casas aqui tudinho, você passava, tinha duas, três pessoas bordando. Era uma raridade você não encontrar. Agora você encontra aqui essa senhora, que essa senhora é uma apaixonada viu? D. Odete é. Às vezes ela tá bordando, eu digo ‘Você tá vendo o quê?’ Um escuro! Ela operou um olho um tempo desse. Ela ficou tão deprimida, que ela quase cai em depressão porque não podia bordar. Era tão triste que mal ela respondia. Aí quando ela ficou boa, pronto. Você vê aí, não tem feriado não pra ela, todo dia ela tá ali. Todo dia! De manhã logo cedo se você passar ela já tá ali bordando. Ela que é viciada. Vício bom. Mas ela não deixa de fazer não. Aí a gente bordava pra essas mulher. Pegava e vinha pra casa. Aí ficou muito tempo só com o, oxe, quando começou acontecia das pessoas daqui fazer, eu já era casada. Foi que Elizabeth começou a fazer, uma senhora que já morreu, ela começou fazendo. Aí depois teve D. Nadeje, ainda bordei pra Nadeje. D. Nadeje. Começou fazendo pra elas. Era uma pessoa ou duas que começou fazendo. Com muito tempo foi que as pessoas despertaram a fazer, porque antes ninguém fazia não, só bordava pros outros mesmo, todo mundo. Aí vinha. Depois teve D. Carmelita que morreu também. Aí a gente fazia, levava no ônibus. Quando era de tardinha ela chegava com um monte de bordado, aí a gente pegava e levava pra casa. Tal dia traga de volta.

Aí a gente trazia de volta. Tão barato nesse meio do mundo meu Deus do céu. Olhe, ela ainda tirava as despesas dela que ia pegar em Recife e ainda tirava o lucro dela, pra chegar na mão da gente. Pra chegar na mão da gente era tanto assim, tanto assim mesmo. E vinha muito bordado viu? Essas rosinhas mesmo, os bordados de D. Carmelita vinha demais. Eu mesma bordei muito tempo pra ela, até perto d'eu me casar eu bordava pra ela, eu bordava pra essa mulher aqui. Ela dizia 'Ah, não, tome, já tinha' Quando eu chegava lá ela já deixava lá, eu dizia meu Deus do céu! Tinha dia que eu contava essas rosas, meu Deus! Era muita menina, era tanta, sei lá, umas trinta ou quarenta em cada desenho que tinha, era muita! E tinha pouquinho, mas fazia, porque a gente precisava, e depois gostava né? E foi com muito tempo que começou fazendo uma, duas pessoas começaram a fazer. Você vê, ainda hoje tem gente que não faz, borda pros outros. É porque é muita gente ali que tem loja que eu sei que não sabe dá um ponto! Iraci mesmo não sabe dá um ponto, sabe não. Ela faz assim, ela desenha, ela faz outro tipo de serviço, agora bordar em si ela não sabe não. E elas [as bordadeiras] muitas também não fazem porque não tem pra quem vender. Às vezes, chegavam na porta da gente, muitas vezes, com a pecinha feita, ela mesmo faz. Aí ó vai na casa de fulano que vende a metade do preço, aí vai no outro, mais barato ainda entendeu? Aí termina a mão de obra delas ficando sem ganhar nada, fica só o que elas gastaram. Aí desestimulou muita gente a fazer esse tipo de coisa, que começou um tempo desse, chegava pessoas com quatro passadeira, cinco: 'A senhora compra isso aqui?' Aí 'Olhe D. Fulana vamos dividir' Se a passadeira fosse quarenta, a pessoa só dava quinze, entendeu? Aí as pessoas recua também. Não tem a quem vender. A pessoa que diz 'Ah, eu só compro por tanto.' Quinze o quê? Um dia desse, a menina disse que vendeu uma passadeira parece que foi por doze reais. Aí as pessoas deixam de fazer por conta disso. Deixa mesmo. Diz 'Ah, Maria não vale a pena não a gente trabalha é muito e não ganha é nada. Não tem quem queira ficar. É uma atividade bonita, que realmente você vê né? É mesmo que você pegar um negócio assim sem vida e quando você faz o trabalho você já vê. Já vê que aquilo dali tá bonito, que aquele negócio, mas só que não tem valor. E então chegou aquele chamado Marconi, aquele chamado Eliezel, chegou um Marcelo, chegou um Barbosa. Esses quatro que chegaram em Passira são abençoado. Que acabou com as bordadeiras. O pouquinho que tinha ele pegou um balde de água quente e jogou na cabeça de todo mundo. Foi minha filha, porque eles fizeram o tecido, vamos dizer assim o tecido sai pra eles a cinco reais, por exemplo, eles passam o tecido pra gente por

oito, entendeu? Aí o dele aqui ficou por cinco não é? O da gente aqui não ficou por oito? Aí quando a gente termina de fazer, aí se a peça da gente for quarenta, a dele é vinte e cinco [porque eles compram mais barato porque são revendedores]. As meninas que bordam [pra eles]. E o preço de bordar, quase todo mundo paga o mesmo valor. Agora mesmo na Fenearte, já esse ano, tava uma toalhinha cinco reais pra você vê. Aí você veja, essa pessoa foi no Box, eu acho que repassado pela prefeitura, porque tá o nome da prefeitura, se tá o nome da prefeitura, alguém da prefeitura repassou pra essa pessoa. Aí essa pessoa chegou lá, tá com uma toalhinha por cinco reais. Aí o povo vai querer vim em Passira e comprar coisa por sete, oito? Aí por isso que a gente fica correndo querendo fazer uma atividade diferente, querendo fazer dentro do bordado outra coisa, entendeu? Porque se a gente não fizer esse movimentozinho, acaba. Daqui há um tempo não tem mais bordado. Pode tirar até o nome!”

SOBRE O NOME

“Olhe, esse nome ‘Terra do Bordado’ que eu lembre, foi do governo, o prefeito de Edelço Gomes. Foi ele que fez. Ele fez um movimento muito bom no artesanato, isso aí ele fez. Porque ele ajudou a criar uma Cooperativa, por sinal, a cooperativa era uma cooperativa muito boa. Eu não bordei pra cooperativa, minha mãe bordou. [Ficava no Centro] onde é aquele Centro Artesanal. Aí ele divulgou o trabalho do bordado, ele fez uma divulgação muito boa. Ele ajudou muito, ele tinha vários conhecimentos, levantou mesmo nessa época. Só que depois, que eu não sei o que foi que aconteceu, que acabou essa cooperativa. Aí aconteceu muita coisa. Sei lá o que foi, eu não sei o que aconteceu que eu não fazia parte dela, eu não sei. Eu sei que aconteceu coisa que não deveria ter acontecido, que ela fechou. Aí depois dessa Cooperativa muita gente começou a fazer pouquinho, começou a vender. Ele despertou isso e passou a conhecer a cidade como terra do bordado. Aí chegou nas receitas que a gente ia se consultar aí colocou ‘Terra do Bordado Manual’. Aí começou divulgando, aí começou a partir dele. Que eu lembro mesmo, que antes ninguém nem falava. Aí veio o padre, que hoje ele não é mais padre, aí ele se envolveu também nesse processo de divulgação, ajudou algumas bordadeiras. Padre João. Ele ajudou. Fez até um projeto, eu não participei não mas eu lembro que foi um projeto, ajudou umas pessoas, doando uns tecidos. Foi muito bom o movimento que eles fizeram, porque antes também o pessoal nem conhecia. Aí teve um período que eu não sei aí quem começou, eu sei que uma pessoa teve uma ideia de fazer blusa. Olhe,

nesse tempo a gente vendeu tanta blusa, blusa feia, mal feita, gola troncha, de todo tipo! Porque tinha umas bem feita que tinha umas duas, três pessoas que era bonita. Eu to dizendo assim porque todo mundo, quem sabia costurar e quem não sabia, de todo jeito, sabendo que fazia e vendia, não ficava uma não. Não ficava não. Você podia fazer cem blusas. Camisetinha regata. Vendia muito. Oxe! Eu encontro ainda, às vezes eu to em Recife, quando eu olho, eu vejo uma pessoa com uma. É muito difícil você não vê ainda uma pessoa mais antiga com uma blusa daquela. Eu fico olhando. Eu tinha uma verde, mas só que nem dá pra mim mais. Esse período vendeu muito! E era mais de cambraia de linho, oxe, todo mundo queria uma camisa de cambraia de linho. E eu não sei o que aconteceu, acabou as cambraias, acabou os fregueses. E é por isso que eu digo se voltar a fazer uma linha de roupa boa, que dá certo. Porque naquela época todo mundo vendeu muito minha filha, não foi não? Ai, eu não lembro qual era o ano [dessa moda], mas era perto dos anos 90. Eu to dizendo assim que foi de Edelço [época do seu governo] porque eu lembro Edelço morando naquela casa, lá no centro, onde é o consultório, isso, eu lembro dele ali, eu lembro das lojas ali todinhas vendendo muita blusa. Era blusa mesmo minha filha. Toda semana o povo corria, lavava, passava, não to dizendo a você? Umas eram bem feitas, outras eram mal feitas, de todo jeito. Gente que nunca pegou na máquina, costurava. Aí acabou, acabou mesmo. Hoje em dia só tem em Valteci, quando você encontra, e o pessoal vende com renda renascença. Ela nem faz muito como ela fazia também não. Aí até nas Feiras saí. Foi dado esses cursos aqui ó, não foi perdido não sabe, que alguém aprendeu alguma coisa né? Mas só que não foi pra frente isso e mais nada, ninguém colocou em prática mais nada. Pronto. Esse vestido aqui, foi que eu tive conhecimento de ter vendido uns cinco, seis vestidos desse. Na época a gente não tinha [ponto de venda], só vendia aqui.

18:46

“Aquela Cooperativa que criou-se aqui no tempo de Edelço, não era pra ter deixado acabar. Era a COMIB né? Fizeram muita coisa bonita. Acabou. Eu não sei o que aconteceu, ali eu não sei explicar o que foi. Eu não sei como foi não que aconteceu, só sei que eu vi o fracasso, agora o que aconteceu eu não sei. Eu sei que começou no primeiro mandato de Dr. Edelço Gomes, isso aí eu tenho certeza que foi. Pois ele incentivou mesmo e foi ele que criou esse nome ‘Terra do Bordado Manual’. Agora eu lembro que no governo de Cida, deixou o bordado como Patrimônio Histórico da cidade, teve um movimento desse que eu lembro. Governo de Aparecida. Só que ela só fez isso

que pelo artesanato ela não fez nada. Nada, nada. Ela não fez nada pelo artesanato da cidade. Nada, sabe o que é nada? Miguel já tá com esse projeto feito, o período dele foi essa construção do Centro [cultura], mas o centro também não era pra ter sido feito daquele jeito, era de outro jeito, mas no final o dinheiro não deu mais, aquela enrolação. Que vive quase fechado, que não tem nada, não vai ninguém. Talvez se ele tivesse feito no centro, como muita gente queria que tivesse feito, tivesse dado resultado. Porque o pessoal daquelas galerias, daqueles negócio, tinha se centralizado ali. Pronto. Foi no ano da política mesmo, ele não se ligou que ia ter Feira, o último ano dele. Aí pra não ficar sem ter nada, fez aquele negócio ali, tapeou ali aquele negócio, pra dizer que não tinha feito. Agora que no governo de Miguel, a Feira, ele fez uma Feira descente. O último ano ele não prestou, agora que eu lembro a Feira nos outros prefeitos era uma negação. A dele foi bem organizada, estrutura bonita, foi bem bonita estrutura dele, oficinas. Foi uma Feira descente. Bem organizada, foi uma Feira muito bonita. Agora o último ano ele pisou na bola, mas ele fez. Agora no mandato de Aparecida eu lembro que pra colocar uma barraquinha pegaram um bucado de madeira e fizeram assim ó, aquelas divisão de madeira um ano, foi. No outro ano já se pediu as barracas do Sebrae, mas um ano foi aquelas madeira, assim, sem proteção de nada, e não tava nem aí. Isso aí eu digo, ela não tava nem aí. Passava pelo, agora aqui olhe, se você vir assistir uma palestra política, pense como as bordadeiras são famosas! Todo mundo quando abre a boca ‘Queridas bordadeiras!’ Só é quando eles lembram. Na hora de falar com público. É porque, é complicado viu?

SOBRE PRESIDIR A AMAP

‘Esse cargo assim é porque é muita responsabilidade. Aí uma tem tempo mas não tem [responsabilidade]; uma gosta hoje, amanhã não gosta. E pra gente fazer documento, passar a limpo tudinho, depois tá trocando de nome, é gasto de dinheiro né? Fica livre aqui, quando vai ter eleição fica livre, ninguém quer. Porque tem que ser uma pessoa que goste, que seja disponível, que tem reunião, tem não sei o quê, entra nessas bocadazinha, entra nesses negócios assim né? Aí nem todo mundo quer. Não tem salário né? Se tivesse um salário, tinha muita gente. Já passou pra Marcilia, já passou pra mim, passou uma menina um tempo. Só que era por isso, ela passou pouco tempo. E ela disse ‘Deus me livre! Dá pra mim não.’ Dá muito trabalho, compromisso, se não fizer, as pessoas ficam cobrando, e tem que ser disponível, porque às vezes o pessoal inventa

reunião não sei aonde, convida, aí a gente vai não sei aonde, tem que ir. Aí nem todo mundo é disponível pra fazer isso não. E tem que gostar também viu? Porque se não gostar, não fica não. Eu gosto, aí eu não faço questão não. Às vezes eu brigo com as meninas. Brigo assim no sentido do trabalho sabe? Mas não tem, também veja uma coisa boa: desde que começou o nosso grupo, ninguém nunca se desentendeu por problema político. Porque aqui ninguém nunca abriu a boca, cada um vota em quem quer. Pode chegar quem quiser. Porque às vezes chega uma pessoa que você não tá esperando e você não tem como evitar né? Aí a pessoa vem, fala, a gente diz ‘Tá certo. Tá. Tudo bem.’ Ma só que quando sai, ninguém pede voto a ninguém aqui não. Vota em quem quiser. Elas fica aí à vontade. A gente tem que ver, cada um tem que saber o que é melhor pra si. Porque a gente sabe que, aí o prefeito ‘Não, eu ajudo, precisando.’ Eu digo não prefeito, e aí a gente não sabe disso. Aí ele botou na cabeça que queria fazer um negócio de jeans, e bordado industrial. Ele não tem ideia.”

31:31

Ficha Baseada no PROJECTO: Kit de Recolha de Patrimônio Imaterial Instituto dos Museus e da Conservação – Departamento de Patrimônio Imaterial – 1.ª edição, Maio de 2011

Ficha de Entrevista – Uma história sobre o bordado em Passira-PE.

Local da entrevista: Residência da Entrevistada	Data: 11/08/2014
Entrevistador: Isabella Karim Morais Ferreira de Vasconcelos.	Ficha N°: 03
Duração: 39 min.	Hora: 15hs.
01. DADOS PESSOAIS	
01.1 - Nome completo do entrevistado (a): Maria Ignês Costa Santana	
01.2 - Data de nascimento: 29 – 12 – 1943	
01.3 - Natural de: Limoeiro-PE	
01.4 - Local de residência: R. 01 de Maio, 335 – Cento – Passira-PE	
01.5 - E-mail:	
01.6 - Telefone(s)	(81) 3651 - 1167 (81) 9782 – 0555
01.7 - Escolaridade: Magistério	

01.8 - Informações adicionais:				
01.9 - Profissão: Aposentada				
01.10 - Relação da pessoa com a atividade do Bordado: Foi Diretora do Departamento de Cultura de Passira, apontada em jornais e no próprio histórico da cidade como umas das responsáveis pela iniciativa de fazer a Feira do Bordado Manual de Passira.				
01.11 - Imagens referentes à entrevista				
A		B		
Legenda:		Legenda:		
02 - Informações sobre Recursos de Mídia:				
02.1 - Tipos de Registro ou Gravação:				
Áudio	A	Vídeo	B	Caderno de Campo
Nº: 03	X	Nº:	Páginas Nº:	
02.2 - Transcrição da Entrevista:				
Total		A	Parcial	
			B	
			X	

Transcrição da Entrevista:

SOBRE SUA PASSAGEM PELO DEPARTAMENTO DE CULTURA MUNICIPAL

“Era Centro Cultural de Passira. Ligado a Secretaria de Educação. Eu comecei, eu não sei exatamente, né? Mas, 85 eu já estava, e saí de lá em 90, parece. Uns cinco anos com certeza [eu fiquei]. Na COMIB tinha toda a diretoria da COMIB, era entre as bordadeiras. Eu dava apoio. Apoio técnico, mais assim. Incentivava, levava pras, assim, os contatos né? Porque a COMIB nasceu desse trabalho do Centro Cultural, entendeu? Aí, como ela nasceu lá e funcionava no mesmo local do departamento, que era onde é hoje o Centro de Bordado de Passira. Funcionava ali. E também era a sede da COMIB e também o departamento de cultura funcionava lá também. Era tudo no mesmo ambiente. Era [mais fácil trabalhar assim] porque uma coisa era ligada a outra né?”

SOBRE A COMIB

“Não existe mais não. Foi extinta. Olhe, depois eu voltei pro Estado [a ser funcionária do Estado] que eu até falei pra você né? Pronto. Aí voltei pro Estado e, assim, foi passando de uma mão pra outra, não acompanhei mais né? Sei que terminou. Sei não [em que ano ela foi extinta]. Tem uma senhora que não mora mais nem aqui, mas que, não foi a última presidente, né? Em Candeais, é o Sítio. D. Severina, que o apelido dela é Dia. Ela sempre morou lá. Só que ela não foi das últimas não, entendeu? Das últimas presidentes não. Eu nunca fui presidente da Cooperativa não, foi sempre entre as bordadeiras. [Josefa Pereira da Silva, teria sido presidente em 1993] é, essa não mora mais aqui não. Parece que tá em Maceió agora. Mas essa daqui era mais envolvida, só que não foi a última presidente, mas passou assim muito tempo e foi quem era uma pessoa muito ativa, muito determinada, ia pra Feira. Foi pra Feira em São Paulo, foi pra Feira em Betino, lá em Minas Gerais, essa de Candeais. Ia pras Feiras que eu lhe falei que tinha da Feira dos Municípios. Desde o início, ela sempre participou.”

SOBRE A COOPARMIL

“Conheço, só que hoje eu não sei onde. Porque assim, a COOPARMIL caiu muito, não sei se no momento ela tá existindo. Era logo ali perto da rodoviária [de Limoeiro]. Depois foi uma escola e hoje ela não é mais escola, já é outra coisa esse prédio. Era assim muito ativa, e tinha muitas bordadeiras. Inclusive era assim, uns bordados muito

bem feito, o controle de qualidade era muito bom. E pertencia aquelas irmãs do Regina Celi. Aí depois passou pra outras pessoas né? Inclusive, você podia conversar sabe com quem em Limoeiro? Com Laurivan Barros, que podia dar todas as informações, que ele trabalhou na Cooperativa, bastante tempo. Aí depois ela passou a funcionar lá perto da ponte velha, no bairro do outro lado, mas ela não está mais lá. Eu não sei hoje, onde é que ela está. Laurivan Barros, mora na rua, se não me engano, parece que é Severino Pinheiro. É muito conhecido, Laurivan Barros em Limoeiro. Trabalhou na COOPARMIL. O nome da esposa dele é Eliete, não, que parece que ela trabalhava também. Também sei se é Eliete não. Sei que Laurivan Barros é muito conhecido em Limoeiro.”

“Mas eu não falei a você que as bordadeiras de Candeais, que hoje pertence à Passira, Candeais pertencia à Limoeiro, e elas já bordavam pra COOPARMIL. Esse grupo de Candeais, onde começou essa COMIB, que foi com esse grupo lá de Candeais, que foi quando veio a TV Globo pra Passira, veio pra cá, pra Candeais. Começou tudo nesse grupo aí. Essas bordadeiras eram assim, mãos de fada mesmo. Bordavam muito bem e elas bordavam pra COOPARMIL, porque depois que Passira se emancipou, aí essa comunidade passou a pertencer a Passira. Mas era uma comunidade de Limoeiro, como Passira também né? Que não era nem ‘Passira’, era Vila né?”

“[Um Box na Casa da Cultura] era da COMIB. Não [existe]. Agora quem ficou nesse Box, não sei se ela está ainda hoje, foi Solange. Como era o sobrenome de Solange, meu Deus? Eu creio que Solange deve estar ainda hoje ainda viu? Hoje é de Solange mesmo o Box. Eu não sei se ela ainda está. Inclusive, era, não sei se no jornal diz, parece que era na ala norte. Se existir ainda, tinha um posto que naquele tempo era Bandepe, mas cabou-se o Bandepe, depois passou pra Banco Real e hoje, é Santander. Aí tinha um posto do banco, não sei se ainda tem. Nunca mais fui na Casa da Cultura! Aí era em frente ao posto do banco, era esse Box da COMIB. Aí Solange era muito conhecida lá; trabalhou lá muito tempo. Não sei se é Araújo o sobrenome de Solange, eu não tenho certeza não. Não lembro mais. Mas é muito conhecida lá, Solange. Aquelas pessoas mais antigas de lá, da Casa da Cultura vai saber dar alguma notícia dela. E ela tem uma irmã que mora no Sítio.”

10:28

“Tem essa irmã dela, agora é muito difícil eu vê-la. Que ela quando apanha carro é pra Limoeiro, já é pra lá. E aqui em Passira eu acho que ela já vai pra feira tudo em Limoeiro. Essa irmã de Solange. Essa irmã dela, continua morando aí em Tamanduá, no Sítio. Como é o nome da irmã de Solange, meu Deus? Não to lembrada, eu vivo com um esquecimento tão grande Isabella!”

SOBRE O PREFEITO EDELÇO

“[Aqui em Passira] tem duas irmãs e um irmão. Tem a esposa dele. Agora a esposa vive mais em Recife. Uma pessoal bem simples, bem disponível e há muitos anos que a gente se conhece, trabalhamos juntas.”

“Quem fez esse bordado foi minha irmã, na escola. Ela bordava junto comigo. Foi em 1956. É escama de peixe, que hoje já não se faz mais esse ponto por aqui né? Eu foi quem bordei essas almofadas, aí tentei resgatar. É desse ponto aqui, só que esse a linha é fina, esse aqui a linha é grossa. Eu e ela [irmã] aprendemos a bordar na escola. Tinha um dia por semana. Isso foi em 56. Na sexta-feira, era dia de arte. Tinha para os meninos e para as meninas era mais o bordado, o crochê, essas coisas, né? E eu, infelizmente, tinha uns paninhos, era até verdinho, um paninho assim também. Antigamente usava muito paninho assim no centro da sala. Em tudo se usava um paninho. Fazia muito paninhos assim. O meu era um verdinho. E era um bordado diferente, era com uma linha fina. Mas eu não sei que fim eu dei a esse pano. Eu guardo muitas coisas, eu to com o dela, nem sei como o dela tá aqui. Eu acho que ela não tá nem lembrada desse pano, vou até ligar pra ela pra dizer. E esse biquinho quem fez foi uma senhora que morava lá em Pedra Tapada, Maria Marinheir, foi quem fez o bico.”

“Na sexta feira era o dia de arte. Pros meninos, eu não me lembro o que era pros meninos. Inclusive tinha dois irmãos. A gente ia pra escola muito distante. Não sei se eu te falei. Éramos quatro. Aí a gente ia pra escola, eram dois irmãos e duas irmãs. Agora para os homens não to lembrada o que era. Se era uma coisa com madeira, não lembro. Talvez até meu irmão se lembre, vou perguntar isso pra ele, como é que ele fazia. Deve se lembrar né? Se era alguma coisa com madeira. Acho que sim. Agora pras meninas era. A gente levava linha, o tecido e o risco acho que era até a professora que riscava. Tem até outro paninho, que acho que tá aqui em casa também, tem outro paninho do mesmo desenho, como se fosse o conjunto, que é somente isso aqui, um quadradinho com um biquinho e o bordado. Foi da minha irmã o bordado, Maria Helena, Maria

Helena Costa. Ela mora em Recife. Paulista, Maria Farinha.”

“Eu vou pouco [em Recife]. Eu vou mais pra médico, essa semana nós fomos pra médico. Nós vamos mais pra médico. Por conta do meu marido, eu fico muito presa né? Eu vou mais pra médico. Não moraria [em Recife] de jeito nenhum. Se acostuma em cidade pequena. E eu gosto daqui. E também é perto de Recife né? É perto, não é distante de Recife.”

PRIMEIRA FEIRA

“Era um carro mesmo. Só que era um carro, tipo carro baú. Desses carros de mudança. Só que era um carro do MOBREAL, não foi do seu tempo né? Mas você já ouviu falar no MOBREAL? Movimento Brasileiro de Alfabetização, que era no Brasil todo. E, era assim, era pras festas, os eventos culturais, entendeu? Então se apresentava ali os artistas da terra, os cantores, os violeiros, os repentistas. Se apresentava ali, é como um palco. Ele abria, tinha uma parte ali pra cima, tinha outra assim pra baixo, que abria assim, e ali era um palco. E eu tinha uma foto, mas eu, essa foto devia ser da Cooperativa. Eu me arrependo depois, e não trouxe um bucado de coisa de lá, tu acredita? Porque a gente não guarda uma coisa assim porque não é nossa, tem aquele respeito. Naquele tempo não era como hoje. Que hoje é muito fácil de você reproduzir foto. Mas naquela época não. Tudo era difícil. Não tinha nem aqui em Passira quem fizesse esse trabalho. Aí eu sempre respeitei o que não era meu. Aí termina depois, ninguém tem mais. O povo não valoriza. Lá tinha uma foto do prédio que foi todo reformado, nem era pra ter sido porque era um dos prédios muito antigo de Passira, fazia parte da História, que era uma escola típica rural. Onde hoje é o Centro do Bordado, era escola típica rural. Que antigamente tinha essas escolas, já com condições da professora morar ali. Porque na época mesmo não tinha nenhuma professora formada aqui em Passira. Aí vinha de fora. Aí tinha uma área grande, assim pro recreio das crianças, né? E de um lado era uma sala de aula e de outro lado era a casa da professora. Inclusive uma prima minha foi a primeira filha de Passira formada no magistério que veio praqui. Foi a primeira professora filha de Passira, que ensinou aqui, foi essa minha prima, Zélia Amorim, que faz parte da história daqui também. Inclusive ela no histórico de Passira fala dela também. Zélia Amorim. Ela mora em São Lourenço. Ela morava nessa escola típica rural. E hoje é o Centro do Bordado. Enquanto foi da Cooperativa, era do mesmo estilo viu? Era rodeado de alpendre, calçadas de todos os lados e área bem grande no meio, e

de um lado era a casa, do outro a escola. Ela morou lá. Inclusive quando eu me casei, ela tava morando lá. Meu vestido de casar, foi bordado lá. Eu e ela que bordamos o meu vestido de casamento. Eu tenho até hoje também. Sim, olhe, foi bordado à mão viu? O meu vestido de casamento aqui em Passira. Tudo faz parte da história do bordado, assim né, que não é coisa recente. Tô com cinquenta e dois anos de casada, meu vestido foi bordado à mão aqui em Passira. Ela bordava muito bem, minha prina. Não borda ainda mais. Hoje, ela muito ocupada, cuida da mãe que já tem quase cem anos, aí ela não borda mais né? Mas foi uma exímia bordadeira.”

SOBRE A OBRA SOCIAL SANTA ISABEL

“Essas freiras são as de Limoeiro. Não são de Passira não. É as do colégio Regina Celi, em Limoeiro. Aí teve influência, como eu to dizendo à você. Essa comunidade de Candeais que hoje é Passira, era Limoeiro e lá bordava pra COOPARMIL, pra essas irmãs lá de Limoeiro, entendeu?”

SOBRE A BORADEIRA LUCIA E A COORBOCOPA

“Ela era professora de bordados lá no Centro Cultural. Ela trabalhou lá também, pela prefeitura.”

29:10

Ficha Baseada no PROJECTO: Kit de Recolha de Patrimônio Imaterial Instituto dos Museus e da Conservação – Departamento de Patrimônio Imaterial – 1.ª edição, Maio de 2011

Ficha de Entrevista – Uma história sobre o bordado em Passira-PE.

Local da entrevista: Residência da Entrevistada	Data: 15/09/2014
Entrevistador: Isabella Karim Morais Ferreira de Vasconcelos.	Ficha N°: 04
Duração: 41 min.	Hora: 09h45min.
01. DADOS PESSOAIS	
01.1 - Nome completo do entrevistado (a): Severina Maria de Albuquerque Medeiros (Dia)	
01.2 - Data de nascimento: 21-09-1949	

01.3 - Natural de: Passira-PE					
01.4 - Local de residência: R. Auto Maria Gomes, 1085. Candeais, Passira-PE					
01.5 - E-mail:					
01.6 - Telefone(s)		(81)9999 - 4808			
01.7 - Escolaridade: 5ª série					
01.8 - Informações adicionais:					
01.9 - Profissão: Aposentada					
01.10 - Relação da pessoa com a atividade do Bordado: Foi uma das responsáveis pela COMIB. Citada, inclusive, nos jornais.					
01.11 - Imagens referentes à entrevista					
A			B		
Legenda:			Legenda:		
02 - Informações sobre Recursos de Mídia:					
02.1 - Tipos de Registro ou Gravação:					
Áudio	A	Vídeo	B	Caderno de Campo	C
Nº: 04	X	Nº:		Páginas Nº:	
02.2 - Transcrição da Entrevista:					
Total		A	Parcial		B
					X

Transcrição da Entrevista:

“Deram fim pra lá porque quando eu vim [saí] eu não trouxe nada. Aqui em casa não [tem nada]. Eu tinha uma pasta que tinha muita coisa antiga, aí eu fiquei guardando, guardando, outro dia eu fui fazer uma faxina, meu marido ‘Porque você tem todas essas coisas?’ Aí eu peguei e joguei fora, queimei.”

“Ana, da COMIB não. Da COMIB, D. Ignês pode dá informação, Aldegunda, a gente chama ela de Alda. Alda mora em frente aquele posto ‘Compare e compre’ ali, encostado com uma lanchonete, ali. Tem a Net, né? E depois, entre a Net e a lanchonete tem a casa da Alda. Lá em Passira. Ela também podia dá muita informação pra ti e, deixa eu ver. Eu deixei tanta... D. Zeza não adianta. Porque D. Zeza tá morando em Maceió. Também tem uma menina que era secretária lá da Cooperativa.”

“Aí as pessoas que ficaram na Cooperativa, justamente, foi D. Zeza, a Alda, a frente né? E ficou uma menina que a gente chamava ela de Conceição, a gente chamava ela de Ceça. Só que Ceça ela era a secretária né? Na Cooperativa, e aí, a Ceça tá em Recife. Trabalha em Recife ela, parece que ela é enfermeira, eu não sei. Esse povo todo se dispersaram assim.”

“D. Zeza da COMIB, da Cooperativa das bordadeiras, todo mundo conhece, eles indica pra você. Mas ela não mora mais lá. Mora as filhas dela lá né?”

“Em 92, como eu tava falando pra ele, que teve aquela revolução sei lá de Color, de presidente. A D. Ignês trabalhava lá, ela era funcionária do Estado, só que ela tava à disposição da prefeitura, aí a prefeitura colocou ela lá pra tomar conta. Uma pessoa muito responsável, uma coisa! D. Ignês era uma irmã pra mim, uma irmã. Gente muito boa. E, a D. Zeza também, uma pessoa boa, e as meninas, eu não tenho queixa. A gente ficou com um pouquinho de dúvida assim porque teve uns probleminhas, e elas me acusaram né? Dizendo que eu foi quem acabei com a Cooperativa. Mas não foi eu quem acabei com a Cooperativa. A Cooperativa ficou nas mãos delas. Aí como a gente tinha carro. A Cooperativa tava muito bem. A gente possuía carro, máquinas, móveis, tava uma estrutura muito boa.”

“[Fui presidente] justamente. Parece que foi de dois mandatos. Parece que começou em 86 a Cooperativa. Ela foi...”

“Na AOCEPE também. Você conhece a AOCEPE? Associação das Cooperativas do

Estado de Pernambuco. Não sei se eles se mudaram, mas eles podiam dá muita informação pra ti, viu?”

“As meninas ficaram né? Tinha assim um faixa de, tinha mais de 60, 100 mulheres [associadas]. Eu tinha a relação todinha, aí eu peguei, queimei. A gente jogou fora muita coisa. Tinha muitas associadas e daí quando aquela época do Collor elas ficaram lá. Então, tinha telefone, tinha uma estrutura muito boa a Cooperativa. E a gente recebia jornais de muitas outras Cooperativas, como a COPARMAR, lá do Paraná, de Maringá, mas é de trabalhadores rurais. E todos os órgãos, assim, públicos mandava folhetos, tudo, e a gente também mandava. A gente tinha mais muito, mais muito cliente! Muitos clientes mesmo! Em todo o Estado, em todo o país, e outros países fora, a gente também tinha pessoas que comprava, que encomendava, e via né? O panfleto e tudo. Agora é bom porque tem internet. A Lúcia que você tava falando aí ela veio com a Ana falar comigo pra mim ficar com elas. Mas só que eu tive muita decepção, aí eu não quis mais me movimentar com isso não.”

SOBRE A PRESIDÊNCIA NA COMIB

“Porque eles achavam que eu era uma pessoa mais, assim, mais comunicativa, entendeu? Tinha mais conhecimento das coisas, é, eu viajava muito. As meninas que ficavam lá. Eu era presidente só pra assinar, entendeu? Mas na realidade, eu era mais vendedora, porque eu participava de muitas Feiras, é, em vários Estados. Lá em Recife, em Boa Viagem, no Jardim, no segundo Jardim de Boa Viagem, a gente tinha uma Feira lá, a gente vendia muito nessa Feira. E foi extinta né? Porque diz que os moradores de lá, as pessoas que trabalhava lá fazia muito barulho, e a Feirinha começava na sexta feira e ia até o domingo a tarde. Era muito bom. E participar de Feiras, eu participei em quase todos os Estados. Brasília, Campo Grande, Rio Grande do Sul, Porto Alegre. Um monte de Estado por aí a fora eu participei. Natal, Maceió. Em vários Estados. Era uma época muito boa. Mas depois quando veio esse problema de mudanças assim, D. Ignês disse que ficou preocupada porque achava que ela até podia ser mandada embora né? Porque ela não tava exercendo a profissão dela legalmente, ela é professora. Aí foi nessa época que eu deixei a Cooperativa. Tinha uma menina também, chamada Lúcia. Lúcia e Chico. E eles trabalhavam na UNO. Era um órgão do governo, eu acho que sim, porque eles davam muita assistência a gente como o, como é meu Deus do céu? Esqueci o nome. Acho que é CEAGRO, esqueci. Eu me desviei de muita coisa, e o mais cruel é que to

com labirinto, e o labirinto faz esquecer de muitas coisas. Eu me lembro de coisas que aconteceram quando eu era criança. E agora, depois de adulta eu esqueci de muitas coisas. Mas tinha muitas pessoas no Pró-Rural. Sabe menina, o bordado de Passira, acho que D. Ignês já contou pra você, era uma coisa precária né? Quando iniciou, mas aí com, não sei se em 86, eu até esqueci, Dr. Edelço Gomes, prefeito de Passira, ele teve dois mandatos, na gestão ele, ele deu um empenho, ele desempenhou muito. E ele como era uma pessoa muito boa, muito boa mesmo, muito conhecida. Foi uma pena Dr. Edelço ter morrido, meu amigão. Foi esse ano que Dr. Edelço morreu? Foi, foi. Eu nem fui lá, Deus me livre, uma tristeza muito grande. E daí, ele se empenhou mesmo. Deu o sangue mesmo pra botar pra frente. E Passira, o bordado deu um impulso muito grande. Porque as mulheres né? Além de ser agricultoras, a gente tirava um tempinho pra bordar. Mas agora, depois, a gente tinha cursos e o Pró Rural e outros órgãos do Estado enviavam pra nós, e a gente participava, que vinha gente, vinha professores pra aperfeiçoar o bordado. E as meninas que bordavam na Cooperativa bordavam muito bem. Mas agora, o bordado de Passira não vale nada não. Tá horrível. Primeiramente, o tecido não é mais linho, é um tecido grosseiro, não tem nem um por cento de linho não tem. Ele tem viscose e outro produto lá. E nós, a gente comprava na, numa Fábrica de linho que tinha ali em Camaragibe. Era... Vocês tão fazendo eu me lembrar de muita coisa hein? Era a... Ali em Camaragibe, não tem a praça que vai pra Aldeia? Era ali. A gente comprou muito tecido ali, os tecidos eram bons. E outra coisa também, o pessoal, não se, nunca mais eu fui em, deixa eu lembrar viu? Na SUDENE, o povo da SUDENE ajudava muito. A gente ia uma vez por mês vender, a gente vendia muito lá também. E fez muita amizade, eu tenho muita amizade lá em Recife, através do bordado. A gente fez muita amizade, e foi uma época muito boa.

12:36

“Eu sei que eu me sentia muito bem ajudando as pessoas, eu me sinto muito bem ajudando as pessoas. E depois que eu saí da Cooperativa eu fiz um curso, um curso não, eu participei de um concurso em Passira e trabalhei como agente de saúde porque eu era muito comunicativa. Aí foi muito bom também. Mas eu tenho saudade do bordado. Eu [ainda] bordo, mas eu gosto mais de costurar. Costurar é o meu forte. O bordado, a gente ficou a frente lá da Cooperativa, foi muito bom que a gente ajudou muitas pessoas. As pessoas se, conseguindo também muitas terras, muita ajuda, principalmente do Estado.

D. Madalena Arraes, ela deu muita ajuda a gente de Passira. Ele [Miguel Arraes] dava o ônibus da casa civil pra gente ir pra, a gentia participar das Feiras, a gente não ia de avião, a gente ia no ônibus da casa civil, que nos levava, não eu, mas outros artesãos, artesãos de todo o Pernambuco! As meninas da cruzada, não sei mais se tem a cruzada de ação social, que muitas meninas lá, não sei se D. Ignês te falou, que muitas meninas ajudaram a gente demais, demais da conta. Era uma coisa muito legal! D. Ignês fez muitas amizades também, eu andava muito com ela, em Recife, mas a gente tinha muitas pessoas que, por conta de Dr. Edelço, que Dr. Edelço era o forte, nos ajudou muito.”

“A Brás Pérola. A Brás Pérola, lá em Camaragibe, que a gente comprava linha lá. Parece que ela não tá mais funcionando né? Mas esse tecido que tá aí, que o pessoal faz bordado não é bom mais não. Muitas vezes eu fui vender em Recife, as meninas dizia ‘Mas Dia, tu é parada.’ Eu disse ‘Por quê?’ ‘Porque você...’ As meninas pegava o tecido bordado, bem feito pra caramba e o tecido não era muito bom. Não é linho. Isso é um tecido que tem muito pouco de linho. Esse que tão usando agora, não tem linho de jeito nenhum. Antigamente tinha, que era o ‘carambeí’, um tecido de linho, muito bom. A gente só trabalhava com ele na Cooperativa.”

“Outra pessoa também que trabalhou com a gente lá em Passira é a, como é meu Deus? Me esqueci o nome das meninas todinhas. Só lembro quando eu vejo as meninas.”

“Eu morava num povoado ali em baixo [quando era presidente da COMIB]. Eu morava lá. Só que quando meus meninos foram crescendo, pra eles estudarem era muito difícil. E era uma lama triste pra chegar lá na minha casa, eu morava lá em baixo, perto do açude. Aí o meu esposo comprou esse chão aqui e construiu essa casa e eu achei melhor porque aqui era bom pra pegar transporte, pros meninos estudarem. E eu passei muito apuro porque quando eles estava estudando, quando eu morava lá perto do rio, quando chovia que o rio enchia, os meninos ficava do lado de cá. Era aquela agonia toda, eu só faltava morrer de preocupação. Mas o carro da Cooperativa vinha nos buscar todos os dias, não só eu, porque tinha outras pessoas que trabalhavam, tinha lavadeira, tinha menina que passava ferro. Era uma estrutura muito boa da Cooperativa.”

“D. Ignês deve ter [fotos]. A Cooperativa funcionava onde é agora o shopping do bordado. Mas eu não sei mais, também não me interessou mais, pra procurar saber todas aquelas coisas, aqueles arquivos que a gente tinha. Quem tomou conta? Aonde que botaram? Aonde que colocaram? Eu não sei. Depois lá ficou funcionando outras coisas

lá, na época da ex-prefeita, Aparecida Laurentino. A ex-prefeita você odeia conversar com ela, ela podia dá, contar algumas histórias pra ti. Inclusive a mãe dela fazia [renda] renascença.”

SOBRE OS ARQUIVOS DA COMIB

“[Ceça, que foi secretária da COMIB] tem não. Você conversa com a Alda, ela pode te dizer. Porque Ceça saiu de lá, não levou documento nenhum. Os arquivos ficaram tudo lá. Ceça, Aldegunda [Alda] e Mauricéia ficaram tomando conta e também tinha umas meninas que ficaram trabalhando, fazendo uns serviços lá. E depois abandonaram tudo e acabou tudo.”

“Mas, eu acredito que Alda [tenha algum material]. Inclusive Aldegunda é uma bordadeira finíssima.”

“A gente tinha um Box lá na Casa da Cultura. [O Plano Collor veio pra dá uma queda, mas quem ficou foi quem afundou o restinho]”

“Inclusive a Cooperativa tinha carro e tudo, e com aquele sufoco todinho, o motorista da Cooperativa nos colocou na Justiça do Trabalho, mas ele tinha carteira assinada, tudo, que D. Ignês, não sei se era pela Cooperativa. O Ivanlido trabalhava, era motorista da COMIB, mas a COMIB que assinou a Carteira dele, só tinha ele de funcionário e a Ceça, mas a prefeitura também nos ajudava muito que tinha vários funcionários da prefeitura que trabalhava lá. Dora Ventura, Luiza, Margarida, Severina, duas Severinas, Severina branca, Severina morena. E tinha também e tinha também a Lúcia, Maria Lúcia e Vera. Uns trabalhavam no período da manhã, e outros no período da tarde. Muita ajuda, muita ajuda mesmo da prefeitura. Dr. Edelço, tudo que ele podia fazer pela Cooperativa ele fazia. D. Madalena encomendava [toalhas pro Palácio] a gente fazia. D. Madalena Arraes. E também a esposa de Carlos Wilson que teve uma época que Carlos Wilson era o vice de Dr. Arraes. Ele foi governador também né?”

“Ele [Edelço] se empenhou mesmo de corpo e alma e ajudava muito. E ele participava muito, até amostra do bordado ele levava [o bordado], fazia uma propaganda mesmo. Depois que a ex-prefeita, Aparecida Laurentino, ela não dava a importância que Dr. Edelço dava. Ajudava, mas de uma certa maneira, não era igual.”

“E ficou pra lá [A Cooperativa]. Em 92 eu saí de lá. Já faz 22 anos né? Aí a menina

Lúcia, essa que você conversou com ela, ela veio aqui, queria formar Associação, disse ‘Vamos D. Dia?’ Eu disse ‘Minha filha, eu não quero não, eu não tenho mais paciência pra isso’”

16:23

“Além do bordado, a gente aperfeiçoou muito com macramê, crochê, muitas coisas. A gente fez cursos e tudo mais. Renascença. Vinha um pessoal [de Recife] e nos dava aula. E também tinha a escolinha de arte na rua do cupim. Eu acho que ainda tem lá em Recife, ali no Espinheiro. Eles também podem dar informação pra ti do bordado de Passira porque a gente fez muita exposição lá.”

SOBRE O COMEÇO DA PRÁTICA DO BORDAR TER SIDO EM LIMOEIRO COM A COOPARMIL

“Aqui mesmo em Candeais, o povoado aqui em baixo, tinha muitas bordadeiras da COOPARMIL. Inclusive eles saíram de lá que era uma coisa bacana mesmo, só você vendo, cresceu muito. Mas filha, eu vou te dizer uma coisa: O bordado em si é muito bonito, tem pessoas que são apaixonadas pelo bordado, mas tem pessoas que não gosta não, porque hoje em dia a maioria das mulheres trabalham, deixa a casa na mão de secretárias e outras pessoas que trabalha né, como doméstica. Aí não dá o devido cuidado que o bordado requer. Aí as meninas pararam de bordar.”

“Em Passira tem pessoas idosas que podem falar também do bordado. A COOPARMIL, em Limoeiro, eles entravam. E também tinha pessoas de Recife que trazia o tecido com a linha, já riscado e as meninas bordavam também”

“Eu acho que o pessoal da época da prefeita, de Cida Laurentino, é que deve saber alguma coisa, onde é que tá os documentos, as coisas todas da Cooperativa.

12:06

Ficha Baseada no PROJECTO: Kit de Recolha de Patrimônio Imaterial Instituto dos Museus e da Conservação – Departamento de Patrimônio Imaterial – 1.ª edição, Maio de 2011

Ficha de Entrevista – Uma história sobre o bordado em Passira-PE.

Local da entrevista: Residência da Entrevistada

Data: 26/09/2014

Entrevistador: Isabella Karim Morais Ferreira de

Ficha N°: 05

Vasconcelos.					
Duração: 23 min.		Hora: 15h35min.			
01. DADOS PESSOAIS					
01.1 - Nome completo do entrevistado (a): Aldegunda Medeiros Duarte.					
01.2 - Data de nascimento: 27-02-1965					
01.3 - Natural de: Passira-PE					
01.4 - Local de residência: Av. Sebastião Nery de Almeida, 159 – Alto Sta. Inês – Passira-PE					
01.5 - E-mail:	aldegundaduarte@bol.com.br				
01.6 - Telefone(s)	(81)3651 – 1167	(81)9782 - 0555			
01.7 - Escolaridade: Superior Completo					
01.8 - Informações adicionais:					
01.9 - Profissão: Professora.					
01.10 - Relação da pessoa com a atividade do Bordado: Foi uma das responsáveis pela COMIB.					
01.11 - Imagens referentes à entrevista					
A		B			
Legenda:		Legenda:			
02 - Informações sobre Recursos de Mídia:					
02.1 - Tipos de Registro ou Gravação:					
Áudio	A	Vídeo	B	Caderno de Campo	C
Nº: 05	X	Nº:		Páginas Nº:	
02.2 - Transcrição da Entrevista:					
Total		A	Parcial		B

			X
<p>Transcrição da Entrevista:</p> <p>“Ele era muito amigo de Arraes, ligado a Arraes. E Arraes voltou pra ser governo não foi? Arraes foi eleito e Edelço foi eleito como prefeito de Passira. Era a guerra do coronelismo e Edelço foi, conseguiu candidatar-se e ganhou. E Edelço muito amigo, contato com Arraes, e Arraes governador do Estado. Eu sei que Arraes veio pra Passira, numa das visitas que Arraes fez com Edelço pro lado, o Sítio foi Candeais.”</p> <p>“Arraes via muitas mulheres sentada na calçada com um tecido, fazendo algo. E muita criança também de lado. Aí Arraes ficou curioso, aí perguntou a Edelço o que era que aquelas mulher tava fazendo. Aí Edelço disse ‘Elas tão bordando’. Aí ele foi e deu a ideia de cadastrar essas bordadeiras e criar a Cooperativa e realmente foi criada a Cooperativa.”</p> <p>“Aí eu sei que a gente saiu a pé na época, até a noite eu ia pra Candeais, Poço do Pau, Cutias que era outro Sítio que tem aqui perto, a dez minutos. E foi feito o cadastramento dessas bordadeiras e foi criada a Cooperativa. A partir disso aí o bordado foi expandido. Começou o interesse das pessoas de produzir. A Cooperativa tinha uma seleção de bordadeira que hoje não chega mais da qualidade que era. Era bordado bem feito de fazer gosto. O linho bom. Que o linho hoje não é mais o mesmo. A linha era a linha da ciclo, corrente, que era a qualidade de bordado. A qualidade da mão de obra. E houve muito aperfeiçoamento. Vinha o SEBRAE. Eu me lembro que eu dei um curso em Cutias, como riscar bordado, como riscar o matame, como deixar, vamos dizer assim, tudo do tamanho certo”</p> <p>“[eu] bordava. Mas eu fui pra Cooperativa na época porque Edelço foi e me chamou. Mas eu trabalhei com Fátima Lopes que começou como diretora e depois, por muito tempo, foi que passou pra D. Ignês, mas quem começou na frente da Cooperativa foi Fátima Lopes. Fátima [mora aqui] ela é secretária de saúde atualmente. Ela já trabalhou em Paulista e Recife. Ela era psicóloga, aí Edelço foi e aproveitou o ramo dela, não é? Aí foi quando D. Ignês entrou, D. Dia era líder também. Aí foi feito um grupo de bordadeiras, selecionou as bordadeiras e vendeu muito bordado. E pra completar, o sucesso de Passira começou disso aí. E hoje Passira é conhecida no exterior, passou a ter a Feira do Bordado. As primeiras Feira começou na escola onde eu trabalho hoje. Onde</p>			

eu estudei, a escola é muito grande, fica ali no Alto da Esperança, que é a Maurina. Aí tinha muito espaço, era uma festividade, era banda, era cultura até do nordeste como Mocinha da Passira, Edelço gostava de embolada e vinha tudo, era a maior festa. Aí depois veio pra garagem aí em baixo. Aí nisso começou a expandir o bordado, as mulheres começaram a interessar, aí depois foi quebrando aquele preconceito que homem não ajudava né? Hoje tem homem que lava, homem tem homem que engoma, homem que até emenda. Aí, foi a família se desenvolvendo. Se você hoje, eu digo que eu provo, Tem uma família mesmo, que é a família de Dora Costa. Um família que é uma mini empresa, são empresários do bordado, no ramo infantil, cada coisa linda, bordado manual, roupinha de bebê. Mas também foram diversificando, né? Elas tanto bordam umas camisetas, como também passou a bordar na roupinha de malha, porque a malha entrou né.”

“Aí expandiu mesmo. E eu sei que tanta família hoje, essa família mesmo, que se especializou que se dedicou, Dora entregou o trabalho na escola, Cida, filha, entregou e dedicaram-se ao ramo do bordado e hoje são empresárias. Hoje até importar, importa. Se tiver um pedido, tanto do sul, se alguém disser pra mandar pros Estados Unidos, eles mandam, através de pessoas que eles vendem. E outra coisa, houve totalmente uma transformação de pessoas da agricultura que foi se desenvolvendo. Oxe, tem casas belíssimas, construção de casa, casa bonita, toda organizada, carro, tudo! E foi devido ao bordado. Eu mesma digo, quando eu me afastei da Cooperativa, eu bordava blusa, mamãe gostava de bordar blusa, eu vendi tanta blusa, vendi muita blusa. Tinha na sexta feira de ir lá pra Recife. Era uma Feira que tinha toda sexta feira. Ali no Cordeiro, toda sexta feira, a turma sai três horas da manhã, passava a sexta feira, chegávamos de sete hora da noite, oito horas e muita gente vendendo. E hoje muita gente faz seus bordados, vende aqui. Aqui tem já, aqui tem três galerias, fora as casas porque tem as lojinhas. Depois também se expandiu pra Pesqueira. Ampliar né? Porque sempre o SEBRAE, foi dando a ampliação, por exemplo, se tem a Renascença, pode aplicar a Renascença no linho.

“Quem desenvolveu Passira, quem deu um passo grande foi o bordado. Não tem pra onde correr, tem não. Hoje eu sei que pessoas com máquina, costurando, marido ajudando. Eu tenho mesmo uma colega que começou na Cooperativa, a mãe dela, Carminha, mora até aqui nesse alto. Oxe, hoje tem sua casa, seu carro e é bordando, o

marido deixou de trabalhar como pedreiro e ajudando a mulher até a engomar e embalar. É a mulher costurando, a filha engomando, ela é professora e ajuda a mãe também, quando não tá na aula, e o marido deixou o serviço em Recife e ajuda a embalar. E quando é na segunda feira, tem a Feira de Caruaru né? Já tá levando as encomendas e a mulher já tá lá esperando.”

SOBRE O BORDADO ATUALMENTE

“Não continua a mesma qualidade. A mesma qualidade caiu. São raro as pessoas que bordam bem. A qualidade do linho caiu. O linho que vinha de primeiro, o linho você fazia uma roupa, linho bonito, linho bom, linho macio. A linha, era linha da corrente. Hoje tá se bordando com uma linha de peça, que não é uma qualidade que é assim, que dá um bordado bonito devido a qualidade da linha. Ela é mais grosseira. Porque a linha corrente encareceu muito e o linho caiu. Primeiramente fechou-se a fábrica que fazia uma cambraia chamada ‘cambraia zebelha’. Essa fábrica fechou. Essa fábrica fechou, pra mim essa fábrica ficava ali na chegada de Camaragibe. Ali perto do Tacaruna não tinha uma fábrica também de tecido não tinha? Fabricava tecidos bons, de linho, aí sumiu. Ei sei que hoje, o pessoal tá indo comprar ali no Ceará, tem pessoas aqui de Passira mesmo vão pro Ceará comprar linho e revende. Não é a mesma qualidade. Mas ninguém deixa de vender, não deixou de vender e continua produzindo. E viajam. A maioria, tem gente que vai pra Caruaru, vai pra Natal, vai pra o Ceará vender. Tem muitos mesmo e o marido pega o carro, enche de bordado e vai. Porto de Galinhas. Aqui no Estado de Pernambuco todo e a Feira continua acontecendo né? Todo ano. Hoje eu não sei, você não diz que não tá dentro de Passira, na Feira, você não diz que está. Tu nunca tivesse a oportunidade de ver não né? Visse a estrutura? Aquela estrutura mudou muito e quando a gente anda dentro da Feira nem parece que a gente tá dentro da cidade né? O SEBRAE tem toda uma estrutura muito bonita, uma verdadeira festa.”

“Eu tenho que procurar pra você [o ano que a COMIB acabou]. Eu vou, eu tenho que procurar algum documento que tinha muito documento. Não sei se encontra na Prefeitura, se deram fim. Eu sei que fotografias ainda da pra encontrar, tanto a da Feira na escola acontecendo e a Feira aqui, quando era na garagem da prefeitura. As primeiras Feiras. E o símbolo da Cooperativa eu ainda encontro. Tem uma colega minha que guardou porque o desenho da Cooperativa quem fez foi eu. Eu tinha uma certa habilidade de desenhar, aí eu sei que deram a ideia né? Queriam o quê no símbolo da

COMIB? Queria era a Serra da Passira. Aí era a Serrinha da Passira e o nome COMIB. Eu fiz esse desenho na própria Cooperativa. A Cooperativa ela foi derrubada. Era uma escola rural antiga. Era duas salas. O prédio antigo, da época era aula do primário. Aí dali foi feito a sede da Cooperativa. Aí depois quando foi no ano agora de 2008, o prefeito entrou, aí derrubou a antiga escola rural, que é agora tá o shopping do bordado. Era ali. E o símbolo dela era a serrinha e era verde, e o nome assim COMIB. Bordava-se muitas vezes. Eu me lembro que a Globo, agora faz muitos anos, eu me lembro que faz uns 25 anos que a Globo fez uma encomenda muito grande de tolhas de linho com os guardanapos o símbolo da Globo. Me lembro como se fosse hoje, peças e mais peças de linho sendo cortadas. A Globo, em Recife, fez. Eles queriam presentear, era presente. Se você conversar com D. Ignês, ela vai lembrar. Foi pedido até ajuda, teve umas bordadeiras extra porque a encomenda era muito grande. Aí depois a Cooperativa foi caindo, caindo, aí eu saí. Eu comecei com Fátima, no cadastramento, mas eu era professora, foi a época que eu fiz o vestibular, isso em 85, 84. Fiz o bendito vestibular e fui chamada pra segunda chamada. Aí nisso eu fui chamada pra dar aula. Eu tinha terminado o magistério e fui pra universidade. Aí eu saí. Aí retornei pra Cooperativa quando ela tava na crise, mas daí cada um se dividiu. E começaram a fazer seus próprios negócios, eu sei que hoje tem meio mundo de micros empresários do bordado. Você vai ver no centro da cidade lojas e mais lojas.”

“Eu vou lhe ajudar. Eu vou ter que ir na prefeitura, eu vou localizar, eu tinha, mas eu deixei na escola na época que eu era professora, porque o rapaz que é meu diretor hoje, ele foi Secretário de Educação, e na época Lula fez um histórico de Passira. Na época ele se interessou e ele fez um histórico todo da cidade, envolvendo todas as organizações de cultura, agropecuária, agricultura, bordado, religiões, igreja, tudo. Aí eu sei que a gente tinha esse histórico. Depois que começaram a refazer o histórico, aí tem aquela questão, saí prefeito, entra prefeito, um começa uma coisa, o outro por não valorizar corta não é? Mas em um histórico. E foto tem. Faz uns dias, eu tava, e acredito que foi na secretaria de educação, que tem um álbum, aí quando eu olho, tá lá a fotografia da gente na Cooperativa, fotografia das Feiras, no mercado, na antiga garagem, eu chega fiquei assim. Agora eu tenho que ir atrás viu?”

“D. Ignês é muito de guardar, ela é muito de guardar papel. E essa minha amiga, ela guardou o desenho que eu fiz, ela guardou porque é assim. Eu sou evangélica, eu sou

evangélica e na época esse pastor veio de Recife, ele morava em Maranguape, ele era seminarista e veio pra aqui e aqui ele foi empossado pastor, e aqui ele trabalhou na igreja oito anos. E ele era aquele pastor de área social era aquela pessoa que partiu para o campo, Sitio Tamanduá, e lá o pessoal tinha casa de taipa, caindo e ele era aquela pessoa que juntava o pessoal da localidade, o pessoal da cidade, fazia mutirão.

17:42

“Assim, antes de organizar a Cooperativa, vinha um casal de Recife chamado Seu Adalberto e D. Cremilda. Esse senhor já é falecido. Não sei se D. Cremilda é viva. Aí, eu não sei como foi que esse casal descobriu que aqui bordava, eu sei que mamãe era bordadeira deles, eu era criança. Eu me lembro que a gente pegava o bordado, era na linha se seda, as pimentinhas todas, a gente fazia primeiro, enchia a pimenta com a linha, a linha especial e por cima cobria com linha de seda. Um linho bom menina, que fazia gosto. Oxe quando eu saí de Pedra Tapada e vim morar aqui, eu ajudava mamãe, e essas mulheres bordavam, e essa mulher, ‘Ela vinha na sexta né mamãe? Mamãe! D. Cremilda vinha na sexta de cinco horas da manhã não era?’. Eu sei que essa mulher vinha, já parava ali em Ribeiro do Mel, que tem outra mulher ali que liderava também no bordado, mulher de Romeu, e ela parava nessa casa e as mulheres iam pra lá. Tinha a casa né? Referência. E me lembro que de cinco horas essa mulher já chagava de Recife, já parava nas casas, encontrava com as mulheres, pegava as peças prontas, pagava e dava novas peças, aí começou assim. Assim, tinha outras pessoas que bordavam aqui né? Mas bordavam mais pra família, casamento. Antigamente as mães preparavam os enxovais nera? Eu sei que essa mulher vinha. Era D. Cremilda, eu me lembro que eu ajudei muito a minha mãe toalha de pimenta godê, toda na pimenta.”

“Tinha uma pessoa também que pode te ajudar, não sei se ela vai ajudar em informação, mas você quer mais Cooperativa né? A Cooparmil. Os bordados delas tem outra linha, mas também é uma linha semelhante, e elas tem uma seleção de bordadeiras muito boa viu? Qualidade no bordado.”

“Tem muita gente. Tinha uma irmã mesmo, uma advogada, não sei se D. Ignês falou, que tinha uma mulher que bordava divinamente. Infelizmente essa qualidade caiu muito. Depois ei te mostro a linha hoje que borda, pra tu ver a qualidade do linho, é um linho crespo, não tem aquele acabamento bonito. Se tu vier e passar por aqui, mamãe mesmo

bordou pra o casamento da minha irmã toda na linha circulo. A gente chega vê a diferença do de hoje, o linho, a linha, o acabamento, o brilho, não é mais o mesmo. Agora as meninas que confeccionam roupa de bebê, é muito bem feito. Elas selecionaram, pra você ter uma ideia, elas tiveram assim o cuidado de pegar essas bordadeiras, selecionar e te percentual pra pagar, pra tudo, entendesse? Elas serem exclusiva, aí torna uma qualidade superior, muito bonito. Eu mesmo quando vejo as coisinhas de bebê, eu fico encantada.”

05:33

Ficha Baseada no PROJECTO: Kit de Recolha de Patrimônio Imaterial Instituto dos Museus e da Conservação – Departamento de Patrimônio Imaterial – 1.ª edição, Maio de 2011

Ficha de Entrevista – Uma história sobre o bordado em Passira-PE.	
Local da entrevista: Residência e Loja da Entrevistada	Data: 22/11/2014
Entrevistador: Isabella Karim Morais Ferreira de Vasconcelos.	Ficha N°: 06
Duração: 30 min.	Hora: 11h10min.
01. DADOS PESSOAIS	
01.1 - Nome completo do entrevistado (a): Josefa Francisca da Cruz (Ester Glória)	
01.2 - Data de nascimento: 05 – 09 – 1943	
01.3 - Natural de: Passira-PE	
01.4 - Local de residência: R. da Matriz, 218 – Centro – Passira-PE	
01.5 - E-mail:	esthergloria@hotmail.com
01.6 - Telefone(s)	(81) 3651 – 1093
01.7 - Escolaridade: Ensino Fundamental	
01.8 - Informações adicionais:	
01.9 - Profissão: Aposentada e “Produtora” /Bordadeira	

01.10 - Relação da pessoa com a atividade do Bordado:					
01.11 - Imagens referentes à entrevista					
A			B		
Legenda:			Legenda:		
02 - Informações sobre Recursos de Mídia:					
02.1 - Tipos de Registro ou Gravação:					
Áudio	A	Vídeo	B	Caderno de Campo	C
Nº: 06	X	Nº:		Paginas Nº:	
02.2 - Transcrição da Entrevista:					
Total		A	Parcial		B
					X

Transcrição da Entrevista:

“Faz mais de 30 anos que eu trabalho com bordado. E trabalhava para os outros demais. Eu aprendi assim, só olhando uma amiga minha bordar que quando eu vi ela bordando assim, eu me interessei ao trabalho, aí ela foi bordando eu fui aprendendo olhando. Dali, quando eu cheguei em casa, já botei uma linha na agulha e digo ‘Vou tentar’. Aí já fui, não fiz tão bom, mas fui continuando e depois o meu trabalho, o meu bordado era afamado aqui na cidade. Todo mundo queria que eu bordasse pra pessoa. Aí, olhe, todo mundo queria que eu bordasse, aí eu digo meu trabalho é tão bom, tão bem feito, eu trabalhar para os outros pra depois ganhar tão pouco. Eu digo, vou fazer pra mim. Aí fui fazendo em pano de saco pra bordar, pra pano de prato todo mundo se interessa né? Aí só sei que graças a Deus hoje eu bordo esses trabalhos meu, pra São Paulo, pra Brasília, João Pessoa. Pra São Paulo eu tenho duas freguesas, que todo ano elas me manda. Tenho em Brasília, que agora mesmo pouco eu botei pra elas muitas toalhas. Quando elas pedem, elas pedem de cem pra lá, cada uma sabe. Graças a Deus hoje eu faço o meu mesmo. Tem as meninas que trabalham pra mim, porque eu sozinha não faço tudo isso. Agora mesmo tem umas seis que trabalha pra mim. Somente seis porque tá um tempo muito fraco, muito. Eu também tive problema de coluna, aí deixei mais um pouco.”

“Eu me sinto bem fazendo meus trabalhos, me sinto bem quando eu to trabalhando. Agora, quando eu to parada, quando eu to com uma crise de coluna, eu fiquei parada, fiquei doidona, sabe? Porque o medico disse ‘Você não trabalha mais em nada, é pra um repouso total’. Enquanto eu tava tomando remédio, mas fiquei desinquieta demais, gosto de trabalhar e bordar.”

“Eu crio o meu bordado, minhas toalhas aqui. É eu, a noite, pego o papel de risco e vou fazendo ali, vou fazendo a criatividade, vou criando ali sabe? Quando eu olho, tá lindo. Agora, só que quando eu preparo e boto aí, aí vem as meninas de lá e fica tudo assim sabe, às vezes manda comprar uma toalhinha pra comprar o meu risco! Mas não me incomoda não que o sol nasceu para todos, e a sombra pra quem merece né? Mas é assim mesmo.”

“Eu estou feliz com o nosso trabalho, sabe? Agora dizendo que precisa de divulgação, não tem essa história que a galinha bota o ovo, faz uma algazarra, bota o ovo pequeno, ela grita bem muito e aí todo mundo sabe que a galinha pôs ali, e a pata se lasca todinha

com um ovo desse tamanho e fica calada, não tem saída. Não tem a história, o rádio não fala isso né? Aí diz ‘Divulgue seu trabalho porque a galinha bota um ovo bem pequenininho, ela grita, e todo mundo gosta do ovo da galinha. A pata, bota o ovo grande, mas fica caladinha, ninguém dá valor.’ Por isso que eu digo, é divulgação que precisamos, é divulgação tudo nesse mundo.”

“Eu nunca fiz [parte de nenhuma Cooperativa] não. Eu não faço parte de lá não, porque eu sou assim, eu gosto mais de tá dentro da minha casa, porque a casa é minha, o que eu fizer pouquinho, eu não gosto muito de associação não porque só gosto, só sou acostumada na minha casa, trabalho na minha casa, o que eu botar na minha casa, se eu vender tá bom, se eu não vender também to em casa. Lá na associação, aí tem muita gente, se um vender mais, aí fica um aperrado. Então eu gosto da minha casa. Se eu vender, tudo bem. Se eu não vender, baixo a porta, feliz e confortável. Tá bom também. Agradecer ao Senhor, quando eu abro a minha porta eu agradeço ao Senhor, entrego tudo nas mãos Dele. Quando eu vou fechar, mesmo que eu não tenha vendido uma toalhinha, eu digo ‘Obrigada meu Deus por esse dia que eu não vendi, mas também não perdi!’. Isso é que é importante, é agradecer a Deus.”

07:52

“Tá longe minhas toalhas. Porque eles vem de fim de ano, eu não entendo a fala deles, aí vem as pessoas que falam, os intérpretes que falam, aí levaram pra lá. Ela tem um atelier lá, levou minhas toalhas que eu fiquei sem nadinha. Fiquei assim ó, esperando que chegasse mais. E depois, ela mandou, ela enviou uma foto, ela tirou uma foto. Ela enviou uma foto de lá pra mim, rapaz. Tem uns envelope muito diferente, sabe? Aí veio pra aqui. Ela me mostrou o atelier dela, e as minhas tolhas todinha.”

“É porque quando a gente trabalha com amor. Trabalhou com amor, isso é o seu estudo, seus negócios, é uma roupa que você veste, é tudo.”

SOBRE O BORDADO PARA ELA E PARA A CIDADE.

“Minha filha, ele representa muita coisa pra mim, que me ajuda bastante e o povo gosta. Representa muita coisa porque eu ganho os meus dinheiro com ele, pra sobreviver também porque hoje em dia, eu sou aposentada, mas uma aposentadoria não dá pra uma pessoa viver, setecentos e vinte e quatro reais não dá, ajuda, mas não dá pra uma dona

de casa cumprir com os deveres dela. Não dá. Aí tem que se movimentar, tem que trabalhar, tem que fazer uma coisa, fazer outra, para sobreviver, para não tá enganando ninguém, entendeu como é, para não tá passando necessidade. Que eu sou dessas pessoas, que eu nem gosto de passar necessidade, e nem gosto de enganar ninguém. Então o quê? Trabalhar, né? Nunca é tarde pra gente trabalhar. Agora se a pessoa tiver doente, tiver impossibilitada, aí é outra história, mas podendo trabalhar, não tem idade. Vou fazer setenta e dois anos, e graças a Deus. Daí é que eu tenho vontade de trabalhar, tenho vontade de apresentar o meu trabalho as pessoas, fico feliz quando as pessoas gostam do meu trabalho. Representa a minha cidade lá fora minha fia, é. Eu mando pra São Paulo, vem os turistas de lá.”

“É porque eu não posso fazer muita toalha, isso gasta muito dinheiro pra gente fazer, sabe? Aí quando a pessoa me pede quinhentas toalhas, eu não posso mandar. A não ser que aquela pessoa me dê uma parte do dinheiro entendesse, né? Porque eu tenho que comprar o tecido, pagar as menina dieritinho, porque graças a Deus eu não fico devendo a nenhuma sabe?É muita coisa minha filha, a gente tem que comprar linha, linha é caro, tudo, a mão de obra todinha é cara demais. Mas graças a Deus eu to feliz com o meu trabalho. Você vê, você não tá aqui? Todo mundo não vê? Todo mundo não gosta do meu trabalho?”

“Ainda agora teve um deputado aqui, aquele Aglailsson Júnior, todo ano ele vem, compra toalha, quando compra ele só compra de muita, das bordadas, das pintadas, tudinho, sabe como é? Já é freguês meu, disse que a mulher adora quando vai as toalhas daqui, tanto bordada, como pintada.”

04:39

SOBRE COMO COMEÇOU O SEU NEGÓCIO

“Vou fazer uma experiência. Aí eu comprei dois sacos, fiz quatro toalhas. Quando eu risquei, que eu fiz tudinho assim, antes de lavar e passar, aí chegou uma senhora e disse ‘Que coisa linda! Ô minha filha quanto é?’. Eu não tinha nem experiência, disse assim tanto, aí ela disse ‘É minha!’. Olha, aí me encomendou dez, dez toalhas, faça que eu venho buscar. Aí eu comprei cinco saco né?Que um dá duas. Aí ela foi gostando e foi vendendo pra lá. Aí eu sei que eu fui fazendo assim, depois ela me pegava de vinte, de trinta, entendeu? Mas aí foi melhorando e eu fui aumentando a minha compra. Hoje eu

compro mil saco, né? Duas mil toalhas, agora eu não faço diretamente duas mil toalhas porque do saco, eu tiro essa barrinha aqui ó. Vamos dizer que dá umas mil e setecentas toalhas, por aí. Porque vamos dizer que trezentas eu corto pra fazer as barras. Mas graças a Deus tudo dá certo, quando a gente trabalha com amor. Você estude com amor que você aprende as coisas rápido.”

“Eu trabalhei uma vez na prefeitura, veja só. Eu nem me lembro mais o ano, eu sei que quando meu pai morreu eu fiquei meio assim. Aí uma amiga foi e arrumou um trabalho na prefeitura pra mim. Muito amiga, o prefeito era gente da família dela, aí arrumaram um trabalhinho lá, sem ser carteira assinada. Nesse tempo era [prefeito] Francisquinho Heráclio. Aí eu trabalhei no poder dele assim uns tempos, não foi os quatro anos. Depois entrou o Dr. Edelço. Aí eu trabalhei no período de Seu Francisquinho pra Edelço Gomes. No tempo de seu Edelço eu digo ‘Vou parar’. Sabe por que? Porque nenhum um dia eu saí de casa feliz. Sem amor ao meu trabalho, entendeu como é? Eu não me senti a feliz, mas tava a situação meio difícil pra mim, eu tinha que enfrentar. Quando precisa tem que fazer aquilo ali sem querer. Eu já fazia uns bordadinho em casa, umas coisas, pouquinho. Essa história de eu trabalhar para os outros não dá pra mim não. E ser mandado, um chegava e mandava, outro chegava e mandava, eu me sentia muito pequena ali. Tem uns que pede com amor. Tinha uma diretora que era um anjo bom. Ainda hoje quando eu vejo ela, eu troco um abraço com felicidade. Eu podia trabalhar o dia todinho e não me enjoava de trabalhar porque ela pedia com amor: ‘Ester você pode fazer isso aqui pra mim?’. D. Creuza Felix. Mas depois dela, tinha pessoas que, não tem pessoas que gosta de, é do mesmo nível da gente assim e quer mandar não tem? Se acha superior? Se acha forte? Não tem minha filha? Isso é em todo canto.”

04:07

“ Eu sei que eu levantei a cabeça, quando foi um dia, ‘eu vou entregar esse trabalho’. Com condições ou sem condições, mas o meu Deus é forte. Aí desci, o prefeito morava logo aqui nessa rua, aí eu fui a primeira vez, cheguei lá e falei com a mulher dele, com Cícera, que era muito conhecida da gente assim, sabe? Aí eu digo ‘Cícera, seu Edelço tá?’ ‘Tá não Ester, ele viajou, foi pra Recife’ ‘Que hora ele chega?’ ‘Só vai chegar aqui lá pras 8 horas da noite.’ Amanhã eu venho aqui e falo com ele. Fui no outro dia, ele não tava, eita semana pra ele não tá. Quando foi um dia eu fui e ele tava, aí eu disse a ele que tava entrando [o cargo], ‘Houve alguma coisa Ester? Algum desentendimento já que

você ficou triste com o trabalho?’ Eu digo ‘Não houve nada. Tudo maravilhoso e bom graças a Deus seu Edelço. É porque o que eu ganho não dá para eu viver desse trabalho e eu tenho que trabalhar em outras coisas, aí fica ruim pra mim trabalhar em dois.’ Aí ele ainda me deu quatro meses de recesso, disse ‘você vai receber tudinho’. Eu disse ‘graças a Deus, tá bom demais.’ Aí me desliguei de lá, passei pra trabalhar pra mim. Isso é que é maravilhoso. Trabalhar com amor, porque quando você trabalha com amor, você consegue. Olhe, tudo nesse mundo se não tiver amor, não vai pra frente.”

03:28

“Era duas, três mulheres bordando ali, sabe? Um bordado sem vida. Agora seu Edelço quando entrou no poder, ele botou o bordado pra cima, veio empréstimo do Banco do Nordeste veio praqui, muitas pessoas, eu não tirei. Olhe, de linho, máquina, linha, toda matéria prima que se precisa no bordado veio pra Passira. Agora quem foi a cabeça disso tudo foi seu Edelço. Tirou as bordadeiras daquele sufoco que vivia ganhando uma mixaria de um e de outro, então ele estabeleceu o bordado pra todo mundo, linho pra todo mundo, linho, linha, toda matéria prima veio pelo Banco do Nordeste. Seu Edelço liberou assim pro povo tirar dinheiro do Banco, ele quem foi lá e deu o crédito às bordadeiras. Criou essa Feira do Bordado, que é uma pena porque cada ano tá caindo mais, cada prefeito que entra não tem o entusiasmo, não tem o amor. Eu não falei no amor, né? Não tem o amor, se deu, deu, se não deu, tá aí né? Mas não minha filha, tem que ter amor, porque seu Edelço fez a primeira Feira, de lá pra cá não era pra tá um engradecimento? Tá uma Feira de vir até aqui na porta da minha casa. Não passa daqui. Cada ano caindo. As bordadeiras só falta morrer de trabalhar porque vem a Feira, vem a Feira, quando é no dia da Feira as pobrezinha tá aí acabada porque cadê o turista? Vai vender ao povo de Passira vai? Eu vou vender esses panos de prato ao povo de Passira? Tem que ter o turista na cidade pra comprar, pra engrandecer aquelas meninas com o dinheiro para elas comprarem mais e fazendo mais, fazendo mais. Mas não. Eu acho que isso aí é um pouco interesse do prefeito. Eu gosto do prefeito, votei nele, não to discriminando ele nem nada, mas isso aí o frenteiro é ele pra ajudar as bordadeiras que são tudo artesanão, são pessoas franquinhas. Compra na loja pra pagar amanhã depois da Feira. E se a Feira não der? Vai fazer o que? Ficar devendo? Olhe a questão. Você pensa que vai levar pra Rádio Jornal? Não, Limoeiro tá falando no bordado. Um rapaz disse. Eu disse a ele ‘Cadê tua divulgação?’ Tem que passar no NETV. No tempo do Seu

Edelço passava até no jornal da noite, como é? No jornal da noite? Passava no nacional e passava no da tarde, o Jornal Hoje. No NETV, no tempo de Miguel botou também. Mas não é uma vez só não. Todo ano não tem a Feira? Bote, lembre ao povo. Sabe, quando bota uma divulgação na televisão, no NETV que todo mundo da cidade vê né? Vê o povo de fora. Quem é que não assiste o NETV? Um repórter, quem é que não vê? O Jornal Nacional, tudinho. Mas quando passa aquilo ali, a Feira. Não teve a divulgação? Aí pra gente até o natal é maravilhoso porque o povo fica vindo. Se lembra e vem. Procura de toalha. Aquele que não veio hoje [na Feira] viu pela televisão aí essa semana, pra semana, vem atrás de bordado, toalha, uma coisa, passadeira, o povo vem. Mas se não tem divulgação, quem tá lembrando? A história da galinha. Precisa de amor, o prefeito ter amor pela cidade, pelas bordadeiras. Quando é pra ganhar, abre a boca e diz tanta da coisa nesse mundo, as bordadeiras ficam assim ‘Ai meu Deus que coisa tão boa vai ser pra gente’ Aí quando ela vai lá, que assinou, tchau.”

SOBRE O MONUMENTO ÀS BORDADEIRAS.

“Achei uma estátua muito feia. Eu achei que era pa ser uma estátua muito bonita, ser bem alta ela. Eu disse ‘Essa estátua parece que foi feita lá em Tracunhaném, porque a marca da cara dela é feia demais’ Por que não procuraram assim uma fisionomia mais bonita pra ser uma bordadeira, botaram uma triste, acabrunhada num canto. Eu achei feia demais! Botava num lugar mais alto, sabe? Botava ela num lugar que chagasse e visse logo. A gente não vê uma estátuas tão bonitas, não vê? Procurava uma moça mais bonita, uma bordadeira mais bonitinha, tirava uma foto dela e dizia ‘Vê se tu dá um jeito aí’. Mas pegar uma triste e feia, acabou com as bordadeiras de Passira!”

05:50

“Que botasse ela num pedestal mais altinho assim, e que ela tivesse assim, uma carinha mais bonitinha, mas ali acabou com as bordadeiras. Com aquela cara de tristeza, se acabando. Tem que botar um retrato de uma bordadeira ali com entusiasmo, bonita! E mostrando assim o trabalho dela. Botaram acabrunhada lá no canto assim, parece que sei não. Mas é assim mesmo.”

00:34

Ficha Baseada no PROJECTO: Kit de Recolha de Patrimônio Imaterial Instituto dos Museus e da Conservação – Departamento de Patrimônio Imaterial – 1.ª edição, Maio de 2011

Ficha de Entrevista – Uma história sobre o bordado em Passira-PE.					
Local da entrevista: Estande da 28º Feira do Bordado Manual				Data: 23/11/2014	
Entrevistador: Isabella Karim Morais Ferreira de Vasconcelos.				Ficha N°: 07	
Duração: 10 min				Hora: 8hs10min.	
01. DADOS PESSOAIS					
01.1 - Nome completo do entrevistado (a): Givaldo França da Silva					
01.2 - Data de nascimento: 25-02-1989					
01.3 - Natural de: Passira-PE					
01.4 - Local de residência:					
01.5 - E-mail:		aldegundaduarte@bol.com.br			
01.6 - Telefone(s)		(81) 9638 - 6167			
01.7 - Escolaridade: 2º Grau completo					
01.8 - Informações adicionais:					
01.9 - Profissão: Empresário do bordado, Cabeleireiro, Professor					
01.10 - Relação da pessoa com a atividade do Bordado:					
01.11 - Imagens referentes à entrevista					
A			B		
Legenda:			Legenda:		
02 - Informações sobre Recursos de Mídia:					
02.1 - Tipos de Registro ou Gravação:					
Áudio	A	Vídeo	B	Caderno de Campo	C
N°: 05	X	N°:		Páginas N°:	
02.2 - Transcrição da Entrevista:					
Total		A	Parcial		B

			X
Transcrição da Entrevista:			
<p>“Comecei [a bordar] há 10 anos, foi muita dificuldade pra eu consegui, assim, bordando escondido da família, pra família não saber, não descobrir, mas é como se diz, eu gosto da arte do bordado, eu acho muito bom, muito importante. Eu acho assim, um artesanato muito lindo porque só você enxergar assim e ver, riscar um bordado e você fazer, transformar, já é muita coisa.”</p> <p>“Eu que escolho, tem os que eu desenho, eu que risco, eu que costuro, tudo eu que faço. Uma criatividade minha né? É uma coisa assim como esses pontos de renda, de crochê, que é bem diferente. Aí tudo é coisas, assim, que a gente tira de dentro né? Vai buscar lá dentro, tira de dentro pra fora.”</p> <p>“Eu tinha 15 anos [quando comecei a bordar], escondido, por mode minha mãe, que ela não queria que eu fizesse que ela achava que era uma coisa de outro mundo. Aí fui fazendo, bordando escondido, era uma dificuldade tão grande. Bordava assim, dentro do quarto, escondido, foi uma luta! Aí eu disse a ela ‘Mainha eu sei fazer, eu gosto, e pronto.’ Aí ela deixou e hoje trabalho pra mim, ganho meu dinheiro, gosto. Então eu to com duas lojas aqui na Feira e sempre vendo assim, recebo encomenda quando as pessoas querem e eu nunca vou deixar do bordado, eu gosto.”</p> <p>“Tenho meu salão, entrego os bordados a outras pessoas também pra me ajudar a bordar porque eu sozinho, eu não consigo. Aí assim, através dos meus bordados, consegui comprar meu terreno, fiz meu salão, hoje sou cabeleireiro e também mexo com artesanato.”</p> <p>“Representa sim, uma arte muito diferente, uma coisa muito diferente, porque assim, você preencher uma toalha de mesa, toda na mão com pontos por pontos. Então eu acho assim que é uma arte muita bonita, mas muita gente não valoriza por essa ser tão trabalhosa, dá tanto trabalho, você tem o trabalho de riscar, bordar, engomar, e quando a gente vai vender o povo só querem barato, baratinho. Então eu acho assim que o bordado merecia mais valor, merecia ser mais valorizado. Eu acho assim, que vale bem mais [do que as pessoas querem pagar], mas diz ‘Tá muito caro, abaixa.’ Eu digo ‘Meu amor isso é à mão, é diferente de máquina.’ Máquina é máquina. Imagine uma mão pra</p>			

bordar isso aqui tudinho, o tempo que leva. Chegou uma senhora aqui ontem, ela disse ‘Gigi você passou quantos meses bordando essa toalha?’ [Respondi] ‘Minha linda, eu passei seis meses bordando, pra vender por R\$ 300,00’ Veja, três meses sentadinha, sem se levantar, sem se mexer e só trezentos.”

“Tem umas pessoas que bordam pra mim. Eu tenho 10 bordadeiras. Que elas bordam pra mim, aí assim, elas vão fazendo e eu depois vou dando o acabamento, vou pincelando, vou costurando, lavando, engomando. Pinto, costuro, bordo, arrumo cabelo, ensino curso pelo Senac de cabeleireiro, mexo com tudo! É eu e bom bril, mil e uma utilidades. O salão tá parado porque não teve festa, to ganhando aqui. Aí final de ano, volto pro salão porque dezembro, todo mundo quer arrumar os cabelos, tudinho, aí já ganho lá e paro um pouquinho o bordado. Aí janeiro já é fraco no salão, já to ensinando pelo SENAC, já to ganhando. Aí nunca fico sem meu trocadinho. Eu gosto, gosto muito de lutar pela vida, batalhar, me esforçar, pra gente assim não depender dos outros, a gente ser assim, dona do seu próprio negócio né? E dizer assim ‘Hoje vou abrir, é meu, sou dona, tenho responsabilidade com as minhas coisas. Então assim, tudinho dá tempo, divido cada coisinha na semana. Dá tempo de bordar, dá tempo de costurar, dá tempo de lavar, dá tempo de pintar, dá tempo de arrumar os cabelos, ensinar e me divertir também. Nem por isso eu vou deixar de me divertir. Os domingos eu tiro pra mim, não mexo, não trabalho, não arrumo cabelo, nem faço bordado, domingo é meu, de tirar os estresses, ir pra um evento, ir pra uma festa, ir pra uma praça. Então assim, durante a semana, trabalho com bordado, e final de semana também me divirto. Não porque bordo vou ficar aquela pessoa isolada, só bordando não. Mas arte do bordado pra mim, é um sucesso. Eu gosto muito.”

“Nasci e me criei [em Passira]. Faço parte da associação de cooperativa, da cooperativa.”

“Sofro [discriminação]. Muita gente quando vê a gente bordando né? Assim, na calçada, a gente tá bordando, aí muita gente diz assim ‘Homem bordando?’ Acha que é coisa do outro mundo né? Então assim, mas eu não ligo, porque a gente tem que descosturar o preconceito. Então mesmo eu bordando, quando eu olho eu to descosturando o preconceito, nem por isso eu vou abaixar a cabeça. Agora é que eu vou fazer. Jamais eu vou deixar, de jeito nenhum! Cidade pequena, aí quando o povo vê, menina, homem bordando, coisa do outro mundo! Já diz logo isso. Só que é como se diz, eu não ligo,

faço a minha parte, gosto, e assim, chega tenho orgulho quando eu termino, que vejo tudo prontinho, tudo engomadinho, tudo lavadinho. As minhas freguesas tudo assim, me procurando, tendo aquele amor, aquele carinho de comprar, de levar minhas mercadorias que vai pra tão longe, minhas peças. Então assim, eu fico muito feliz por saber.”

“Me vejo como mulher. Assim, é tão tal que meu nome é Gilvaldo, mas gosto que todo mundo me chame de Gigi, porque fica um nome mais afeminado, e assim, me vejo mais como mulher. Por ser tão trabalhadeira, tão lutadeira pela vida, né? Assim, eu gosto muito, então eu me vejo mais pelo lado feminino. Há dez anos que eu me assumi, tudinho, não ligo para o preconceito, piso em cima de tudo, porque trabalho, não dependo assim, de ninguém. Não ligo, piso em cima, sou dependente de mim, tenho minha casa, tenho meu trabalho, posso fazer minha feira, comprar minhas coisas, então por que eu vou dá ouvidos a ninguém? Jamais. É como se diz, gostou, vai ter que gostar de mim como eu sou. A gente tem que respeitar as opções de cada um. Se gosta, se acha bom, então isso aí é opção. Não é obrigado a gostar, querer, amar, mas respeitar né? O direito de cada um.”

09:56

Ficha Baseada no PROJECTO: Kit de Recolha de Patrimônio Imaterial Instituto dos Museus e da Conservação – Departamento de Patrimônio Imaterial – 1.ª edição, Maio de 2011

Ficha de Entrevista – Uma história sobre o bordado em Passira-PE.	
Local da entrevista: Casa da entrevistada	Data: 23/11/2014
Entrevistador: Isabella Karim Morais Ferreira de Vasconcelos.	Ficha N°: 08
Duração: 20 min.	Hora: 09h45min.
01. DADOS PESSOAIS	
01.1 - Nome completo do entrevistado (a): Maria Aparecida Laurentino da Silva.	
01.2 - Data de nascimento: 26 de julho de 1955	
01.3 - Natural de: Passira-PE	
01.4 - Local de residência: R. Dr. Barbosa Lima, 101- Centro - Passira-PE	

01.5 - E-mail:					
01.6 - Telefone(s)		(81) 99648 - 9359			
01.7 - Escolaridade: Magistério.					
01.8 - Informações adicionais:					
01.9 - Profissão: Secretária de Políticas Públicas para a Mulher, em Passira.					
01.10 - Relação da pessoa com a atividade do Bordado: Foi prefeita da cidade de Passira entre 1997 e 2000, e durante a sua gestão o bordado teria sido elevado a categoria de Patrimônio Cultural da cidade.					
01.11 - Imagens referentes à entrevista					
A			B		
Legenda:			Legenda:		
02 - Informações sobre Recursos de Mídia:					
02.1 - Tipos de Registro ou Gravação:					
Áudio	A	Vídeo	B	Caderno de Campo	C
Nº: 08	X	Nº:		Paginas Nº:	
02.2 - Transcrição da Entrevista:					
Total			A	Parcial	
				B	
				X	

Transcrição da Entrevista:

“Quando o bordado foi buscado pra Passira. Porque na realidade o bordado o bordado manual não foi criado em Passira. Ele foi criado numa cidade aqui bem próxima, [chamada] Salgadinho pelas freiras. Umhas freiras americanas, italianas, não sei a origem delas, que vieram para Salgadinho e começaram a desenvolver esse trabalho lá. Só que Salgadinho era uma vila e Passira já era cidade. O prefeito Edelço na época inteligentíssimo junto com D. Ignês e demais figurantes do momento, daquela época, buscaram, pegaram e se pegaram mesmo, com força. Aí veio a ideia da primeira Feira do Bordado Manual, que foi aonde era o matadouro, o açougue público que era aqui bem no centro da cidade. E era com esteiras as divisórias, era uma coisa muito simplesinha, mas que era a coisa do momento, a coisa mais bonita do mundo né? E daí foi surgindo, e foi começando e foi todo mundo foi, eu fui aprendendo a bordar, minha mãe foi me ensinando, eu tinha 10 anos. Estudei, paguei meus estudos de 2º grau bordando. Estudava em Limoeiro naquela época porque aqui a gente não tinha um 2º grau, tinha que ir pra Limoeiro. Então, quer dizer que a renda per capita de Passira passou a ser não só a agricultura, que é um potencial fortíssimo, mas o bordado hoje é quem também faz parte desse, dessa renda per capita né? Então foi seguindo. Edelço fez as deles, cinco anos, que na época de Edelço foram 6 anos de mandato, mas já começou no segundo ou no terceiro mandato a Feira, a ideia da Feira, e depois foi Antonio Ronaldo, que foi meu esposo. Aí deu continuidade com festividades, atrações, movimentos, incrementou mais né? Aí depois, veio Edelço novamente, aí não quis ficar por trás, mas também não acompanhava o ritmo mental de espiritualidade festiva de meu marido. Depois disso tudo meu marido vai e falece. Teve um infarto fulminante em 94. Faleceu e faltava ainda dois anos pra eleição para prefeito e o povo começou a dizer ‘Não Cida, tu agora vai ficar no lugar de Antônio’ Eu dizia ‘Ai meu Deus. Daqui a dois meses o povo nem se lembra que Antonio existiu’. Mas não foi assim. A história foi crescendo, meu nome foi crescendo, eu não tinha dinheiro, eu não tinha um carro, eu só tinha meus dois filhos. Nem dinheiro pra fazer feira eu tinha. Tem que dizer a realidade né? Então o povo era meu nome. Era cartaz, era cartolina. Não era nem cartaz, era uma cartolina ‘Cida 96, Cida 96’. Aí chegava aquelas pessoas pra desestimular ‘Você não tem nada. Como é que você vai ser candidata a prefeita sem nada?’ Aí, eu sou meio esquentada sabe? Aí eu digo tem nada não. Eu subo num tamborete, boto meus dois filhos de um lado e peço o voto do povo. E digo que não tenho dinheiro e que to

precisando do voto. Quem puder me ajudar, naquele momento eu to precisando do voto, não to precisando de dinheiro, nem de carro, nem de nada, depois que a gente ganhar, aí eu vou ver o que é que faço pelo povo. Mas aí eu tinha um deputado, Nilson Gibson na época, que era uma pessoa que não foi um deputado, foi um pai, me arranhou um carro, me deu uma certa condição financeira, não vou dizer que foi rios de dinheiro, mas [deu] pra eu fazer a feira, pelo menos. E os aposentados de Passira, os velhinhos, chegavam aos sábados na minha casa, um dava cinco reais, outra dava dez, outro dava treze, outro dava dois [dizia] ‘Compra o pão, compra um açúcar, compra uma manteiga, pra dá ao povo’. Minha campanha primeira foi feita assim. E eu nunca tinha falado em público. Na hora d’eu falar, eu dizia ‘Eu só queria que o carro virasse. Eu só queria que faltasse energia. Eu queria que o carro de som se quebrasse’. Da fobia que eu tinha de falar em público. Mas aí eu tinha que enfrentar, era tudo ou nada. E aí foi. Mas aí na minha cabeça vinha sempre a melhoria do nosso bordado. A melhoria do nosso bordado para que o povo não passasse, muitas mulheres, muitas moças, não passassem o que eu passei. Eu ainda tenho isso até hoje dentro de mim. Eu luto muito por isso. Fui prefeita, lutei e continuo lutando. Nós temos selo de bordado, nós temos tudo organizado. Só que você sabe que nesse país da gente as coisas são tudo devagar quando se trata do lado pobre. Quando é do lado Petrobras aí melhora muito. Mas quando é lado agricultor, bordadeira. Nós temos pra mais de oito mil bordadeiras, não vendedoras, bordadeiras porque as vendedoras são atravessadoras, nós bordamos pra elas porque nós não temos a matéria prima suficiente, também não teríamos mercado suficiente pra tanta mercadoria né? Se cada bordadeira que nós temos em Passira bordasse por mês cem peças, a gente ia ter quantas mil peças por mês? Não é assim que a coisa anda. Mas eu gostaria, gostaria não, eu quero muito, luto junto. Nosso prefeito de agora também, é uma preocupação grande dele de criar uma cooperativa, de juntar as associações femininas. Sou secretaria da mulher hoje, em Passira, aí a gente tá ajudando a Secretaria da Mulher pra gente dá uma incrementada, ele já tem material, já tá organizando mais matéria prima pra gente organizar as associações, pra gente criar uma cooperativa, pra gente criar uma ONG de customização, de um bucado de cursos que a gente quer dá pra melhorar, pra incrementar mais ainda a nossa cidade e o nosso produto. E a história da gente foi assim.”

07:20

“Tem muito tipo de violência que a mulher pode sentir. A econômica. Porque às vezes a

mulher chega na minha secretaria e faz assim ‘Meu marido me bateu, veja como eu estou. Eu to toda roxa.’ Eu digo ‘Vamos fazer um boletim de ocorrência, vou prender ele.’ Aí ela faz ‘Mas se ele for preso D. Cida, quem vai dar comida aos meus filhos? Quem vai pagar o aluguel? Pra onde eu vou?’ Tá entendendo? Nós ainda não somos dentro do estado, país e município, vamos englobar, vamos globalizar ainda uma secretaria que o povo dá valor total por nós sermos sexo frágil. Por nós não lutarmos por nós mesmas. Porque se eu te vê bonita, eu digo que tá se arrumando porque tá com outro macho. A gente mulher é quem condena a outra. Vê se um homem quando passa na rua bonito, alguém diz que é um corno. Não diz não. Diz que fulano tá enricando, tá é roubando. Aí a gente tem esse tipo de violência. Aí o que a gente tenta fazer, é conversar com os dois, mostrando a eles que violência não é amor. Amor é carinho, é respeito, é troca, é sofrer junto, é rir junto, é se embriagar junto, e faz parte. Agora não, a gente da mata norte e sul temos mais violência porque os canavieiros vão pra cana, corta cana, quando chega na barraca, como eles chamam lá na zona canavieira, bebem o que podem, quando chegam em casa a mulher cobra, aí já vai pro pau né? Aqui não, a gente tem menos violência, mas temos. A gente aqui sofre muito com drogas. A droga tá acho que pior do que Recife. Porque às vezes em Recife o drogado é rico, aí a família tem condições de manter o vício, aqui, quando não tem, começa a vender o liquidificador, a frigideira, a caçarola, tira de casa pra vender pra vender pra trocar por droga. A gente tá com um caso de uma menina de 14 anos que cortou a mãe todinha por isso. Aí eu fui chamar ela pra fazer o curso de bordado. Eu to tentando resgatar o bordado, porque não sei se você percebeu, ou se não percebendo, eu percebo que eu não sou louca. Assim, tão costurando muito colcha estampada, com viés, com babado e não sei o quê, fugindo do padrão do bordado manual. Tá entendendo? E a nossa meta é melhorar o nosso bordado manual, criar novos riscos, novas formas, sair da máquina, voltar pra mão, a renascença, o macramê, o bilros, crochê, tá entendendo? Coisas manuais, realmente. Eu to lutando junto ao prefeito e é interesse dele, interesse também maior dele, ele como homem eu até, às vezes, o admiro demais nessa condição. Dele ser engajado, dele não ter a vergonha, porque tem homem que diz assim ‘Oxe, eu vou tá atrás de bordado nada.’ Ele não, ele vai numa boa. A Secretaria de Mulher do Estado de Políticas Públicas para a mulher do estado também nos dá um grande apoio. Tá entendendo? Tem Thaisa [Andrade], que é a nossa coordenadora aqui da região [do agreste setentrional], pessoa muito presente, a gente essa semana mesmo teve evento em comunidades quilombola. A

gente tá buscando. porque tem associação de toda qualidade, mas também tem racismo de toda qualidade, aí tem homens que bordam, aí dizem ‘É fresco’. Não é. Tem outro rapaz aqui que é casado, ele tá até com um estande aqui, Bil, um barbudo. Ele borda divinamente. Esse senhor que tem essa loja aqui, uma loja [chamada] Passira Móveis, bem grande, ele faz um crivo que mulher nenhuma faz. E nem por isso ele é gay, tem mais de duzentas mulheres, tá entendendo? É uma questão de terapia, é uma questão de, sei lá, sei nem explicar. Eu bordo. Eu comecei um bordado faz m ano, eu vou te mostrar o que eu fiz em um ano, agora isso é porque eu tenho preguiça, tá ali a caixa, eu comecei outro. Eu comecei faz um ano quase, aí a gente vai fazer todo colorido porque é coisa de cozinha, pra cozinha ficar alegre, a gente tem que tá comendo num ambiente feliz né? Mas aí eu já tava dizendo que vou na casa de uma menina pra ela vê se ela termina porque eu não vou terminar. É oito peça, agora que eu vou nessa [Rs.] e eu não tenho tempo. Agora que eu sei bordar, não tenho inveja de quem sabe bordar, agora eu sou lenta, adoro fazer mais coisa de bebê.”

SOBRE O BORDADO SER OU NÃO PATRIMÔNIO

“É Patrimônio, hoje é Patrimônio. Tornou-se patrimônio, tem selo, eu já trouxe um estilista, contratei caríssimo época, pra ele criar riscos diferentes, porque o bordado nosso é muito repetitivo. Muda cores, mas não muda o risco, não muda cor, não muda o risco, é a mesma coisa, aí na tua loja tem aquele mesmo jogo, com a cor verde, aí tem o mesmo risco com a cor amarela. E esse cara, ele queria bordar até vestido de noiva, aí depois a prefeitura tem as crises dela, aí eu infelizmente não tive condições de manter esse estilista aqui. E ele ficou muito triste, até depois disse ‘Eu vou abrir um ateliê meu, você permite?’ Eu disse ‘Não, porque aí você vai tá roubando o que é nosso. E deixo se você ingerir ele dentro de uma cooperativa nossa.’ Aí ele disse ‘Não, aí meu produto vai ficar de baixa qualidade.’ Aí eu disse ‘Então Passira não serve pra você.’ Mas a gente, junto com Severino Silvestre de Albuquerque, prefeito de Passira, a gente vai dá ênfase junto ao nosso bordado.”

“Existe [um documento por escrito que comprove o bordado como sendo patrimônio de Passira]. Agora eu não vou te dizer com segurança onde ele está porque era uma Secretaria que eu tinha criado especial na época e veio uma mulher chamada Rosário, de Recife. Aí esse secretário que acompanhava ela é quem tem todos esses dados. Eu me intero, você deixa seu email com Ceia, que eu não sei passar email não, tenho

computador, tenho tudo e não sei nada! Aí eu tenho meu menino na secretaria, eu tenho o email da secretaria, o da secretaria eu sei. Se você quiser anotar, qualquer coisa você entra em contato com Jandison, é um menino muito instruído também, hoje ele tá até fazendo um curso em Nazaré. E é uma pessoa maravilhosa. Entende muita coisa também de bordado, de secretarias. Jandison Mendes da Silva. Ele é uma pessoa maravilhosa, é gay, mas é ótimo, não sou homofóbica.”

11:13

“Quer manter patrimônio e quer fazer dele pontencial tanto ou quase melhor do que a produção de milho. Porque o milho aqui em Passira, ele é muito forte. A agricultura do milho. Milho, feijão, é muito forte aqui em Passira. Tanto é que 80% do abastecimento do Recife e do grande Recife é daqui, tá entendendo? Então a gente não vai dizer que vai, mas a gente, mulher, temos que nos dar as mãos e querer chegar, nem que seja, um ponto a mais.”

“Agora isso foi feito na câmara, tem o selo. Aí eu vou falar com rapaz. Hoje não, porque é domingo e ele é do sítio. Amanhã é feriado é feriado no município por conta da Feira o prefeito toda vez decreta e a gente acha é bom né? Quando for na terça feira eu converso com ele, você deixa seu email com Céia, eu pego com ela, certo? Ou peço até a ela mesmo pra repassar pra você. Tudo que tiver, eu repasso pra você.”

01:33

Ficha Baseada no PROJECTO: Kit de Recolha de Patrimônio Imaterial Instituto dos Museus e da Conservação – Departamento de Patrimônio Imaterial – 1.ª edição, Maio de 2011

Ficha de Entrevista – Uma história sobre o bordado em Passira-PE.

Local da entrevista: Loja do entrevistado	Data: 26/06/2015
Entrevistador: Isabella Karim Morais Ferreira de Vasconcelos	Ficha N°: 09
Duração: 33 min.	Hora: 14h.
01. DADOS PESSOAIS	
01.1 - Nome completo do entrevistado (a): Severino Nascimento da Silva	
01.2 - Data de nascimento: 24 de Janeiro de 1964	

01.3 - Natural de: Surubim-PE			
01.4 - Local de residência: R. Manoel Fortunato de Faria, 27, Alto Sta. Inês. Passira-PE			
01.5 - E-mail:			
01.6 - Telefone(s)	(81) 99648 – 9359		
01.7 - Escolaridade: Estudou pelo MOBREAL			
01.8 - Informações adicionais: Foi indicado para ser entrevistado pela entrevistada Maria Aparecida Laurentino da Silva.			
01.9 - Profissão: Agricultor			
01.10 - Relação da pessoa com a atividade do Bordado: Borda, pinta e comercializa roupas do polo de confecções do agreste.			
01.11 - Imagens referentes à entrevista			
A		B	
Legenda:		Legenda:	
02 - Informações sobre Recursos de Mídia:			
02.1 - Tipos de Registro ou Gravação:			
Áudio	A	Vídeo	B
Nº: 09	X	Nº:	Páginas Nº:
C		C	
02.2 - Transcrição da Entrevista:			
Total		A	Parcial
			B
			X

Transcrição da Entrevista:

“Olha, eu comecei a fazer bordado depois que eu me casei né? Aí a mulher que eu me casei trabalhava com bordado, aí eu me dediquei ao bordado. Tá com 23 anos [que eu comecei]. Foi desde [19]92. Ela incentivava um pouco e mesmo assim eu não tinha outra carreira pra seguir né? Eu vim, fui um cara que vim do sítio, assim, não tinha um trabalho suficiente para me manter, aí eu tinha que me dedicar aquilo ali, aquele trabalho dela pra ter o consumo de vida no futuro né? Do que a gente precisava na vida.”

“Não [comecei bordando]. Eu comecei a pintar em casa que ela tinha um atelier de bordado, de pintura. E aí ela fazia pintura e fazia bordado ao mesmo tempo. E com aquilo ali eu comecei a pintar, fazia toalhinha pintada, jogo de cozinha, colchas que as pessoas mandava pintar, achava bonito né? Com aquilo ali você vai fazendo alguma coisa de pequeno portezinho né? Daquilo ali você já se dedica a querer fazer uma coisa maior né? Aí depois, vem um trabalho de função do bordado, uma semana a gente vai trabalhar com pintura, pra semana a gente vai trabalhar com bordado porque tem que fazer um acabamento porque vai ter uma feira, vai ter uma entrega né? Aí a gente já muda de estilo sobre esse caso do trabalho que se tinha.”

“Como dono, só era eu e ela, mas a gente tinha duas meninas que trabalhava com a gente nessa época principalmente pintando. Bordando não. Bordando, a gente entregava as bordadeiras os bordados, elas levava pro sítio, e passava oito dias, quinze dias, quando aquele período de terminação do bordado, de acabamento. Quando chegava a gente ia fazer algum detalhe que terminava. Fazer um pincelado, fazer um crivo, fazer uma bainha, dá acabamento. Com isso a gente aprende porque a pequena coisa que falta no bordado é de que você vai se aprimorando aquele modelo daquele trabalho que tá tendo, que tenha tido acontecido, aí daquilo ali você vai aprendendo a fazer as coisas né? Foi de que eu aprendi e por onde eu aprendi, tá entendendo? Porque não tinha muito dedicação, você mora no sítio, é, limpa mato, corta terra, corta aveloz, fazer cerca, uma coisa e outra. Quando você volta pro canto, às vezes, você fica com coisas que você diz ‘vou ter de jogar aquele outro lá fora e cuidar do que eu to com ele aqui bem pertinho’.”

SOBRE A PREFERÊNCIA POR PINTAR OU BORDAR

“Olha, na realidade os dois são muito [pausa] Você precisa ter uma boa dedicação, mas todos dois é uma coisa bem, uma atividade muito boa visse? Uma atividade que você se

concentra, às vezes você tá só, aquilo ali faz com que você se distraia, então você tá cuidando daquilo ali, dando um acabamento, cuidando de alguma coisa. É uma jogada muito esportiva. Porque daquilo ali você vai tá trabalhando, tá se dedicando aquele trabalho, e você tendo um rendo no futuro, você vai vender, vai ganhar um pouquinho de dinheiro pra você construir sua vida.”

O QUE É MELHOR: TRABALHAR NO SÍTIO OU COM BORDADO?

“Olha, o comércio hoje ele tá em primeiro lugar, até porque você pra viver no sítio, você tem de ter uma boa terra, tem de ter uma irrigação, pra você ter um giro de movimento bastante elevado. E o comércio não. O comércio você vai se dedicar a ele, você fazer a matéria-prima, se você não fazer, você vai comprar e vai desenvolver aquele comércio, vai vender, trabalhar pra ter uma boa venda pra você substituir outras coisas melhor, o estoque. Hoje o comércio está em primeiro lugar na realidade. Um pequeno comércio faz você fazer um comércio grande. Faz você fazer uma construção, você compra um carro novo, você compra uma moto, você tem qualquer coisa de rendimento, de giro né? Isso tudo faz parte da vida da pessoa né?”

“A gente bota um roçado, aí já tem que esperar noventa dias, que aquela lavoura tenha aquele procedimento de crescer; cai a chuva pra você ter lucro, e daí vai ter colheita e tudo mais e tal. Ou seja, o preço é razoável não é aquele preço que você espera. No comércio não. No comércio você compra isso aqui por dez, aí você vai vender por doze, e você sabe o que você tá ganhando. O problema é você ter o giro de vendas, e ter cliente, ter um canto no comércio, ter gente né? O comércio hoje, tamos numa fase difícil porque tamos numa crise grande aí né? Mas tamos esperando que aconteça o melhor porque a gente tá tendo o inverno e aí a gente vive numa cidade de interior, que a gente tem o movimento de muita gente do sítio, aposentado, aquele povo que tira o bolsa família, isso aí tudo gira dinheiro né? E nessa parte aí a gente tem a venda da gente. [As pessoas quem vem de fora] compra também.”

“Tenho, tenho [orgulho de morar aqui]. Eu gosto de Passira. Passira é uma cidade calma, não tem muito problema de, dificuldade assim, de bandidagem. Porque em todo canto tem né? Essas cidade de interior, cidade pequena que nem Passira, ou qualquer outra cidade, que nem Salgadinho, Cumaru, cidade pequena que tem menos bandido, ladrão. Isso aí Passira não tem muito esse tipo de coisa não. Dá pra viver. Passira é bom.

Eu gostei de Passira. [Sou] de Surubim. Minha família mora no sítio lá, mas eu tenho família que mora na rua também. Mas eu nasci lá no município de Surubim. Eu vim praqui eu tinha 29 anos, aí conheci ela [sua esposa], aí deu certo, casemos. Aí eu vim morar aqui. Até porque a terra do meu pai era pouca, era 8 hectares. Aí eu tinha outro irmão casado, e fez uma casa lá no sítio, aí ficava impressado. Tinha meu pai que criava, tinha meu irmão, aí eu disse ‘se eu fizer uma casa aqui, vai ficar como?’. Tem que se virar, você tem que caçar um plano pra viver a vida no futuro, porque a cada dia que passa você tá querendo crescer, ter alguma coisa a mais. Isso aí é muito satisfatório na vida da gente né? Aí eu peguei, arrumei, conheci essa menina aqui e me casei e vendi umas coisas que eu tinha, uns animal lá, um gado, e comprei uma casa. Aí eu vim morar em Passira. Ela já tinha o trabalho dela, aí se dedicou mais ainda né? Tamos seguindo, tamos tendo um trabalho bastante elevado. Tem um filho, ele estuda. Houve três [filhos]. Criou-se um e morreu dois. Ela teve problema na gravidez aí morreu duas crianças, mas é normal né? A vida da gente acontece isso.”

SOBRE SUA PROFISSÃO

“Eu to aqui [no bordado, pintura e como lojista] com 20 anos, mas meus documentos é tudo de agricultor, tá entendendo minha santa? Eu não tirei um documento assim, eu não tenho um carro, eu tenho uma moto. Quando eu possui carro lá em Surubim, meu pai me deu, eu tirei minha carteira. Todos os meus documentos foi tirado como agricultor. Você se dedica a uma coisa em um certo tempo, mas quando você começa sua vida através daquele crescimento da sua pessoa, na sua família, foi como agricultor.”

ONDE COMERCIALIZA O BORDADO

“Olha, eu não fui pra Fenearte, mas teve umas meninas aqui que pegou o bordado e levou pra Fenearte. A gente manda pra São Paulo, manda pro Rio, tem freguesia lá. Aí a gente vai aprontando as coisas, as encomendas, a gente vai fazendo e aí, quando termina aquele pedido que a pessoa faz, a gente pega e manda né? Sempre tem [essa freguesia]. Não é sempre ‘todo mês’, mas de seis em seis meses, aí a gente vai fazendo a encomenda. ‘Eu quero 100 passadeiras. Eu quero 100 toalhinhas de bordado. Eu quero 100 toalhas pintadas de boneca’. Aí a gente vai fazendo, aprontando, e deixando aquela mercadoria com aquela pessoa que pediu. Aí [dizem] mande a mercadoria que eu to com dinheiro. Hoje tem que tá ligado muito nessas coisas. Tem freguês lá que de seis em seis

meses a gente manda mercadoria pra eles.”

“Quando tem Feira de bordado, a gente já trabalha mais um pouco pra fazer um rendinho a mais né? Uma sobrasinha que tem no final do ano que a gente vê um dinheirinho a mais. Que tem aquela feira, tem os 3 dias de feira, aí chega bastante gente né? Conclui aqueles dias do ano na feira porque às vezes tem uma continha pra pagar, aí você vai, tem aquela feira dos 3 dias, aí você já faz aquela cobertura de conta, fica livre!”

“[A ultima feira] foi bom, graças a Deus, vendi bem. Foi ótima a feira. É aquele tipo da coisa, você não vende o esperado, mas dá pra superar. A gente não tem milhões de mercadoria, mas o que tem dá pra vender, dá pra descolar.”

SOBRRE SER HOMEM E BORDAR

“Não. Eu não tenho. Eu não tenho muito preconceito sobre isso até porque hoje cada um segue a vida que gosta né? Você ser um jornalista, ou ser um pintor, ou ser um, qualquer tipo de profissão, não tem nada a ver. É normal. Não tenho nenhum preconceito com nada não.”

“Até o próprio amigo assim, que convive com você, tira uma brincadeirinha. Levo na esportiva. Cada um siga a vida que gosta, acha que é o melhor pra si.”

“Eu tenho minha atividade. Eu fico aqui até 11 horas, vendendo uma coisa, uma roupa, que tem aquele movimento. [Essas roupas] eu compro em Caruaru, Santa Cruz, Toritama. E aí tem aquele povo do sítio que trabalha, que compra coisa, uma calça, uma camisa, uma blusa, uma bermuda, um vestido, um sutiã; e isso tudo você tá ganhando um pouquinho. No fim da semana, na segunda, você vai e faz outra comprinha, anota o que você vendeu, porque não pode comprar o que não vende. Você tem que ver o que você vendeu. Se você botar o que não vende, perde né? Fica sem ter giro. E quando é de noite vou pra casa, tomo meu banho, tomo meu café, tem um dominózinho com meus amigos lá até oito e meia da noite, nove horas, depois ir pra casa, assistir um pouquinho de televisão e vai dormir.”

E QUANDO ELE BORDA

“Olha, eu, esse mês eu não to fazendo nadinha não. Sempre eu trago pra aqui, faço

crivo, faço bainha. Só que essa semana eu não to fazendo nadinha não. Até porque a mulher terminou umas coisinhas lá, aí chegou sem acabamento né? Mas quando for pra semana eu vou ter que trazer um monte de passadeira pra aqui, pra fazer bainha, fazer crivo, essas coisas, dá acabamento.”

“[Faço além de bainha e crivo] ‘mesalti’, ponto cheio, tem ‘mesalti’, tem crivo, pimentas, rosa de botão, rosa de crivo. Aquilo [o bordado] não tem o que fazer não, aquilo é só você pegar e né?”

“Pintura eu já ensinei, que minha mulher ensinava aí, chegava perto das meninas e ‘me mostra aqui pra onde é que vai’ Mas bordado eu nunca ensinei não. Até porque em Passira não tem escola de bordado. É porque é tanta gente bordando, que pelos dias que você vai passando vendo aquilo ali, você aprende só com a vista assim e olhando o que é que o cara tá fazendo tá entendendo?”

“Tem escola de pintura, de fazer um quadro assim né, num estilo, qualquer outro tipo de pintura. Tem bastante escola aqui de pintura, mas de bordado não tem tu acredita? Porque o bordado ele vem numa dedicação muito grande do velho à criança. Vamos supor, eu to bordando aqui, eu tenho um filho com quatro, cinco anos, ele tá aqui sentado perto de mim, ele tá olhando ali. Ele fica sentado perto de mim e ele tá olhando o que é que eu to fazendo. Ali ele vai pegar uma agulha, se ele quiser. Uma filha, um filho já tá pegando na agulha. Pega uma agulha [e diz] ‘mainha bota uma linha aqui pra mim’. Acontece isso que eu já vi. Aí começa a botar a linha. Ali ele tá jogando a linha pro canto, pra outro, ele vai começar. No futuro ele vai pegar o que? ‘Bota um risco pra mim’ ou ‘Faça um risquinho pra eu, uma pimenta, um mesalti, um crivo’. Pelo aquilo ali, ele já vai se dedicar, ele tá vendo aquela atividade da mãe ou do pai, ou da tia, ou do sobrinho, qualquer uma pessoa. Por aquilo ali ele vai se dedicar, tá aprendendo, tá entendendo?”

“Desenho, faço risco com o carbono. Com uma folha, a gente desenha. Aí a gente pega o desenho, e bota aqui e passa o carbono em cima. Você faz o risco, fura ele todinho, aí pega o, compra anil, e passa em cima, bota em cima do risco. Bota o risco aqui em cima do pano e aí risca ele.”

“Inventa. Aquele ali foi minha esposa. Mas você querendo, você faz. Eu nunca fiz não,

desenhar assim, risco de bordado eu não fiz não. Eu faço sempre risco disso aí ó, de boneca, de uma flor, de desenho, de um cachinho de uva. Sempre a gente faz, porque procura fazer uma coisinha diferente e fazer um modelinho mais elevado pra ter vendas né?”

O BORDADO É UMA TRADIÇÃO AMEAÇADA?

“Pode acontecer isso, sabe por quê? O bordado de Passira ele não tá tendo coisas diferentes, tá entendendo? Um risco diferente saiu, tá um estouro, todo mundo tá comprando aquele modelo que saiu, que apresentou. Não tão criando, tão naquele desenho o tempo todo, repetido. Aí não tá tendo essas vendas satisfatórias de bordado, como se queria né? Porque o turista chega e [quer] novidade, uma coisa diferente, uma coisa bonita, que seja um estilo diferente do que já vem há muito tempo. Isso aí não tá tendo. A gente não tá tendo isso. Pode acontecer né [do bordado acabar], isso aí no futuro vão ter, a gente vai ter um desastre sobre isso no futuro do bordado. Porque não tão tendo uma atividade melhor. Era bom já ter tido isso porque Passira já tem quanto? 50 anos. Já completou 50 anos que a cidade de Passira existe no mapa do Brasil, de Pernambuco também e aí não tão criando o bordado. Pintura não. Pintura, você hoje, passa na televisão, você vê um atelier na televisão, em todo canto né? Aí você muda, você faz o que você quiser. A pintura sempre é muito criativa né? O bordado não, não vejo muita atividade no bordado não. Vende, porque tem aquele povo que ainda tem paixão pelo bordado né? O bordado feito à mão. Mas é uma pequena devastação no bordado, que tá acontecendo isso.”

31:08

SOBRE PASSIRA SER A TERRA DO BORDADO MANUAL

“Passira foi a primeira cidade que fez bordado dentro de Pernambuco foi Passira tá entendendo? Passira foi a cidade do Pernambuco que começou o bordado. Hoje tem bordado em Salgadinho, Limoeiro tem gente que faz bordado. Aliás, em várias cidades por aí, ao redor de Passira, eu acredito que hoje já faz bordado. Porque as pessoas se espalha né? Até no Recife hoje eu sei que tem gente que faz bordado porque saiu de Passira a criatividade, tu tá entendendo? Mas essa atividade de artesanato, surgiu de Passira. Bordado à máquina tem muito por aí, até porque aqui ainda não tem gente que

faça bordado em máquina não. Pode chegar a qualquer momento, porque lá fora tem, no Ceará né? Pode vir pra Passira, porque isso aí tá no mapa né? Que Passira é a terra do bordado manual. E na realidade de se tem outra cidade com o nome do bordado manual, mas Passira que criou isso aí.”

03:01

Ficha Baseada no PROJECTO: Kit de Recolha de Patrimônio Imaterial Instituto dos Museus e da Conservação – Departamento de Patrimônio Imaterial – 1.ª edição, Maio de 2011

Ficha de Entrevista – Uma história sobre o bordado em Passira-PE.

Local da entrevista: Loja da entrevistada		Data: 14/09/2015
Entrevistador: Isabella Karim Morais Ferreira de Vasconcelos.		Ficha N°: 10
Duração: 31min.		Hora: 14h40min.
01. DADOS PESSOAIS		
01.1 - Nome completo do entrevistado (a): Josefa Francisca Pereira da Silva		
01.2 - Data de nascimento: 25 de julho de 1958.		
01.3 - Natural de: Passira-PE		
01.4 - Local de residência: R. da Matriz, 167, Centro - Passira-PE		
01.5 - E-mail:		
01.6 - Telefone(s)	(81) 3651 – 1429	99655 – 5777
01.7 - Escolaridade: Ensino Superior Completo		
01.8 - Informações adicionais: Manifestou vontade de ser entrevistada na ocasião em que a mãe da autora comprava bordados em sua loja.		
01.9 - Profissão: Artesã.		
01.10 - Relação da pessoa com a atividade do Bordado: Borda desde os oito anos de idade, e mesmo que durante algum tempo, tenha bordado menos, nunca deixou a atividade.		
01.11 - Imagens referentes à entrevista		

A		B			
Legenda:		Legenda:			
02 - Informações sobre Recursos de Mídia:					
02.1 - Tipos de Registro ou Gravação:					
Áudio	A	Vídeo	B	Caderno de Campo	C
Nº: 09	X	Nº:		Páginas Nº:	
02.2 - Transcrição da Entrevista:					
Total		A	Parcial		B
					X

Transcrição da Entrevista:

“Antes de ser professora eu já era artesã. Eu me considero artesã, de verdade. Porque além de ser uma fonte de renda pra mim, é uma terapia.”

“Eu com 12 anos de idade, eu já pagava o aluguel da casa da minha mãe. Porque ela ficou viúva e aí ela bordava e eu com 8 anos eu já fui aprendendo a bordar com ela, e aos 12 anos eu já assumia a responsabilidade de casa com o bordado e assim eu continuei né? Depois eu me afastei um pouquinho por conta da sala de aula, mas nunca deixava de fazer minhas coisas em casa. E depois deu pra conciliar a escola e continuar com o bordado. Me aposentei e continuei. Agora eu ativei 100% o meu bordado que já vinha desde de criança.”

“[Esse comércio] é meu. Me considero [também uma empresária do bordado] porque eu fabrico minhas peças, tenho pessoas que fazem pra mim. As pessoas fazem pra mim, porque se você for fazer sozinha, você não vende. A gente precisa de terceiros pra ajudar a comercializar que a demanda, apesar da crise, a gente ainda tem uma demanda grande que não consegue vencer sozinha, tem que ter pessoas pra fazer pra gente.”

“São pessoas que trabalham pra mim, já tem um tempo que já borda pra mim. As associações elas bordam pra elas mesmo. [Já] participei [de associação] mas não participo mais porque na época que eu fiquei bem ativa na sala de aula eu me distanciei e quando eu voltei, eu preferi trabalhar pra mim sozinha. Não quer dizer que a associação não é bom. É bom, o trabalho da gente cresce mais, se expande mais. Mas hoje mesmo eu não estou em associação nenhuma. Tem coisa [na associação] que não é muito meu estilo. Muitas vezes a associação se torna um trabalho egoísta, cada um querendo puxar um pouquinho pra si, eu não gosto muito desse trabalho. É o tipo da coisa, são compromissos que assumem que, um assume, dois assumem e outro não assume aí prejudica você financeiramente, prejudica seu nome, aí não combina. Porque uma associação você tem que cumprir com suas responsabilidades direitinho, pra não sujar seu nome do comércio, nos bancos. Aí essas coisas é que não agradam. Aí pra evitar ter problema, eu me distanciei um pouco. Mas as associações são boas. Uma associação faz o bordado andar, faz o bordado crescer, desde que trabalhe com o mesmo objetivo.”

SOBRE SUA LOJA

“É bom. Existe época que você para um pouco. Pronto, a gente passou dois meses atrás bem fraco, agora está melhorando. Aí vem a Feira agora em novembro, que a gente tá trabalhando. Tudo que a gente faz é encima dessa Feira, porque vem pessoas até do exterior e a gente vende bem na Feira. Antigamente, dessa Feira eu não participava. Eu comecei a participar dessa gestão pra cá, eu ficava na minha loja né? E agora [eu tenho um Box dentro da Feira]. Porque agora, o pequeno artesão, ele tá tendo oportunidade. E antes, as oportunidades ia para o artesão que tivesse uma renda maior pra investir. E agora não. Nessa gestão, você que tem um capital menor, você tem oportunidade, que antes a gente não tinha. Aí a gente tá vendo dessa outra forma, que tá melhorando. Estou [otimista]. Eu mesma não tenho nada contras as Feiras porque é onde a gente passa a, supera a crise do ano todo nessa Feira de novembro. A gente consegue clientes, entendeu? Faz contato, entrega seu cartão, faz encomenda; a gente sugere levar lá, onde ele está, em Recife, em qualquer lugar a gente sugere. Enfim, é uma maneira de contato que você tem, que possa crescer as encomendas.”

“Quando a gente diz Passira, o povo diz ‘Ah, a Terra do Bordado, porque não trouxe alguma coisa?’

“Aqui você sabe né? Até os homens bordam. Tenho [um homem que borda pra mim] e por sinal ele foi até meu aluno. Hoje ele comercializa pra ele mesmo. Ele fazia cocha pra mim. O bordado dele era a coisa mais linda. Ele bordava pra mim, depois ele começou a bordar pra ele, e hoje ele tem o comercio dele. Ele é, como é que se diz, comerciante agora, né? Mas ele borda pra mim. E muitos homens bordam, e não deixa de ser homem né? Quando eu digo nos outros municípios, aí diz ‘Mas que nunca viu homem bordar?’, mas borda e não deixa de ser homem.”

“[Gigi] é esse que bordava pra mim. Ele borda uma perfeição. Ele era meu aluno na época; começou, eu encontrei ele com uma bolsinha, assim de lado, ele era muito meu amigo e muito participativo nas aulas. Eu brincando com ele, disse ‘Ele hoje veio de sacolinha’ aí ele disse assim ‘Professora não diga nada, isso é um bordado que eu to fazendo, quando eu saí daqui eu vou pra casa da minha colega que eu tenho que terminar isso hoje.’ Aí ele me mostrou, todo mundo saiu na aula vaga, aí ele me mostrou. Aí eu disse ‘borda pra mim, faz umas colchas pra mim’, aí ele disse ‘com certeza’. Mas as

colchas dele eu nem na loja colocava, já tinha a quem vender. Uma perfeição as coisas dele, um amor de pessoa. Ele tem um salão [de cabeleireiro], ele agora confecciona pra ele.”

SOBRE A TRADIÇÃO DO BORDADO MANUAL ACABAR

“Bem, já houve um período em que estava melhor. Depois o que aconteceu foi a desvalorização financeira. Porque eu acredito que é assim: As pessoas compram matéria-prima em cheque, aí quando chega aquele dia não tem o dinheiro completo, aí queima o bordado. Aí desvaloriza. Se você tem uma toalha que você vende por 60 reais, a toalha vale 60 reais, aí a colega do lado pra cobrir aquele cheque, ela vende por 40, 35. Quer dizer, perde o valor. Existe essa desvalorização. Mas se fosse uma coisa tabelada, era outra coisa. E também, uma época, eles tavam trazendo bordado do Ceará. Aí colocava o bordado do Ceará, misturava. Eu tive cliente semana passada, que chegou, aí perguntou ‘Não é na máquina não?’, eu disse ‘Não, eu não vendo bordado nenhum na máquina aqui. Porque Passira é a Terra do Bordado Manual’, aí ela disse ‘Porque eu levei uma peça, e não foi na mão, foi na máquina, eu não conhecia, cheguei lá minha filha conheceu.’ Quer dizer, existe essa desvalorização que o pequeno comerciante ele faz, porta a porta, às vezes, leva pra Recife. E tá precisando, chega lá em Recife e dá de graça, aí a gente se prejudica. Desvaloriza o trabalho da gente. Mas a proposta do Prefeito é dá uma guinada bem grande aqui no bordado e a gente tá esperando isso. Levantar o Centro de Bordado ali, fazer propaganda, trazer uma feira mês sim, mês não pra cá, pro município, trazendo os artesanatos de outros municípios, pra movimentar o bordado, só não pode trazer bordado, outro artesanato pode, desde que daí o bordado da gente seja visto, valorizado. Eu tenho esperança que melhor mais.”

“A Feira do ano passado não foi boa pra mim porque eu perdi a minha mãe no terceiro dia da Feira.”

“[Só família] trabalha. Eu tenho ajuda dela [minha filha], do meu outro filho, e da noiva do meu filho que também ajuda. Todos se envolvem. Eles se envolvem assim, na venda, embolsa: vamos supor, tá passando, aí eles já dobram e botam na bolsa, embala, vende, agora bordar mesmo, só eu que bordo. Minha filha nunca se interessou, mas ela me ajuda assim em outras partes né? Não no bordado.”

“[Hoje ainda] bordo. A noite, quando estou aqui [na loja]. De um mês e dez dias pra cá e fiz dezessete passadeiras, falta só retoques. Em casa, de noite, quando eu estou aqui, no sábado quando tem um tempinho eu faço. Porque se a gente for pagar tudo né? E eu não posso ficar sem bordar, porque eu posso estar com o maior problema do mundo, eu pego o bordado, eu esqueço. É uma terapia, às vezes você tá com a cabeça doendo, eu pego o bordado, daqui a pouco eu não sei pra onde foi a dor de cabeça. Tá no sangue né? Aí desde pequena a gente tem essa vidinha, se acostuma né?”

“[O bordado à mão] tem um valor maior. Você tira assim: Você pega um bordado na mão, feito à mão, você coloca numa máquina pra lavar, aí você coloca um bordado feito à máquina, na máquina de lavar. Aquele bordado que você botou na máquina que feito à mão, ele tem mais durabilidade, ele passa anos; e o bordado na máquina com seis meses ele se danifica, a linha se solta, não tem muito valor. Tem muito bordado à máquina muito bonito, mas é só aparência, que no real mesmo, se você pegar aquela linhazinha, fizer assim, ele vai embora todinho. É essa a diferença, eu nunca me interessei, até porque eu me criei vendo o bordado à mão né? Aí eu vi a qualidade de um com outro. Mas eu tenho uma colega ali, ela deixa, perde os valores porque ela nasceu também vendo o bordado manual, tudinho direitinho, aí agora ela deixou de vender o manual e vende só máquina. Quer dizer, e o valor? Perde o valor, perde as suas origens. Aí hoje ela vende só à máquina, a gente fica triste, [tem gente que compra] até porque o valor é bem menor. Uma passadeira de 40 reais, uma passadeira de 2,20m, no matame, no crivo, bem feita, você compra por 40 reais, 45; uma passadeira no mesmo tamanho, à máquina, você compra por 25, e tem pessoas que vende à 20 e ainda ganha porque o bordado não tem valor, ele não tem valor não, ele não tem qualidade. Não é o valor financeiro, ele não tem qualidade. [Mas] aí vendem, porque chega pessoas que não conhecem o bordado, acha que ali é vantagem, ‘tá mais barato, eu vou comprar’. Infelizmente às vezes você é obrigada a fazer essa comparação. Porque eles chegam aqui dizendo que o bordado da gente tá caro: ‘Senhora, a senhora tá explorando demais’, aí eu ‘Porque?’, ‘Porque eu comprei essa passadeira do mesmo tamanho da sua, veja que coisa linda? Comprei por 25, mulher fez 23. A sua por 45?!’ Eu disse ‘A Senhora se incomoda de mostrar?’ Ela disse ‘Não, não, vou lhe mostrar’. Aí quando mostra, eu digo ‘Vire o avesso do seu bordado’. Aí tá as linhas todas soltinhas. Eu disse ‘ó vou soltar aqui um pouquinho, depois eu pego a agulha e aperto a linha’. Aí eu fiz assim [puxei] lá vem tudo. Aí eu disse ‘Se eu puxar mais seu bordado fica sem nenhuma linha. Agora, puxe o

meu.’ Ela olhou, olhou. ‘Eita que a cachorra da mulesta me enganou!’ . Eu disse ‘Que a senhora não tá sabendo diferenciar o bordado à máquina e o bordado à mão. A senhora se lavar na mão, ainda a senhora usa umas três vezes, e se for na máquina a senhora só usa uma vez. Existe essa desvalorização também, que faz com que a gente, o turista não conhece o bordado, aí a gente deixa de vender por conta disso. [Seria uma solução fazer] uma conscientização para não deixar o bordado da gente ser desvalorizado, mas infelizmente é muito raro você ter alguém com essa consciência, porque eles querem vender né? Existe essa desvalorização muito grande.’”

O BORDADO CARACTERÍSTICO DE PASSIRA

“É o bordado cheio. O crivo, o matame. Você vendo um bordado no crivo, no matame, todo mundo sabe que é daqui. É porque hoje, antigamente, você não tinha essa tecnologia que tem hoje. Qual é o jovem hoje que quer bordar? Não querem mais, porque a tecnologia é avançada e a renda [do bordado] não é lá essas coisas. Aí a gente fica só com as bordadeiras antigas, que vai perdendo a sua potencia, ficando idosa, e os jovens hoje não querem, as meninas hoje não querem mais bordar. A preocupação é essa. E a bolsa família. A bolsa família dificultou muito! Porque tem gente acomodado, que [pela] bolsa família eles não querem mais fazer nada. Se tem a bolsa família, o bordado é uma renda a mais, é um dinheirinho a mais. Mas existe pessoas acomodadas, preguiçosas, que se tem a bolsa família, não faz mais nada. E hoje em dia, ninguém quer mais bordar. Você precisa, pra você segurar o seu grupo de bordadeira, você tem que valorizar mais, pagar melhor, porque se não você fica sem nenhuma.”

MATÉRIA-PRIMA

“Pronto, você ver esse jogo de cozinha, eu faço ele bordado, eu vendi, eu tinha 4 jogos bordados, eu vendi essa semana, só ficou esses 2 pintados. Esse é não é no linho, é Oxford né? O pessoal não quer mais o linho, porque o linho tem que lavar, botar na goma, passar, aquela dificuldade, ninguém quer mais passar. E esse aqui lavou, passou um ferrinho, tá pronto. Pra bordar nesse tecido aqui [Oxford] não é bom, o linho é melhor. A gente faz porque não quer perder a essência, mas bom mesmo no bordado é, não tem mais aquele linho carambeí, aquele linho bom, não tem mais; a linha, pra você não perder a peça, você tem que lavar a linha antes de bordar, principalmente a linha vermelha, porque se você não lavar ela mancha e você perde a peça e antigamente não

tinha isso não. Antigamente a linha era boa, o linho era de qualidade, vai se perdendo né? Aí você tem que ter esse jeito de você lavar a linha pra poder bordar. Não é fácil, mas é gratificante. Vale a pena. As vezes minha filha diz assim ‘Mainha vá dormir, guarde isso.’ Mas é do sangue mesmo, me sinto bem, o sono passa. Mas ela nunca gostou de bordar, mas ela ajuda, meus filhos se envolvem bem, só não no bordar, mas no resto, no embolsar, no vender, levar pra fora, entende dos pontos, pergunta, sabe explicar. [Mesmo se executar o bordado mesmo] teve uma parceria. Meu marido trabalha fora no sábado e no domingo que ele está em casa ele sempre se envolve em alguma coisa, pergunta o que é que tem pra fazer, aí ele vai resolvendo; tem uns bordados nos Altos aí ele vai pegar, leva pra riscar, porque a gente sozinha não vence com essas coisas, tem que ir pra terceiros. E existe uma integração da família, caso contrário, não tinha esse êxito que tem não. [Ele] trabalha fora, em outro ramo, ele é carpinteiro. [Se ele não trabalhasse fora a renda era suficiente] a minha renda dava pra sustentar, até porque eu tenho a renda da escola, eu sou professora aposentada do Estado. Mas muitas vezes chega naquela semana, ele não recebe, e a gente faz tudo tirando daqui, do bordado. Ele já ficou desempregado 8 meses, e a minha loja não era aqui, era numa galeria lá em baixo, e a gente ficou 8 meses tirando da loja. E não faltou nada, graças a Deus. O bordado mantém a família.”

APÊNDICE B – Termos de utilização de entrevistas e imagens.



TERMO DE UTILIZAÇÃO DE ENTREVISTAS E IMAGENS

Por esta, eu, maria Ignês Costa Sautane,
brasileiro (a), natural de Passira, RG nº 4.514.798,
expedido por SSP/PE, CPF nº 192.591.234/53, residente à
Rua 1º de maio, 335 Centro - Passira PE.

Autorizo a Universidade Federal Rural de Pernambuco, na pessoa de Isabella Karim Morais Ferreira de Vasconcelos, mestranda em História Social da Cultura Regional, inscrita no CPF: 073.923.044-10, a utilizar minhas imagens (*Still* e em movimento), assim como minhas falas em entrevistas e depoimentos (atuais e de arquivo) para a realização do Projeto de Pesquisa sobre a História do Bordado na cidade de Passira-PE.

A produção, depois de realizada a pesquisa, poderá ser veiculada através de mídia aberta e/ou fechada, TV a cabo e/ou Internet ou qualquer tipo de mídia que exista no Brasil ou no exterior.

A presente autorização é feita sem limitação de tempo, em caráter definitivo e irrevogável, de forma gratuita, sem ônus de qualquer espécie para o Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal Rural de Pernambuco.

Passira, 13 de setembro de 2014.

maria Ignês Costa Sautane



TERMO DE UTILIZAÇÃO DE ENTREVISTAS E IMAGENS

Por esta, eu, Maria Lúcia Firmino dos Santos;
brasileiro (a), natural de Passira, RG nº 1.750.626;
expedido por SSP-PE, CPF nº 232.577.504-63, residente à
Rua Dr. Barbosa Lima nº 101.

Autorizo a Universidade Federal Rural de Pernambuco, na pessoa de Isabella Karim Morais Ferreira de Vasconcelos, mestranda em História Social da Cultura Regional, inscrita no CPF: 073.923.044-10, a utilizar minhas imagens (*Still* e em movimento), assim como minhas falas em entrevistas e depoimentos (atuais e de arquivo) para a realização do Projeto de Pesquisa sobre a História do Bordado na cidade de Passira-PE.

A produção, depois de realizada a pesquisa, poderá ser veiculada através de mídia aberta e/ou fechada, TV a cabo e/ou Internet ou qualquer tipo de mídia que exista no Brasil ou no exterior.

A presente autorização é feita sem limitação de tempo, em caráter definitivo e irrevogável, de forma gratuita, sem ônus de qualquer espécie para o Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal Rural de Pernambuco.

Passira, 26 de setembro de 2014.

Maria Lúcia Firmino dos Santos



TERMO DE UTILIZAÇÃO DE ENTREVISTAS E IMAGENS

Por esta, eu, Ferreira Maria de Almeida Medeiros;
brasileiro (a); natural de Passira - PE, RG nº 332.3253,
expedido por SSP-PE, CPF nº 535.419.874-72, residente à
R. Auto Maria Gomes, 1085, Landeais, Passira - PE.

Autorizo a Universidade Federal Rural de Pernambuco, na pessoa de Isabella Karim Morais Ferreira de Vasconcelos, mestranda em História Social da Cultura Regional, inscrita no CPF: 073.923.044-10, a utilizar minhas imagens (*Still* e em movimento), assim como minhas falas em entrevistas e depoimentos (atuais e de arquivo) para a realização do Projeto de Pesquisa sobre a História do Bordado na cidade de Passira-PE.

A produção, depois de realizada a pesquisa, poderá ser veiculada através de mídia aberta e/ou fechada, TV a cabo e/ou Internet ou qualquer tipo de mídia que exista no Brasil ou no exterior.

A presente autorização é feita sem limitação de tempo, em caráter definitivo e irretratável, de forma gratuita, sem ônus de qualquer espécie para o Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal Rural de Pernambuco.

Passira, 05 de junho de 2015.

Ferreira Maria de A. Medeiros



TERMO DE UTILIZAÇÃO DE ENTREVISTAS E IMAGENS

Por esta, eu, Aldagunda Medeiros Duarte;
brasileiro (a), natural de Passira/PE, RG nº 2.850.736,
expedido por SSP/PE, CPF nº 431.116.884-53, residente à
Avenida Sebastião Neri de Almeida, 159 Bloco Santarém Passira/PE.

Autorizo a Universidade Federal Rural de Pernambuco, na pessoa de Isabella Karim Morais Ferreira de Vasconcelos, mestranda em História Social da Cultura Regional, inscrita no CPF: 073.923.044-10, a utilizar minhas imagens (*Still* e em movimento), assim como minhas falas em entrevistas e depoimentos (atuais e de arquivo) para a realização do Projeto de Pesquisa sobre a História do Bordado na cidade de Passira-PE.

A produção, depois de realizada a pesquisa, poderá ser veiculada através de mídia aberta e/ou fechada, TV a cabo e/ou Internet ou qualquer tipo de mídia que exista no Brasil ou no exterior.

A presente autorização é feita sem limitação de tempo, em caráter definitivo e irrevogável, de forma gratuita, sem ônus de qualquer espécie para o Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal Rural de Pernambuco.

Passira, 29 de setembro de 2014.

Aldagunda Medeiros Duarte



TERMO DE UTILIZAÇÃO DE ENTREVISTAS E IMAGENS

Por esta, eu, Josefa Francisca da Cruz;
brasileiro (a), natural de João Alfredo, RG nº 2563988,
expedido por _____, CPF nº 214 895 564 0, residente à
R. da Matriz, 218. Passira (Cerro) PE.

Autorizo a Universidade Federal Rural de Pernambuco, na pessoa de Isabella Karim Morais Ferreira de Vasconcelos, mestranda em História Social da Cultura Regional, inscrita no CPF: 073.923.044-10, a utilizar minhas imagens (*Still* e em movimento), assim como minhas falas em entrevistas e depoimentos (atuais e de arquivo) para a realização do Projeto de Pesquisa sobre a História do Bordado na cidade de Passira-PE.

A produção, depois de realizada a pesquisa, poderá ser veiculada através de mídia aberta e/ou fechada, TV a cabo e/ou Internet ou qualquer tipo de mídia que exista no Brasil ou no exterior.

A presente autorização é feita sem limitação de tempo, em caráter definitivo e irretratável, de forma gratuita, sem ônus de qualquer espécie para o Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal Rural de Pernambuco.

Passira, 22 de Novembro de 2014.

Josefa Francisca da Cruz



TERMO DE UTILIZAÇÃO DE ENTREVISTAS E IMAGENS

Por esta, eu, Givaldo França da Silva
 brasileiro (a), natural de Passira, RG nº 8.768.619 SDS-PE
 expedido por _____, CPF nº 102.778.364-33, residente à
R. Graciano Lemos muniz.

Autorizo a Universidade Federal Rural de Pernambuco, na pessoa de Isabella Karim Morais Ferreira de Vasconcelos, mestranda em História Social da Cultura Regional, inscrita no CPF: 073.923.044-10, a utilizar minhas imagens (Still e em movimento), assim como minhas falas em entrevistas e depoimentos (atuais e de arquivo) para a realização do Projeto de Pesquisa sobre a História do Bordado na cidade de Passira-PE.

A produção, depois de realizada a pesquisa, poderá ser veiculada através de mídia aberta e/ou fechada, TV a cabo e/ou Internet ou qualquer tipo de mídia que exista no Brasil ou no exterior.

A presente autorização é feita sem limitação de tempo, em caráter definitivo e irrevogável, de forma gratuita, sem ônus de qualquer espécie para o Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal Rural de Pernambuco.

Passira, 19 de Dezembro de 2014.

Givaldo França da Silva



TERMO DE UTILIZAÇÃO DE ENTREVISTAS E IMAGENS

Por esta, eu, María Aparecida Saventins da Silva;
brasileiro (a), natural de Passira - PE, RG nº 3.069.315-SSPE
expedido por _____, CPF nº 452141154-15, residente à
Rua da Matriz, 59 - A 1º andar.

Autorizo a Universidade Federal Rural de Pernambuco, na pessoa de Isabella Karim Morais Ferreira de Vasconcelos, mestranda em História Social da Cultura Regional, inscrita no CPF: 073.923.044-10, a utilizar minhas imagens (Still e em movimento), assim como minhas falas em entrevistas e depoimentos (atuais e de arquivo) para a realização do Projeto de Pesquisa sobre a História do Bordado na cidade de Passira-PE.

A produção, depois de realizada a pesquisa, poderá ser veiculada através de mídia aberta e/ou fechada, TV a cabo e/ou Internet ou qualquer tipo de mídia que exista no Brasil ou no exterior.

A presente autorização é feita sem limitação de tempo, em caráter definitivo e irrevogável, de forma gratuita, sem ônus de qualquer espécie para o Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal Rural de Pernambuco.

Passira, 23 de novembro de 2014.

María Aparecida Saventins da Silva



TERMO DE UTILIZAÇÃO DE ENTREVISTAS E IMAGENS

Por esta, eu, Suvinho Nascimento da Silva,
brasileiro (a), natural de Surubim, RG nº 2573844,
expedido por SSP-PE, CPF nº 401.017.114-68, residente à
R. Manoel Fortunato de Faria, nº 27, Loteo-
Passira.

Autorizo a Universidade Federal Rural de Pernambuco, na pessoa de Isabella Karim Morais Ferreira de Vasconcelos, mestranda em História Social da Cultura Regional, inscrita no CPF: 073.923.044-10, a utilizar minhas imagens (Still e em movimento), assim como minhas falas em entrevistas e depoimentos (atuais e de arquivo) para a realização do Projeto de Pesquisa sobre a História do Bordado na cidade de Passira-PE.

A produção, depois de realizada a pesquisa, poderá ser veiculada através de mídia aberta e/ou fechada, TV a cabo e/ou Internet ou qualquer tipo de mídia que exista no Brasil ou no exterior.

A presente autorização é feita sem limitação de tempo, em caráter definitivo e irrevogável, de forma gratuita, sem ônus de qualquer espécie para o Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal Rural de Pernambuco.

Passira, 20 de Agosto de 2014.

Suvinho Nascimento da Silva



TERMO DE UTILIZAÇÃO DE ENTREVISTAS E IMAGENS

Por esta, eu, Josefa Francisca Pereira da Silva brasileiro (a), natural de Passira, RG nº 1.920.065 expedido por SSP/PE, CPF nº 319801128-87, residente à Rua da matriz - 167.

Autorizo a Universidade Federal Rural de Pernambuco, na pessoa de Isabella Karim Morais Ferreira de Vasconcelos, mestranda em História Social da Cultura Regional, inscrita no CPF: 073.923.044-10, a utilizar minhas imagens (*Still* e em movimento), assim como minhas falas em entrevistas e depoimentos (atuais e de arquivo) para a realização do Projeto de Pesquisa sobre a História do Bordado na cidade de Passira-PE.

A produção, depois de realizada a pesquisa, poderá ser veiculada através de mídia aberta e/ou fechada, TV a cabo e/ou Internet ou qualquer tipo de mídia que exista no Brasil ou no exterior.

A presente autorização é feita sem limitação de tempo, em caráter definitivo e irrevogável, de forma gratuita, sem ônus de qualquer espécie para o Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal Rural de Pernambuco.

Passira, 14 de setembro de 2015.

Josefa Francisca Pereira da Silva